

# ALMANAQUE

junho 1960









Cada país possui as instituições, os homens públicos, os literatos, a cozinha e as mundanas que merece. É talvez uma questão de clima... É talvez uma questão de raça... O certo é que o facto se dá, inexorável e iniludível... como diriam os jornais.

Em cada país há homens preclaros e sensíveis que, por essas e outras virtudes, se independentizam do meio e, em luta com ele, contribuem para o cimentar das sociedades futuras. As épocas ficam na história pelos seus anacronismos, disse algures Oscar Wilde — e recordamos dos muitos nomes que enchem as páginas dos compêndios, Galileu, Frederico II das Duas Sicílias, Roger Bacon, Stendhal, S. Francisco de Assis e, entre nós, o padre Bartolomeu de Gusmão.

Sòmente, cada um de nós está mais ou menos convencido ser essa excepção que a História guardará. Olhando à volta os pobres mentecaptos que nos rodeiam, a desgraça de decadência de valores que assola o Mundo contemporâneo, a crise da habitação, das artes e das letras... abanamos a cabeça e confidenciamos aos amigos — «Em que mundo a gente vive...

Vem isto tudo a propósito de favas. Estávamos há dias a almoçar com um amigo num desses restaurantes que os bem-nascidos remediados convencionaram ter «cachet» unicamente por serem baratos. Depois do bacalhau, escolhemos da ementa umas favas com chouriço mouro, que apetecíamos, como as de Jacinto no primeiro jantar de Tomás, divinas.

Vieram as favas. E logo à vista, logo pela cor do chouriço e pela espessura do molho as adivinhámos mediócras. O meu amigo farejou-as mais detidamente e levantando os olhos para mim:

— Ná, não isto.

Ficou um instante meditativo e acrescentou com tristeza:

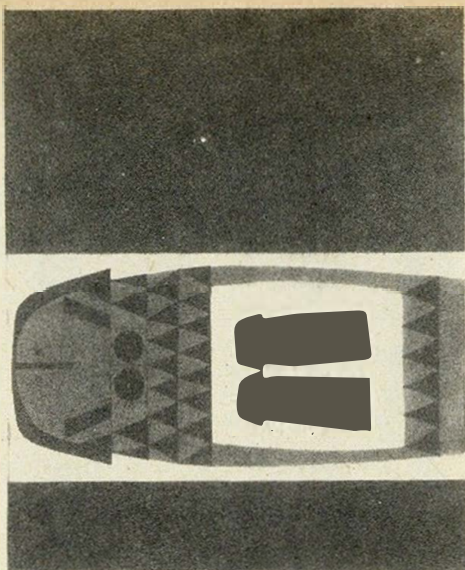
— Mas a verdade é que nós também não somos...







junho/60



ABERTURA	1	
CALENDÁRIO	6	
EFEMÉRIDES	10	o que passou para a história
ACTUALIDADES	14	o que não passa à história
OS DESTINOS DO MÊS	22	o que tem de ser tem muita força
FLOS-SANCTORUM	31	Santo António de Lisboa
O ANIMAL DO MÊS	37	o elefante
O ÚLTIMO TIRO	40	conto de terror por <b>Tally Mason</b>
A CIÊNCIA	44	procura o elixir da longa vida
A OPERAÇÃO CÍCERO	48	fala um ex-chefe da contra-espionagem alemã
400 QUADROS PERDIDOS DE VAN GOGH ESPERAM POR SI	52	a caça às antiguidades nem sempre é uma tarefa ingloria
COMO VIVEM OS GRANDES DA TERRA	55	
O FILME DO MÊS	58	quando explodem as paixões
BOÊMIA DE OUTROS TEMPOS	66	os Santos Populares do século passado por <b>Lucrecio Rodrigues</b>
CEM ANOS DEPOIS	70	a última aventura da Dama das Camélias
MANOLETE	74	



FLORICULTURA	82	
ANTIQUARIUM	88	breve notícia sobre a Real Fábrica de Loíça do Rato por <b>Manuel Deslandes</b>
DESASTRES DA GUERRA	96	lamento por uma cidade sacrificada
EM LOUVOR DOS «ELÉCTRICOS» DE LISBOA	100	
OS GRANDES CONTISTAS	104	fantasia, por <b>Nathaniel Hawthornel</b>
OS SEUS FILHOS TÊM MEDO DO MAR?	110	
ENXERTO DE ÓRGÃOS	114	nova etapa da medicina
AUTOMOBILISMO	118	verdade e publicidade na indústria automóvel por <b>Luís de Sttau Monteiro</b>
AS LATITUDES DA FELICIDADE	122	Portugal - 2
ARMAZÉM DE LETRAS	129	& diversos o livro do mês «tempo dos lilases» conto por <b>Isabel da Nóbrega</b> a arte moderna e os críticos no reino de Pacheco
SURPRISE-PARTY	143	aperitivo culinária nova carta de guia de casados o crime ao alcance de todos Iurgens e Simone Luís Mariano Ludmilla Tcherina e o martírio de S. Sebastião Simone Signoret e o «Oscar» anedotas passatempos

## ALMANAQUE

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães  
 • Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •  
 Editor e proprietário: Grupo de Publicações Periódicas • Redacção e Administração: Rua da Misericórdia, 125-1." • Expediente e contabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2." •  
 Telefones: 3 18 92/3 • Composto e impresso na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109  
 • Revista mensal • Cada volume: 15\$00 •  
 Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00





Junho

\*

Durante o mês de Junho o Sol encontra-se no signo zodiacal dos Gêmeos até ao dia 21; neste dia às 9 h e 43 m o Sol entra no signo do Caranguejo, e, nesse momento, começa o Verão.

O dia aumenta durante o mês 12 m até 21, o dia maior do ano; desde essa data até ao fim do mês diminui 2 m.

O dia 1 dura 14 h 41 m; o dia 15 14 h 52 m; o dia 30 14 h 51 m.

1 — Quarta-feira. — S. Firmo. — Feira de Zebreira (Idanha-a-Nova).

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.39	HORA 20.05
ALT. 2.95	ALT. 3.15

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.03	HORA 13.19
ALT. 1.10	ALT. 1.24

2

2 — Quinta-feira. — S. Marcelino. — Quarto Crescente às 16 h 2 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.36	HORA 21.08
ALT. 2.92	ALT. 3.10

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.01	HORA 14.27
ALT. 1.18	ALT. 1.32

3

3 — Sexta-feira. — Santa Clotilde.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.49	HORA 22.05
ALT. 2.95	ALT. 3.13

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.18	HORA 15.40
ALT. 1.18	ALT. 1.32

4

4 — Sábado. — Santa Ema. — Feira de Amarante.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.54	HORA 23.18
ALT. 3.06	ALT. 3.21

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.27	HORA 16.51
ALT. 1.09	ALT. 1.19

5

5 — Domingo. — S. Bonifácio. — Feira de Portalegre, Alvorge, Labrela (Montemor-o-Novo).

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.55	HORA —
ALT. 3.24	ALT. —

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.18	HORA 17.49
ALT. 0.94	ALT. 0.99



# 6

6 — Segunda-feira. — S. Norberto. — Feira de Moledo (Lourinhã).

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 0.18	HO RA 12.50
ALT. 3.38	ALT. 3.46

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 6.11	HO RA 18.42
ALT. 0.75	ALT. 0.76

# 7

7 — Terça-feira. — S. Roberto.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 1.10	HO RA 13.41
ALT. 3.54	ALT. 3.67

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 7.02	HORA 19.34
ALT. 0.57	ALT. 0.56

# 8

8 — Quarta-feira. — Santa Quitéria.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 2.08	HO RA 14.28
ALT. 3.70	ALT. 3.84

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 7.51	HO RA 20.20
ALT. 0.42	ALT. 0.40

# 9

9 — Quinta-feira. — Santa Pelágia. — Feira de Barquinha. — Lua Cheia às 13 h 2 m.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 2.56	HO RA 15.23
ALT. 3.80	ALT. 3.95

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.49	HORA 21.10
ALT. 0.34	ALT. 0.30

# 10

10 — Sexta-feira. — Dia de Cambões.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 3.44	HO RA 16.05
ALT. 3.84	ALT. 4.00

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.29	HORA 21.58
ALT. 0.33	ALT. 0.30

# 11

11 — Sábado. — Santa Rosalina.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 4.26	HO RA 16.44
ALT. 3.79	ALT. 3.97

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 10.01	HO RA 22.32
ALT. 0.38	ALT. 0.36

# 12

12 — Domingo. — Santo Adolfo. — Feiras de Aljustrel, Arruda dos Vinhos, Nisa.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 5.10	HO RA 17.32
ALT. 3.70	ALT. 3.88

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 10.49	HO RA 23.20
ALT. 0.51	ALT. 0.48

# 13

13 — Segunda-feira. — Santo António. — Feiras de Arraiolos, Assumar, Belmonte, Preamunde, Granja Nova, Labrugeira, Vinda do Pinheiro (Mafrã), Vila Verde, Vila Real.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 5.58	HO RA 18.22
ALT. 3.56	ALT. 3.74

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 11.40	HO RA —
ALT. 0.69	ALT. —

# 14

14 — Terça-feira. — S. Basílio Magno.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 6.52	HO RA 19.19
ALT. 3.38	ALT. 3.58

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HO RA 0.11	HO RA 12.31
ALT. 0.67	ALT. 0.91



# 15

15 — Quarta-feira. — Santa Germana. — Feira de Alpalhão.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.51	HORA 20.11
ALT. 3.22	ALT. 3.41

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.17	HORA 13.30
ALT. 0.88	ALT. 1.12

# 16

16 — Quinta-feira. — Corpo de Deus. — Quarto Minguante às 14 h 36 m.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.54	HORA 22.20
ALT. 3.10	ALT. 3.28

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.22	HORA 15.43
ALT. 1.05	ALT. 1.27

# 17

17 — Sexta-feira. — Santa Teresa.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.02	HORA 23.29
ALT. 3.06	ALT. 3.20

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.41	HORA 17.05
ALT. 1.14	ALT. 1.31

# 18

18 — Sábado. — Santa Marina. — Feira de Cabeço de Vide.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.17
ALT. 3.09	ALT. 3.19

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.50	HORA 18.16
ALT. 1.15	ALT. 1.26

# 19

19 — Domingo. — Santa Mi-quelina. — Feiras de Almargem (Sobral de Monte Agraço), Ferreira do Alentejo.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 13.19
ALT. —	ALT. 3.19

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.45	HORA 19.11
ALT. 1.09	ALT. 1.16

# 20

20 — Segunda-feira. — S. Raul. — Feira de Rio Maior.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.41	HORA 14.12
ALT. 3.25	ALT. 3.31

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.40	HORA 20.02
ALT. 1.03	ALT. 1.05

# 21

21 — Terça-feira. — S. Luís de Gonzaga.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.35	HORA 14.57
ALT. 3.30	ALT. 3.43

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.20	HORA 20.42
ALT. 0.96	ALT. 0.95

# 22

22 — Quarta-feira. — Santa Alice.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.18	HORA 15.39
ALT. 3.35	ALT. 3.52

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.00	HORA 21.20
ALT. 0.88	ALT. 0.87

# 23

23 — Quinta-feira. — S. Jacob. — Feiras de Caldas da Rainha, Cadaval, Colos, Évora, Guarda, Lagoa (Algarve), Livramento, Lousã, Moimenta da Beira, Senhor Roubado (Loures), Penamacor, Resende.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.58	HORA 16.18
ALT. 3.38	ALT. 3.58

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.30	HORA 21.52
ALT. 0.82	ALT. 0.80



# 24

24 — Sexta-feira. — S. João Baptista. — Lua Nova às 4 h 27 m.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.32	HORA 16.50
ALT. 3.38	ALT. 3.60

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.00	HORA 22.29
ALT. 0.78	ALT. 0.75

# 25

25 — Sábado. — S. Guilherme.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.08	HORA 17.25
ALT. 3.37	ALT. 3.59

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.31	HORA 23.02
ALT. 0.75	ALT. 0.74

# 26

26 — Domingo. — Santo Antelmo. — Feira de Gavião.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.39	HORA 17.57
ALT. 3.33	ALT. 3.57

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.08	HORA 23.38
ALT. 0.74	ALT. 0.73

# 27

27 — Segunda-feira. — Santo Adelino.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.17	HORA 18.28
ALT. 3.29	ALT. 3.54

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.43	HORA 0.13
ALT. 0.76	ALT. 0.75

# 28

28 — Terça-feira. — Santa Marcela. — Feiras de Tendais (Cinfães), Cercal, Albufeira, Alcaide, Caldas das Taipas, Chouto (Chamusca), Fronteira, Idanha-a-Nova, Macedo de Cavaleiros, Odeleite (Castro Marim), Paços de Ferreira, Penedono, Porto de Mós, Sabugal, S. Pedro de Sólis (Mértola), Sertão, Sintra, Torres Vedras, Vaqueiros (Alcoutim), Vila Franca das Naves, Vila Real.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.48	HORA 19.00
ALT. 3.26	ALT. 3.48

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.22
ALT. 0.82	ALT. 0.82

# 29

29 — Quarta-feira. — S. Pedro e S. Paulo.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.14	HORA 19.40
ALT. 3.20	ALT. 3.41

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.50
ALT. 0.91	ALT. —

# 30

30 — Quinta-feira. — Santa Emilianã.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.02	HORA 20.22
ALT. 3.14	ALT. 3.32

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.22	HORA 13.43
ALT. 0.88	ALT. 1.01







# Revolta do Porto

18. de Junho de 1808. O **Correio Braziliense**, publicação mensal editada em Londres, refere-se deste modo aos acontecimentos de 18 de Junho (início, no Porto, da luta contra o domínio napoleónico em Portugal):

«A opressão em que viviam os portugueses debaixo do governo francês tem por fim mostrado aos oprimidos a necessidade que há de resistir a um inimigo. A cidade do Porto foi a primeira na ordem dos sucessos e será dela que principiarei a narração dos factos que dizem respeito a esta revolução de Portugal e me limitarei simplesmente às notícias oficiais ou àquelas que passam por incontestavelmente certas.

As tropas espanholas que guarneciam a cidade do Porto, pelos franceses, ouvindo que as províncias de Espanha se revoltavam contra o governo de Bonaparte, resolveram fazer causa comum com os seus compatriotas, e, prendendo o seu comandante francês, Francisco Quesner, entregaram a cidade ao governo de seus magistrados e o comando militar o conferiram a Luís de Oliveira, um oficial português de patente superior que

fazia às vezes de governador da cidade pelo príncipe regente antes da entrada dos espanhóis, os quais, deixando assim a cidade, aos 6 de Junho, marcharam para a Galiza.

O governo e os magistrados mostraram uma aparente perplexidade quando se viram entregues a si mesmos, de maneira que, desde a saída dos espanhóis até o dia 18 de Junho, apenas se sabia se a cidade estava com a voz de Bonaparte, se com a do príncipe regente de Portugal; um incidente, porém, resolveu a dúvida. Dera o governador, Luís de Oliveira, ordem para que no dia de Corpus Christi acompanhassem a procissão daquela festividade as tropas milicianas que havia chamado para guarnecer a cidade, porém, mandou-lhes que não levassem bandeiras; precaução que pareceu ter por fim o não desprezar os estandartes portugueses, o que mostraria estar a cidade pelo príncipe regente de Portugal, nem a parecer inteiramente francês, mandando levar as suas insígnias à procissão. Os milicianos obstaram, representando contra esta ordem: porque achavam que lhes era indecoroso aparecer em público o seu regi-



# EFEMÉRIDES

## *junho através dos tempos*

mento sem bandeiras, murmuraram primeiro, e depois vozearam que o governador estava vendido aos franceses. Fez-se público que marchava de Lisboa um corpo de 2.000 franceses para tomar posse da cidade do Porto, e o governador Oliveira mandou aprontar alguns carros de pão que deviam partir a encontrar as tropas francesas que já se achavam a pouca distância da cidade; certo oficial inferior (de cujo nome desgraçadamente me não informaram) gritou publicamente que o governador, em vez de pão, deveria mandar ao inimigo balas impelidas por pólvora: a população aprovou o dito e ofereceu-se para obstar à partida dos carros; o oficial ajuntou alguns dos seus soldados, que tomaram armas e formaram-se na Praça de Santo Ovídio; havendo já o cabeça montado a cavalo e despregado uma bandeira com as armas portuguesas, gritou o povo: «Viva o príncipe regente de Portugal». Ressoou o mesmo por toda a cidade; as milícias pegaram em armas e o pequeno corpo de artilheiros assestou as suas peças de artilharia à testa da ponte de barcas que atravessa o Douro para impedir a entrada dos franceses que se supunha aproximarem-se. Os sinos tocaram todos a rebato, o povo arrombou os

armazéns militares, donde tirou as armas necessárias, e todos se puseram armados e prestes à defesa.»

### A PRIMEIRA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

17 de Junho de 1922. Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegam ao Rio de Janeiro depois de terem vencido as numerosas dificuldades que se opuseram ao bom êxito de tal empreendimento. A travessia do Atlântico Sul não significa apenas um alto feito de coragem, representou, também, algo de muito importante, no domínio da navegação aérea rigorosa que deixou de ser feita mais ou menos ao acaso, como até então acontecia, graças a um sextante da invenção de Gago Coutinho.

### O PRIOR DO CRATO É ACLAMADO REI EM SANTARÉM

12 de Junho de 1580. No final da missa realizada na ermida dos Apóstolos em Santarém e estando presentes o bispo da Guarda, o Prior do Crato, muitos nobres e muito



povo, disse aquela alta figura do clero português: «É preciso escolhermos capitão que nos dirija; e onde o teremos mais digno, mais zeloso, mais português em tudo, do que na pessoa do senhor D. António, que Deus nos trouxe aqui para salvação e remédio de tantos males? Seja nomeado nosso defensor, e unidos com ele sacrifiquemos tudo para não sermos espanhóis».

Seguiu-se grande tumulto. Grande parte dos presentes eram contra D. António. Um amigo deste, António Baracho, que era oficial mecânico em Vila Franca, gritou: «Real, real, por D. António, Rei de Portugal!». Com estas palavras o alarido aumentou. Desembainharam-se espadas, proferiram-se ameaças. Vendo que os acontecimentos seguiam um rumo inesperado, D. António defendeu-se de que pretendesse ser rei. «Apenas Defensor!» — gritou.

Pouco depois, porém, D. António, aclamado por muito povo e alguns fidalgos jurava na Câmara fidelidade às leis de Portugal.

## COURBET

10 de Junho de 1819. Cansado da pintura que sob o signo do classicismo ou do romantismo fazia então as delícias dos bons burgueses de Paris, Courbet pertence a uma geração de homens que se propuseram observar a natureza de nova maneira. Recusado pela Exposição Internacional de Paris. (1855), Courbet apresenta-se numa exposição individual e inscreve na porta esta palavra: «Realismo». «Sòmente pinto aquilo que vejo», declara. Courbet procura descrever a vida dos homens vulgares e não dos heróis que satisfazem os ideais burgueses. Por isso mesmo a sua pintura foi considerada **feia, ímpia, ignóbil**, pela crítica oficial. A estas críticas respondia ele que a beleza não tinha uma forma eterna, que a noção de beleza evoluíra da Grécia para cá. E aqui se mostrava Courbet um bom filho do inteligente século XIX.

Inimigo do regime de Napoleão III, Courbet foi vítima de injustiças várias.

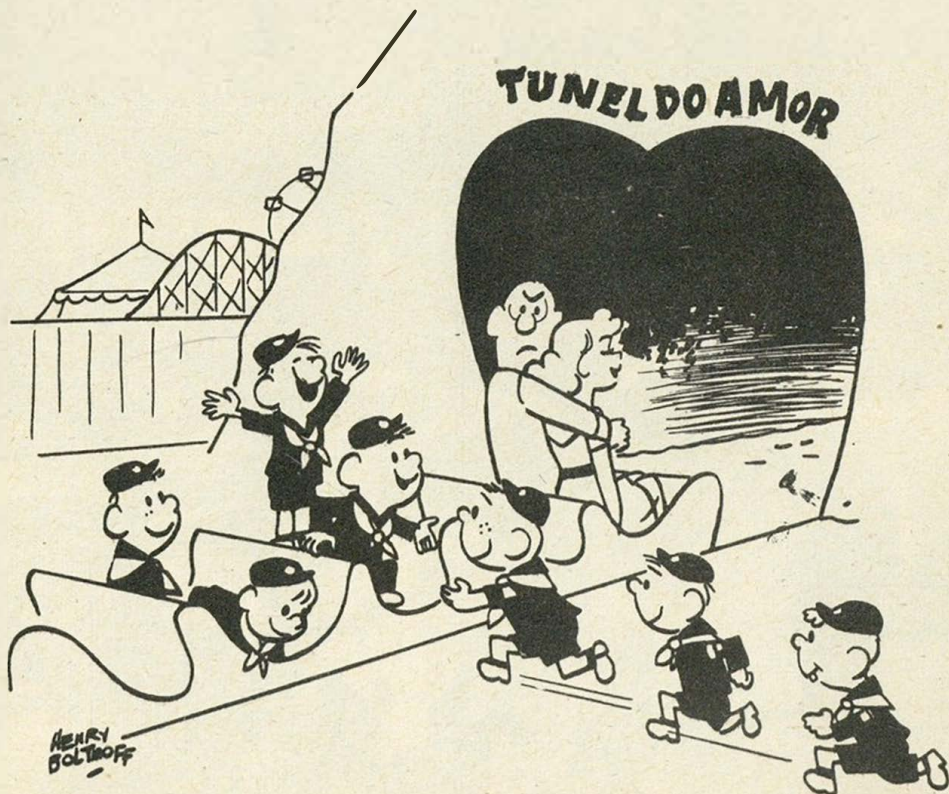


Sem legenda





— Desconfio que o Teneck apanhou outra constipação das dele!



Sem legenda



# ACTUALIDADES

Istambul? Seul? Algueres no Mundo a Polícia montada carrega contra os estudantes, durante uma manifestação anti-governamental







André le Troquer, antigo presidente da Assembleia Nacional francesa, antigo presidente do Partido Socialista, entra no julgamento à porta-fechada do escândalo dos «ballets roses», de que é réu. Os vícios secretos — que ele de resto nega — de um homem de setenta anos são apupados e troçados pelo público, por se tratar de um político. Se fosse um escritor célebre...

Seul? Istambul? Algures no Mundo estudantes manifestam-se contra as decisões governamentais







# Voici les numéros des 5.945 billets de la rançon d'Eric

**50 millions de francs  
dont seulement  
46.175.000 francs  
ont été répertoriés  
2.655 billets de 5.000**

Pour aider à retrouver les billets de la rançon d'Eric, le préfet de police a répertorié 5.945 numéros de billets de 500 francs, de 1.000 francs, de 2.000 francs, de 5.000 francs, de 10.000 francs, de 20.000 francs, de 50.000 francs et de 100.000 francs. Les numéros de ces billets sont répertoriés dans les pages ci-dessous.

De 08210312 à 09930997

08210312	08210313	08210314	08210315	08210316	08210317	08210318	08210319	08210320	08210321
08210322	08210323	08210324	08210325	08210326	08210327	08210328	08210329	08210330	08210331
08210332	08210333	08210334	08210335	08210336	08210337	08210338	08210339	08210340	08210341
08210342	08210343	08210344	08210345	08210346	08210347	08210348	08210349	08210350	08210351
08210352	08210353	08210354	08210355	08210356	08210357	08210358	08210359	08210360	08210361
08210362	08210363	08210364	08210365	08210366	08210367	08210368	08210369	08210370	08210371
08210372	08210373	08210374	08210375	08210376	08210377	08210378	08210379	08210380	08210381
08210382	08210383	08210384	08210385	08210386	08210387	08210388	08210389	08210390	08210391
08210392	08210393	08210394	08210395	08210396	08210397	08210398	08210399	08210400	08210401
08210402	08210403	08210404	08210405	08210406	08210407	08210408	08210409	08210410	08210411
08210412	08210413	08210414	08210415	08210416	08210417	08210418	08210419	08210420	08210421
08210422	08210423	08210424	08210425	08210426	08210427	08210428	08210429	08210430	08210431
08210432	08210433	08210434	08210435	08210436	08210437	08210438	08210439	08210440	08210441
08210442	08210443	08210444	08210445	08210446	08210447	08210448	08210449	08210450	08210451
08210452	08210453	08210454	08210455	08210456	08210457	08210458	08210459	08210460	08210461
08210462	08210463	08210464	08210465	08210466	08210467	08210468	08210469	08210470	08210471
08210472	08210473	08210474	08210475	08210476	08210477	08210478	08210479	08210480	08210481
08210482	08210483	08210484	08210485	08210486	08210487	08210488	08210489	08210490	08210491
08210492	08210493	08210494	08210495	08210496	08210497	08210498	08210499	08210500	08210501
08210502	08210503	08210504	08210505	08210506	08210507	08210508	08210509	08210510	08210511
08210512	08210513	08210514	08210515	08210516	08210517	08210518	08210519	08210520	08210521
08210522	08210523	08210524	08210525	08210526	08210527	08210528	08210529	08210530	08210531
08210532	08210533	08210534	08210535	08210536	08210537	08210538	08210539	08210540	08210541
08210542	08210543	08210544	08210545	08210546	08210547	08210548	08210549	08210550	08210551
08210552	08210553	08210554	08210555	08210556	08210557	08210558	08210559	08210560	08210561
08210562	08210563	08210564	08210565	08210566	08210567	08210568	08210569	08210570	08210571
08210572	08210573	08210574	08210575	08210576	08210577	08210578	08210579	08210580	08210581
08210582	08210583	08210584	08210585	08210586	08210587	08210588	08210589	08210590	08210591
08210592	08210593	08210594	08210595	08210596	08210597	08210598	08210599	08210600	08210601
08210602	08210603	08210604	08210605	08210606	08210607	08210608	08210609	08210610	08210611
08210612	08210613	08210614	08210615	08210616	08210617	08210618	08210619	08210620	08210621
08210622	08210623	08210624	08210625	08210626	08210627	08210628	08210629	08210630	08210631
08210632	08210633	08210634	08210635	08210636	08210637	08210638	08210639	08210640	08210641
08210642	08210643	08210644	08210645	08210646	08210647	08210648	08210649	08210650	08210651
08210652	08210653	08210654	08210655	08210656	08210657	08210658	08210659	08210660	08210661
08210662	08210663	08210664	08210665	08210666	08210667	08210668	08210669	08210670	08210671
08210672	08210673	08210674	08210675	08210676	08210677	08210678	08210679	08210680	08210681
08210682	08210683	08210684	08210685	08210686	08210687	08210688	08210689	08210690	08210691
08210692	08210693	08210694	08210695	08210696	08210697	08210698	08210699	08210700	08210701
08210702	08210703	08210704	08210705	08210706	08210707	08210708	08210709	08210710	08210711
08210712	08210713	08210714	08210715	08210716	08210717	08210718	08210719	08210720	08210721
08210722	08210723	08210724	08210725	08210726	08210727	08210728	08210729	08210730	08210731
08210732	08210733	08210734	08210735	08210736	08210737	08210738	08210739	08210740	08210741
08210742	08210743	08210744	08210745	08210746	08210747	08210748	08210749	08210750	08210751
08210752	08210753	08210754	08210755	08210756	08210757	08210758	08210759	08210760	08210761
08210762	08210763	08210764	08210765	08210766	08210767	08210768	08210769	08210770	08210771
08210772	08210773	08210774	08210775	08210776	08210777	08210778	08210779	08210780	08210781
08210782	08210783	08210784	08210785	08210786	08210787	08210788	08210789	08210790	08210791
08210792	08210793	08210794	08210795	08210796	08210797	08210798	08210799	08210800	08210801
08210802	08210803	08210804	08210805	08210806	08210807	08210808	08210809	08210810	08210811
08210812	08210813	08210814	08210815	08210816	08210817	08210818	08210819	08210820	08210821
08210822	08210823	08210824	08210825	08210826	08210827	08210828	08210829	08210830	08210831
08210832	08210833	08210834	08210835	08210836	08210837	08210838	08210839	08210840	08210841
08210842	08210843	08210844	08210845	08210846	08210847	08210848	08210849	08210850	08210851
08210852	08210853	08210854	08210855	08210856	08210857	08210858	08210859	08210860	08210861
08210862	08210863	08210864	08210865	08210866	08210867	08210868	08210869	08210870	08210871
08210872	08210873	08210874	08210875	08210876	08210877	08210878	08210879	08210880	08210881
08210882	08210883	08210884	08210885	08210886	08210887	08210888	08210889	08210890	08210891
08210892	08210893	08210894	08210895	08210896	08210897	08210898	08210899	08210900	08210901
08210902	08210903	08210904	08210905	08210906	08210907	08210908	08210909	08210910	08210911
08210912	08210913	08210914	08210915	08210916	08210917	08210918	08210919	08210920	08210921
08210922	08210923	08210924	08210925	08210926	08210927	08210928	08210929	08210930	08210931
08210932	08210933	08210934	08210935	08210936	08210937	08210938	08210939	08210940	08210941
08210942	08210943	08210944	08210945	08210946	08210947	08210948	08210949	08210950	08210951
08210952	08210953	08210954	08210955	08210956	08210957	08210958	08210959	08210960	08210961
08210962	08210963	08210964	08210965	08210966	08210967	08210968	08210969	08210970	08210971
08210972	08210973	08210974	08210975	08210976	08210977	08210978	08210979	08210980	08210981
08210982	08210983	08210984	08210985	08210986	08210987	08210988	08210989	08210990	08210991
08210992	08210993	08210994	08210995	08210996	08210997	08210998	08210999	08211000	08211001



Pour les billets de 10.000 francs, le numéro à noter est celui qui figure en haut et au centre.



Pour les billets de 5.000 francs, le numéro est celui du bas, au centre.

De 4196885 à 42058347

4196885	4196886	4196887	4196888	4196889	4196890	4196891	4196892	4196893	4196894
4196895	4196896	4196897	4196898	4196899	4196900	4196901	4196902	4196903	4196904
4196905	4196906	4196907	4196908	4196909	4196910	4196911	4196912	4196913	4196914
4196915	4196916	4196917	4196918	4196919	4196920	4196921	4196922	4196923	4196924
4196925	4196926	4196927	4196928	4196929	4196930	4196931	4196932	4196933	4196934
4196935	4196936	4196937	4196938	4196939	4196940	4196941	4196942	4196943	4196944
4196945	4196946	4196947	4196948	4196949	4196950	4196951	4196952	4196953	4196954
4196955	4196956	4196957	4196958	4196959	4196960	4196961	4196962	4196963	4196964
4196965	4196966	4196967	4196968	4196969	4196970	4196971	4196972	4196973	4196974
4196975	4196976	4196977	4196978	4196979	4196980	4196981	4196982	4196983	4196984
4196985	4196986	4196987	4196988	4196989	4196990	4196991	4196992	4196993	4196994
4196995	4196996	4196997	4196998	4196999	4197000	4197001	4197002	4197003	4197004
4197005	4197006	4197007	4197008	4197009	4197010	4197011	4197012	4197013	4197014
4197015	4197016	4197017	4197018	4197019	4197020	4197021	4197022	4197023	4197024
4197025	4197026	4197027	4197028	4197029	4197030	4197031	4197032	4197033	4197034
4197035	4197036	4197037	4197038	4197039	4197040	4197041	4197042	4197043	4197044
4197045	4197046	4197047	4197048	4197049	4197050	4197051	4197052	4197053	4197054
41									



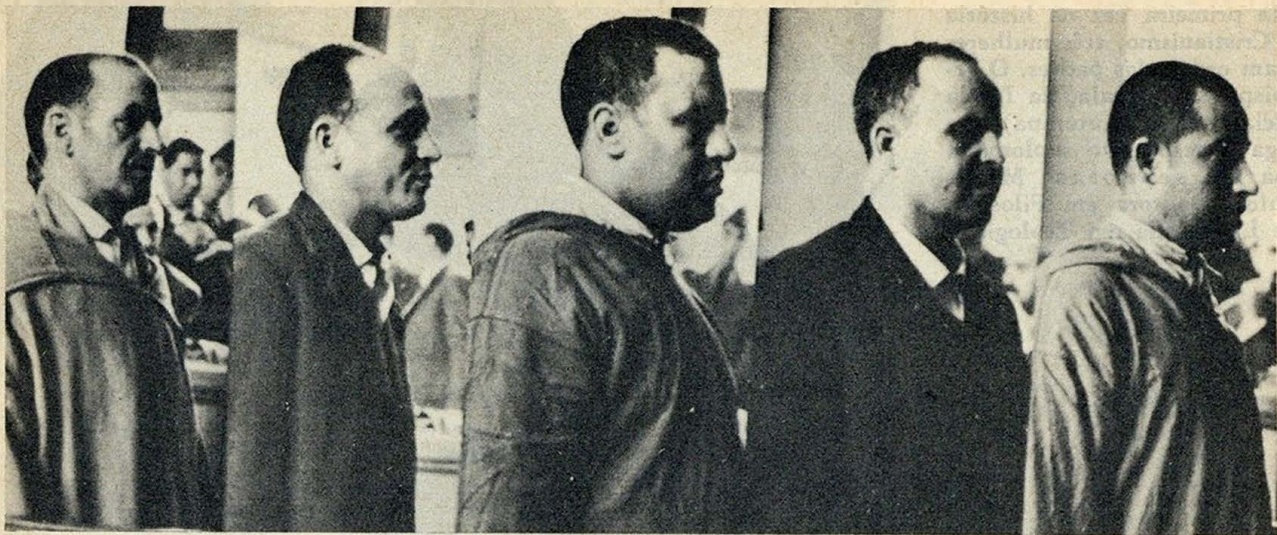
Pela primeira vez na história do Cristianismo, três mulheres foram ordenadas padres. O arcebispo de Uppsala, da Igreja Oficial sueca (Luterana) entrega o respectivo diploma a uma das senhoras, Margit Sahlín, Doutora em Filosofia e Licenciada em Teologia

Estes são os números das notas de banco pagas como resgate pelo pequeno Eric Peugeot. A Polícia francesa insiste em descobrir os criminosos — a fim de que a sua impunidade não sirva de estímulo para futuros empreendimentos do género

A cabeleireira parisiense Ilna Dimiceli queixou-se à Polícia de que lhe roubaram de casa, jóias no valor de 2.400 contos. Declara que as jóias lhe foram dadas pelo Xá da Pérsia; declara mais que, no Inverno passado, depois de encontrar na Riviera a irmã gémea do Xá, foi convidada para visitar a Corte Imperial em Teerão onde permaneceu três meses, regressando a Paris pouco antes do anúncio oficial do noivado do Xá com Fara Diba. Foi, parece, a partir de então que o Xá começou a enviar-lhe presentes — incluindo 26 fatos de noite de Dior, quatro casacos de peles, dinheiro que chegou para comprar uma casa para ela e outra para os pais, um estabelecimento de cabeleireiro e um automóvel







Da mistura de óleos pesados roubados a aviões americanos com azeite de consumo resultaram centenas de mortes e milhares de inválidos por diversas paralisias. Os cinco principais mixordeiros foram, sucintamente, condenados à morte. Isto, que se passou em Marrocos, é, parece-nos, exemplar no que diz respeito à protecção da saúde pública. E mostra que a ignorância pode ser tão prejudicial como a malevolência

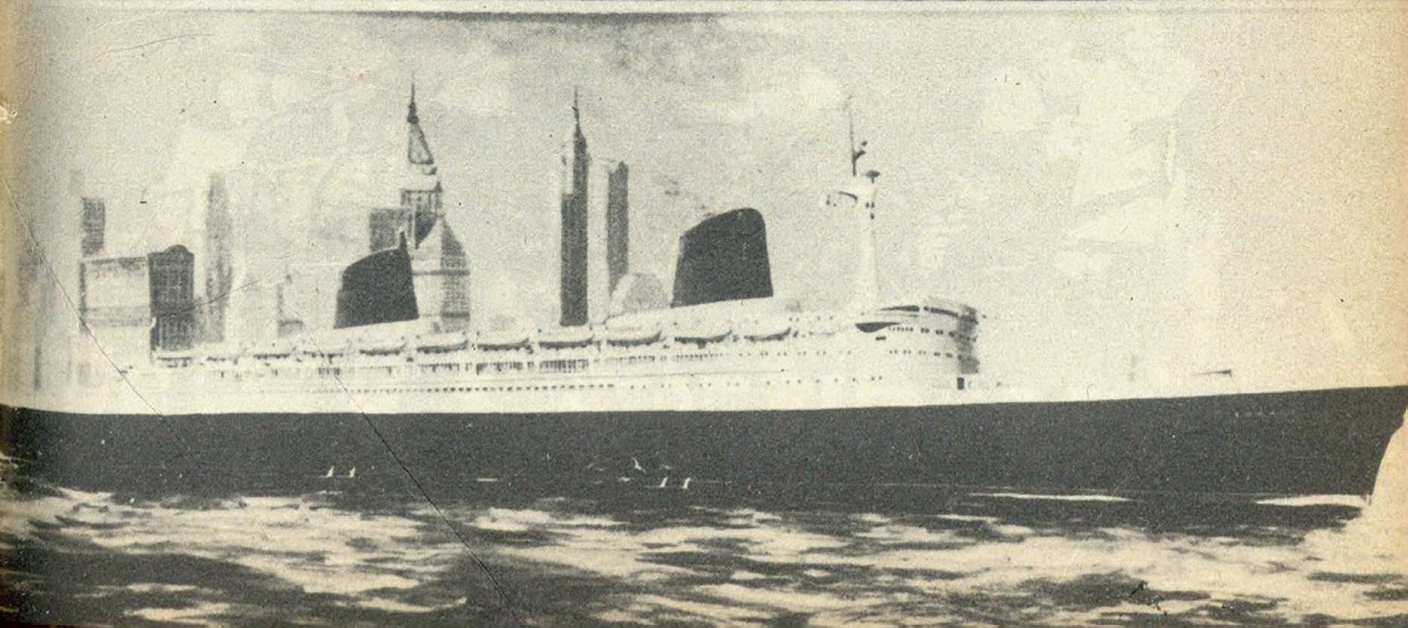
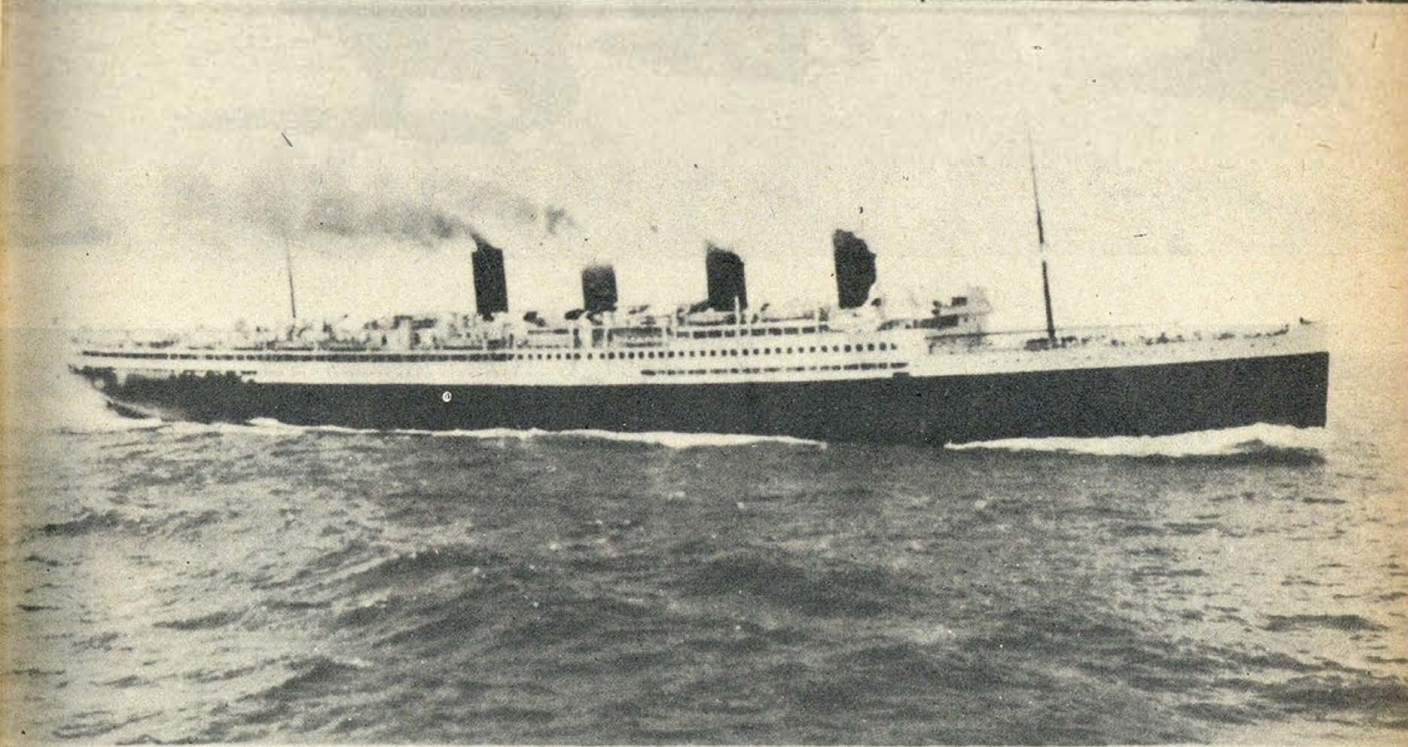
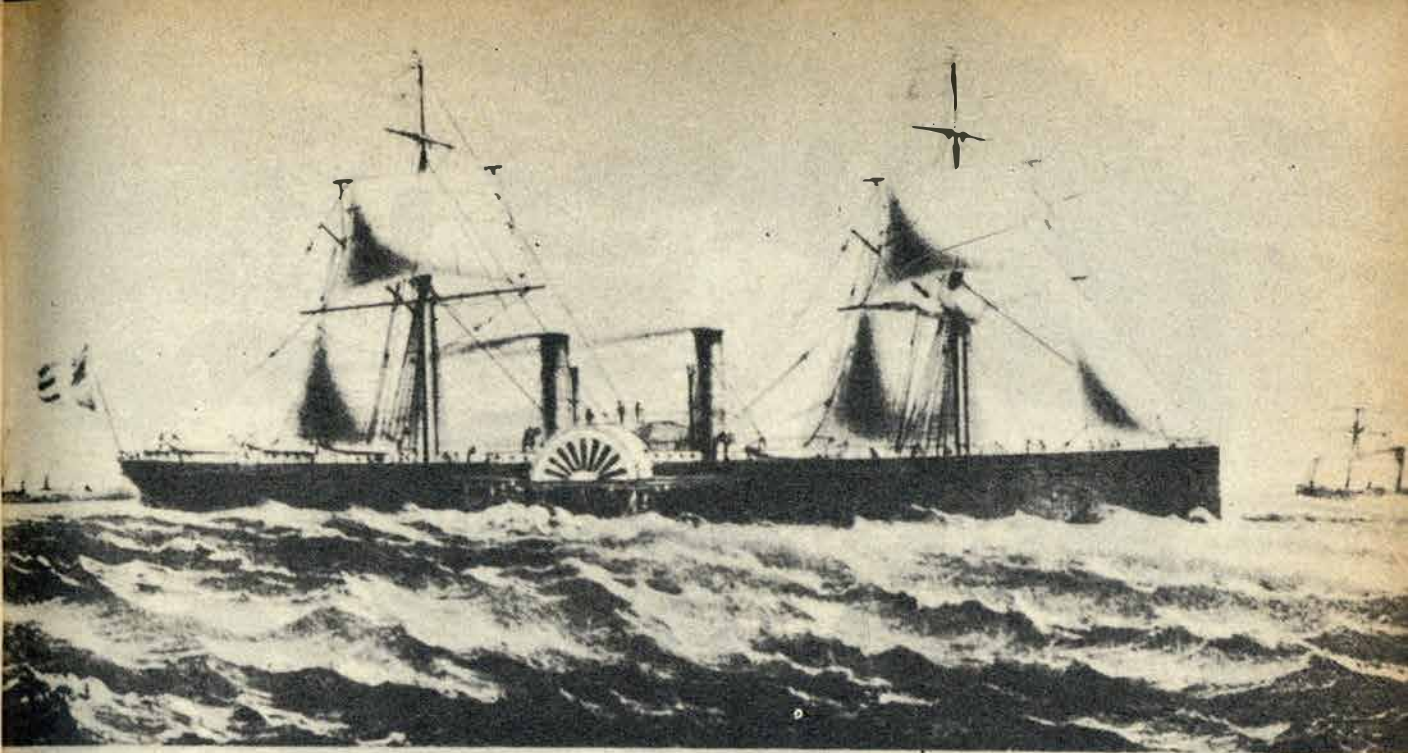
Londres — Exposição de Pintura ao Ar Livre. Quadros e Expositores.

...É reparo hoje nesta coisa extraordinária: é que há mais artistas do que obras de arte». André Gide ou «A má vida não justifica a má pintura»

Genealogia da família de paquetes «France», transatlânticos franceses:

- 1864 — «France I»
- 1910 — «France II»
- 1960 — «France III»











Colónia para gatos em Castle Point na Cornualha. Todos eles são descendentes daqueles que, durante a guerra, foram criados pelos homens da Artilharia Real ali estacionados. Actualmente habitam os aquartelamentos desertos e são alimentados pela amizade dos moradores das localidades próximas

# ACTUALIDADES

Começou a temporada hípica em Inglaterra e «Flower of Blyth» na primeira curva, adianta-se para vir a ganhar a prova de abertura de trote atrelado

O General De Gaulle em Washington:  
«A dificuldade não está em encontrar homens que obedeam, mas homens que comandem»

G. Bernard Shaw

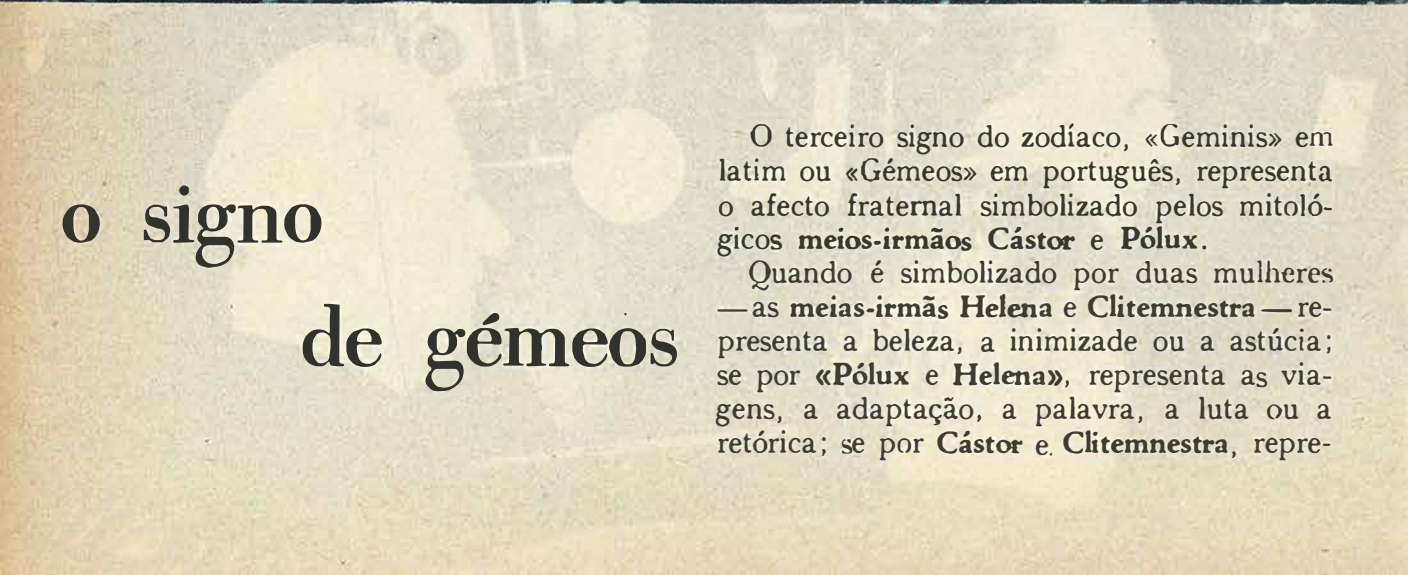




# os destinos do Mês



## o signo de gémeos



O terceiro signo do zodíaco, «Geminis» em latim ou «Gémeos» em português, representa o afecto fraternal simbolizado pelos mitológicos meios-irmãos **Cástor** e **Pólux**.

Quando é simbolizado por duas mulheres — as meias-irmãs **Helena** e **Clitemnestra** — representa a beleza, a inimizade ou a astúcia; se por «**Pólux** e **Helena**», representa as viagens, a adaptação, a palavra, a luta ou a retórica; se por **Cástor** e **Clitemnestra**, repre-



senta as qualidades e defeitos humanos, a imitação, a vida material e espiritual (em que a matéria se sobrepõe ao espírito) e o trabalho material.

Principia a 21/22 de Maio e termina a 21/22 de Junho, conforme o ano.

Geralmente, o signo de Gémeos é apresentado por **Cástor** e **Pólux**, um representando a palavra, o comércio, os transportes e todos os assuntos terrenos, incluindo a advocacia, a medicina e os trabalhos manuais, trazendo por isso na mão os significados respectivos (uma esfera e duas asas encimando uma vara onde se enrolam duas serpentes). O outro, representando as artes e a música, conduz uma lira. Também nessas representações, em vez da primeira divisa, o Gémeo conduz uma «massa de madeira» que simultaneamente indica a luta e os obstáculos vencidos.

Segundo a tradição, Gémeos é um signo duplo ou comum, da emanção «AR» e a legenda que se lhe aplica é: «**o tempo que decorre entre duas opiniões**».

Neste signo além de alguns famosos músicos, autores e actores como Robert Schumann, Richard Strauss, Charles Gounod, Edmond Goucourt, Laurence Olivier, Josephine Baker, Maria Montez, Errol Flynn, etc., encontram-se estadistas como Anthony Eden, Edouard Daladier, Kubitschek de Oliveira, etc.

A adaptação é a característica principal de Gémeos, devido às faculdades que o planeta governante do signo, Mercúrio, lhe imprime, confirmadas pelo planeta Júpiter que se encontra em exílio, e, por esta razão, não beneficia mas refina as alternativas da vida e a versatilidade «mercuriana».

O signo é de características masculinas ou positivas, estéril, loquaz, duplo, diurno, humano, quente e húmido.

Os antigos astrólogos atribuíam a Júpiter a colaboração no 1.º decanato (de 21/22 a 31 de Maio), o 2.º decanato a Marte (de 31 de Maio a 10 de Junho), e o 3.º decanato ao Sol (de 10 a 21 de Junho). Na moderna astrologia estes decanatos são também governados por: Mercúrio, o primeiro; Vénus, o segundo, e o terceiro por Urano ou Saturno, dependente do nascimento ter ocorrido respectivamente entre o meio-dia e a meia-noite ou entre a meia-noite e o meio-dia.

## CORRESPONDÊNCIA DO SIGNO SEGUNDO OS ANTIGOS

Cores: cinzento e violeta.

Pedras: beril, ágata, jaspe e esmeralda.

Metais: Ouro, prata e mercúrio.

Perfumes: «murguet» e verbena.

Flores: margaridas, botões de ouro, papoilas e campainhas.

Animais: andorinha, raposa, abelha, papagaio, pêga e macaco.

Números favoráveis: 3, 5 e 9.

Dias favoráveis: Quarta-feira.

Dias desfavoráveis: Quinta-feira.

Influencia toda a América do Norte, Egipto e Bélgica e, entre outras cidades, a de Londres.

## RESUMO SOBRE O SIGNO

**Como signo duplo e humano:** simboliza a dualidade, dando natureza complexa e variável.

**Pelo governante Mercúrio:** confere capacidades mentais que se manifestam na palavra e nos escritos. Dá actividade móvel e sensível como o mercúrio num termómetro, que se traduz por uma sucessão de ideias ininterruptas.

**Como signo de Ar:** confirma a sua natureza intelectual, demonstrando ao mesmo tempo a ligeireza e a mutação: a corrente dos pensamentos é fluída como o ar e como tal se dispersa em todas as direcções.

**Como signo mutável:** é por excelência flexível e maleável, brando ou dócil e instável.

**Como signo masculino:** tem faculdades de iniciativa.

**Como terceiro signo zodiacal:** dá a 3.ª casa solar que representa a inteligência prática.

**Como signo que governa os braços, as mãos e as espáduas:** dá extrema habilidade e expressão mímica, possibilidade de dedicação a trabalhos delicados, devido à adaptabilidade em todas as exigências que se manifestam no decorrer da existência, além das exigências intelectuais ou do espírito.

## CARACTER, QUALIDADES E DEFEITOS PRINCIPAIS

Os nativos de «Gémeos» são engenhosos e hábeis e de espírito vivo e maleável. Dotados de bom intellecto, têm boa predispo-



sição para investigações científicas mas os resultados são sempre difíceis. São sensíveis e impressionáveis. A dualidade de carácter dá-lhes irritabilidade ou inquietação. Muito nervosos, falta-lhes o equilíbrio na sequência das ideias.

A sensibilidade é muitas vezes doentia, podendo ocasionar numerosos aborrecimentos, sobretudo de ordem sentimental.

São normalmente loquazes, falando muito para dizer pouco. Afectuosos e práticos, têm um egoísmo curioso bastante diferente do normal.

É raro que um nativo de «Gêmeos» não tenha discussões de família, algumas de aspecto muito aborrecido, porém, conseguem ser óptimos intermediários quando os aborrecimentos são ocasionados entre terceiros e especialmente em situações delicadas.

Geralmente gostam de jogar e, nos momentos de desencorajamento, podem submeter-se à bebida, porque são normalmente sugestionáveis.

## VIDA PROFISSIONAL

A influência do signo exalta os projectos mas na maior parte dos casos o influenciado abandoná-os, talvez pela necessidade de novas impressões, por não gostar da rotina que o fatiga, especialmente se o trabalho for monótono.

Como actores, advogados ou tudo em que a palavra seja necessária para a persuasão (não interessa a profissão), estão num bom domínio. De resto qualquer carreira lhes está indicada devido às suas extraordinárias faculdades de adaptação.

Duma maneira geral a existência não é totalmente feliz. As vezes é a família, outras os filhos ou os amigos (estes raramente) que ocasionam dificuldades.

Como artistas, escritores, oradores, jornalistas, contabilistas, editores, cantores, e tudo o que não represente uma situação fixa, exceptuando matemáticos, em que normalmente podem brilhar, costumam obter bons resultados.

## OS «GÊMEOS» E O AMOR

Não é necessário tratar de assuntos de amor com um indivíduo de «Gêmeos» no plano «coração».

Com grande dificuldade concentra a sua atenção no plano sentimental. É um espírito assaz disperso. O meio tem grande influência neste capítulo, porém, o seu amor é mais cerebral do que o chamado «amor de coração».

## OS «GÊMEOS» NO CASAMENTO

É o marido quem normalmente equilibra os assuntos conjugais. Simplista por vezes, exigente por outras, pode, sem querer, destruir os seus sonhos... e os da esposa.

## A MULHER DE «GÊMEOS»

A versatilidade que o signo imprime é a «força da sua fraqueza». Bastante caprichosas são ao mesmo tempo ternas e encantadoras, tornando-se, por isso, desconcertantes. Na puberdade, preocupam-se com a sua própria aparência. De aspecto normalmente frágil, possuem grande resistência nervosa. Muí-tíssimo adaptáveis, conseguem facilidades no domínio intelectual e manual. Possuem, também, a maravilhosa arte de fazer compreender os seus sentimentos quando querem. Bastante românticas, conseguem — quase sempre — apresentar um humor igual, mas quando irritadas... Uma das suas características é chorarem por qualquer motivo. Tudo as sensibiliza.

## A CRIANÇA DE «GÊMEOS»

É um delicado e delicioso «diabinho». Devido ao seu excesso de imaginação pode — sem querer — entrar na mentira. Sente o carácter das personagens das suas leituras e daqueles com quem convive na vida corrente.

De rápidas reacções, facilmente esquece uma pequena ofensa ou uma repreensão desde que esta não vá atingir a sua sensível imaginação. Estas crianças são geralmente subtis e maliciosas. Nos estudos, como têm grande poder de assimilação são pouco aplicadas. É necessário obrigá-las a aprofundar os assuntos para se poder conseguir um bom equilíbrio. As suas reais aptidões devem ser canalizadas de acordo com as distrações, jogos ou brincadeiras que lhes interessem. Para as recompensar pode facultar-se-lhes o desporto, espectáculos, sobretudo os de género alegre ou movimentados, porém, os prazeres



devem ser limitados para lhes evitar sobreexcitações. As distrações devem ser sãs e onde o seu pequeno cérebro possa encontrar um relativo repouso.

## OS TRÊS DECANATOS

**1.º decanato:** (Do meio-dia de 21/22 de Maio ao meio-dia de 31) pressagia uma certa felicidade e posição social favorecida, muitas vezes, através do imprevisto. Dá carácter inquieto, indeciso, gostos refinados, mas incapacidade de se interessar muito tempo pela mesma coisa.

**2.º decanato:** (Do meio-dia de 31 de Maio ao meio-dia de 10 de Junho), sujeito a determinar injustiças por sua própria culpa ou de amigos ou parentes.

A natureza é inconstante e preocupa-se com futilidade; o julgamento é crítico. Quando loquaz, a loquacidade é inútil. As aptidões são artísticas.

**3.º decanato:** (De 10 de Junho ao meio-dia a 21/22 de Junho ao meio-dia):

Tendências dominadoras e proteccionistas. Espírito amável e às vezes concentrado. Aptidões intelectuais. Carácter muito determinado.

# astrologia

## AQUÁRIO

De 20 de Janeiro  
a 18 de Fevereiro



**Personalidade exagerada nos assuntos domésticos.** — Depois de meados do mês a sua personalidade encontra um ambiente astrológico que prejudica os seus nervos.

Se quiser ser compreensivo, os acontecimentos são de reduzida importância. Os imprevistos poderão contar de forma a retomar ou a reviver assuntos antigos.

**Sentimentalmente o período é duvidoso.** — Uma série de circunstâncias alheias à sua vontade pode obrigá-lo a tomar atitudes que não se coadunam com a sua maneira de ser, ou pelo menos, com coisas que tem condenado sob o ponto de vista de amores ou noutra sector sentimental.

**O trabalho obrigatório é favorecido.** — Os assuntos respeitantes ao seu trabalho diário encontram condições favoráveis através dos

astros, Vénus e Sol, sobretudo se o seu trabalho se relacionar com público ou divertimentos. Por outro lado, se tiver associados, através deles os benefícios serão mais efectivos. Uma surpresa de certo modo «de sorte», poderá indicar-lhe novas oportunidades.

## PEIXES

De 19 de Fevereiro  
a 20 de Março



**As viagens e os escritos com boas perspectivas.** — Todos os assuntos que representem viagens, em especial se eles se relacionarem com o seu trabalho, encontram um ambiente astral muito benéfico, permitindo até boas realizações.

**Negócios facilitados.** — Se o seu nível intelectual, ou pelo menos a sua preparação prática lho permitir, o período astrológico encontra-se, se não óptimo, pelo menos em condições que podem considerar-se excepção-



nais. Naturalmente que estes acontecimentos estão de harmonia com o seu meio.

**Muitos escritos, mas dinamismo duvidoso.** — A tendência natural para os divertimentos ou assuntos fáceis pôderão obrigá-lo a descurar as coisas que merecem importância, protelando, verbalmente ou por escrito, a solução daquilo que poderia atender directamente para resolução imediata.

## CARNEIRO

De 21 de Março  
a 19 de Abril



**As realizações sociais dependentes da vida do lar.** — A vida mundana será em grande parte o signo do seu mês. As reuniões ou assuntos de carácter social poderão alimentar a sua vaidade natural, descurando por isso os assuntos do lar. Desta forma, e para que as coisas se equilibrem, necessita de controlar as suas atitudes. Assim terá honras fora do lar e a compreensão daqueles com quem convive.

**Os ganhos e as despesas equilibradas.** — A inteligência prática permite-lhe resolver através do seu dinamismo quaisquer dificuldades momentâneas, no sector «finanças». Desde que não exagere e não queira lançar-se em altos voos, o mês não é desfavorável.

**Os amores e as amizades são favorecidos.** — Vénus encontra-se em posição favorável permitindo resolver ou regular quaisquer assuntos pendentes de ordem afectiva, sobretudo aqueles que se refiram à família mais próxima. Evite impor a sua maneira de sentir.

## TOURO

De 20 de Abril  
a 20 de Maio



**As viagens curtas e de prazer, de acordo com a personalidade.** — Mercúrio, Vénus e Lua não desfavorecem os seus desejos de viajar, em particular no que se refere a viagens curtas. Por outro lado, **os perigos não são de descurar.** Será segundo a sua maneira de agir, que os acontecimentos relacionados com as suas viagens serão melhores ou piores. A oposição de Saturno no dia 4 não promete felicidade, mas ajuda todos aqueles cuja experiência lhes tenha ensinado onde e como

se podem produzir acontecimentos desfavoráveis.

Assim, está dependente exclusivamente de si, o melhor ou pior decorrer do mês neste sentido, pois Mercúrio no dia 13 e Sol a 14 têm aspectos que muito ajudarão a resolver os seus assuntos.

**As amizades e os imprevistos.** — As amizades podem ajudá-lo nos seus desejos, deve no entanto contar com os imprevistos **sob todo e qualquer aspecto** para não ter aborrecimentos futuros.

## GÊMEOS

De 21 de Maio  
a 20 de Junho



**Os ganhos e despesas dependentes da sua inteligência.** — Mercúrio, que governa o seu signo, encontra-se em meados do mês oculto pela Lua num ligeiro eclipse.

Apesar de estar protegido por boas condições nos aspectos planetários, os paralelos de Marte nos dias 17 e 31 podem alterar os acontecimentos, a menos que o seu dinamismo e a sua vontade consigam levar a bom termo os desejos que tiver em mente.

**As viagens devem ser acauteladas.** — Qualquer viagem — curta ou grande — deve ser bem preparada para evitar os malefícios da Lua por volta do dia 22. Esta influência lunar tem, todavia, efeitos no mês todo.

## CARANGUEJO

De 21 de Junho  
a 22 de Julho



**Dinamismo irregular. Amizades duvidosas.** — O eclipse de Mercúrio, em meados do mês, influi na sua personalidade, atraindo ideias e pensamentos variados mas tudo difícil de pôr em execução devido às suas hesitações.

As amizades entram no mesmo domínio, pois terá dificuldade em fazer-se compreender, talvez por não se compreender a si próprio.

**Sector mundano beneficiado.** — A vida mundana encontra configurações planetárias que permitem satisfações ou, pelo menos, momentos favoráveis. O Sol, que atravessa o seu signo, permite-lhe um certo relevo social, mas também dá tendências para exageros.



**LEÃO**De 23 de Julho  
a 22 de Agosto

**Os assuntos práticos em relevo.** — Todo o trabalho intelectual ou não, em que o sentido prático possa ser aplicado, encontra em Mercúrio o astro que ajudará a resolver com êxito os seus assuntos.

**Os subordinados podem não corresponder.** — Talvez devido à sua personalidade, os seus subalternos não correspondem aos seus desejos de realização, podendo mesmo criar complicações em assuntos que por seu intermédio tenham em vista outras pessoas ou clientes.

**Socialmente favorável.** — O sector mundano e de vida ligeira, como divertimentos, etc., encontram um ambiente planetário agradável.

**VIRGEM**De 23 de Agosto  
a 22 de Setembro

**As amizades serão favoráveis.** — Os amigos íntimos poderão de qualquer modo ajudar os seus empreendimentos. Deve, no entanto, ser prudente em todas as iniciativas, para evitar o fracasso. A posição do planeta Urano não promete grande «voos».

**O dinamismo afectado por ideias fixas.** — Marte, que tem bons aspectos com outros planetas nos dias 17, 21 e 31, dá para todo o mês condições que permitem pôr à prova o seu dinamismo; porém, a Lua ocultando Mercúrio inclina à formação de ideias fixas que poderão ser prejudiciais na realização dos seus desejos.

**BALANÇA**De 22 de Setembro  
a 22 de Outubro

**Boa altura para resolver assuntos íntimos.** — O planeta Vénus, que governa o seu signo, está bastante elevado no termo do mês, oferecendo por isso várias oportunidades que só uma deficiente posição deste planeta na hora do seu nascimento poderá contrariar.

**As relações com os outros, algo tensas.** — Aqueles com quem convive mais directamente, incluindo associados ou o cônjuge,

poderão reservar-lhe algumas surpresas que, de certo modo, afectarão as suas ambições. Por outro lado, essas mesmas pessoas ajudarão em determinados assuntos de forma efectiva, apesar de não corresponderem inteiramente às suas ambições. Deve ouvi-las e não actuar de ânimo leve.

**ESCORPIÃO**De 23 de Outubro  
a 21 de Novembro

**Clima astrológico duvidoso.** — A quadratura que Urano recebe de Marte no decorrer do mês vem produzir algumas complicações, sobretudo no seu sector social ou na profissão livre. As viagens curtas não darão as alegrias que espera. As realizações encontram alguns obstáculos.

**Viagens longas e estudos.** — Mercúrio e Sol encontram-se bem dispostos no que se refere a viagens longas e a estudos profundos, especialmente de carácter filosófico.

**Gastos imprevistos.** — Tendência para despende dinheiro ou energias fora do normal, por isso deve ser prudente em qualquer novo negócio ou quanto à consolidação de antigos.

**SAGITÁRIO**De 22 de Novembro  
a 21 de Dezembro

**A saúde e os imprevistos.** — Vénus, Sol e Marte, entre os dias 1 e 15, estão positivamente contrários aos acontecimentos previstos. Para não sofrer decepções deve tratar com ponderação todos os assuntos, e resolvê-los criteriosamente sem pressas.

A saúde pode vir a sofrer por excessos, quer de divertimentos, quer por outros.

Entretanto, aqueles que o rodeiam ajudarão em grande parte a resolver os seus assuntos.

**CAPRICÓRNIO**De 22 de Dezembro  
a 19 de Janeiro

**Inimizades declaradas, se não for prudente.** — Nos assuntos sentimentais, devido em parte à sua personalidade, pode ocasionar algumas controvérsias que se encaminharão para ditos



e mexericos e daí algumas inimizades declaradas por deturpação daquilo que disser.

Deve ponderar por isso todas as palavras e actos e evitar críticas que poderão virar-se contra si.

**Os divertimentos exagerados serão prejudiciais.** — Devido a um certo estado de espírito, é possível que a sua personalidade incite aos divertimentos e aos prazeres que poderão ir ao excesso se não souber controlar-se.

A oposição de Sol a Saturno e os paralelos de Vénus em princípios do mês, sobretudo entre os dias 3 e 11, podem criar um ambiente tenso que afectará a sua sensibilidade e daí querer encontrar um escape que poderá ser prejudicial. Desta forma, o mês poderá ser favorável se souber conjugar aqueles maus aspectos astrológicos com as circunstâncias, aguardando o restante do mês quando Marte em trígono com Saturno promete algumas «benesses».

## quirológia

## Mãos que falam

### REVELAÇÕES DOS DEDOS E SUAS FALANGES

Até aqui tem-se falado accidental e sumariamente do valor significativo dos dedos.

As revelações de cada dedo são importantes, devendo por isso aprofundar-se convenientemente as suas indicações.

Há outro assunto, muito importante, que nos obriga a estudar separadamente o valor significativo de cada dedo.

A revelação duma linha modifica-se quase sempre **por terminar neste ou naquele dedo.**

O dedo no qual a linha termina recebe as qualidades e defeitos desta linha.

Por exemplo: uma linha saturniana vindo terminar no dedo indicador terá um significado diferente da queia que venha terminar no médio. Uma estrela no indicador ou sobre os outros dedos **indicará acontecimentos completamente opostos**, indo desde a felicidade a riqueza e a ascensão, até à ruína, às catástrofes, à prisão, etc.

O estudo das revelações dos dedos e das suas falanges começará pelo dedo **mais importante, que é o polegar.**

Não queremos deixar de dizer algumas palavras sobre um caso particular que se encontra por vezes nas primeiras falanges ungaladas dos dedos.

### A GOTA DE AGUA

No começo dos dedos, na falange ungalada, e na parte oposta às unhas, pode encontrar-se na maioria das pessoas um pequeno monte — uma pequena saliência — que se chama «Gota de água».

Interpreta-se de maneiras diferentes, que não explicaremos agora. Pessoalmente considero-as como sendo indício de sensibilidade e mesmo de sensualidade. Revela noutros, uma pessoa com tacto, gostando das boas maneiras e das coisas boas.

Anuncia igualmente uma assimilação e uma compreensão rápidas e um interesse muito profundo quanto ao sexo oposto.

### O POLEGAR

Para fixar imediatamente as ideias sobre a grande importância dos atributos do pole-



gar, diremos sem hesitações que o homem que não tenha um bom polegar não é um «homem». A palavra «homem» está dentro de todos os significados, tanto no sentido popular como no sentido geral.

### ATRIBUTOS DO POLEGAR

Um bom polegar é símbolo de força de vontade, de perseverança e de energia. Ele comunica ao ser a insistência e a capacidade do trabalhador árduo.

O segundo atributo dum bom polegar, que completa perfeitamente o primeiro, é a capacidade de raciocinar, de julgar e de poder tomar uma firme decisão.

Vê-se que uma deficiência nas dimensões do polegar será indício duma insuficiente força de vontade, e de falta de energia e perseverança. Será também o sinal duma insuficiente capacidade de raciocinar, de julgar e de levar até ao fim uma ideia começada ou um trabalho empreendido.

O homem que não tenha um bom polegar ficará sendo um subalterno. Será obrigado a imitar ou a executar a vontade e as ideias das outras pessoas.

### A IMPORTANCIA DO POLEGAR

Da grande importância do polegar poder-se-á falar agora.

Se os outros dedos e mesmo as linhas da mão se encontrarem deficientes, um bom polegar pode (até certo ponto) combater essa deficiência.

Conhecemos de perto uma pessoa que possui uma linha de cabeça, muito superficialmente marcada, numa das mãos, e na outra não tem linha de cabeça. Este homem teórica e efectivamente é um pouco simples devido à deficiência das linhas de cabeça.

Pois, mesmo assim, possui actualmente uma fonte de comércio muito importante e por consequência uma fortuna apreciável!

A que é devida esta situação material que muitas pessoas que se consideram inteligentes desejariam?

Únicamente ao polegar.

Possui um bom polegar que lhe confere por um lado a capacidade de tomar por si só uma decisão firme e, por outro lado, suficiente força de vontade, de energia e de per-

severança para levar até ao fim a decisão que tenha tomado.

Trabalha exaustivamente. Sabemos que chega muitas vezes a trabalhar as vinte e quatro horas do dia, sem ter o mínimo repouso.

Para pôr mais em relevo a importância dos atributos do polegar sobre os outros dedos, assinalaremos certos factos.

Logo que dobramos os quatro dedos sobre a palma da mão, verificamos que todos os dedos dobrados diante do polegar apresentam o mesmo tamanho, apesar da sua natural diferença de corte.

Podemos igualmente ver que uma vez o polegar colocado sobre os outros, estes submetem-se à sua vontade, não poderão mais abrir-se sem sua autorização.

Outro pormenor importante é a total desaparecimento obrigatória dos montes quando os dedos estão dobrados, menos o monte de Vénus (monte do polegar).

Dobrado o polegar sobre os outros dedos, deverá o monte ser mais duro e mais empenhoso, e não mole, natural ou direito.

Quando se fizer o estudo dos montes, aprofundaremos mais este assunto.

Queremos apresentar outro exemplo sobre o valor do dedo polegar:

Um conhecido prestidigitador tem os quatro dedos, desde o indicador ao mínimo, extraordinariamente curtos e o polegar anormalmente comprido.

Como o polegar ultrapassa os outros dedos, e devido aos exercícios, as suas faculdades de prestidigitador são acima do corrente.

É pela maleabilidade e pelo tamanho do seu polegar que este prestidigitador consegue nos seus movimentos iludir a vista dos espectadores...

### POLEGAR DOBRADO SOBRE A PALMA DA MÃO

O que queremos assinalar aqui é um outro gesto do polegar interpretado de maneira mais maléfica.

Desde que esteja dobrado sobre a palma da mão fica fechado pelos outros dedos.

Este gesto é considerado em relação à vida como um significado de que o indivíduo em questão não viverá muito tempo, pois é prognóstico de aproximação da morte.



Este gesto muitas vezes não está de harmonia com aquela indicação e neste caso é interpretado da seguinte maneira:

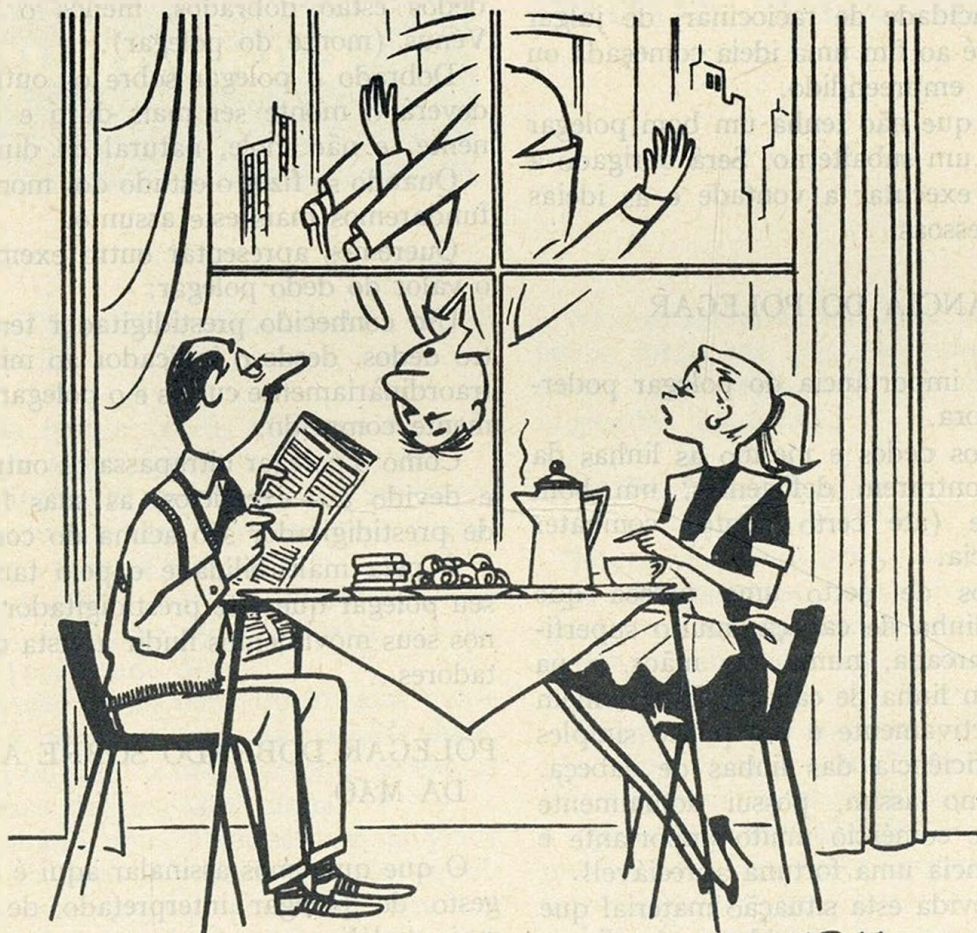
A pessoa que dobre o polegar instintivamente sobre a palma da mão e o tiver fechado pelos outros dedos está em vista de atravessar um período de dificuldades.

Encontra-se numa situação embaraçosa e difícil de resolver e simultaneamente falta-lhe energia e dinamismo.

Numa só palavra, encontra-se num período

de confusão devido a insuficiente força de vontade e de energia para resolver a questão que lhe interessa. Uma vez aplanadas as dificuldades e esclarecida a situação, não voltará a fazer mais este gesto instintivo.

Toda a gente tem conhecimento de que as crianças de pouca idade fazem este gesto muitas vezes. Elas não vão morrer por fazer isso! Fazem-no porque lhes falta ainda individualidade, personalidade e força de vontade.



• NADAL •

— Lá vai outra vez o vizinho do 8.º andar!





flos-sanctorum



# SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Na última parte de Espanha, na parte Ocidental do reino de Portugal, na mui insigne cidade de Lisboa, nasceu o bem-aventurado Santo António, junto e defronte da porta principal da Sé da dita cidade. Seu pai se chamava Martim de Bulhões, e sua mãe, D. Teresa Taveira, ambos de nobre sangue e de não menor nobreza de virtudes: no baptismo lhe foi posto o nome de Fernando, e desde de sua meninice foi Santo. Nesta Sé que é dedicada à Virgem Nossa Senhora, aprendeu as primeiras letras, os princípios da doutrina cristã, o latim e música, gastando nestes exercícios e nos da devoção da Virgem Maria e do mártir S. Vicente, que ali está sepultado, e então resplandecia em milagres, o tempo até à idade de quinze anos; e desprezando o Santo as vaidades e contentamentos do Mundo, determinou servir só a Deus em religião e se foi ao Mosteiro de S. Vicente de Fora, da mesma cidade, que é de cônegos regrantes de Santo Agostinho, e com muita devoção recebeu o hábito e fez profissão, consagrando-se perpétuo servo de Jesus Cristo. Sentindo, porém, ali algumas inquietações de amigos e parentes, alcançou licença para se mudar para Santa Cruz de Coimbra, mosteiro muito religioso da dita Ordem, onde aproveitou em tanta perfeição de virtude e religião, que sua mudança só pode imputar-se a obra de Espírito Santo. Neste tempo foram martirizados pelos moiros de Marrocos cinco Santos religiosos da Ordem dos Menores, os quais tinham antes passado por Coimbra, cujas relíquias trouxe de Marrocos o Infante D. Pedro, irmão de El-Rei D. Afonso II, como fica dito na história destes mártires, a

16 de Janeiro; as quais relíquias obrando grandes milagres foram postas no Mosteiro de Santa Cruz, onde Santo António estava.

Não viu o Santo varão estas maravilhosas obras sem fruto, antes à maneira do elefante animado à peleja com a vista do sangue, alvoroçado com vivo fervor e zelo da Fé, determinou ir enfrentar aquele cruel tirano de Marrocos para alcançar também a palma do martírio, para cujo efeito determinou tomar o hábito da Ordem daque'es Santos mártires, e seguir sua vida e exemplo.

(...) E assim logo que chegou a África, lhe sobreveio tamanha enfermidade que, vendo que não podia fazer o que determinara, foi constrangido a voltar a Espanha e deixar para outro tempo aquela hora. Embarcado para se tornar, foi a nau aportar à Sicília, abrigada de tempos contrários e ali soube dos frades menores, que se celebrava cedo capítulo geral em Assis. Foi lá Santo António, assim, como estava, fraco e enfermo. Acabado o capítulo e repartidos os frades pelas províncias, só Santo António de ninguém era pedido, porque, como não era conhecido e estava enfermo parecia não servir para coisa alguma. Foi-se a Fr. Graciano, varão perfeito, e ministro dos frades da comarca de Romandiola, em Itália, rogando-lhe o quisesse pedir ao Geral, e receber com os seus frades. Fr. Graciano o levou consigo com muita benignidade; e pedindo-lhe o Santo algum lugar solitário, o pôs no ermo do monte de S. Paulo, onde estava um oratório dos frades, no qual viveu Santo António vida solitária, quanto lhe era possível, com orações e meditações santas, fortificando seu es-





pírito no amor de Deus contra as tentações do inimigo. Naquele lugar, com tanta abstinência de pão e água afligiu seu corpo, que segundo os testemunhos dos frades que eram presentes, muitas vezes se não podia pôr de pé. Desta maneira o varão de Deus, António, cheio de sabedoria, viveu como idiota, escondendo o lume de tanta graça em seu humilde coração.

Depois de algum tempo se acharam juntos em Forlívio alguns frades mandados a tomar ordens entre os quais se achou Santo António, e também alguns frades da Ordem dos Pregadores; e o prelado do lugar rogou que um deles pregasse; mas escusando-se todos, dizendo que não estavam aparelhados, foi o prelado a Santo António, não lhe constando da sua ciência, e o constrangeu a que propusesse o que o espírito lhe ensinasse. Ao que o servo de Deus humildemente respondeu ser menos idóneo que todos, para aquela obra, como mais exercitado em lavar tijelas da cozinha, e em outros ofícios de humildade, que em estudar; mas não pôde deixar de fazer o que lhe mandavam; e logo no princípio começou a pregação simplesmente com o temor de Nosso Senhor mas no processo dela ousou de tanta eloquência de palavras e de tal profundidade de medicinais sentenças, que todos os circunstantes admirados, do que não esperavam, confessavam que nunca tais coisas ouviram.

Veio isto logo à notícia do padre S. Francisco e mandando-o aperfeiçoar nos estudos pelo abade de Vercelli, instituiu pregador a Santo António, e o constrangeu a exercitar a graça que tinha recebido. E sendo muito

copioso na doutrina aquele que dantes tivera grande desejo do martírio, por dizer a verdade não se dobrava a príncipe, nem a grande, nem por temor da morte. E andando por diversas cidades, vilas e aldeias, pregava com muito fervor a palavra de Deus, segundo convinha à qualidade dos ouvintes. Admiravam-se os letrados e pregadores da subtileza do seu engenho, da cópia da sua língua, e da discrição que guardava em tudo o que falava. E que suas palavras fossem cheias de sabedoria, o Papa Gregório IX, que então presidia na igreja, o manifestou chamando-lhe arca do testamento, pela singular excelência, porque não somente pregava com doçura de palavras o que pertencia às reformas dos fiéis, mas ainda destruía as falsidades dos herejes com razões muito eficazes; e assim na cidade de Arimino, converteu muitos herejes à Fé Católica, entre os quais reduziu um heresiarca que havia trinta anos que andava enganado, e o fez perseverar na Fé até à morte.

Uma vez pregando este Santo varão em um capítulo provincial, com muita doçura espiritual, do título da Cruz do Salvador e da Dor da sua Paixão, apareceu S. Francisco, que era ainda vivo, e estava em outra terra muito longe daquela, e mostrou-se-lhes por modo milagroso, para dar autoridade ao que pregava o Santo varão do título e Paixão do Salvador, porque foi visto no ar por alguns que ali estavam, com os braços estendidos em forma de cruz, e lançar a bênção aos filhos com aquele santo sinal de salvação, para que conhecessem o que lhes convinha seguir do que pregava aquele Santo varão.



Um monge do bispado de Lemosim havia muito tempo que tinha grande tentação da carne, contra a qual ainda que afligisse o seu corpo com jeuns e disciplinas não tinha refrigério. Buscou a Santo António, confessou-se com ele de todos os seus pecados, e descobriu-lhe a sua tentação, pedindo-lhe que o ajudasse com as suas orações. O Santo despiu a túnica, que trazia vestida, para que a vestisse, e dali em diante, não sentiu o monge mais aquela tentação.

(...) Pregando o Santo, em uma solene festa, a grande multidão de gente, o inimigo antigo, em figura de correio, deu cartas a uma mulher nobre, que diziam que um seu filho era morto por uns seus contrários; e Santo António assim de longe, onde pregava, disse logo àquela senhora que não se assustasse, porque seu filho era vivo e são, e o veria muito cedo, e que quem lhe dera as cartas era o Diabo, que buscara aquela falsidade para a estorvar da pregação. Ficou a dona livre daquele susto e turbação dando graças ao Nosso Senhor e ao seu Santo. Uma vez aconteceu que, estando o Santo pregando, se levantou um doido entre o povo, e dava turbação ao Santo e aos ouvintes; e admoestado pelo Santo que se calasse ou que se fosse, respondeu que não o havia de fazer enquanto lhe não desse a sua corda, e dando-lha o Santo, tomou-a o doido, e beijando-a recuperou logo o juízo com grande espanto de todos, e lançado aos pés de Santo António lhe deu as graças pelo benefício.

Uma mulher, em uma vila, onde Santo António pregava, tinha seu filho junto do fogo, e uma caldeira de água nele para o lavar; e ouvindo dizer que o Santo queria pregar, com a pressa de o ouvir, parecendo-lhe que punha o menino no alguidar, meteu-o na caldeira que tinha ao lume, e foi ouvir a pregação. Depois tomando para casa e lembrando-se do filho que deixara junto do fogo, parecendo-lhe que caíra nele e que o havia de achar queimado, começou a chorar; e vindo correndo para casa com muitas vizinhas, achou o menino brincando na caldeira que estava ao fogo fervendo. Pas-mados todos de tal milagre, com grandes vozes louvaram a Deus no seu Santo.

De uma pregação deste glorioso Santo ficou um homem tão arrependido e contrito dos seus pecados que confessando-se a ele, nenhuma coisa pôde articular por causa dos

grandes gemidos e suspiros que lhe impediam a fala. Disse-lhe o Santo: vai e escreve em um papel os teus pecados e traze-mo. Fazendo assim o penitente e dando o papel ao Santo, foram milagrosamente apagados, e ficou aquela alma muito consolada para remissão dos seus pecados. Outro, ainda moço, da cidade de Pádua, chamado Leonardo, se acusou de ter dado um pontapé em sua mãe, e dizendo-lhe o Santo que bem merecia cortado o pé, com que ofendera a sua mãe, foi para casa e cortou-o. Aos gritos do lastimoso moço acudiu a mãe, e vendo o caso, foi-se queixar do Santo, o qual saindo do convento a consolou, e foi com ela a dar saúde ao filho, unindo-lhe o pé como dantes.

Uma vez não querendo uns herejes ouvir a palavra de Deus, cheio o Santo do espírito do Senhor, se foi a um rio junto do mar, e dali começou a chamar os peixes da parte de Deus, que viessem ouvir a pregação, dizendo: vinde ouvir a palavra de Deus, peixes do mar e do rio, pois não a querem ouvir os homens herejes e infiéis. Logo se juntou grande multidão de peixes, grandes e pequenos diante do Santo, e todos tinham as cabeças um pouco fora da água. Era coisa muito para louvar o Senhor, ver os peixes grandes como exércitos ordenados, tomar seus lugares convenientes para a pregação, e assim os meãos como os pequenos correram com diligência e chegaram-se mais perto do Santo Padre. Estavam primeiro os peixes menores, depois os meãos e no terceiro lugar em água mais alta os peixes maiores. Estando assim juntos todos, começou o Santo a pregar-lhes, dizendo: Irmãos peixes, muita obrigação tendes de dar graças a Deus segundo a vossa possibilidade, porque é vosso Criador, e vós sois criaturas que de sua mão recebestes o ser e a vida: e assim para viverdes vos deu tão nobre elemento, e que tendes águas doces e salgadas, como as haveis mister. Deu-vos também muitos lugares, onde possais escapar aos ímpetos da tempestade, e quis que o vosso elemento fosse diáfano e claro, para que visseis melhor os caminhos por onde haveis de andar, e o que haveis de comer e os inconvenientes de que haveis de fugir. Também vos proveu de asas para andardes por onde quiserdes. Vós na criação do mundo fostes benditos de Deus, e com sua bênção alcançastes virtudes para vos multiplicardes. Vós no dilúvio perecendo to-



dos os animais, fostes guardados sem alguma destruição. A vós foi concedido guardar o profeta Jonas, e depois ao terceiro dia lançá-lo na terra são e salvo. Vós pagastes o senso e tributo por Nosso Senhor Jesus Cristo, quando na terra vivendo como pobre não tinha de que o pagar. Oferecendo a S. Pedro a moeda para tal paga de Cristo pelo que, e por estas e outras muitas coisas sois obrigados a louvar e glorificar a Deus.

A estas e outras palavras do Santo, abriam uns peixes as bocas, outros davam sinais de alegria e todos inclinavam as cabeças, louvando a Deus com as demonstrações que podiam fazer. Com estas reverências dos peixes se alegrava em espírito o Santo varão, dizendo em altas vozes. Louvado seja Deus Todo Poderoso que mais ouvido e honrado é dos peixes brutos que dos homens herejes.

(...) Estava Santo António em Pádua, e conhecendo por revelação o que passava acerca do pai, pediu uma tarde licença ao guardião para ir fora da cidade um pouco, e naquela noite, por divina virtude, foi trazido à cidade de Lisboa, e pela manhã fora ao regedor, e rogou-lhe da parte de Deus que não mandasse matar aqueles inocentes. O regedor não consentindo com as razões do Santo, não quis revogar a sentença. Saindo já da cadeia o pai para o degolarem, Santo António o foi esperar ao adro da Sé, onde estava sepultado o moço, e fazendo chegar a justiça à sua sepultura, mandou da parte de Deus ao defunto que saísse do sepulcro. Saiu logo vivo o defunto e assentando-se, o Santo lhe perguntou se aqueles homens que levaram à Justiça, o mataram ou se eram culpados da sua morte. Quiseram os oficiais de Justiça saber dele quem o matara, e o Santo não lho quis perguntar; e ditas aquelas palavras caiu em terra morto como dantes. Visto este grande milagre pelos mesmos oficiais da Justiça, foi o pai do Santo levado ao regedor, e ele e todos os seus foram soltos e livres para sua casa. Naquele dia esteve Santo António consolando o seu pai e parentes em sua casa, e no seguinte, pela manhã, se achou em Pádua. Por mais certo se tem que o Santo estava pregando, e que interrompendo o sermão por espaço de meia hora, viera livrar o pai.

(...) Passada a Quaresma, chegando ao tempo de sua morte, determinou o varão de Deus apartar-se do tumulto de gente, e ir

para lugar solitário, onde com mais quietação se desse ao estudo da contemplação, e assim o fez.

E estando nele o Santo varão, indo um dia a tomar refeição, acabou de cair em uma muito grave enfermidade. Tinha-lhe já neste tempo Nosso Senhor revelado que o havia de levar cedo deste vale de misérias. Chamou então Santo António a seu companheiro, e disse-lhe em segredo: Irmão, temo com minha enfermidade causar turbação aos frades que aqui vêm recolher-se a este oratório, e também porque desejo ser enterrado e morrer em casa de Nossa Senhora, no nosso convento de Pádua; pelo que se vos parece bem, folgaria que me levasseis lá.

Parecendo-lhe melhor conselho e a um oratório que estava perto da cidade, o levaram lá, e aumentando-se-lhe ali mais a enfermidade, recebeu os sacramentos, e depois de se lhe ministrar a extrema unção rezou de se lhe ministrar a extrema-unção rezou com os frades os sete salmos penitenciais, e depois rezou só a Nossa Senhora o hino. **Ó gloriosa Domina.** Estando o Santo por algum espaço com os olhos muito fixos olhando para cima, perguntando-lhe um seu companheiro o que via, respondeu: Vejo a meu Senhor Jesus Cristo; e depois que disse algumas palavras de edificação e devoção, sossegou quase meia hora, ocupado com Deus, e só alma bem-aventurada, despedida da carne, foi trasladada aos céus, vestida de glória. Parecia naquela última hora que dormia, e os seus membros gastos, e a carne descorada pela mortificação e fraqueza, depois da morte se fez tão alva e formosa, que representava aos que a viam a semelhança da Ressurreição. Passou desta vida o bem-aventurado Santo António em Pádua, no ano do Senhor de 1231, a 3 de Junho em uma sexta-feira. Viveu trinta e seis anos, a saber, quinze em casa dos seus pais e na Sé de Lisboa, onde serviu e aprendeu latim, os dois seguintes no convento de S. Vicente de Fora, onde tomou o hábito de cónego regente, e no de Santa Cruz de Coimbra nove, e na Ordem de S. Francisco viveu mais de dez cheio de grande doutrina, virtude e milagres.

Naquela hora do glorioso trânsito de Santo António estava o mais famoso doutor o abade de Vercelli, cónego regular da Ordem de



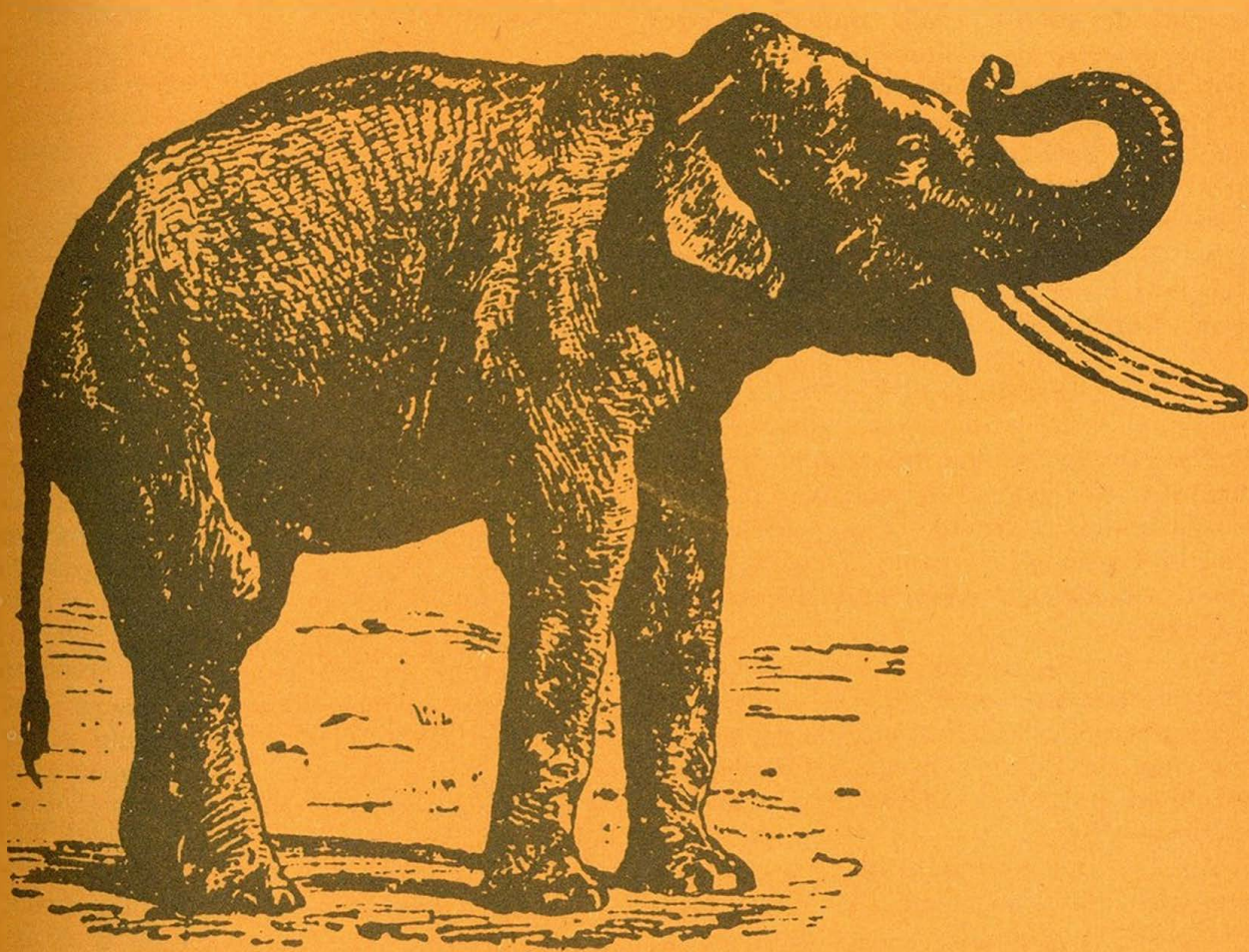
Santo Agostinho, seu mestre e grande amigo, em sua câmara ocupado em divinas meditações, e ali lhe apareceu o Santo, e depois de se saudarem disse Santo António: Eu, senhor abade, deixo o meu asninho e vou muito depressa para a minha Pátria; e tocando na garganta do abade, que a tinha doente, lhe deu saúde e saindo para fora da câmara, sem mais lhe dizer palavra desapareceu.

O abade não entendendo aquela visão, cuidou que o Santo passava a Portugal, sua Pátria, e saindo atrás dele para o deter um pouco mais, nem houve quem lhe desse notícia dele. Tomando, porém, sobre si, considerou o caso, e entendeu que Santo António partira para a Glória, e notando o tempo, achou que na mesma hora em que lhe apareceu, passor desta vida.



— Se quer a minha opinião, até as pernas têm um ar culpado!





o animal do mês



É-nos difícil a nós, homens ocidentais, conceber o elefante como animal doméstico. Ele tem sido, porém, pela inteligência e pela docilidade, um dos mais constantes companheiros dos homens. Não deve, evidentemente, entender-se por isto que, junto de distantes choupanas da Índia, elefantes de coleira de picos dormitam fazendo a sua guarda, ou que em longínquos palácios birmanes, senhoras gordas e flatulentas acariciem no colo simpáticos proboscídeos e lhes dêem bombons.

A domesticidade do elefante é de diferente ordem. Tem ele sido empregado como animal de guerra, como animal de circo, como processo de deslumbrar estrangeiro — tem sido venerado como animal sagrado.

Hoje, aqui no Ocidente, perdeu até o encanto da novidade, e vegeta, sonolento e triste, nos vários jardins zoológicos, levando meninos às cavaleiras ou tocando sinetas em troca de molhos de erva. O seu tempo passou mas histórias que dele se contam merecem, amplamente, ser lembradas.

## O ELEFANTE DE PORUS

Na famosa batalha travada entre Porus um dos mais poderosos monarcas da Índia e Alexandre, o Grande, este perdeu o seu cavalo **Bucéfalo**, enquanto Porus viu morrer o seu elefante **Ajax**, animal corajoso e inteligente.

Passado o rio Hidaspo, Alexandre encontrou-se em frente de Porus: este pusera todos os seus elefantes à frente do exército. A presença de Porus e a vista dos elefantes arrefeceu um pouco o entusiasmo dos macedônios.

Aqueles animais monstruosos, organizados em esquadrões, pareciam, de longe, torres e o príncipe hindu, de enorme estatura, parecia ainda maior, sobre um elefante que sobrepunha todos os outros.

Ao ver este espectáculo, Alexandre gritou: «Enfim, encontro um perigo digno da minha coragem. Hoje estou em frente de animais ferozes e de homens valentes».

Avançou destemidamente e quando já tinha desbaratado um batalhão inimigo, Porus lançou-se rápido ao seu encontro, com uma frente de elefantes majestosos. A sua aparição causou um pavor medonho: os gritos horríveis, que não eram habituais, ater-

# O ELEFANTE

rorizaram não só os cavalos mas também os homens.

De repente, o pânico surgiu com tal impetuosidade que embora os macedônios, momentos antes, estivessem certos da vitória, agora apenas viam como único recurso a fuga.

Era um espectáculo assombroso observar a perícia com que eles levantavam os homens completamente armados e os atiravam para longe. Durante uma grande parte do dia o combate manteve-se indefinido e conservar-se-ia no mesmo ritmo se a determinada altura os macedônios não tivessem descoberto um meio ideal para atacar: com machados preparados expressamente começaram a cortar as patas dos elefantes: além disso tinham também espadas curtas e recurvadas em forma de foice com as quais lhes cortavam a tromba.

Porus, vendo-se abandonado pela maior parte dos seus soldados, começou a desfechar as suas setas e feriu muitos dos inimigos que o rodeavam. Mas ele próprio recebera nove ferimentos. O elefante que montava, retalhado de golpes, não conseguia avançar mais. Porus foi assim obrigado a parar e com alguns dos seus homens resolveu fazer face aos inimigos que o perseguiram.

Alexandre, vendo isto, ordenou às suas tropas que passassem à espada tudo quanto resistisse. Começaram a atirar de todos os lados. Porus, crivado de flechas e de lanças; tombou. Quando o seu elefante o viu



por terra arrancou-lhe, com a tromba, as armas que o feriam. Alexandre supondo que Porus estava morto, mandou despojá-lo da armadura e dos trajos, mas quando os soldados se preparavam para o fazer o elefante levantou o dono com a tromba e tornou a colocá-lo no dorso. No mesmo instante ficou coberto de flechas mas antes de exalar o último suspiro deixou-se cair por terra com precaução para não esmagar aquele que até ao derradeiro instante defendera.

### O ELEFANTE SALTEADOR

Havia no Sião um elefante que se lançava sobre os viajantes, os derrubava, os roubava e levava o produto do roubo para uma caverna onde tudo estava arrumado em boa ordem.

Um mercador foi um dia surpreendido por este elefante que, em vez de o atacar lhe estendeu uma das patas, gemendo. O viajante retomou a coragem e tirou da pata do animal uma enorme espinha que nela se encravará. Imediatamente o elefante começou a acariciar o seu benfeitor, levantou-o com a tromba, colocou-o no dorso, levou-o à sua caverna, mostrou-lhe o seu tesouro e foi-se embora.

O mercador contou o que lhe sucedera aos magistrados da localidade mais próxima e estes concederam-lhe uma parte do que se encontrava na caverna, sendo o resto devolvido àqueles que provaram ser os donos.

### O ELEFANTE DE LUÍS XIV

Foi em 1668 que o primeiro elefante foi visto na corte de França, podemos mesmo dizer em toda a França, com a excepção daquelle que, em 802, o Califa Harun-al-Rachid oferecera a Carlos Magno. O animal fora oferecido ao Rei Sol pelos portugueses e era oriundo do Congo. Tinha quatro anos e rapidamente adquiriu maneiras próprias de cortesão do século.

Quando Sua Majestade aparecia, apresentava-se-lhe com reverências e acariciava-o com a tromba lançando berros estridentes.

Os parisienses vinham em multidão admirar o real bicho e este testemunhava a sua amizade com toda a espécie de graciosidades que espantavam, tanto quanto encantavam, o público.

Os maiores pintores da época retrataram-no. Um deles exigiu uma pose complicada em que o elefante de boca aberta estava rodeado de laçaios que simulavam alimentá-lo com pães. Achando a posição incómoda o elefante aproveitou um momento em que o pintor estava distraído, encheu a tromba de água e regou, num jacto, o artista e a tela.

Este elefante deixou memória de outra proeza que os cronistas igualmente registaram. Como um dos seus guardas o tivesse um dia maltratado, quis vingar-se. Pegando no homem com a tromba fê-lo girar várias vezes por cima da cabeça e atirou-o depois violentamente ao chão, esmagando-o.

### OS ELEFANTES DE PEQUIM

Um viajante que visitou Pequim em meados do século passado conta que o governador das cavaliças do Imperador tinha adestrado os elefantes de maneira a executarem diversas habilidades.


Uma vez na presença do embaixador do czar, estes animais rugiram como tigres e leões, mugiram como touros, relincharam como cavalos e imitaram o canto dos pássaros: chegaram mesmo a simular o som da trombeta.

### O ELEFANTE DA EMBAIXADA DE D. MANUEL AO PAPA

O nosso rei D. Manuel, depois da descoberta do caminho marítimo para a Índia, mandou ao Papa Leão X uma luxuosa e riquíssima embaixada, de que fazia parte um elefante chamado Hamon; o animal chegou a Roma em 1514 e fez três genuflexões diante do Papa, depois de o ter aspergido três vezes com água perfumada de pétalas de rosas que retirava de uma taça — o que excitou o entusiasmo dos romanos e deu origem a uma série de composições poéticas em latim e italiano.

Mais tarde quiseram que o animal figurasse nas festas em honra de Julião de Medicis. Tinham-lhe armado no dorso uma torre cheia de gente mas mal o animal ouviu o primeiro tiro de canhão, das salvas, começou a fugir através da multidão e foi precipitar-se no Tibre, para grande susto daqueles que transportava.





**O  
ÚLTIMO  
TIRO**



# conto de terror por Tally Mason

Se eu não tivesse sido descoberto no vagão de carga do comboio, nunca esta narrativa teria sido escrita.

No entanto, vou relatar o que me aconteceu naquela noite.

Contra os meus desejos, encontrei-me em terra, num lugar desconhecido, pouco antes da meia-noite.

Ao longe, divisava o reflexo de imensas luzes. Lá estava Milwaukee para onde eu me dirigia. A pé, noite alta, era impossível avançar. E, agora ali estava eu, em pleno campo, rodeado da mais densa escuridão.

Em vez de tentar encontrar um problemático povoado, decidi dirigir-me à primeira luz que se me deparasse. Não sabia bem qual a melhor atitude a tomar: contar o que me acontecera ou inventar uma desculpa aceitável?

Estava tão cansado, que achei melhor dizer a verdade. O problema era encontrar alguém a quem contar fosse o que fosse.

De repente vi uma casa. Estava escondida no meio dum grupo de árvores. Aquilo não me agradou de modo algum. A casa, à medida que me aproximava exalava um cheiro nada convidativo. Hesitei um momento, mas rendi-me à evidência. Em determinadas situações temos de esquecer a nossa sensibilidade. Dominei-me e bati à porta.

Atendeu-me uma rapariga nova e bonita. Abriu a porta, calmamente, sem que o menor ruído se ouvisse. Estava ali à minha frente com uma lanterna na mão.

— Boa-noite — disse eu — haverá maneira de eu aqui pernoitar?

Afastou-se para me deixar passar. Entrei cheio de alegria. Aquele laconismo agradava-me. Talvez nem fosse necessário contar a minha história.

Além dela, havia dois homens na casa. À primeira vista eles pareciam mais velhos que ela. Mas quando a mulher se aproximou da mesa e se inclinou entre os dois homens para repor a lanterna no meio da mesa, vi que era na realidade, muito mais velha do que a princípio me parecera. Naquele momento aparentava quarenta anos.

Eles, seguramente, pouco mais teriam do que trinta.

Olharam-me com curiosidade. Um deles voltou-se para a mulher.

— Quem é, Amy? — perguntou.

Ela limitou-se a encolher os ombros.

— Não sei quem seja. Perguntou-me se cá podia passar a noite, e suponho que não haja inconveniente, ou há?

— Chamo-me Dan Masas — disse eu — Para falar verdade, devo-lhes dizer que fui apanhado a viajar de graça num vagão de carga. E, claro fui obrigado a dar o «salto».

Os homens sorriram vagamente. A mulher, por sua vez, não pareceu impressionada com o que eu contara. Um momento depois, os três começaram a falar entre si, como se eu não existisse.

Pelo que depreendi um chamava-se Con e o outro Al. Depois de me terem concedido a honra de um olhar, esqueceram-me completamente.

Eu estava cansado e pouco à vontade. Olhei à minha volta e descobri um divã a um canto. Indiquei-o com a cabeça.

— Posso dormir ali? — perguntei.

Mal tinha fechado os olhos, quando fui despertado. Falava-se num tom ameaçador e a conversa deixava antever que o assunto era grave. Sorrateiramente, olhei-os. Estavam sentados à mesa, as três cabeças muito juntas. Con falava.



— Ou Reeding ou nós. Não há outra saída. Uma vez que lhe tirámos a carga, automaticamente passou a ser nosso inimigo. Conheço-o o suficiente para saber que não é homem para perder tempo. Além disso não é pessoa para resolver os assuntos com palavras mansas...

Ainda eu não tinha atingido o sentido destas palavras quando a porta se abriu: o homem em questão estava ali. Os outros deram pela sua presença através da voz brusca e áspera que os interrompeu.

— Com que então, Amy, temos agora o joguinho da traição, não?

Os três voltaram-se e, instintivamente, procuraram as armas. Mas Reeding foi mais rápido e imediatamente as mãos dele dirigiram-se para os bolsos do casaco, onde pelo volume, depreendi estarem lá duas armas.

— Não pensavam que eu viesse tão depressa, não é verdade? — prosseguiu Reeding com um sorriso diabólico.

Não gostei do tom da sua voz. Era ameaçador e demasiado directo. Os outros deviam pensar o mesmo pelo que pude analisar. Estavam terrivelmente assustados, dominados por um pânico sem nome.

Reeding continuou a falar.

— Malditos aldrabões! E estúpidos, ainda por cima! Pensavam sair-se bem, não?

«Mas para isso deviam ter escolhido outro, e não Reeding!

O resto passou-se com uma rapidez incrível. Soaram dois tiros e logo os dois homens caíram redondamente no chão. Um deles estremeceu um pouco e foi tudo. Morreram quase instantaneamente.

A mu'her tinha agido quase tão rápida como Reeding. Pegou no revólver e disparou antes de ser atingida. Mas tombou imediatamente. Eu tremia, encolhido no meu canto. A cada segundo que passava imaginava-me descoberto e morto com a mesma frieza com que os outros o tinham sido.

Ele, calmamente mudava a posição dos cadáveres. Por fim ergueu-se e reparou que estava ferido no antebraço. O sangue manchava o tecido do casaco.

Eu nem tinha coragem para respirar. Olhou cuidadosamente à sua volta.

Apanhou os dois revólveres que os outros nem tinham tido tempo de disparar, e deixou o dele ao lado.

Depois, bruscamente, voltou-se e saiu tão rápido como entrara. Esperei um momento e, em seguida, levantei-me, tremendo de medo, não voltasse o assassino repentinamente. Aproximei-me dos cadáveres. Reeding colocara-os numa posição que deixava sugerir que tinha havido uma luta sangrenta.

Nem sei como consegui sair daquela casa. Apenas me lembro de que corri pelo primeiro caminho que se me deparou. Andei durante tempo, horas ou talvez apenas minutos, completamente perdido. Finalmente cheguei ao povoado. Dirigi-me ao bar. Pela minha experiência anterior sabia já ser aquela a única casa onde seria bem recebido.

Perguntei logo onde era o posto do xerife.

Por muito incoerente que fosse a história que relatei, o meu nervosismo e ansiedade impressionaram o xerife. Vestiu qualquer coisa e partimos no automóvel da autoridade.

A luz estava apagada. Durante momentos receei que Reeding tivesse voltado.

Olhei para o xerife e reparei que ele me analisava com curiosidade.

— Ouça lá — disse-me por fim. — Que coisa é esta? Você disse que foi aqui nesta casa que se cometeu um crime?

— Presenciei tudo — respondi-lhe. — Com tanta realidade como agora o estou a ver a si.

O xerife avançou e eu segui-o. A casa estava completamente vazia! A sala onde eu há pouco estivera não parecia a mesma. A mesa e a cama estavam viradas e encostadas à parede. Os lençóis onde eu me deitara estavam a um canto, todos enrodilhados. Tive a impressão de que se lhes tocasse ainda os sentiria quentes.

O xerife estava furioso.

— Conte lá essa história novamente! — disse.

O facto de ter encontrado o lugar completamente mudado desorientou-me. No entanto sentia-me consideravelmente mais calmo. E com muito mais coerência repeti o que me sucedera.

Quando terminei o xerife disse-me:

— Não sei onde diabo desencantou você essa história, ou o que bebeu, mas Con Albrite, Al Paxton e Amy Pearson, apareceram mortos há uns três meses, certamente devido a desinteligências que só a eles diziam



respeito. O caso foi absolutamente claro. E Reeding nada teve a ver com o caso embora os outros bandidos o tivessem roubado.

É essa a única relação que houve entre os quatro. Ter sido vítima de ladrões assassinos.

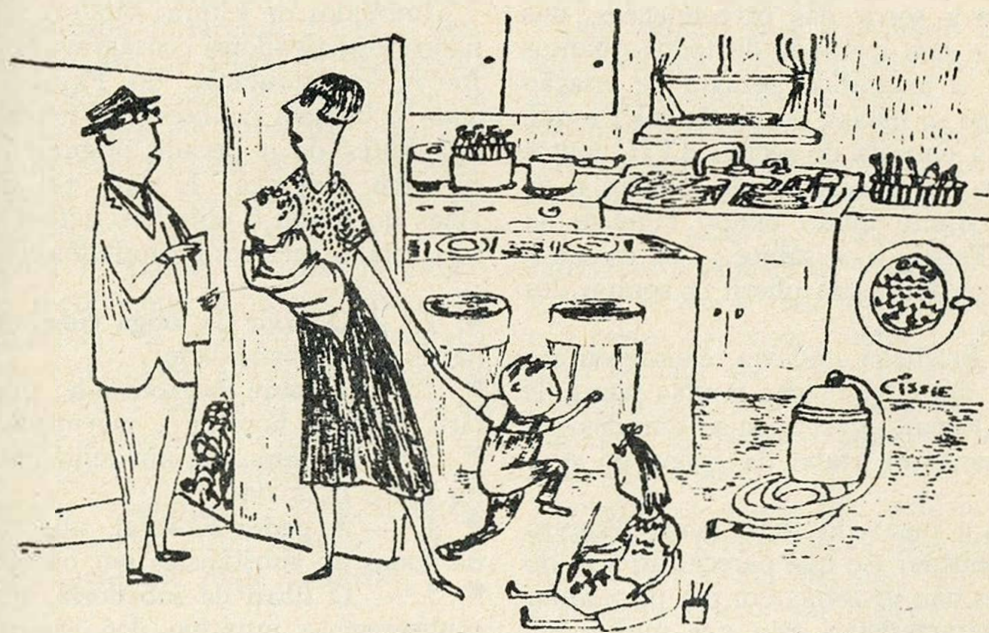
A única explicação plausível era ter havido ali uma aparição de seres do outro mundo. Espíritos ávidos de vingança, talvez. Mas o homem concluiu ter eu tido conhecimento do facto pelos jornais e sonhado em seguida. E, evidentemente era uma explicação aceitável. A única possível, certamente.

O resultado foi terem-me dado um quarto

na prisão da aldeia para passar o resto da noite.

Mas na manhã seguinte quando me despedi do xerife achei-o com um ar desconcertado e quase a querer pedir-me desculpa.

Era um caso inexplicável para ele, e para toda a gente, a morte súbita de Reeding devido a uma infecção no antebraço, resultante de um tiro. E, mais fantástico ainda, era o facto dessa bala ter sido disparada por um revólver, que se sabia ter sido muito tempo antes roubado por Amy Pearson a um polícia bêbado...



— Trata-se dum inquérito para ver como a dona de casa média ocupa os ócios



# A CIÊNCIA:

## procura o elixir da longa vida

Fascinados pelo prodigioso desenvolvimento da ciência moderna, os homens tendem a desvalorizar os esforços dos investigadores medievais e a sorrir das preocupações, das esperanças e dos métodos de todos quantos precederam o magnífico período de criação científica que se iniciou no século XVI e que veio a ter, à entrada do século XVII, vultos da grandeza de Descartes, de Galileu e de Newton. Durante muito tempo falou-se na **Idade das Trevas** e os sábios — ou os semi-sábios — consideravam pueris os sonhos dos alquimistas...

Marcelin Berthelot, todavia, consagrou aos formulários dos alquimistas muitas horas de estudo. E Renan preocupou-se em desvendar o pensamento árabe da época de Avicena.

Mas qual a razão do quase geral desprezo pelos alquimistas? Ao que parece, provém do facto de eles não investigarem por puro amor de saber, característica esta que muitas vezes se considera típica dos cientistas modernos. O grande pecado dos alquimistas consistiria nas suas preocupações essencialmente práticas! O saber pelo saber não lhes interessava...

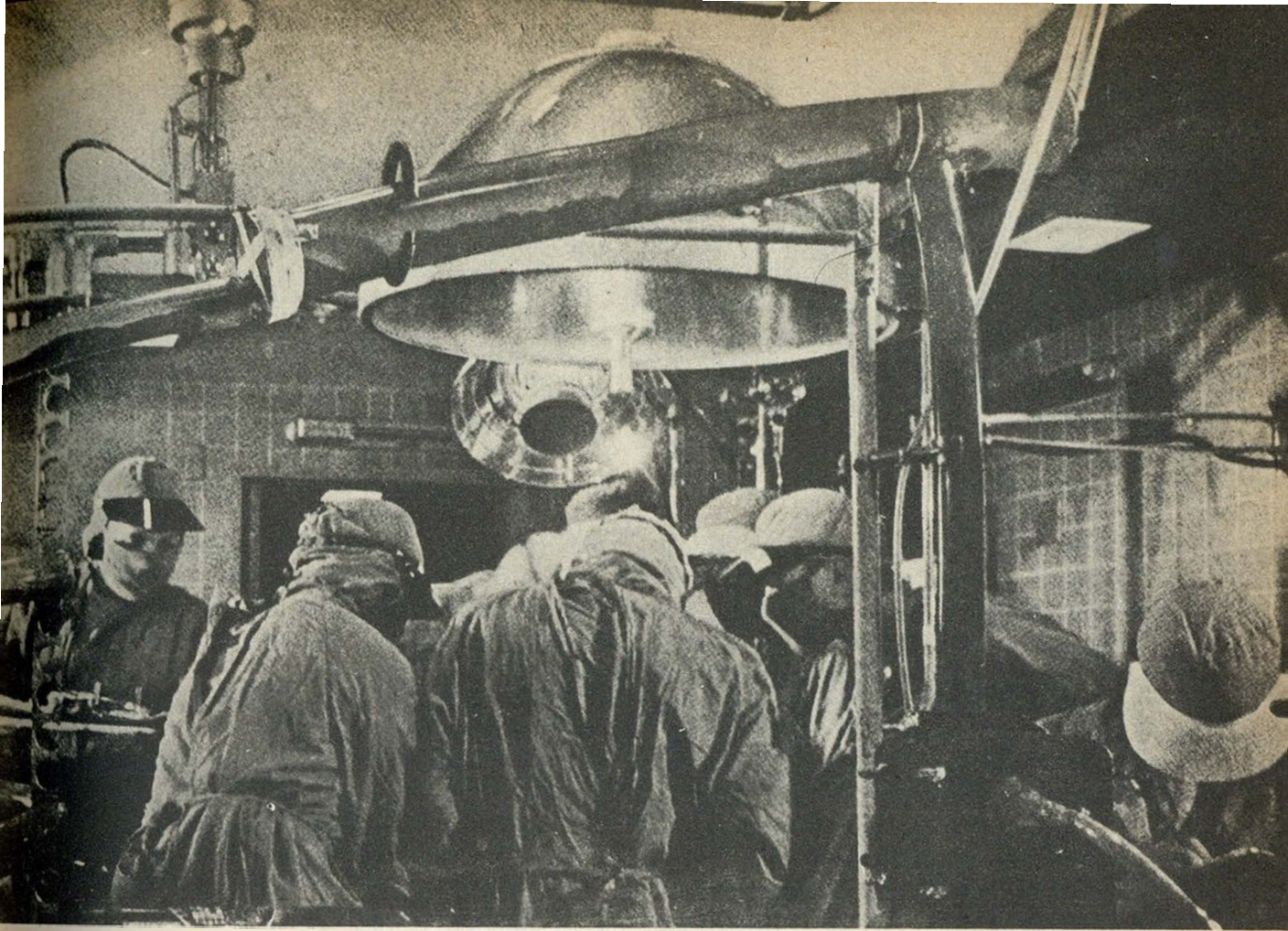
### A RESTAURAÇÃO DO PARAÍSO TERRESTRE

Imbuídos de leituras bíblicas, esses obstinados investigadores consagravam os seus esforços à restauração do Paraíso terrestre, onde o homem conhecera a felicidade absoluta antes de o pecado original o ter feito cair em desgraça. E para tal alcançarem (mas no fundo o objectivo actual da ciência não será o mesmo?) propunham-se criar:

- 1.º — **O elixir da longa vida**, destinado a dar-lhes a imortalidade;
- 2.º — **A fonte da mocidade**, que conquistaria para os homens a juventude eterna;
- 3.º — **A panaceia**, um remédio que curaria todos os males;
- 4.º — **A pedra filosofal**, que transformaria todas as substâncias em ouro;
- 5.º — **O filtro da sabedoria**, que daria o conhecimento intuitivo das leis que regem todos os fenómenos, assim como a distinção entre o bem e o mal.

Se os objectivos nos podem obrigar a sorrir, os métodos eram muitas vezes chocantes. Su-





pondo que toda a sabedoria fora revelada a Adão e que só pouco a pouco se acabara por perder, os alquimistas procuravam nos escritos dos seus predecessores e dos filósofos da antiguidade as **receitas** e não as **leis**. No famoso quadro de Dürer **A Melancolia** pode ver-se uma balança. Mas essa balança não se destina, como em Lavoisier, a sujeitar as reacções químicas a uma análise ponderal. Os alquimistas nunca pensaram em interrogar a Natureza e induzir leis, como mais tarde proporá **F. Bacon**. As suas investigações eram meramente empíricas, cheias de magia. As lendas de Aladino e a lâmpada maravilhosa e do tapete voador de Bagdade dão-nos uma ideia do clima espiritual da época em que se moviam os alquimistas. Só depois do século XVI foram lançadas as bases do método experimental, onde **os factos sugerem as ideias, as ideias dirigem a experiência e a experiência julga as ideias**.

#### A DESCOBERTA DO FÓSFORO

Mas a obstinação com que os alquimistas procuraram alcançar aqueles cinco objectivos atrás citados levou-os a algumas descober-

tas. Sòmente: eram tão pequenas ao pé dos fins que eles se propunham! E desse modo não lhes davam importância e muitas vezes nem as publicavam!

Que importava a Raimundo Lúlio que o ácido azótico fosse destilado nos seus matrizes? Que importava a Basílio Valentim descobrir o ácido sulfúrico? E, desse modo, numerosas substâncias foram descobertas mais do que uma vez e postas de lado! Gallius, um século antes de Brand, procurando nos cadáveres o **espírito da vida** descobriu o fósforo e serviu-se dele para tornar as mãos e o rosto luminosos, meter medo ao carcereiro e fugir da prisão! Depois, contou a aventura, mas não ligou a mais pequena importância à grande descoberta científica que acabava de fazer!

Imagine-se o que não seria a vida desses homens de génio, intoxicados pelos vapores que se escapavam das suas retortas, sempre à procura de algo que lhes escapava! Imagine-se Brand recolhendo um vapor que inflamava no ar, levando-o à água e vendo-o condensar-se num sólido que luzia na obscuridade! Não estaria aí a essência do calor do sangue, o fluído que caracterizava a vida e



que a pōderia conservar, que poderia mesmo reanimar um cadáver? O entusiasmo conquista-o, a sua imaginação fá-lo entrever um mundo novo onde ele terá o poder de Deus! Ah, tudo isso se esvai! Tratava-se apenas dum elemento simples, o fósforo! E uma aventura semelhante veio a suceder com Cavendish quando preparou pela primeira vez o hidrogénio!

### A PEDRA FILOSOFAL

A ciência moderna afastou-se das concepções antigas, segundo as quais a matéria é constituída por terra, água, ar e fogo. Descobriu-se que esses pretendidos elementos eram compostos. E mais tarde, com Rutherford e Bohr, o átomo foi considerado um sistema solar em miniatura: em torno dum núcleo carregado de electricidade positiva giram em órbitas elípticas os electrões planetários... E assim as propriedades químicas do átomo são inteiramente determinadas pelo número de electrões planetários e pelas suas posições nas diferentes órbitas. Pois bem: graças aos esposos Joliot-Curie foram realizadas verdadeiras transmutações, isto é: dum elemento puderam eles obter outro elemento, bastando-lhes para tal modificar o número de partículas que constituíam os átomos! Deste modo se voltava à velha ideia da unidade da matéria e à legitimidade das investigações feitas no sentido de conseguir a pedra filosofal!

Claro: o sonho de Raimundo Lúlio ainda está longe de se realizar. As quantidades de matéria transmutadas são ainda mínimas: alguns átomos somente! Contudo o mais difícil está feito...

### O ELIXIR DA LONGA VIDA

Dediquemos agora a nossa atenção ao que se passa na biologia, para vermos como também aí o acordo com algumas velhas ideias se torna nítido. Menos avançada do que a Física, a Biologia não nos oferece ainda realizações tão perfeitas. Ainda não conseguimos prolongar indefinidamente a vida, nem obtivemos a juventude eterna.

Durante muito tempo, os sábios estudaram o mecanismo do envelhecimento.

Ora a descoberta do papel capital desempenhado pelas hormonas no nosso organismo

deu-nos a chave do enigma. As hormonas (do grego **hormaô**: excito) são substâncias segregadas em quantidades mínimas pelas glândulas de secreção interna, as chamadas glândulas endócrinas. As principais são a tiroideia, as cápsulas supra-renais, e a hipófise e certas glândulas mistas, tais como: o fígado, os ovários e os testículos. As secreções são lançadas no sangue. Sob o efeito dessas substâncias, outras glândulas segregam, por sua vez, os produtos necessários à vida.

Ora o envelhecimento relaciona-se com o funcionamento das glândulas endócrinas, funcionamento esse que pode ser ajudado, se for necessário, por injeções de hormonas. Brown-Sequard abriu as portas a esse novo tratamento.

Mas o envelhecimento relaciona-se também com a intoxicação dos diferentes órgãos do corpo humano. Para evitar isso, torna-se necessário que todas as substâncias ingeridas sejam convenientemente assimiladas. Isso exige que os alimentos conttenham uma quantidade suficiente de vitaminas. Estas podem ser preparadas a partir de produtos naturais ou fabricadas por síntese. A vitamina A regula o metabolismo mineral, a vitamina B actua sobre o funcionamento do sistema nervoso, a vitamina C é antiescorbútica e a D anti-raquítica...

E deste modo, eis-nos armados para defender convenientemente a saúde e a mocidade. Mas há males que atingem os organismos, mesmo os que parecem mais saudáveis. Conseguiremos nós descobrir a tal panaceia que procuravam os alquimistas? Dir-se-ia que nos aproximamos desse dia... A maioria das enfermidades provém da presença de micróbios patogénicos no nosso organismo. Precisamos de os destruir ou, pelo menos, de neutralizar as toxinas que eles segregam. Para isso, dispomos de vários modos de ataque:

1.º — As substâncias minerais ou orgânicas que matam os micróbios: por exemplo, o agente da sífilis é combatido pelo arsenobenzol;

2.º — A vacina e a seroterapia que curam introduzindo ou provocando a formação de anticorpos destruidores das toxinas microbianas;

3.º — Os bacteriófagos, micróbios que destroem outros micróbios.

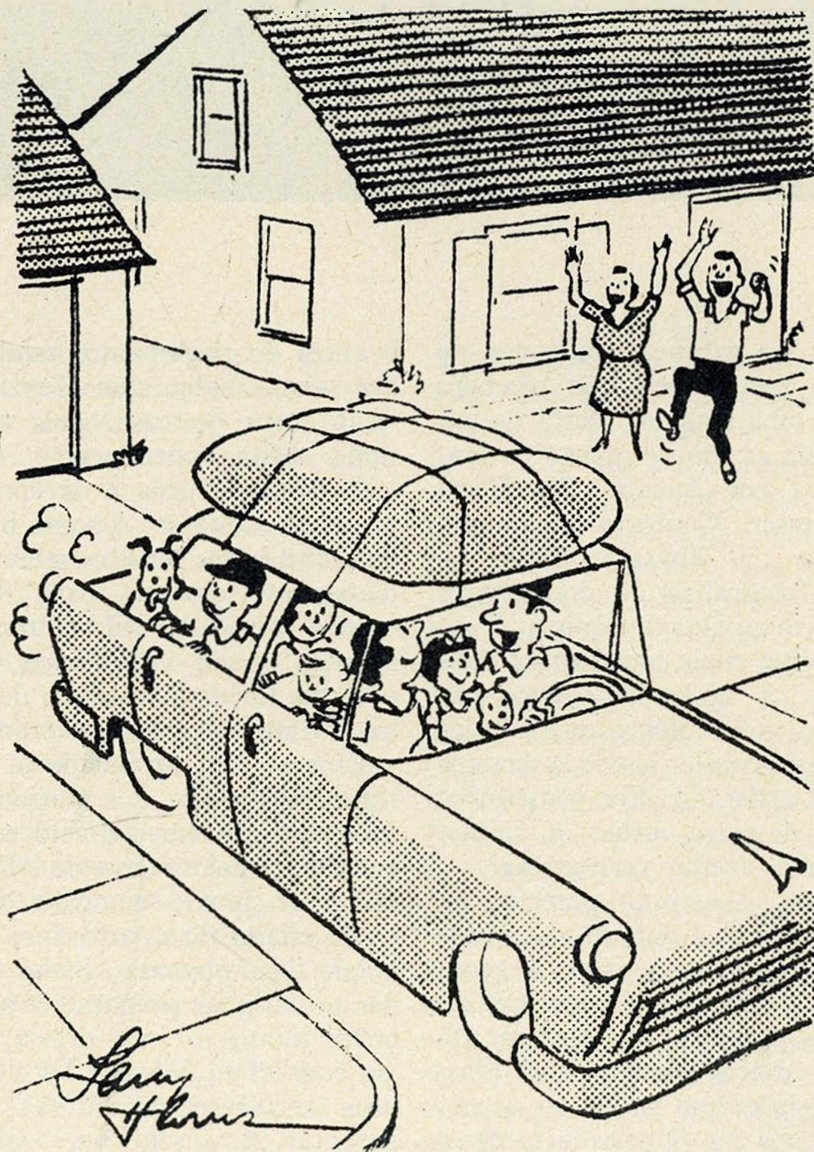


Os antibióticos são uma descoberta recente que trouxe novas forças ao combate contra a doença. E todos os dias — pode dizer-se — novas descobertas, umas mais importantes, outras menos, surgem no campo da medicina.

Deste modo a Ciência moderna vai-nos aproximando, paradoxalmente, da realização dos sonhos que, durante dez séculos, fascinaram os alquimistas. Há, todavia, uma conquista que a Ciência considera impossível de

realizar: **o filtro da sabedoria**, o elixir maravilhoso que daria aos homens uma visão exacta da Natureza e que os ensinaria a distinguir o bem do mal. Mas não fiquemos tristes! Quando Deus perguntou a Salomão que presente desejava ele, o grande rei pediu a sabedoria, o que prova que não a tinha...!

E onde Salomão podia passar sem ela, nós que não somos reis, nem grandes, também podemos passar!



— Acho que os Johnson ainda estão mais ansiosos pelas nossas férias, do que nós!



## a operação Cícero

Quando chegou ao gabinete, falou-me de um telegrama de von Papen que recebera havia pouco e de uma singular oferta de um homem que se dizia criado de quarto do embaixador britânico em Ancara, **Sir Hugh Knatchbull Hughessen**. Contra o pagamento imediato de vinte mil libras esterlinas, o homem oferecia fotografias de documentos ultra-secretos da embaixada britânica. A seguir, procuraria obter mais fotografias, também interessantes, à razão de quinze mil libras esterlinas o rolo, oferta que nitidamente se relacionava com os serviços secretos e revestia aspecto arriscado. Por consequência, Ribbentrop desejava saber a minha opinião. Deveríamos aceitar ou recusar?

À primeira vista, o assunto parecia, na verdade, extraordinário. Contudo, as informações eram demasiadamente vagas e generalizadas para que pudéssemos formar opinião consciente. Frequentemente, no decorrer do trabalho para os serviços secretos, fora obrigado a tomar decisões um tanto ao acaso, o que pouco a pouco me desenvolvera certo sentido intuitivo. O facto dos pagamentos só deverem serem efectuados contra a entrega dos documentos oferecia, pelo menos na aparência, algumas garantias. Porém, uma inspecção rápida do filme, após a entrega

e antes do pagamento, também me parecia necessária. Sabia que Moyzisch se ocuparia muito bem do caso, pois era inteligente e tinha muita experiência.

Pesados os prós e os contras, aconselhei a que se aceitasse. A soma inicial — retirada dos fundos dos serviços secretos — seria imediatamente enviada para Ancara por um correio especial. Ribbentrop, com o meu acordo, avisou von Papen telegraficamente e no dia imediato seguiam de avião para Ancara vinte mil libras esterlinas.

Esperei com ansiedade o primeiro relatório de Moyzisch, que chegou ao fim de três dias. Entrara em contacto com um homem, conhecido pelo nome de «Pedro», apresentado por Jenke, em casa de quem servira como criado de quarto anos antes. Na qualidade de diplomata, Jenke devia desconfiar das armadilhas preparadas pelos serviços secretos inimigos e não desejava comprometer-se com «Pedro»! Por isso, assim que «Pedro» se apresentou em sua casa, mandou-o procurar Moyzisch, que logo nessa noite o recebeu.

«Pedro» era de estatura mediana, pálido, olhos negros profundamente mergulhados nas órbitas e um queixo voluntarioso. Falava pouco, mas impressionou Moyzisch, que o





*fala  
um ex-chefe  
da contra-espionagem  
alemã*

achou um homem frio, decidido a tudo e muito inteligente, respondendo precisa e claramente a todas as perguntas. Após uma conversa algo dramática com esta personagem, Moyzisch ficou muito embaraçado. Como agente dos Serviços Secretos, a proposta tentava-o seriamente. Por outro lado, a importância pedida era muito elevada e o negócio extremamente arriscado, além de não ter à sua disposição divisas estrangeiras suficientes.

Para complicar ainda mais as coisas, «Pedro» reclamava uma decisão no prazo de três dias, indicando com um gesto inequívoco a embaixada dos soviéticos, querendo significar que havia outros clientes interessados, Moyzisch fora procurar von Papen para obter uma decisão do Ministério dos Negócios Estrangeiros no mais curto espaço de tempo e, se necessário, pedir a soma exigida.

**O CORREIO ULTRA-SECRETO  
DA EMBAIXADA BRITÂNICA**

Quando Moyzisch recebeu os primeiros filmes, desenrolou-os e examinou-os rapidamente antes de pagar. O conteúdo dos dois primeiros era sensacional. Von Papen transmitiu-os logo, telegraficamente, a Ribben-

trop. Quando se receberam os relatórios de uma vista de olhos às cópias dos filmes. Era correio ultra-secreto entre a embaixada inglesa e Ancara e o Foreign Office, em Londres. Havia também notas manuscritas pelo embaixador acerca da evolução das relações entre a Grã-Bretanha e a Turquia e aquele país e a Rússia. De grande importância também, uma lista de todo o material entregue pelos Estados-Unidos à Rússia sob o regime de empréstimo-caução em 1942 e 1943 e ainda um relatório provisório do Foreign Office sobre os resultados da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros (Cordell Hull, Eden e Molotov) em Moscovo, em Outubro de 1943.

(...) Discutimos depois a singular personalidade de «Cícero». Dizia ele que o pai, habitando Constantinopla quando da Primeira Guerra Mundial, fora arrastado para uma questão em que entrava a irmã de «Cícero», que fora morta. Noutra ocasião pretendeu que o pai fora morto por um inglês na Albânia no decorrer de uma partida de caça. Por isso odiava os ingleses. A não concordância destas duas versões deixava antever dúvidas quanto à franqueza de «Cícero», mas os documentos falavam por si. O homem afirmava também não saber uma palavra de



inglês, o que mais tarde se revelou inteiramente falso. Tais pormenores pareciam-me sem qualquer importância, mas tornavam difícil convencer Himmler e Hitler da autenticidade dos documentos.

Por fins de Dezembro, vieram juntar-se às primeiras outras dúvidas acerca da franqueza de «Cícero» e, por consequência, quanto à autenticidade dos documentos. «Cícero» afirmara sempre que trabalhava sozinho e tirava as fotografias sem qualquer ajuda, tendo-se treinado durante anos seguidos. Na sua versão agia assim: como criado de quarto do embaixador, ajudava-o a despir-se à noite. Em geral, o embaixador tomava pílulas soporíferas e, quando ele estava a dormir, «Cícero» continuava no quarto para escovar e preparar o vestuário do patrão para o dia seguinte. Podia tirar a chave do cofre-forte, abri-lo, e em seguida, utilizando uma lâmpada, fotografar os documentos que lhe interessavam, com a ajuda de uma «Leica» que lhe havíamos fornecido. Em menos de meia hora, todos os documentos voltavam ao cofre-forte e o fato do embaixador encontrava-se escovado e dobrado... Perfeito, sem dúvida... De repente, descobrimos numa das fotografias marcas dos dedos de «Cícero»

### UM HOMEM SÓ?

Consultei todos os peritos em fotografia e os técnicos do meu serviço. Esforçando-nos por reconstituir os actos de «Cícero» chegámos à conclusão de que lhe era materialmente impossível segurar os documentos e fotografá-los ao mesmo tempo. Conclusão dos peritos: o homem não podia trabalhar só.

Esta circunstância provava à saciedade que «Cícero» não dizia a verdade, o que no entanto, não implicava a falsidade dos documentos. Conseguíramos, por seu intermédio, decifrar uma parte do código diplomático inglês. Uma das informações mais importantes fornecidas por «Cícero» dizia respeito ao desembarque em França, que estava projectado, e que, em código era designado por «Operação Overlord». Avisei logo o general Thiele, que meteu ombros ao trabalho, e dentro em pouco estávamos em condições de determinar onde e quando a

palavra Overlord aparecia nas comunicações de rádio do inimigo.

Os meus peritos deram o conselho seguinte: «Cícero» faria, com cera especial, fornecida por nós, um molde da chave do cofre-forte. Enviámos o material necessário, com as indicações para uso, e uma pequena caixa especialmente feita para o caso e dentro da qual nos mandaria o molde. Ao fim de muito pouco tempo recebemos efectivamente o molde pedido, e o nosso serralheiro meteu mãos à obra. Três dias depois encontrei sobre a secretária a chave rebrilhante do cofre-forte do embaixador da Inglaterra em Ancara. Verdadeira obra de arte!

(...) Além dos borrões dos despachos em código, manuscritos por Sir Hugh Knatchbull-Hughessen, acerca das relações entre a Inglaterra e a Turquia, os documentos fornecidos por «Cícero» eram entre outros:

Um relatório sobre a Conferência do Cairo, em Novembro de 1943, entre Roosevelt, Churchill e Chang Kai Chek.

(...) 20 — Relatório sobre a conferência de Teerão (28 de Novembro a 3 de Dezembro de 1943) entre Roosevelt, Churchill e Estaline e também sobre as discussões do comando militar aliado, que igualmente ali se realizaram.

### UM ESFORÇO INÚTIL

(...) O estudo dos documentos «Cícero» deixava o leitor positivamente varado. Os comentários dos nossos serviços de avaliação eram simples, claros e sem enganos possíveis. Só Ribbentrop, procurando ler nas entrelinhas, descobria, como sempre, a prova de uma tensão persistente entre a Rússia e os aliados ocidentais. E como sempre, também, tal opinião encontrava eco no chefe supremo.

Hitler reagiu exactamente como eu previra. Declarou mais necessária que nunca a união de todas as forças para a guerra total e destruição completa do inimigo pelo emprego, sem perdão, de todos os meios ao nosso alcance! (No fundo não acreditava no valor de tais documentos, de modo que o exército alemão não os pôde utilizar!).

(...) Ainda segundo os documentos, os turcos seriam chamados totalmente para o lado dos aliados à volta de 15 de Maio de 1944 e isto em relação directa com a opera-



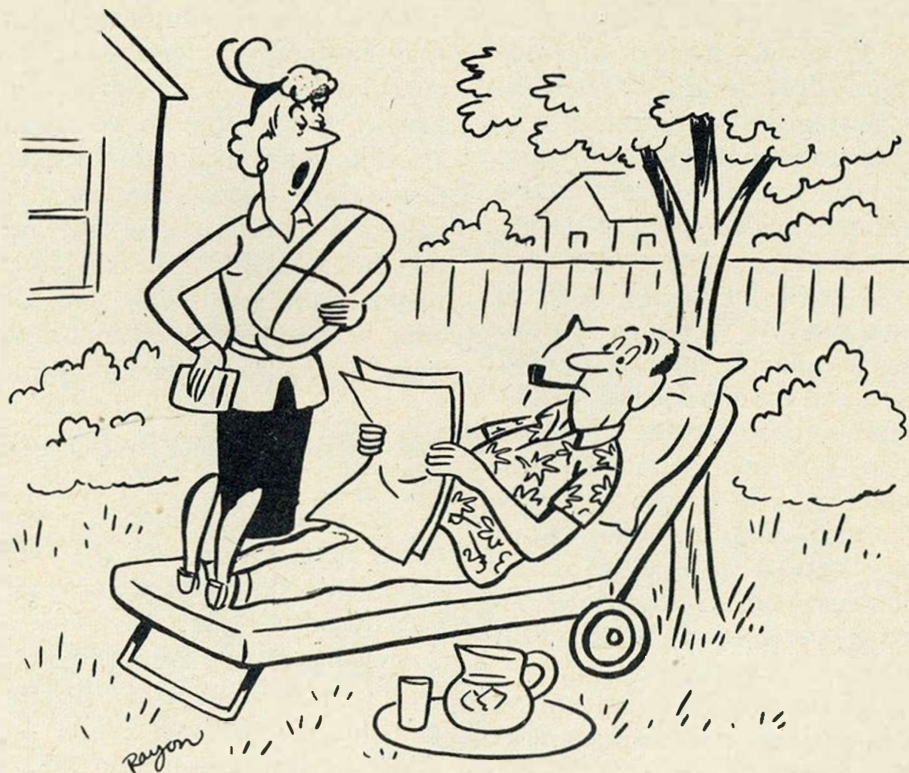
ção Overlord. A partir dessa data, era evidente esperarmos um profundo e duro golpe vindo do Ocidente.

Se Churchill tivesse conseguido levar por diante o plano de invasão pelos Balcãs em fins de 1943, a guerra, segundo os meus cálculos, teria terminado na Primavera de 1944. Os Balcãs, como fruto demasiadamente maduro, estavam prontos a cair ao mínimo choque o que teria posto a descoberto o flanco sudoeste dos alemães. Mas os aliados preferiram recorrer aos bombardeamentos aéreos e à destruição de estradas, vias férreas e re-

servatórios de gasolina. A primeira vítima, segundo os documentos «Cícero», deveria ser Sófia, a 15 de Janeiro de 1944. Fomos assim prevenidos muito a tempo, mas infelizmente não estávamos em condições de poder fazer grande coisa pela cidade.

Por volta de Fevereiro, ou Março de 1944, «Cícero» cessou toda a actividade, e em Abril a Turquia rompeu relações com a Alemanha, passando para o lado dos aliados.

(Do livro de Walter Schellenberg  
**A Confissão do Silêncio**)



— Bem sei que gasto dinheiro estúpidamente: comprei-te um par de luvas de trabalho!



# 400

## QUADROS PERDIDOS DE VAN GOGH ESPERAM POR SI

Ninguém está livre de ter em casa uma obra-prima! E não só num sótão, escondida de toda a gente com montanhas de lixo em cima! Às vezes a obra-prima está dependurada numa parede, todos os dias olhamos para ela, nós e os nossos amigos, que nos supomos cultos. E foi isso mesmo que sucedeu com um famoso perito de arte renascentista. As suas peritagens eram excelentes e não passaria pela cabeça de ninguém duvidar delas. Por uma questão de escrúpulos, ele nunca comprava quadros para si próprio e contentava-se em pôr os seus conhecimentos ao serviço daqueles que ao seu saber recorriam. Na sua casa só havia os quadros que herdara da família. E quando morreu, há alguns anos, o seu espólio foi leiloado.

Um dos desenhos, descobriu-se então, era de Miguel Ângelo. Pois bem: o famoso especialista, habituado a vê-lo todos os dias no seu escritório, nunca dera por isso! Nunca lhe passara pela cabeça a hipótese de ter em sua própria casa uma obra-prima! No fundo, uma nova variante da **Carta Roumada** de Edgar Poe!

Se uma coisa destas acontece com um perito, muito mais poderá acontecer connosco que não sabemos nada de nada! E para aguçar o apetite dos ingénuos, eis uma informação: há cerca de quatrocentos Van Gogh e de duzentos Seurat que andam por aqui e por ali sem que os seus proprietários os

tenham identificado. Isto significa que a caça aos quadros dos grandes mestres não entrou ainda no defeso e que inúmeras peças raras continuam à nossa espera, por identificar, e por preços baixíssimos.

Para mais os antiquários e os especialistas que exploram o mercado deixam escapar constantemente a ave rara... Querem outra prova? Certo francês comprou, há alguns anos, a reprodução duma aguarela de Cezanne por poucos francos. Posteriormente veio a descobrir que se tratava duma aguarela original! M.<sup>me</sup> Isorni comprou recentemente num ferro-velho um Corot... Quem sabe se não estará outro Corot à nossa espera, ali na Feira da Ladra?...

### UM COROT COMPRADO POR ENGANO

Seja como for: como é possível que essas obras desçam até aos ferro-velhos? A descoberta do tal Corot dá-nos, de certo modo, uma resposta.

Um dia, M.<sup>me</sup> Isorni descobriu uma bonita tela, pintada à maneira de Corot. Comprou-a por dez réis de mel coado sem saber que adquirira um objecto que valia uma fortuna.

Alguns dias se passaram. Depois, M.<sup>me</sup> Isorni mostrou o quadro a alguns amigos, que lhe disseram: «Porque não consultas um perito? Quem sabe se não será um



a caça às antiguidades  
nem sempre  
é uma tarefa inglória





Corot autêntico?... Nada mais fácil... As obras de Corot estão inventariadas por um seu discípulo. E lá encontraram uma referência ao dito quadro. Com uma diferença: havia a indicação de que a tela estava assinada, o que não sucedia com o quadro de M.<sup>me</sup> Isorni. Tratava-se, portanto, duma cópia comprovada e assim se explicava que o «falso» Corot tivesse ido parar ao ferro-velho.

Mas M.<sup>me</sup> Isorni não se convenceu e levou as suas investigações mais longe; conseguiu descobrir o catálogo da exposição onde fora vendido o quadro de Corot, catálogo esse que servira de base à informação do tal discípulo. Pois bem: era clara a indicação de que o quadro não estava assinado! Era claro que o discípulo de Corot se enganara...

### AS GUERRAS FAVORECEM AS DESCOBERTAS MIRACULOSAS

Não é necessário muito optimismo para acreditar na possibilidade duma descoberta sensacional... A única coisa que se requer para um sucesso completo são sólidos conhecimentos. E como ninguém pode tornar-se especialista em todos os domínios da Arte, é preferível especializar-se numa época ou num pintor. Assim, um especialista comprou há alguns meses um desenho de David por 3.000 francos. Um outro crítico fez ainda melhor há dois anos: adquiriu por quase nada um quadrinho de Vuillard e vendeu-o depois por milhões.

As guerras, baralhando todas as coisas, permitem depois as descobertas miraculosas. Eis alguns exemplos:

Em 1958 ainda podia ser admirado num *cafézinho* de Redon um Corot que havia sido comprado por 150 francos em 1940.

Em Pamplona foi comprado um Murillo, durante a Guerra de Espanha, por 1.500 pesetas.

Em 1950 um historiador de Arte descobriu

um lote de velhos livros ao qual pertencia uma paisagem que parecia sem interesse. Como um dos seus amigos gostasse do quadro ele ofereceu-lho. Levado a um restaurador, este, nessa paisagem, identificou um magnífico Modigliani!

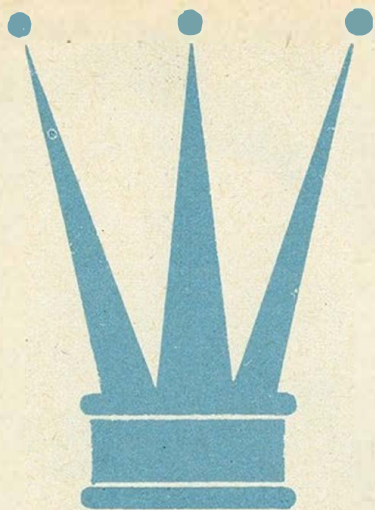
Mas haverá regras para descobrir obras-primas? Não nos esqueçamos de que, se achar uma obra-prima acontece por vezes, a regra é encontrar uma obra «falsa»... Em todo o caso pode dar-se este conselho: é mais fácil achar uma obra autêntica pertencente a uma época momentaneamente desprezada do que a uma época em voga. Deste modo, é muito perigoso pretender descobrir actualmente quadros de Van Gogh. É quase certo que as «descobertas» são falsas... De facto, a caça aos Van Gogh, nestes últimos anos, tem sido tão eficiente que é quase impossível haver ainda alguma coisa para caçar... É preferível procurar quadros de Géricault, que não foi apreciado no seu tempo e vendeu por pouco dinheiro uma obra abundante.

Não esquecer, porém, que um pintor tem sempre várias fases e nem todas são apreciadas e procuradas da mesma maneira. É possível, ainda hoje, encontrar alguns Picasso e alguns Renoir dos primeiros períodos... Quanto à maturidade, nem pensar nisso! E se, por acaso, o leitor amável vir algum à venda num antiquário francês, pode ter a certeza: é falso... Se, porém, descobrir um quadro de Seurat com uma dançarina é possível que tenha sorte: esse quadro desapareceu, ninguém sabe onde está. Mas existe...

Essa é a regra de ouro: estabelecer uma lista dos quadros desaparecidos e depois encontrá-los. Claro: Os falsificadores também estabeleceram essa lista e portanto...

Mas o mais indicado para tal espécie de descobertas é uma visita aos sótãos. Quem não tem um quarto de arrumações cheio de coisas velhas? Num canto pode estar uma fortuna...





## COMO VIVEM OS GRANDES DA TERRA

FRANCISCO JOSE DO LIECHTENSTEIN

**Accionista da fábrica onde se constroem as mais pequenas máquinas de calcular do Mundo**

Antes da guerra, o príncipe do Liechtenstein, Francisco José II, era considerado um dos homens mais ricos da Europa. Possuía a maior pinacoteca privada do mundo (avaliada em muitos milhares de contos). Mas a quase totalidade do seu património encontrava-se na Checoslováquia e foi consequentemente expropriada. As suas terras na Europa Oriental tinham uma superfície treze vezes maior do que o seu principado!

Hoje, a família principesca vive graças a uns rendimentos bastante reduzidos: o príncipe é accionista da **Contina** que fabrica a máquina de calcular mais pequena do mundo e, além disso, tem umas vinhas que produzem um vinho magnífico.

Não obstante, o príncipe não custa um único real aos seus súbditos e não tem ao seu serviço um único automóvel do Estado. Viaja nos seus automóveis particulares: um **Mercedes** e um **Dauphine**.

Quem procurar falar com o príncipe, é recebido à porta do palácio pelo administrador Kniser, o homem que superintende nos cem quartos e nos vinte criados. É introduzido depois numa sala arranjada com móveis da Renascença. Foi isso mesmo que nos sucedeu. E o príncipe e a princesa Gina ficaram muito admirados ante os motivos da

nossa visita: sabermos alguma coisa acerca do modo como vivem...

O príncipe começa por olhar para a esposa. É um homem sensível, quase tímido, que raramente recebe jornalistas.

— Costumo levantar-me às sete e meia — começa ele. — Vou à missa e tomo o pequeno almoço às nove.

Depois de comer, Francisco José lê o correio e dois jornais de Zurique. Dos quatro filhos só a princesinha Nora vive com eles. Os outros estão no liceu, em Viena.

— O meu prato preferido? — responde a princesa a uma pergunta que lhe fazemos. — Não sei bem... Provavelmente é o bife panado... Demasiado simples, não é?

### APAIXONADO PELOS DESPORTOS

Depois do almoço, o príncipe dá um passeio ou entrega-se a um desporto. É um esquiador habilíssimo e um nadador notável. Pertence ao Comité Olímpico, o que prova bem o seu amor pela cultura física.

Em seguida, o príncipe trabalha. Mesmo num pequeno principado, os problemas existem e é preciso dar-lhes seguimento.

Os principais direitos constitucionais do príncipe são: pode dissolver o Parlamento (constituído por quinze membros pertencentes a dois partidos), mas, se a tal for obrigado, tem de promover novas eleições dentro de seis semanas. Pode também vetar uma lei (mas nunca usou deste direito, nem mesmo nos anos trágicos da guerra).



— À noite — continua o príncipe —, jantamos no salão da princesa ou aqui... Eu leio, enquanto minha esposa se entretém fazendo paciências.

Damos uma volta ao castelo e, por fim, pergunto ao príncipe se está disposto a sentar-se à sua secretária para eu lhe tirar uma fotografia. Francisco José fica admirado. «À minha secretária? — pergunta. — É muito difícil — acrescenta, com um ar misterioso.

A princesa sorri. «Ele não tem secretária», explica.

Ficámos admirados. Um príncipe reinante vivendo num enorme palácio com mais de cem quartos e sem uma mesa de trabalho?

— Veja — diz ele com um sorriso. — Na realidade eu nunca escrevo... A minha correspondência dito-a, geralmente de pé. E se, por acaso, tenho de escrever qualquer coisa, sento-me à escrivaninha da minha mulher.

### A MAIS RICA PINACOTECA PARTICULAR DO MUNDO

Subindo e descendo escadas, atravessando salas e salões, podemos ver, através das janelas, uma paisagem grandiosa: os Alpes, que se erguem cheios de imponência e o Reno que se dirige lentamente para as brumas do Mar do Norte. Nas paredes, os Gobelins atraem-nos a atenção e os Rembrandt e os Ticiano sucedem-se uns aos outros.

O príncipe defende a liberdade e a independência do seu minúsculo principado com todas as forças. Resistiu a certas exigências de Hitler; resistiu também a certas exigências de Estaline (quando este protestou contra o facto de 700 desertores russos estarem refugiados no Liechtenstein).

Não é de admirar que muitos capitalistas desejosos de escapar ao fisco procurem abrigo em Vaduz. Durante a guerra, a cidadania deste pequeno Estado obtinha-se por 40.000 francos... Mas hoje o caso complicou-se. Quem quiser naturalizar-se lá, tem de suportar actualmente as mesmas exigências que são tradicionais em todos os outros países...

### NIKITA KRUCHICHEV GOSTA DE CAÇAR URSOS

Num recente discurso, pronunciado no Soviète Supremo, Nikita Kruchtchev afirmou que não pescava ao anzol. «Deixo os peixes



em paz», acrescentou. Na verdade se é certo que o senhor de todas as Rússias não gosta de pescar, sobra-lhe o talento para a caça. Quando, no ano passado, o Primeiro-Ministro inglês McMillan visitou Moscovo, Kruchtchev convidou-o para uma caçada aos ursos. McMillan, porém, não esteve pelos ajustes. Alegou uma forte constipação...

O sucessor de Estaline fez em 17 de Abril 66 anos, mas as suas mãos continuam firmes. A sua pontaria permanece implacável e os ursos, as galinholas e os coelhos não têm pior inimigo... Recentemente na Roménia ele matou três ursos, uma raposa e numerosas lebres.

### GRANDE DANÇARINO

Dizem as más línguas que Kruchtchev foi na sua juventude um dançarino de primeira ordem. Não havia um único baile que lhe escapasse... E bebia à grande e à francesa



e cantava alegremente. Então, tinha ele uma grande cabeleira ondulada e negra. Mas com o tempo os cabelos caíram e a alegria tornou-se mais sóbria. Além do mais, os médicos recomendaram-lhe calma e, tanto quanto se pode avaliar, Kruchtchev submette-se a tais conselhos. Já não dança e, quanto a cantar em público, que se saiba, limita-se a entoar a **Internacional** nos dias festivos... Mas quem sabe se, no íntimo do lar, ele não cantará para os netos canções sentimentais ou canções populares? Pelo menos as horas de ócio dedica-as Kruchtchev a brincar com os netos. Foi isto o que ele deu a entender numa recepção recentemente oferecida pelo embaixador britânico. Entretém-se a folhear com eles os livros ilustrados e conta-lhes histórias. Infelizmente — acrescentou — são raros os momentos livres. Os negócios do Estado absorvem-lhe o tempo.

Não é fácil adivinhar qual seja a vida familiar de Kruchtchev, pois a porta da sua casa permanece sempre fechada. Mas a sua figura sugere que ele gostará de ter sempre bons petiscos e que é um apreciador da boa mesa. Nina Petrovna, por outro lado, tem todo o aspecto de quem sabe cozinhar na perfeição.

Quanto aos hábitos de vestir de Nikita Kruchtchev, é mais fácil dizer aquilo que ele detesta do que aquilo de que gosta. Assim, nunca ninguém viu (nem verá) o Presidente do Conselho russo envergar um **smoking**.

A sua capacidade de compromisso com o protocolo diplomático não vai além dum fato escuro e duma gravata de seda cinzenta...

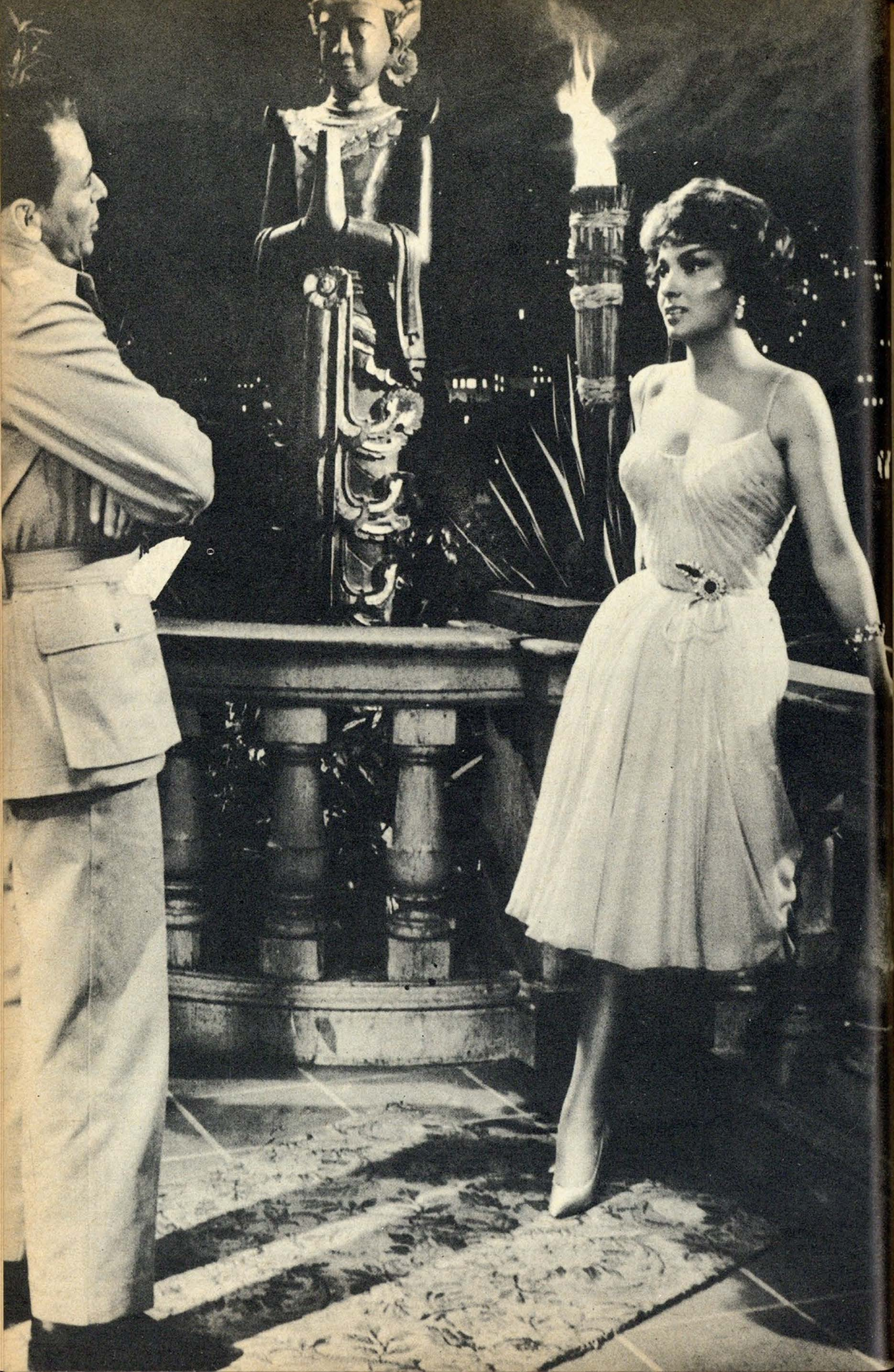
Quanto ganha Kruchtchev? Não se sabe. Mas o mais importante dos cidadãos soviéticos possui uma casa de campo fora de Moscovo.

Estaline gostava de trabalhar de noite; Kruchtchev também nesse pormenor é diferente do seu antigo chefe. Prefere trabalhar de dia. Levanta-se muito cedo. Um dos seus provérbios preferidos equivale ao nosso «deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer». Aqueles que com ele convivem são unânimes em afirmar que Kruchtchev é muito mais simpático de manhã do que à noite...

Estaline vivia no Kremlin. Kruchtchev não. Mas ignora-se (ou ignoramos nós) onde habita. Talvez na colina Lenine donde se admira o rio que serpenteia no vale. E nessa colina esteve há cento e quarenta anos um outro homem famoso: Napoleão Bonaparte...









o filme do mês

# QUANDO EXPLODEM AS PAIXÕES

«Never so few»

com

Frank Sinatra

Gina Lollobrigida

Richard Johnson

Paul Henreid

Brian Donlevy

METRO

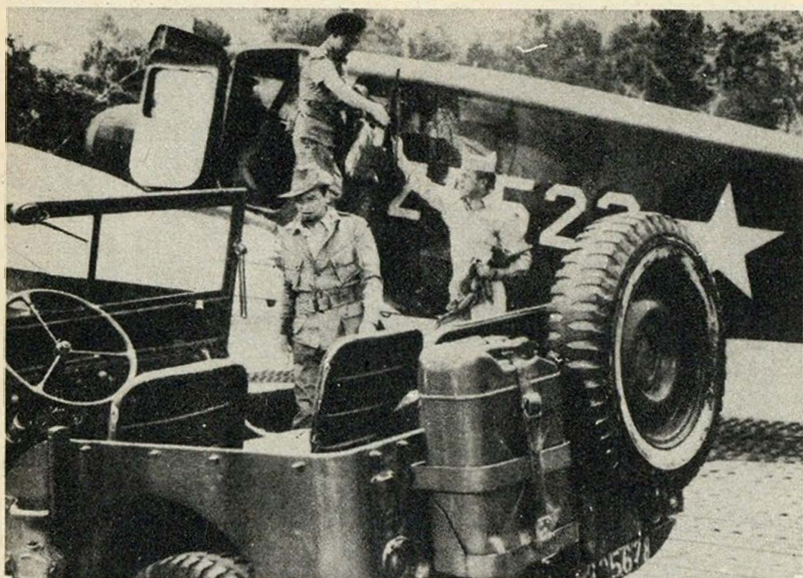
GOLDWYN

MAYER

produzido por:  
Edmund Granger

realizado por:  
John Sturges

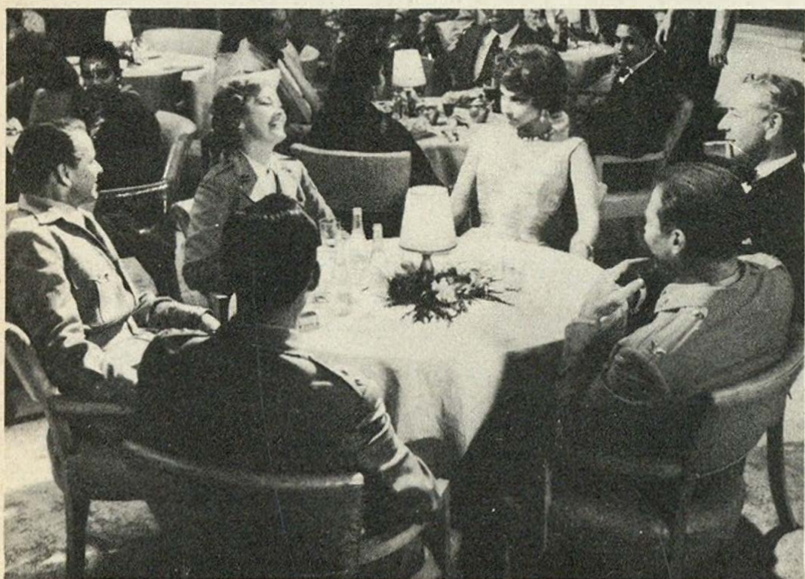




Depois de cinco meses nas florestas do Norte da Birmânia, os capitães Tom Reynolds (Frank Sinatra) e Danny de Mortimer (Richard Johnson) que comandam conjuntamente 600 guerrilheiros kachius, chegam a Calcutá, de avião, para planejar uma ofensiva com os altos postos militares.



Na véspera dessa reunião, à noite, Tom e Danny, encontram por acaso, numa festa, a refugiada italiana Carla Vesari (Gina Lollobrigida) e o seu companheiro, o rico e conhecido Nikko Reggas (Paul Henreid)



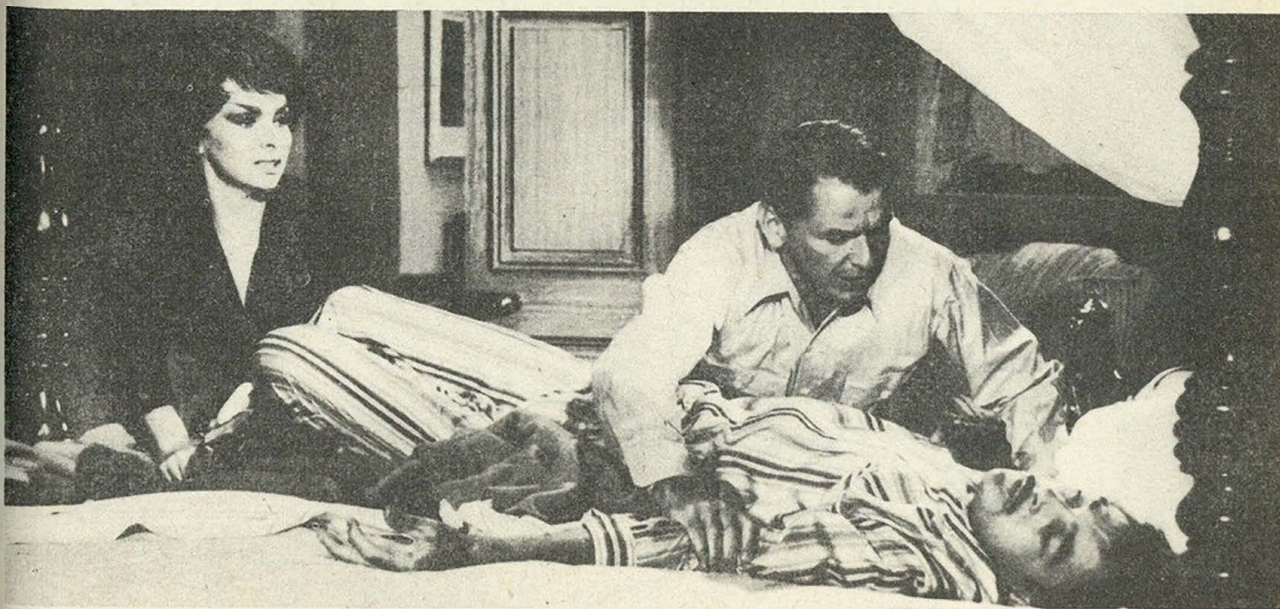
No decorrer da festa, Tom interessa-se por Carla mas esta mostra-se-lhe completamente indiferente





Tendo obtido uma licença de dez dias, Tom e Danny dirigem-se à casa de campo de Reggas, que os convidara por mera cortesia. O único interesse de Tom é ver Carla. Mas esta mostra bem que vive com Reggas e só este lhe interessa

Danny adoece com um ataque de malária. Carla e Tom assistem-no em colaboração com o médico, até que o ataque é debelado. Vai-se esboçando uma atracção íntima entre Carla e Tom









E, finalmente, antes de Tom partir para o «front», Carla cede-lhe. Mas este diz-lhe que nunca lhe poderá dar o mesmo luxo que Reggas

De volta ao «front», Tom tem a vida dificultada. Por falta de médicos chega a ter que abater um dos seus soldados feridos

Finalmente, é desencadeado o ataque, planeado em Calcutá, contra o aeroporto de Ubachi. Tom pratica actos de coragem, é ferido, encontra Carla no hospital e tem, por fim, que regressar à selva







Aí depara-se-lhe um terrível espectáculo: toda uma coluna americana fora abatida — não por japoneses mas por tropas chinesas do governo de Chung-King. Furioso, Tom resolve efectuar uma expedição primitiva, porém, os altos comandos opõem-se, pois, são aliados de Chang-Kai-Chek



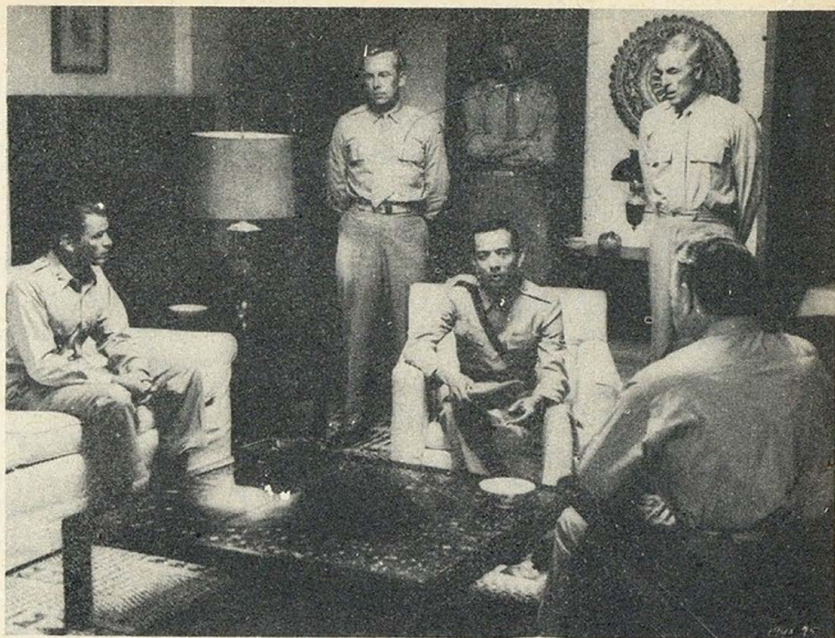
Mas o assassinio de Danny por um chinês ferido, decide-o. Fuzila os prisioneiros, passa a fronteira e abate os oficiais chineses responsáveis



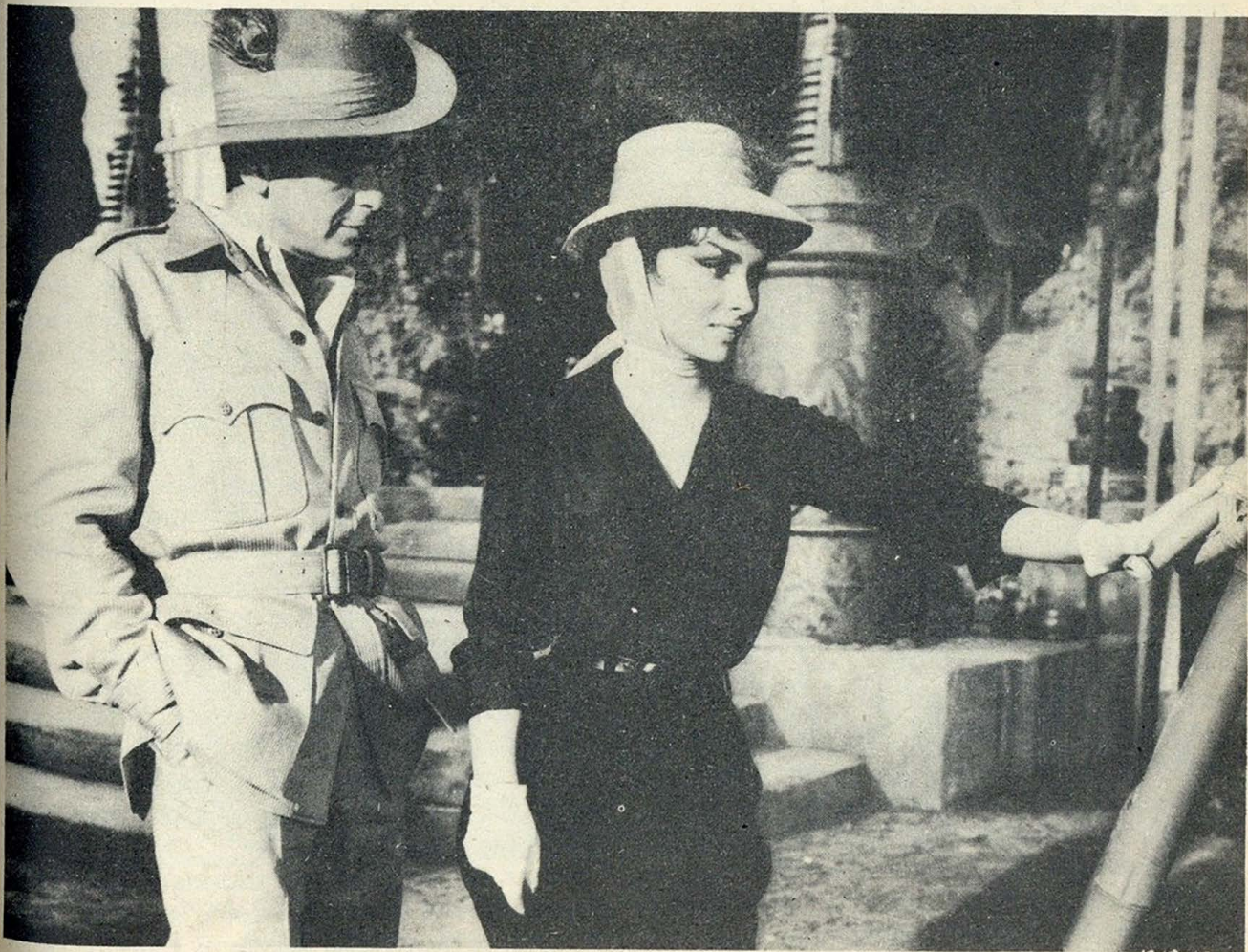
Por isso, Tom arrisca-se a conselho de guerra. Regressa a Calcutá e aí o general Sloan (Brian Donlevy) toma o seu partido, contra a opinião dos outros oficiais superiores



Até que um enviado de Chang-Kai-Chek vem apresentar desculpas e garantir que os autores da ordem de ataque serão punidos. Tom é assim ilibado



Antes de regressar aos Kachius, Tom encontra Carla — e decidem continuar juntos assim que a guerra acabe





boémia de outros tempos

## OS SANTOS POPULARES NO SÉCULO PASSADO

por Lourenço Rodrigues

**Les portugais sont toujours gais**, dizem os franceses referindo-se à tradicional bonomia do povo português. Na verdade, as classes pobres procuram nas diversões o esquecimento das suas necessidades. Dos lares humildes saem ranchos que, em folguedos também humildes, vão encontrar facilmente lenitivo para as suas contrariedades.

Sempre foi assim. Os santos populares festejam-se com ingénua paganismo, em Lisboa no dia e véspera de Santo António e no Norte, na véspera e dia de S. João. O portuguêsíssimo Santo António, nascido em Lisboa perto de 50 anos após o nosso valoroso D. Afonso Henriques a ter tomado aos árabes, portanto quase caminhando a par da nacionalidade, bem mereceu a consagração que o entronizou nas mil igrejas de Portugal e no coração de muitos milhares de lusitanos que ao querido taumaturgo oferecem as suas ilusões e os seus pedidos.

Já no século XV, para os lados do Loreto, existia uma ermida de Santo António onde as meninas casadoiras iam solicitar do bondoso taumaturgo a satisfação dos seus desejos. E durante a dominação filipina e anos seguintes, uma procissão chamada do **Ferrolho**, punha em alvoroço a turbulenta Mouraria de então. Saía de noite, de Santo António da Sé e terminava na Penha de França. A rapaziada que acompanhava o cortejo religioso entretinha-se a bater no ferrolho de todas as portas. Daí o nome pitoresco da procissão, que só veio a acabar em 1856.

Mas não é da parte erudita que esta sec-

ção pretende tratar. É apenas das pitorescas homenagens que a Nobreza e o Povo tributavam aos Santos de Junho.

Em 1845, o marquês de Nisa, **vedeta** da Lisboa boémia, festejou na companhia de numerosos convidados o S. João, numa quinta perto de Salvaterra que é hoje propriedade da família Palha Blanco.

Numa tourada, estreou-se aos 15 anos de idade o garboso fidalgo D. João de Meneses, por quem palpitavam os corações femininos. Nela também toureou o conde de Vimioso, e um rapaz de apelido Cabral, inventor da pega de cernelha, fez prodígios de valentia.

Diz a lenda que, naquela corrida, o Vimioso quebrou sete rojões e a Severa ofereceu-lhe uma coroa de alhos! Será verdade? Eduardo de Noronha dá vulto ao episódio.

Num valado, depois de um lauto jantar, o fidalgo e a musa do Fado levaram a noite inteira a tocar e cantar.

Ficou de memória um caso passado na véspera de Santo António com um actor que deixou história na vida boémia da Lisboa do século passado. Chamava-se ele César de Lima, artista de minguados recursos cénicos mas de muita graça na vida real.

Realizava-se no Teatro D. Fernando, há muito desaparecido, uma récita de amadores. Eduardo Garrido era, na altura em que decorre esta facécia, um dos autores mais em voga. Chegava a ter originais ou traduções em quase todos os teatros.

César de Lima, com curiosidade de ver o trabalho dos amadores que representavam um drama intitulado: **Simão, o Ladrão**, con-



vidou o popular dramaturgo e comediógrafo a acompanhá-lo ao teatro.

A cidade estava em festa. Era véspera de Santo António e o povo folgava nas ruas e bebia nas locandas. Apesar disso, o teatro encheu-se.

César de Lima não desistiu. Procurou um dos empresários, dizendo-lhe que ele e o escritor Eduardo Garrido queriam ter a honra de assistir ao espectáculo. Lisonjeado pela presença do aplaudido autor de tantas peças, mandou-lhes abrir um camarote de terceira ordem, o único que ficara por vender. A peça tinha fama e a enchente era total.

Instalados no camarote, Eduardo Garrido assistia correctamente ao espectáculo, mas o irrequieto César de Lima não se calava. Desatou num berreiro enorme, fingindo-se lavado em lágrimas.

A plateia ao princípio começou a protestar mas por fim, todos riam a bandeiras despregadas com a garotice do actor.

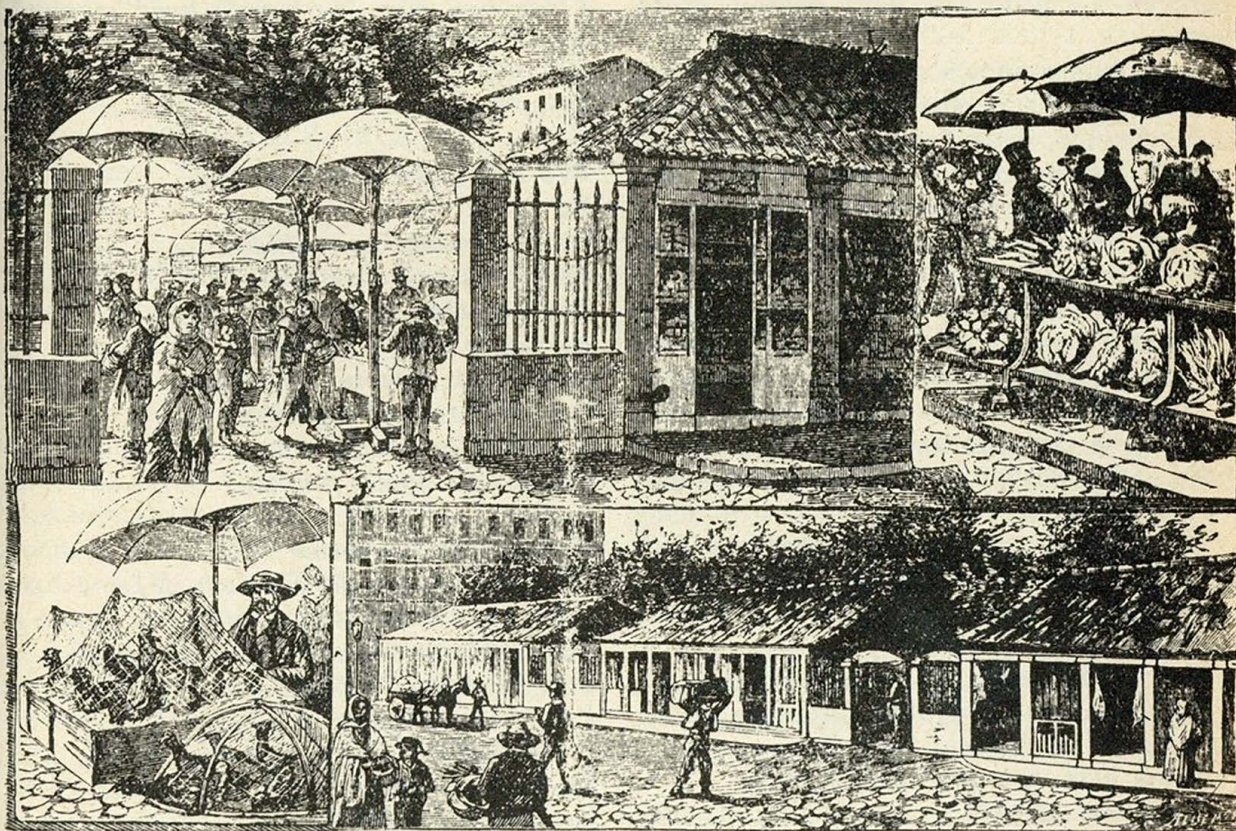
O pobre Eduardo Garrido escondia-se no

camarote, comprometidíssimo. Nisto o brincalhão levanta-se e sai; com grande alívio do seu companheiro. Ao cair o pano, Eduardo Garrido juntava os seus aplausos aos da plateia, quando entra no camarote novamente o César de Lima a gritar estentóricamente: — Bravo! Bravo!

Todos olharam para o local de onde vinham tão estrepitosos aplausos e o actor, afiou para a plateia com um grande molho de cebolas!

Mas o clou dos festejos populares era o mercado da Praça da Figueira. Em 1884, em rada ela se assemelhava àquela que o camartelo municipal destruiu para a substituir pelo Chão de Loureiro. Uns portões pífios e inestéticos a taparem a entrada e, dentro, uns enormes chapéus de sol a cobrirem as hortaliças e a criação.

Uma gravura da época, publicada no **Ocidente**, mostra como ele era diverso do mercado que nós conhecemos com os seus quatro



PRAÇA DA FIGUEIRA EM 1884 — Um dos portões do mercado — um lugar de hortaliça — um lugar de criação — A praça vista do exterior (lado da Rua do Amparo)



torreões, agora armados nas nossas províncias de África.

Mas vamos aos festejos populares. Uma vez por ano, a simpática Praça da Figueira estroinava. Era no mês de Junho. Um coreto meio improvisado ao meio da Praça sanfonava a **Alma de Diós**, melodia que avassalou as multidões, ainda longe do **Rock and roll** e dos ritmos actuais.

Balões e grinaldas penduravam-se nas traves altas do mercado. Santo António. S. João e S. Pedro eram os padroeiros do mês.

Apitos, gritos, cornetas de barro, uma algazarra de endoidecer. Todos porfiavam em berrar cada vez mais.

O resto era um arraial nocturno, com as pipas do saboroso carrascão, os pimentos a encapotarem-se nas sardinhas e os pequenos pires de arroz-doce enfeitados a canela, a tentarem os gulosos. A certa altura, ao som de uma musicata mais explosiva, os pares ençavam-sê, criadas de servir e soldadesca, costureiras e operários. No mercado bailava-se freneticamente. O **maxixe**, importado do Brasil, entrava em acção.

Pela noite adiante, rapazes e raparigas não paravam de voltar as suas músicas predictas.

Nos últimos anos, os Santos Populares já eram no mercado olhados com indiferença.

E contudo, esse festivo e inconfundível arraial lisboeta tinha os seus pergaminhos.

Na véspera de Santo António à tarde, em fins do século passado, a rainha D. Maria Pia, ao tempo a primeira dama do País, descia do seu Palácio até à Praça da Figueira. Quando a esposa do rei D. Luís se apeava da sua carruagem para entrar no mercado, a curiosidade simpática era enorme. A realza vinha democratizar-se no convívio do povo. Três ou quatro camaristas acompanhavam a Soberana.

E comprava um manjerico, divertia-se com as chamadas quadras de pé quebrado e o povo envaidecia-se de ver a sua Rainha junto dele.

Na velha Lisboa, os mais concorridos e populares arraiais de Junho faziam-se na antiga Praça da Alegria, nesse tempo completamente livre, sem lago nem jardim.

Ao fundo armava-se uma capela de madeira que se desarmava depois da noite de S. Pedro. Estava também em moda o fogo de artifício, mas como o espaço do jardim

era pequeno, queimava-se em baixo, frente ao Passeio Público.

Brás Martins, actor, jornalista e escritor, alcançou um dos maiores êxitos da sua vida com uma peça de teatro intitulada: **Gabriel e Lusbel** ou o **Taumaturgo**, com música do maestro Frondoni, mais conhecida pelo **Santo António**.

Não têm conta as representações que este original deu em Portugal e no Brasil.

Também foi nas vésperas de S. João, em 1852, que se lançou no Rossio a primeira pedra do monumento a D. Pedro IV.

Em figuras pitorescas, havia um homem estabelecido no Cais do Tojo, de nome **José das Aranhas**, sujeito baixo e atarracado, de barrete na cabeça, cuja taberna contava grande afluência de público porque tinha sempre os melhores vinhos de Lisboa e que, nos dias dos Santos Populares, fechava o seu estabelecimento e passava a tarde no passeio fronteiro a olhar a sua loja. Ninguém o convencia a vender um copo de vinho!

Os boémios de então cantarolavam um fado em décimas que não sabemos de quem é, mas que vale a pena reproduzir, evocando uma época que hoje está reduzida a pequenos arraiais nos bairros populares de Lisboa. Eram assim:

*«No Rossio há bons bailados  
Na Praça muito empurrão.  
Os que andam na multidão  
Vêm para casa estaçados.  
Uns guinchos disparatados  
Da flauta, tira o lapónio.  
Sempre me lembra o demónio  
Quando vejo mil fogueiras  
E na rua as vendedeiras  
Em dia de Santo António.*

*Muita gente vai sornar  
Lá p'rás bandas da Trindade (¹)  
E depois a liberdade  
Lhe custa reconquistar.  
Tem as custas de pagar  
Por ter andado zaré.  
Nestas noites de filé  
Da nossa população.  
É jogar o cachação  
Toda a gente faz banzé!*

(¹) Alusão ao Governo Civil.



*Segue depois outro Santo  
São João, Santo adorado,  
Novo motim é travado.  
Há riso, amor, ódio, pranto  
À sombra do rico manto  
Da polícia, sempre ordeira,  
Lá vai muita bebedeira  
Parar à casa da guarda  
Pois quase sempre há bernarda  
Lá na Praça da Figueira.*

*Segue São Pedro, e o povinho  
Da luta não está cansado.  
Toca a andar muito exaltado  
Pelo fumo e pelo vinho.  
Louvam mais a São Martinho  
Que a São Pedro, o rei da fé.  
Fazem grande fincapé  
Nos palmitos e açucenas  
E por causa das pequenas  
Sempre há soco e pontapé!*

É Alberto Pimentel no seu livro **A Triste Canção do Sul**, quem nos recorda esta versalhada que a geração de hoje desconhece.

É para terminar esta evocação do mês de Junho não pode deixar de ser citada uma das mais pitorescas procissões, que há mais de meio século deixou de existir. A procissão de S. Jorge, no dia do Corpo de Deus, a 20 de Junho.

Muitas inclemências passava o pobre S. Jorge. Tiraram-lhe os diamantes do seu aparatoso chapéu de gala e durante a Invasão francesa foi vítima de vários desacatos.

Mas apesar de tudo, as ruas da Baixa, até ao bairro do Castelo, enchiam-se de uma multidão gulosa daquele espectáculo de certo sabor medieval. Os fatos garridos dos pretinhos tocando tambores e pífanos; um pagem montado num cavalo ajaezado a primor; os estribeiros da Casa Real, levando à rédea os corcéis empenachados e finalmente o célebre **Homem de Ferro**, um honrado sapateiro a quem davam duas libras para se meter na armadura. É curiosa e digna de menção a história deste préstito.

O famoso guerreiro era atarrachado em um luzido cavalo. O santo padroeiro das batalhas portuguesas teria honras de general e as tropas apresentar-lhe-iam armas. Lá ia vestido na sua capa magnífica. Foram os ingleses

que, no tempo dos cruzados o trouxeram, pondo-o no templo que é hoje dos Mártires. Remontemos ao passado, numa crónica da época:

«Antigamente não havia hortelão que não viesse festejá-lo, trazendo andores reproduzindo as suas hortas com as noras, as picotas, os tanques e canteiros.

Vinham os albardeiros, tecelões, almocreves e os vendedores de peles com as suas insígnias.

Não havia arte nem ofício que não viesse ali curvar-se diante do seu cavalo branco, ajaezado à espanhola e em roda do qual as mulheres dançavam, enquanto a corporação dos carniceiros conduzia pelas pontas o touro votivo.

Na ermida do bairro do Castelo, ele era ainda mais que um Santo. Era no seu dia, o rei de Lisboa. Uma vez quiseram sujeitá-lo às regras da pragmática, proibindo-lhe o uso das sedas, do cavalo de gala, mas a sua irmandade, ainda mais pompa lhe deu. Com a sua lança, S. Jorge tinha um enorme prestígio que no ano de 1610 em plena dominação espanhola, se abalou um pouco.

O chefe dos exércitos, com a sua fama, viu-se obrigado a fugir diante da vara da Justiça, que embargava o passo do seu cavalo. Mas saiu-se bem da perseguição e Lisboa voltou a sorrir ao seu estandarte e ao seu escudeiro. Dava-lhe numerosas prendas a gente de todos os ofícios e misteres.

Creemos que a última vez que o S. Jorge passou nas ruas da cidade, foi em 1910, o ano da República. Calaram-se os charameleiros e os ingénuos pretinhos que ganhavam cinco réis por dia.

S. Jorge deixou de fazer as suas reverências ao povo e lá está no seu altar onde ninguém o venera. Enquanto Santo António, S. João e S. Pedro têm os seus fiéis de todo o ano, o valoroso guerreiro, que a Ala dos Namorados evocou em campos de Aljubarrota, vive abandonado dos portugueses. Tudo vai acabando. O grande poeta António Correia de Oliveira, que há pouco a morte levou, dizia liricamente em uma quadra inspirada:

*«Fora a vida um mês de Junho  
Bem se levava a contento.  
São Pedro a abrir-nos o Céu  
Santo António o casamento.»*





cem anos depois...

a última aventura

## DA «DAMA DAS CAMÉLIAS»

O pintor, um pintor de segunda ordem, deu-lhe o ar esfumado de alguém que se retirou do mundo. Um rosto pálido, cercado de cabelos negros, iluminado por olhos melancólicos. Quem diria? Essa mulher quase apagada é Marie Duplessis, a Dama das Camélias.

### OS MAIS BELOS OLHOS DO MUNDO

Bela, sem dúvida. Mas Alexandre Dumas, que a amava até à loucura, amava-a mais bela ainda, mais insofrente e mais frágil. Ela era «alta — dizia ele —, muito magra, de cabelos negros, o rosto pálido e com rosetas, a cabeça pequena, grandes olhos de amêndoa que lembravam os olhos duma japonesa, mas muito vivos, cheios de orgulho, lábios cor de cereja, os mais belos dentes do mundo».

Ele amou-a e deu-lhe a imortalidade. Um romance, uma peça bastaram. Em todos os países do Mundo, ela tornou-se a imagem da inocência e do pecado, a imagem pungente do amor e da morte. Ela identificou-se para sempre com os grandes mitos que inspiram

os poetas, os romancistas, os músicos, os coreógrafos. E, hoje ainda, a sua prodigiosa presença surpreende-nos tanto como surpreendeu os seus contemporâneos, há mais de cem anos! Continuamos a vê-la passar no seu landau azul puxado por cavalos ingleses, continuamos a vê-la dançar com os seus vestidos de cetim branco, de que ela tanto gostava. Os seus contemporâneos perguntavam e nós também podemos perguntar:

— Donde provinham os seus ares de rainha?

Ninguém ignorava que ela era uma cortesã e, no entanto, toda a gente a tratava como se fosse uma grande senhora. Todos os homens olhavam para ela com loucura, apaixonados. E ela sorria para todos com prodigalidade, com ternura, com uma inimitável delicadeza.

Mascote de dandies, ela deixava-se leiloar e entregava-se àquele que mais desse, mas recebia em sua casa intelectuais como Jules Janin, Théophile Gautier, Théodore de Banville e Arsène Houssaye. Este proclamava:

— Quem está com ela, nunca mais a quer deixar...



Marie Duplessis viveu com o duque de Guiche, que veio a ser, mais tarde, ministro de Napoleão III. Depois casou-se com o conde de Perrégaux, que pôs o seu brasão nas carruagens dela. Até Liszt, o grande Liszt, a amou.

## A CONQUISTA DA FELICIDADE

E assim, quando ela morreu aos vinte e três anos, conquistara tudo: Paris, um brasão, ouro, amor, tudo excepto a felicidade. E tinha um tão grande medo da morte que, na agonia, pediu a quem cuidava dela à cabeceira que lhe apertasse a mão para conservar até ao último momento um pouco de calor.

Quando morreu, cobriram-na com um vestido branco. E sob uma neve diáfana de Fevereiro, seguiu lentamente para o cemitério de Montmartre.

Então, surgiram os credores. No apartamento do Boulevard de la Madeleine eles fizeram uma razia. Levaram tudo quanto restava do esplendor dessa rapariga que se gabava de gastar mais de cem mil francos por ano (há um século!).

Levaram tudo, salvo um retrato. Um retrato que foi reclamado por uma camponesa. Uma camponesa normanda que se chamava Delphine.

— Dêem-me o retrato. Sou a irmã de Marie, amava-a tanto!

O retrato, o mesmo retrato em que ainda hoje, graças à arte débil dum pintor de segunda ordem, Marie Duplessis nos observa com um olhar velado e triste.

Esse retrato pertenceu até ainda há muito pouco tempo a uma bisneta de Delphine, uma sobrinha, afinal, da Dama das Camélias. Chamava-se Eugénie Mariette.

Cento e treze anos após a morte de Marie, o quadro conservava-se na família. Mas nem sempre as coisas correm bem... Por vezes uma recordação querida pode resolver um problema financeiro!

## UMA INFÂNCIA TRISTE

Cento e treze anos depois! Entretanto o quadro manteve-se na região normanda em que Marie passou a sua infância: La Lignerie onde vivem os Mariette, situada a cinco

quilómetros de Nonant-le-Pin. Nonant-le-Pin, a terra onde a Dama das Camélias nasceu. A casa onde ela viu a luz do dia foi abatida há muito para alargar uma estrada. Em seu lugar podemos ver hoje duas flechas que indicam: «Rouen, 111 km, Argentan, 22 km». Cinco quilómetros adiante fica Castelle: aí, Marin Plessis, o pai de Marie e de Delphine, lançou fogo à sua casa e tentou atirar a mulher para o braseiro, perante as duas filhas horrorizadas.

Mais longe ainda, Saint-Germain-de-Clairefeuille. Marie passou aí um ou dois anos de tranquila felicidade em casa duma tia. Ela ignorava ainda que a sua mãe havia morrido nas margens do Lago Léman, desesperada por ter de fugir dum marido incendiário, esmagada por ter de abandonar as filhas.

Marie não sabia também que o pai chegaria dum dia para o outro e que a levaria por esses caminhos fora para a vender ao primeiro velho rico que aparecesse. Teria sido dessa infância solitária que a Dama das Camélias guardou a sua terrível incapacidade para ser feliz?

Ainda hoje se fala, na casa dos Mariette, de Marin Plessis, o incendiário, esse antepassado que metia medo aos camponeses fazendo sinais da cruz com a mão esquerda e que morreu numa cabana abandonado como um pestífero. Também se fala na mulher dele, a mãe de Marie e de Delphine. Ela descendia dos senhores de Argentelle e caminhava como uma deusa pelas ruas mal calcetadas. Enfim! Uma árvore genealógica estranha e fascinante que transparece nos olhos esmaltados de Marie!

## AS VOZES DO SILÊNCIO

O quadro, durante tanto tempo esquecido num celeiro, renasceu de súbito para a vida. Deixou a Normandia. Partiu para Paris e refez o caminho que Marie percorrera a pé quando tinha apenas quinze anos, sob uma chuva de Inverno e um vento tempestuoso.

Ao mesmo tempo, esse quadro serve de intermediário entre a morta e os seus longínquos sobrinhos, como se Marie Duplessis quisesse reparar um esquecimento, legando sua família uma riqueza que antes recusara. Como se, prisioneira no seu celeiro, ela decidisse intervir no mundo largo e aberto dos vivos.







## UM LEILÃO

E precisamente no momento em que a asmática Eugénie Mariette, sentada no seu leito para escapar à sufocação, já não conseguia dormir!

A proprietária da granja tinha-a avisado seis meses antes:

— Desembarace-se como puder! Dentro de seis meses terá de sair...!

O prazo estava no fim. iam ser postos na rua. Para onde, para onde?

Eugénie tinha medo de abandonar a região.

— Aqui, nós conhecemos a terra, as árvores, os animais, as pessoas. Fora...! Sabe-se lá o que poderá suceder!

Mas naquela região só havia grandes propriedades, nada que pudessem alugar.

E Eugénie Mariette perguntava a si mesma: «Saíremos definitivamente?».

Durante o Verão de 1959 uma série de doenças assaltara a família de Eugénie. Não só atacara as pessoas. Os próprios animais! Galinhas, vitelos...! E a seca!

E de repente, a granja do outro lado da estrada foi posta à venda: uma quinta com magníficas pastagens... Eugénie convencera o marido a comprá-la. Mas o dinheiro?

Foi então que dois jornalistas de Alençon apareceram na casa de Mariette.

— É verdade que possuiis um retrato autêntico da Dama das Camélias?

— É verdade.

— Podemos vê-lo?

— Podem.

Eugénie foi buscar ao celeiro a grande tela esfumada onde o rosto de Marie Duplessis meditava docemente.

Pintara-o Vidal, um artista que ganhara certa fama retratando a imperatriz Eugénia e algumas senhoras da alta sociedade do tempo de Napoleão III.

— Estão dispostos a vendê-lo?

Eugénie Mariette nunca se lembrara disso, mas as dívidas eram tantas!

— Talvez...

Alguns dias mais tarde, uns repórteres duma estação emissora fizeram-lhe a mesma pergunta:

— Querem vender o quadro?

— Porque não?

No dia seguinte o quadro era leiloado pela rádio.

Todos os admiradores da Dama das Camélias tinham sido avisados e bastava uma ligação telefónica para fazerem as suas ofertas.

Admirada, a família Mariette via os preços subirem:

— 100.000, 120.000, 200.000 francos.

Edwige Feuillère, que Lisboa já viu este ano, era uma das candidatas ao quadro.

— 300.000, 400.000, 500.000 francos.

Comprou-o um negociante de enchidos de Clichy que o ofereceu a **Madame** Feuillère. E deste modo o retrato da Dama das Camélias foi parar às mãos da grande intérprete da peça de Dumas!

Em La Lignerie, **Monsieur** e **Madame** Mariette estavam felicíssimos. Esse dinheiro, herdado de Marie, permitia-lhes continuar a viver na região que lhes era querida e que fora também querida à Dama das Camélias. Uma certa tristeza, todavia:

— Nunca nos havíamos separado dele!

Como relíquia de família, Eugénie guarda uma carta datada de 1886 em que Romain Vienne escreve a Delphine: «Venda o quadro. É este o grande momento. Agora ou nunca». A razão destas palavras é a seguinte: Vienne acabara de publicar a **Histoire authentique de la Dame aux Camélias**, o que, naturalmente, provocara um acréscimo de interesse por todas as coisas que se relacionavam com Marie Duplessis. «Agora ou nunca!».

Enganara-se, porque setenta e quatro anos depois o fervor e a simpatia por essa estranha mulher continuavam vivos! Tão vivos que a sua campa permanece coberta de flores!

O retrato partiu... Mas Eugénie Mariette conserva ainda as facturas demonstrativas de que Marie Duplessis encomendava os mais belos sapatos, os mais belos vestidos, os mais belos móveis, e quilómetros e quilómetros de musselina!

E jóias, claro está. Pequenas jóias, melhor dizendo. Aquelas afinal que Marie ofereceu a sua irmã ou que não interessaram aos credores.

E, enfim, o esqueleto dum lagarto que a Dama das Camélias considerava o seu «porte-bonheur»!



# MANOLETE

Os toureiros de Córdoba descendem dos grandes ramos familiares ligados, entre si, por vínculos de sangue. A análise das suas árvores genealógicas leva-nos a encontrar a figura de Manolete, o malgrado «matador» que ainda hoje é um motivo de saudade para os aficionados.

O célebre «diestro» José Rodriguez Rodriguez, o primeiro «Manolete», foi bandarilheiro e actuou às ordens do infelizmente «Pepete». Segundo-sobrinho de José e Manuel Rodriguez era António Luques «Luz de Córdoba» matador de touros de escasso relevo, filho de António Luques González «Camará», também famoso espada. Este «Camará» era, por sua vez, sobrinho de outro matador notável: Francisco González Díaz «Panchón». O neto de António Luque é Ricardo Luque, conhecido como novilheiro e mais tarde subalterno da «quadriha» de seu primo Rafael González «Machaquito».

O pai de Rafael Molino Sánchez («Lagartijo», o grande), foi um modesto subalterno chamado Manuel Molino «Filho de Deus», o qual casou com Maria Sánchez Gómez, irmã do célebre «diestro» José Sánchez «Poleo», e

de Francisco e Angela Sánchez, pai de «Bebé Chico» e esposa do primeiro «Manolete», respectivamente.

Do casamento do «Menino de Deus» com Maria Sánchez nasceram quatro aficionados «Lagartijo», Juan que foi formidável peão da «quadriha» do seu irmão Manoel, matador de touros; e Francisco.

Juan Molina casou com Luísa Martinez Disterlet, irmã do «Maneme». E do casamento nasceram seis filhos: Francisco, o apodado «Frasqui», que foi novilheiro e, depois, bandarilheiro; Luísa, que casou com o picador de touros Francisco Codes, «Melones»; Josefa; Rafael, a quem alcunharam de «Lagartijo Chico» e Juan que foi vários anos matador de novilhos. «Lagartijo Chico» casou-se com Angustias Sánchez Martinez, mas o famoso «diestro» morreu jovem. Então a sua viúva casou com Manoel Rodriguez Sánchez «Manolete». E com isto chegámos aos nossos dias.

A memória de Manolete perdura ainda hoje, entre os aficionados de todo o mundo e o seu nome faz parte do conhecimento comum de toda a gente. A importância que

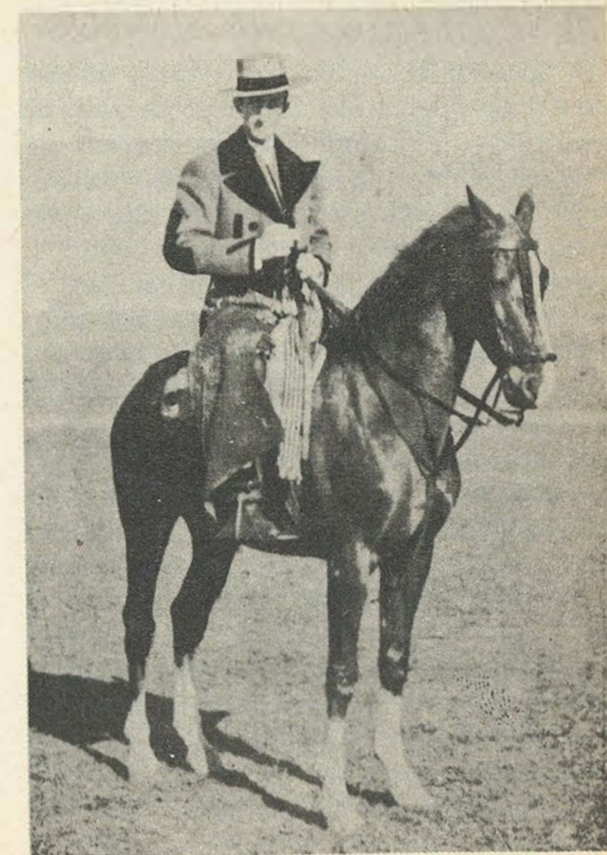
ganhou transcendeu largamente o âmbito da própria «fiesta»: ele girou não apenas como o símbolo de uma maneira pessoalíssima e perfeita de tourear — mas também do pundonor, da coragem, do respeito pela sua arte, da indiferença pelas críticas mal fundadas e pelas fáceis reacções do público.

A arte de Manolete, como a de Piero Della Francesca, foi arte de imparcialidade. E para aqueles que vivem a arte de Montes como toureiros ou como espectadores, ele ficou além disso como a recordação muita viva de qualquer coisa de maravilhoso, de quase sobre-humano, qualquer coisa que levou uma vez um crítico, esgotados os adjectivos comuns, a chamar-lhe «El Monstruo».

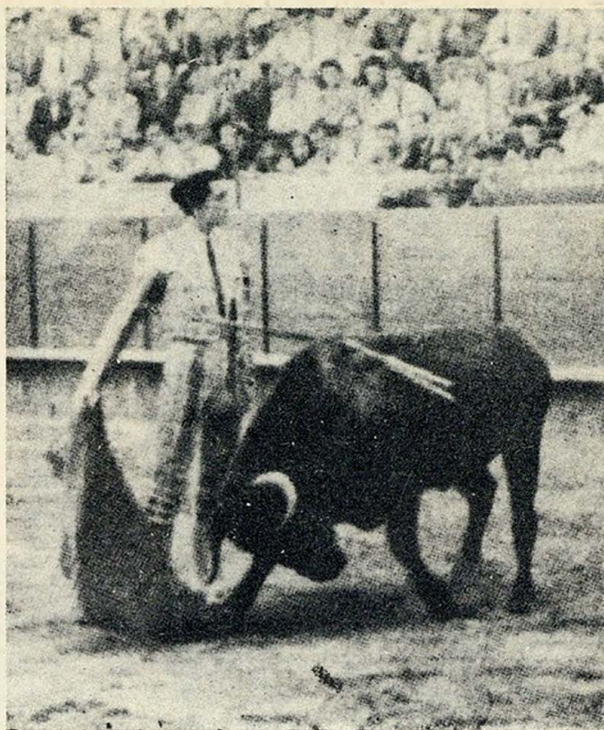
A esses, especialmente, se dedicam estas páginas em que os factos da sua vida e da sua morte são rapidamente apontados com comovida memória.

## A COLHIDA E A MORTE

A praça, esgotada a lotação há vários dias, abarrotava. O calor pesado, monção seca do







sul de Espanha, envolvia o pó da arena e a respiração dos espectadores.

Os *diestros* «Gitanillo de Triana», Manolete e Luiz Miguel Dominguín, com as suas «quadrilhas» e forcados haviam-se com os touros de Miura que nessa tarde não tinham saído de maneira a confirmar a fama da ganadaria. Manolete, no seu primeiro, perigou e sem *faena* possível, lidou com coragem e eficácia, e grande parte do público aplaudiu enquanto uma minoria se mostrava hostil ao *diestro*. O quinto, «Islero», alegre na saída, começou a «encrençar» pela porta do cavalo. Os bandarilheiros passaram apuros com as suas acometidas e o cordovês realizou uma *faena* imponente de coragem e serenidade perante um touro que parava por momentos, e cujas arrancadas eram muito curtas. Depois de levantar a praça em aplausos unânimes pelo seu pundonor e pela sua arte, Manolete entrou a matar. Iniciou a sorte devagar e, galhardo, avançou com o estoque direito ao *murillo* da fera.

Esta levantou muito a cabeça e, no encontro com o *maestro* enganchou-o com o

*piton* direito, enquanto recebia uma estocada alta, até aos copos. A colhida não foi muito aparatosa. Manolete caiu na arena e foi imediatamente levantado pelo seu peão «Cantimplas» e pelos seus moços de estoque Guilherme e «Chino» e pelo bandarilheiro da «quadrilha» de «Gitanillo de Triana», «El Sevillano». O seu apoderado, «Camalón», que assistia como de costume, à corrida, na trincheira, saltou para a praça, e o ferido, que deixou dois grandes charcos de sangue na arena, foi levado para a enfermaria.

Antes de o deitarem na mesa de operações, «Cantimplas» apertou, com as mãos, os bordos da ferida que sangrava com abundância e «El Sevillano» procurou tamponá-la com o lenço. Manolete, dirigindo-se a este último, disse:

— *Compadre! Que duele esto!*

O público gritava e muitas mulheres desmaiaram. A aparência da colhida fora imediatamente grave e muita gente se acumulava à porta da enfermaria. O médico ao terminar a operação manifestou aos jornalistas a sua impressão de que a ferida era muito mau prognóstico — mesmo que fosse possível



# MANOLETE



salvar a vida do *diestro*, a perna direita estava irremediavelmente perdida.

E começou então nessa pequena vila de Linares, que o calor do sul de Espanha não abandonava, uma longa e tormentosa espera.

Duas horas depois nova intervenção cirúrgica procurou estancar o sangue. A cornada tinha dois trajectos: um para cima com 25 cm e outro para baixo com cerca de 15 cm. O choque e a hemorragia tinham sido intensíssimos e do começo da noite, após duas transfusões de sangue, foi transferido para o hospital local.

O Dr. Jimenes Guinea (a maior autoridade de Espanha em medicina tauromáquica) chegou algumas horas depois, mas já nada pôde fazer. A única coisa era esperar — e confiar na resistência física do ferido, tantas vezes já espectacularmente posta à prova. E lembravam-se as colhidas célebres a que sobrevivera, particularmente a de Madrid, de 27 de Setembro de 1942, no mesmo sítio e também ao entrar a matar, infligida pelo touro «Garboso» e que durante muitos dias o man-tivera no leito.

As horas iam passando. O *diestro*, calmo como sempre, informou-se do sucesso da lide. Se lhe tinham concedido a orelha. Que sim: as duas.

— *Bueno* — respondeu.

Quase às cinco da madrugada pediu uma água mineral. Como não lhe trouxessem a que preferia, comentou sorrindo:

— *Me quereis envenenar.*

Reconhecia todos os que o rodeavam e não teve um momento de desespero. Apenas uma vez disse, tristemente:

— *Como estará sufrendo mi madre!*

Recebera, entretanto, a extrema unção.

O Dr. Gimenes Guinea aconselhou-o a fechar os olhos porque a luz eléctrica o poderia incomodar.

O Dr. Tamañes estava a tomar-lhe o pulso. A última palavra que lhe saiu dos lábios foi «David», chamando aquele que era o seu peão de confiança. Depois o Dr. Tamañes murmurou surdamente: «Morreu». Os braços do toureiro descaíram sobre o leito. Não houve estertores, nem angústias, nem suspiros.



## A HISTÓRIA REPETE-SE

Joselito, Granero, Manolete — a história repete-se. Os grandes nomes do toureio pagam o seu tributo de sangue à «Fera» de Blasco Ibañez — o público. Decerto outros grandes permanecem felizmente vivos — Rafael «El Gallo», Juan Belmonte, Domingo Ortega, Carlos Arruza, para citar só alguns.

Mas aqueles que a imaginação do público guinda a mitos são os que pagaram com a vida o exercício da sua arte.

O «Monstro» de Córdoba foi o mais recente desses fenómenos que arrastam a Espanha, criam a legenda, testemunham a vitalidade, neste século XX, da arte de Montes.

Manoel Rodriguez Sánchez, cuja parentela tauromáquica em outro local publicanos, nasceu no Barrio de los Toreros, Calle de Torres Cabrera 2, a quatro de Julho de 1917 e, desde menino, as conversas à sua volta, as recordações de sua mãe, todo o ambiente que o cercava, fatalmente o levariam ao toureio. Iniciou ainda estudos no colégio de Jesuítas, mas aos 12 ou 13 anos passou a frequentar os *tentaderos*, as festas de amadores, as escolas tauromáquicas revelando imediatamente enormes aptidões. O primeiro baptismo de sangue sofre-o Manolete aos 13 anos, na *Finca* de D. Florentino Suto Mayor, em Córdoba la Vieja. Recebeu uma cornada na coxa esquerda e Marcial Lalanda, que assistia à festa, actuou como cirurgião. Pouco depois ganhava o seu primeiro dinheiro com os touros — 25 pesetas que lhe atirou o dono da *finca*, agradecendo um brinde.

Na popular Venta de las Vargas cordovesa, apresentou-se aos seus concidadãos em Outubro de 1930. Ali, vestido de *curto* pela primeira vez, toureou e matou uma bezerra. Já tinha entusiastas. Ia abrindo caminho.

Em Novembro e Dezembro desse ano toureia em Bujalense, como novilheiro, no Domingo de Carnaval de 1931. Ia apresentar-se em Cabra, mas a água impediu a festa, que veio a realizar-se no Domingo de Páscoa, toureando novilhos de Gameiro com Juanita Cruz e «Bébé Chico». Juanita Cruz cumpriu mas «Bébé Chico» promoveu um escândalo. Manolete salvou a situação, sobrepondo-se ao desastre do seu parente e ficou reconhecido o seu valor de toureiro que sabia enfrentar as mais perigosas e desagradáveis situações.

Em 1936 incorpora-se numa *troupe* de tou-

## MANOLETE

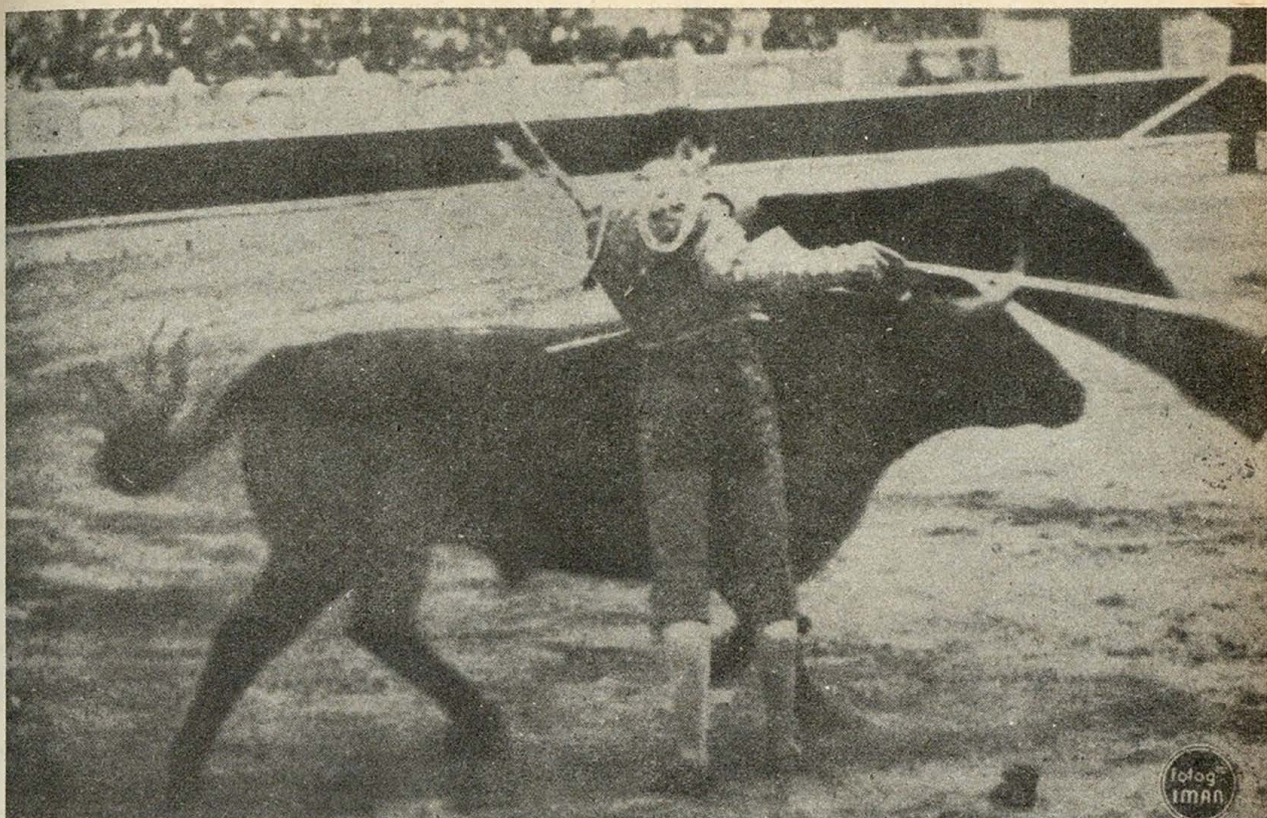
reiros cómicos (faz a parte séria) e percorre a Espanha e o Sul da França.

Não se triunfa, facilmente, como toureiro, em Espanha. Todos os anos milhares de jovens experimentam a sua *chance* nas tentas, nas festas de campo, nas escolas tauromáquicas. Desses, uma centena exhibe-se de *curto* e tenta a novilhada e por fim só os mais aptos conseguem fazer um nome nos cartazes e na memória do público. É uma das mais difíceis e duras lutas pela vida, e Manolete começou por baixo, pelo anónimo e pobre rapazito que se exercita a medo com o capote, a muleta, para divertimento dos fidalgos e dos «señoritos». Com a obsessão constante de um dever a cumprir, viu uma única saída para a sua condição de pobre, da necessidade de escapar ao anonimato e depois, mais grave que isso, a esse estado intermédio que é o toureiro falhado, que acaba bandarilheiro na «quadrilha» de um *maestro* e morre de velhice na pobreza e no olvido.

## O COMEÇO DO TRIUNFO

Em 1 de Maio de 1935 apresentou-se Ma-





nolete em Tetuan de las Victórias. Os novilhos eram de Esteban Hernandez e o cartel composto pelos mexicanos Libório Ruiz e Silvério Pérez e os espanhóis «Varelito Chico» e «Angel» Rodriguez Manolete, pois nos cartazes houve um engano. A impressão que causa como estoqueador é grande e para o dia 5 do mesmo mês contratam-no de novo. Na sua cidade natal triunfa ao apresentar-se já como novilheiro feito. Corta orelha a 3 de Novembro e fica consagrado o seu valor em corridas sucessivas, nas quais obtém os maiores triunfos.

Mas a sua grande prova é em Sevilha. Pascual Marquez e Pepe Luiz eram então os ídolos da Vila Franca de Xira espanhola. Iria ressuscitar-se a velha pugna tauromáquica entre as duas cidades do Guadalquivir, a 26 de Maio de 1938 na **Maestranza** com «Torerito de Triana» e Juanito Belmonte e novilhos de Braganza. O sucesso é grande, mas o seu definitivo triunfo em Sevilha tem lugar a 9 de Outubro, num *mano-a-mano* com Pepe Luiz Vasquez. Fala-se já de um extraordinário, de um enorme estoqueador.

Já é apoderado por «Camará» e o seu es-

tilo estoico, a sua personalidade — que enche toda uma época — afirmam-se dia-a-dia com mais segurança. Quando se despede em Puerto de Santa Maria as orelhas e o rabo do último novilho levam-no à mesa de operações.

#### A RODA DO TRIUNFO

No dia 2 de Julho de 1939 recebe a alternativa na **Maestranza** de Sevilha das mãos de «Chicuelo». O primeiro touro que matou foi «Mirador» de Clemente Tassara. Ao apresentar-se em Madrid com Juanito Belmonte a confirmar a alternativa por mão de Marcial Lalandá, Manolete abria uma nova época do toureio.

Em 1939 toureou 16 corridas; em 1940, 50; em 1941, 55; em 1942, 72; em 1943, 75; em 1944, 92... e perde 11 por convalescer de colhidas. Daí por diante passou sempre a ser convidado. A sua figura excepcional de toureiro marca um estilo e indica um rumo. As polémicas à sua volta estalam: ídolo para muitos, banalidade para alguns poucos, o seu pundonor profissional não o deixa ser vítima das fáceis flutuações do



# MANOLETE

gosto e da crítica. E as hostilidades acabam por se confinar a alguns despeitos e invejas. Em Dezembro de 1944 parte pela primeira vez para o México. As circunstâncias são difíceis devido ao litígio existente entre toureiros espanhóis e mexicanos mas Manolete conhece um êxito nunca antes conhecido. Lá voltará outra vez e passa depois uma época em Espanha, sem tourear. Acede a entrar na famosa corrida de Beneficência, em Madrid, onde recebe uma grave cornada. As multidões deslocam-se para o aplaudir. Os escritores e os artistas homenageiam-no. Estamos em 1947, Manolete é uma figura nacional. Rico, respeitado, amado na sua terra natal, faz construir, para si e para sua mãe, um luxuoso palacete, anuncia o seu noivado com a actriz de cinema Lupe Sino e vai abandonar o toureio.

Mas, por ser grande nessa altura a polémica em volta das coisas de touros, Manolete, reagindo, disse a «Camará»: «Assina-me contratos que vou voltar a tourear».

Entre os contratos figurava um para a praça de Linares a 27 de Agosto, com Luiz Miguel Dominguín e «Gitanillo de Triana».

Em que residia o extraordinário sucesso de

Manolete como toureiro? Qual o segredo da sua arte que fez com que — ainda que nunca praticasse o *tercio* de bandarilhas — alguns o considerem ainda o maior de todos os tempos?

Belmonte, décadas antes revolucionara a arte inaugurando o toureio parado. Manolete levou esse toureio ao máximo da perfeição: tornou-o hierático, solene, quase religioso. A sua extraordinária personalidade deu a esse hieratismo, a sua religiosidade, um sabor e um prestígio inconfundíveis. A 16 de Maio de 1920 a Espanha perdia em Talavera de la Reina, morto pelo touro «Bailador», José Gomes Ortega «Gallito», nome-cume da tauromaquia. Vinte sete anos depois desaparece Manolete em Linares.

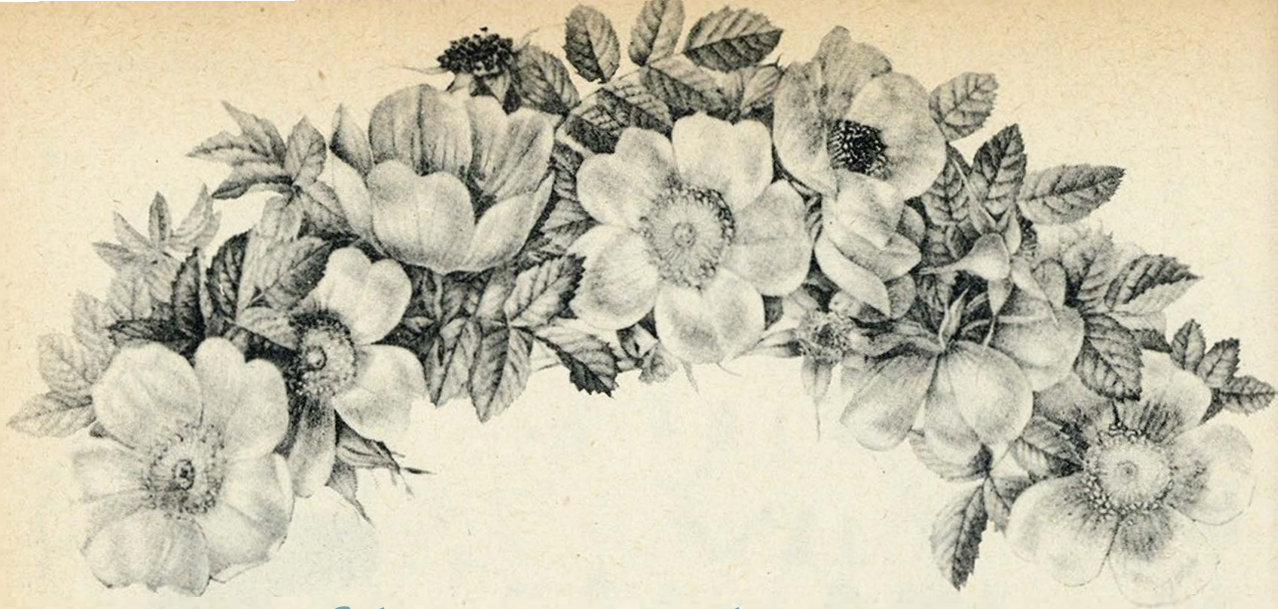
Quando Garcia Lorca celebrou no famoso *llanto* a morte de esse outro toureiro que foi Ignácio Sanchez Mejia, escreveu a certa altura o que se poderia ter escrito de Manolete:

«Tardará mucho tiempo a nacer, si es que  
[nace,  
un andaluz tan claro, tan rico de aven-  
[tura».









# floricultura

## ESCOLA ROMÂNTICA SÉCULO XIX

Nos princípios do século XIX, Napoleão, com a sua mania do Egipto, influenciou a moda decorativa dos princípios do Império — influência esta que ultrapassou as fronteiras da França. Abandonados, de momento, os graciosos «guéridons» e as delicadas cómodas da realeza, esquecida a velha nobreza que escapara à Revolução francesa e que sobrevivera desterrada nos seus solares em ruína, uma nova classe entrara em acção; vivia-se em França em plena euforia patriótica; havia dinheiro, havia a ambição de marcar pelo luxo. E de copiar o gosto novo-rico do pró-cônsul. Era tudo um pouco feito à pressa e Paris era o centro do Mundo. Pouco tempo e pouca paciência se dedicavam aos jardins particulares e menos ainda à decoração de flores. Quem se lembraria de encobrir o brilho vistoso dos bronzes de Thomiree com flores que apenas custavam uns centimos, ou de esconder as abelhas estampadas a ouro fino, das jarras de Sevres, com ramos de flores campestres?

Surgiram assim as «bolas» de flores vivas, que punham em evidência as vasilhas que as continham. Usavam-se igualmente arbus-

tos em vasos de pórfiro, que, em dias de festa, enfeitavam as grandiosas entradas dos novos palácios.

Nas salas, pouca razão havia para se arranjam flores.

Os cetins brilhantes, verdes e amarelos, davam a nota de cor e de riqueza consideradas de «bom-tom», e nos móveis de madeira polida, enriquecidos de bronzes gravado, melhor ficavam os pesados relógios de mármore e de metal, e os ricos candelabros, com as velas de cor reflectindo-se nos «bochèes» de cristal facetado.

Não quero ofender a França, (o país que as velhas gerações consideram de «bom-gosto», por excelência), dizendo que, em matéria de arranjo de flores, pequena foi a sua contribuição até este século e prefiro assim não chamar «escola francesa» ao muito pouco que acabo de descrever.

Pelo que tenho visto e lido, do outro lado da Mancha a influência de Napoleão, que ali era considerado um «arriviste» (perigoso aliás para a comunidade britânica como se viu pela sequênciã da História) fez-se sentir, apenas, no regresso ao uso do mogno, que fora substituído pelo espinheiro e pelo pau-cetim, e no desenho mais sóbrio dos



móveis (que se tinham efeminado nos últimos tempos), também, com a introdução de embutidos de metal. Mas estes eram sóbrios à maneira inglesa, e despidos dos excessos que em geral tornavam pesados e duros os seus equivalentes franceses.

Quanto à Arte que nos interessa, parece-me não ter havido em Inglaterra mudança radical, na forma, todavia, as flores continuaram a ter a maior importância na decoração das salas.

Não sei até que ponto se pode relacionar este facto com a circunstância de não haver em Inglaterra matéria-prima para se fazer loiça de porcelana fina. A verdade é que a grande especialidade inglesa era, e é ainda, a da faiança, material relativamente barato, que não exige fábricas de especialização e de apetrechamento muito caro.

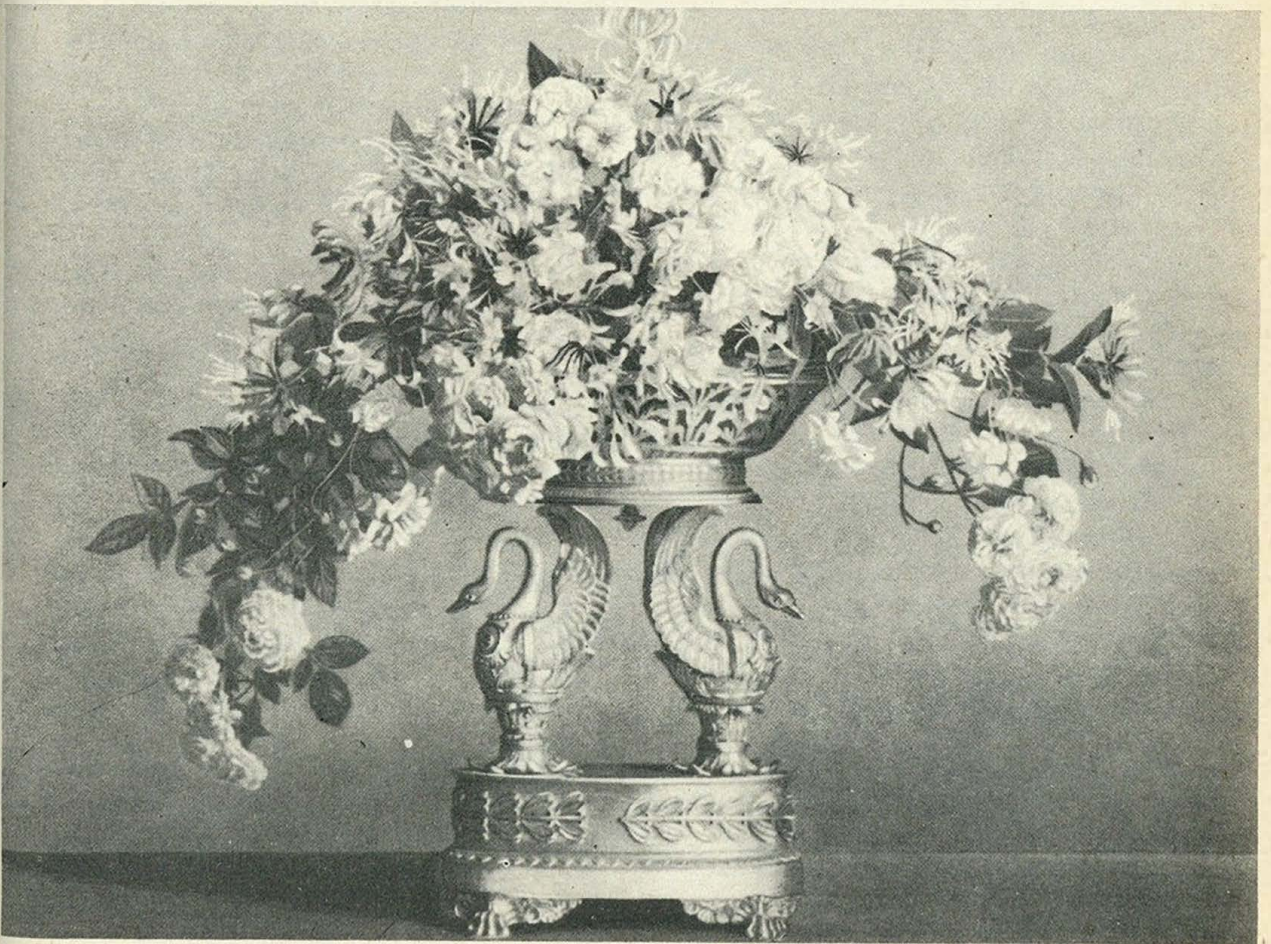
Em toda a parte se fabricavam loiças nas Ilhas Britânicas, por vezes muito agradáveis de forma e de cor, e muito apreciadas nos

outros países, mas sempre de preço módico — na época!

Daí a facilidade de substituição de jarras para flores, a indiferença pelas quebras, a possibilidade de variedade — e até, quem sabe? — a necessidade de substituir com flores, os «bibe'ots», praticamente inexistentes.

Devido a isso, e certamente devido ao grande amor dos ingleses por flores, continuou o aperfeiçoamento dos jardins, pela introdução de novas espécies e pelo cruzamento das já existentes.

Foi no princípio do século XIX que a Europa se encheu de «camélias» que, como tantas outras árvores decorativas, tiveram e têm a sua origem no Oriente. Foi talvez nos meados do século, (aquilo a que chamamos a «Época romântica») que as camélias fizeram furor. Em Inglaterra, onde os rododendros e as azáleas são quase selvagens, é espantosamente difícil criar camélias bonitas — mas a proverbial teimosia britânica foi vencendo





todos os obstáculos, mandando ir terra do estrangeiro, construindo abrigos, fazendo enxertos, até conseguir acompanhar os outros países, senão vencê-los, com os seus espécimes!

Foi uma autêntica mania: quando se não podiam ter camélias verdadeiras, faziam-se imitações com penas de aves, com retalhos de sedas, com conchas e também em cera.

Estas últimas cobriam-se com redomas de vidro, dada a sua fragilidade. As senhoras usavam camélias nos decotes, nos penteados — e nas salas. As camélias serviam para os mais diversos fins como vemos pelo uso que lhes deu a «Dama das Camélias»... Foram, com o goivo, a flor do tempo — a flor do século XIX, como a açucena fora a flor dos tempos medievais, a tulipa, a do século XVII e o narciso, a do século XVIII. Todas as flores têm a sua época de moda, como tudo, afinal. Todas, menos a rosa, que se não sabe donde e quando veio, que não teve época especial e que foi, é, e decerto continuará a ser, a flor de todos os tempos.

Na história da Camélia entrecruzam-se a lenda e a realidade.

Conta-se que em 519 da era de Cristo, certo príncipe indiano chamado Darma visitou a China, no intuito de dar instrução religiosa ao povo. Exausto por jejuns e caminhadas, adormeceu uma bela noite — não se sabe por quanto tempo. — Envergonhado, porém, com a sua fraqueza, resolveu castigar-se e cortar as pestanas, deitando-as ao chão.

De cada pestana caída sobre a terra nasceu um arbusto, de pequenas folhas luzidias e com flores achatadas de um tom marfim amarelado, a que chamaram **chá**.

O príncipe estava com muita sede e, não gostando de água simples, aproveitou o que lhe estava à mão fazendo uma infusão das folhas das flores, que lhe tirou o cansaço e lhe deu novo vigor.

Começou então a recomendar a bebida miraculosa aos seus discípulos e estes, por sua vez entusiasmados, resolveram arrancar pernadas aos arbustos para as plantarem nos seus jardins.

Verificaram, porém, que as plantas degeneravam, ao fim de pouco tempo, conforme o terreno e o clima em que eram plantadas. Mudavam de tamanho e de forma, acompa-

nhando as flores essa modificação. Acaba a lenda aqui.

Foram os portugueses os primeiros a trazer o **chá** para a Europa, nos fins do século XVI — mas trouxeram as folhas já secas e preparadas para serem utilizadas.

Os holandeses, no intuito de industrializarem a produção do chá, importaram plantas e raízes. No entanto, ou por terem comprado plantas já degeneradas, ou em consequência da diferença do clima, aquelas foram-se transformando e crescendo e sofrendo alterações que afectaram as próprias flores, dando origem às camélias mais correntes hoje na Europa.

O japoneses, esses, que além de grandes horticultores, são artistas naturais, viram mais cedo o valor decorativo das tais pequenas plantas que tomavam feitio diferente conforme eram tratadas. Começaram a apurar raças e a impor formas novas desde 1.400.

Faziam-no, contudo, sem o intuito de as explorar comercialmente — até porque essa flor tem a extranha tendência de morrer caindo inteira, de repente, como cai a cabeça de um homem, — o que era de mau agouro, para aqueles que, dada a sua casta, podiam vir a sofrer reveses análogos!

Assim, só os poderosos se sentiam à vontade para as cultivar em profusão. A peónia era a flor comum; a camélia, a flor aristocrata.

Daí talvez o facto das camélias poucas vezes figurarem nas ilustrações japonezas e o valor que atingem as poucas obras de arte em que elas figuram.

Não se pode dizer que o século XIX tenha sido um século de grande requinte artístico no que diz respeito à decoração.

Deve-se isto, em grande parte, ao gosto teutónico do Príncipe Alberto, consorte da Rainha Vitória. Com a queda de Napoleão, a França perdera muito do seu prestígio na Europa, e a força da Inglaterra, embora nem sempre exercida com tacto ou com respeito pela propriedade alheia, era incontestável.

Reinava de novo a paz e pareciam afastados os perigos iminentes que tinham ameaçado a Europa.

O comércio, exercido com certa liberdade, enriquecia muita gente, as descobertas científicas traziam um maior conforto aos lares







e a mão-de-obra era barata, bem como os serviços agrários e domésticos.

Vitória, rainha aos 18 anos, graciosa, aparentemente ingênua, fizera um casamento de amor.

Sucedendo a uma série de loucos e de devassos, era uma esposa impecável, uma mãe severa mas cuidadosa, que se retratava nos jardins a brincar com os filhos, e que passeava no seu «landau» ou dançava nos bailes das grandes casas de Londres, pondo sempre em evidência a sua paixão pelo marido. Todos sabiam que nas diárias entrevistas com os seus ministros mostrava um bom-senso e um conhecimento do seu povo, verdadeiramente excepcionais.

Como rainha, apelava para as qualidades da classe média (que desaprovava a brejeirice dos reis anteriores de quem tivera de suportar as despesas e as loucuras) a quem compreendia e com quem contava. Esta classe apreciava, tentava copiar a família real, quer no seu porte, quer na sua vida particular, quer nas modas que lançava.

Ora o Príncipe Alberto não tinha gosto: vinha de uma família de príncipes burgueses, se este termo se pode permitir, e habitara na Alemanha, desde a infância, uma grande casa de família, arranjada à moda alemã, onde os serões eram passados à volta de uma mesa coberta de veludo escuro (por causa das nódoas). Tinha pouco que fazer porque a rainha, que o adorava, não admitia a sua interferência em assuntos públicos.

Pouco mais lhe restava do que dedicar-se aos desportos favoritos e ser dono de casa e pai de família.

Habitado à casa aconchegada e muito cheia, de seus pais, tinha saudades do seu conforto e achava frios e despidos os palácios reais, que ninguém alterava há séculos e que nem a dignidade tinham, segundo ele, dos Shloss pseudo-góticos da sua terra.

Começou por arrumar a casa, fazendo rigorosos horários para secretários e criados. Depois decorou, com o seu mobiliário pessoal, o seu escritório — em seguida construiu, na Escócia, um pavilhão de caça para férias, Balmoral, com móveis importados da Alemanha, verdadeiros colossos de mogno polido, quase vidrados.

A rainha (provavelmente satisfeita de o ver entretido dentro dos limites que lhe impusera), encantada com ele como homem e

como marido, grata pelas suas economias caseiras, foi-o deixando actuar à sua vontade, orgulhosa dos melhoramentos que, naturalmente, achava impressionantes.

E a classe média, enobrecida ou não, que não herdara preciosidades nem obrigações para com o passado, ia copiando, entusiasticamente, o novo estilo, que tinha todos os predicados para a seduzir: era moderno, era sólido, era confortável, era económico — e **era o que usava a rainha**. Que mais queria? Daí a copiar, dentro das suas restrições financeiras ou sociais, a vida da família real, era um passo.

A Rainha tinha um carro novo, especialmente desenhado para ela? Só quem não podia, deixava de ter uma «Victória». A Rainha tinha uma hierarquia para as «nannies» reais? Pois os mesmos burgueses tinham **nurse, under nurse, nursery maid**, etc.

Os princepezinhos eram educados nos colégios superiores, ensinados a montar, a caçar e a esgrimir — para entrarem nos batalhões de prestígio social e na marinha? Todos os sacrifícios se faziam para que os filhos dos burgueses lhes seguissem as pisadas.

A princesas eram educadas com severidade e rigor, no respeito da vontade e da infalibilidade paterna? Ensinava-se-lhes o governo doméstico e labores femininos?

Pois todas as Augustas, Luíças e Vitórias de 6 anos aprendiam a fazer reverências aos seus superiores, a esperar respeitosamente que lhes fosse dirigida a palavra, a tratarem por Papá e Mamã o seu **Daddy** e a sua **Mummy**.

Eram ensinadas a bordar a matiz, a tocar piano, a recitar e a desenhar. Como as princesas que corriam os parques de Windsor em busca de flores e de folhas para secar em albuns, e as praias na busca de conchinhas para confeccionar molduras e flores para pôr nas árvores de Natal (novidade importada também pelo Príncipe consorte que nostálgicamente mostrava aos filhos como tinham sido os Natais da sua infância) tanto as «misses» Smith como as novas lady Maud ou Jane passavam as suas tardes a identificar flores e a secar folhas de feto, e os seus serões a bordar chinelas com asas de borboletas, ao som da voz grave do pai que lhes lia «sir» Walter Scott.

A rainha adorava flores e embora fosse o príncipe quem desenhava os novos canteiros



simétricos e impessoais que ainda hoje enfrentam as casas vitorianas, plantados de gerânios escarlates com bordaduras de lobélias azuis (oh horror!), era a rainha quem destinava os «flower-borders» dos seus jardins, (maravilhas de cor e de equilíbrio), e que entrevistava pessoalmente, para os criticar e para os incitar, os jardineiros superiores do Kew Gardens e dos parques públicos.

E embora tivesse de deixar a outros os arranjos de flores nas salas dos seus palácios, só ela o fazia no seu «boudoir» e obrigava as filhas (disseram-mo as duas que ainda conheci: Luísa e Vitória) a conhecer pelo nome todas as flores que os formavam e a arranjar, por suas mãos, os ramos que enfeitavam as suas casas de campo.

Nada mais grato para as senhoras inglesas do que copiar também Sua Majestade neste dever, que constituia para elas um imenso prazer. Os jardins ingleses atingiram assim, na época romântica, um esplendor que não deve ser fácil ultrapassar.

Nas casas, porém, o nível baixou.

A correcção impessoal das camélias substituiu a graça natural das rosas, as cores garbadas eram de rigor e concorriam em volume e em peso com os móveis de mogno pseudo-góticos ou pseudo-Luís XIII. Os maciços de penachos hirsutos contrastavam com os ténues «bules-bules» artisticamente dispostos em ovos de avestruz! Nas mesas de jantar, molhos disformes de cravos com avencas abafavam os elaborados cestos de prata e impediam a conversa de um lado para outro.

Só uma coisa ficou da moda vitoriana: o ramalhete de flores miudinhas, ou de botões de rosa, cercados por folhos de renda engomada e atados com longas fitas de cetim, que as debutantes levavam na mão no dia máximo de glória da sua apresentação na Corte. Eram escolhidos a dizer, ou em contraste, com os seus vestidos claros, e tão bem matizados e executados que podem considerar-se, por vezes, pequenas obras de arte.





1871

ANTIQUARIUM



# BREVE NOTÍCIA SOBRE A REAL FÁBRICA DE LOIÇA DO RATO

por Manuel Deslandes

Situada às Amoreiras, em terrenos anexos à Praça do Brasil, a que ainda hoje por tradição damos o nome de «Rato», foi sem dúvida a riqueza argilosa do solo que motivou a escolha desse local para a sua edificação. É bem estranho, e longe de o pensar estão os seus moradores, que o chão que diariamente pisam, forneceu argila que nos proporcionou a maior e melhor fábrica de faianças portuguesas na segunda metade do século XVIII e primeiros anos do século XIX.

Estabelecida por conta do Estado, foi a sua administração entregue à Real Fábrica de Sedas, a cujo edifício era anexa. Teve a Real Fábrica do Rato como seus primeiros orientadores o mestre Tomás Bruneto, italiano, natural da cidade de Turim, e, como contramestre, um outro italiano de nome José Veroli.

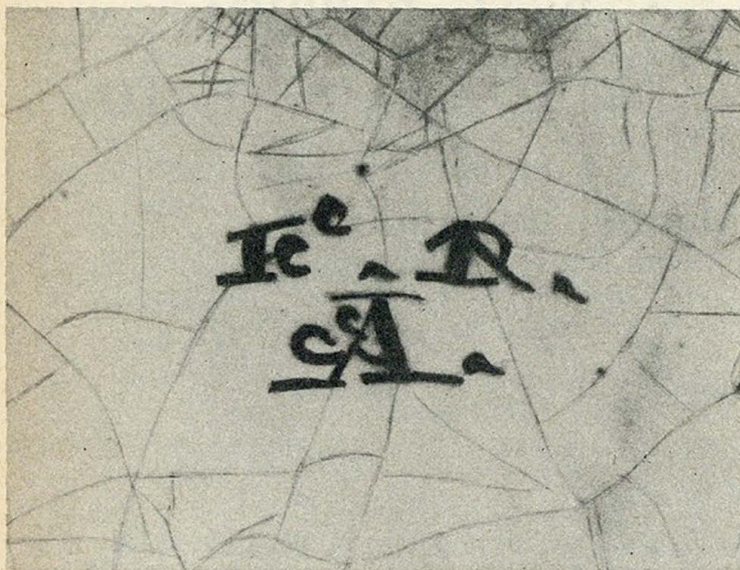
Iniciou-se o período áureo da fábrica, que, infelizmente, de pouca duração foi, pois, mercê do génio assomado do mestre e do contramestre, ambos tiveram que ser despedidos, sendo substituídos, o primeiro por Sebastião Inácio de Almeida, e o segundo, por Severino José da Silva, conforme condições ajustadas em 14 de Agosto de 1771. Em novo ajuste de condições, ficou estabelecido, por acordo de 19 de Dezembro de 1777, que a fábrica e seus materiais passariam a ser explorados de conta própria pelo mestre Sebastião Inácio de Almeida, desde que este liquidasse à Fazenda Real, em dez prestações

anuais, a importância de 19.597\$336, e se compromettesse a ter sempre em exercício um mínimo de seis artífices perfeitamente instruídos, não contando com os oficiais e aprendizes necessários ao movimento fabril. Por morte prematura do mestre Sebastião de Almeida, antes da completa liquidação da dívida, reassumiu a Real Fábrica de Sedas em Dezembro de 1779 de novo a administração, que conservou até à completa extinção em 1834, pelo advento do liberalismo.

Foi, como já dissemos, durante a administração do mestre italiano, o período áureo da fábrica, não pelo que respeita a decoração de figuras, mas sim quanto à esmaltagem e qualidade de porcelana. Peças monumentais saíram então da fábrica. Por encomenda do Marquês de Pombal, são fabricadas verdadeiras preciosidades que, a não ser pela marca, facilmente se tomariam por faianças de Delft.

Com a saída de Bruneto e a entrada de Sebastião de Almeida, perdeu-se, talvez, na grandiosidade das peças e policromia das cores, ganhando-se, contudo, no pormenor e delicadeza da decoração e na fixidez do colorido. Fazem-se autênticas maravilhas. É o período da azulejaria e das loiças armoriadas. As primeiras casas nobres portuguesas não desdenhavam de mandar retratar em azulejos, episódios históricos relacionados com membros da sua família, ao mesmo





Marca pintada no reverso da travessa (primeira figura da página seguinte). As letras são a azul, monograma do mestre Sebastião Inácio de Almeida encimado pelas iniciais da Fábrica do Rato.

tempo que encomendavam serviços de mesa decorados com as suas armas.

Achamos que, se a esmaltagem das peças e composição da loiça são inferiores no período do mestre português, são, contudo, bem compensadas pela extraordinária arte de decoração que este soube introduzir nos seus trabalhos, chegando ao ponto de criar, numa dependência da fábrica, uma escola de desenho e pintura cerâmica. O azul da decoração é inexcédível. Infelizmente, dado o proverbial abandono a que as coisas portuguesas, e pelos próprios portugueses, foram sempre votadas, é hoje bem difícil encontrar peças desta fábrica, em especial destes dois períodos. Com a morte do mestre Almeida e o retorno da administração à Fazenda Real, comercializa-se a produção. É o período da decadência. Fabricam-se recipientes, potes de farmácia, loiças de utilidade, etc., etc., em que havia como objectivo o baixo custo, em prejuízo da qualidade e delicadeza da produção. Foram talvez estes produtos que prejudica-

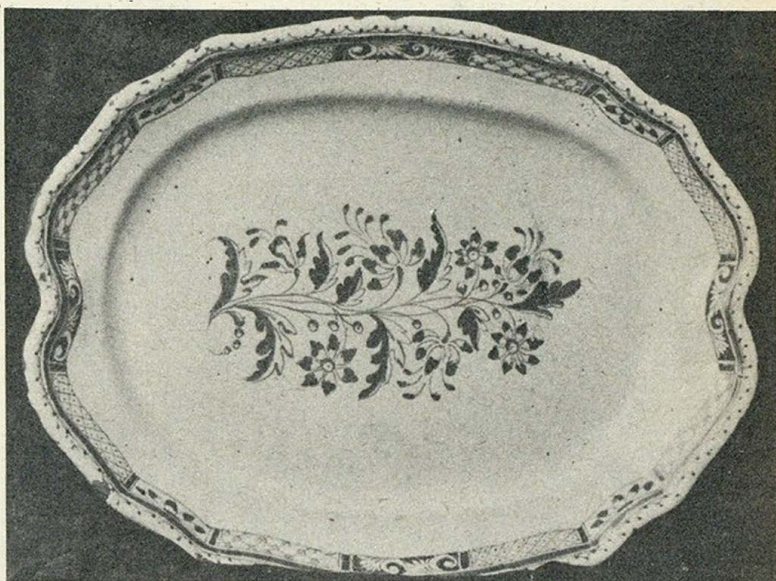
ram o conceito em que a fábrica era tida, pois por serem mais recentes e em maior quantidade fabricados, já que se tratava de fabricação em série, eram, sem dúvida, de mais generalizado conhecimento. Esteve neste período a administração entregue a João Anastácio Botelho, bom administrador, mas de medíocre espírito artístico.

Não obstante a excelente qualidade das barreiras onde a fábrica estava instalada, nem sempre era do seu barro que as peças eram feitas. Temos o exemplo de diversas peças em que a coloração da argila é de tom avermelhado, quando o barro do «Rato», é de tom vincadamente amarelo.

É, pois, bem difícil para o leigo, que por inexperiência não sente a peça, a identificação dum «Rato». Felizmente, e coisa bem rara na época, houve quase sempre da parte da administração o cuidado de mandar marcar as peças, juntando à inicial do nome do artista as iniciais da fábrica, do que damos alguns exemplos:



Decoração a azul e branco — período de Sebastião Inácio de Almeida. Pertence ao antiquário Carlos Garcia Macedo.



Decoração a azul e branco, o fruto da tampa é amarelo com a folhagem verde — período de Sebastião Inácio de Almeida. Pertence ao antiquário Manuel Henriques de Carvalho, Lda.





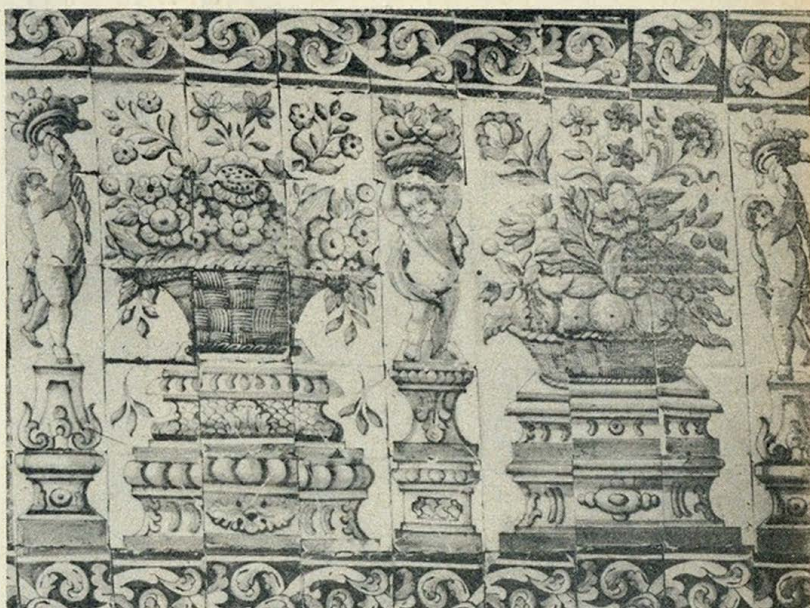




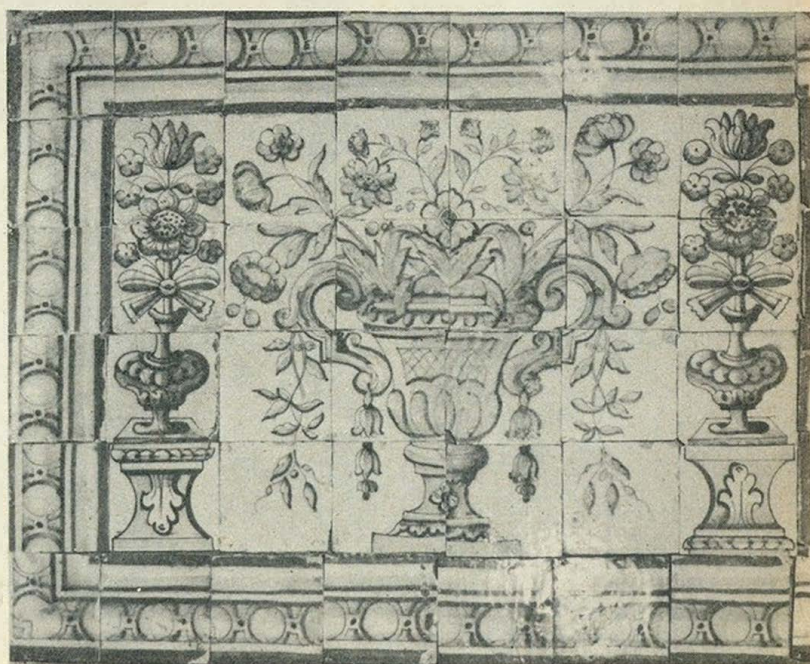
À esquerda: — Esmalte branco  
— período de Tomás Bruneto.  
Pertence ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Juiz  
Dr. Eduardo Corrêa Guedes.



Decoração a azul e branco  
— período de Sebastião Inácio  
de Almeida. Pertence ao anti-  
quário Manuel Henriques de  
Carvalho, Lda.



Decoração a azul e branco.  
— período de Sebastião Inácio  
de Almeida. Pertence ao anti-  
quário Manuel Henriques de  
Carvalho, Lda.



Decoração a azul e branco  
— período de Sebastião Inácio  
de Almeida. Pertence ao anti-  
quário Manuel Henriques de  
Carvalho, Lda.



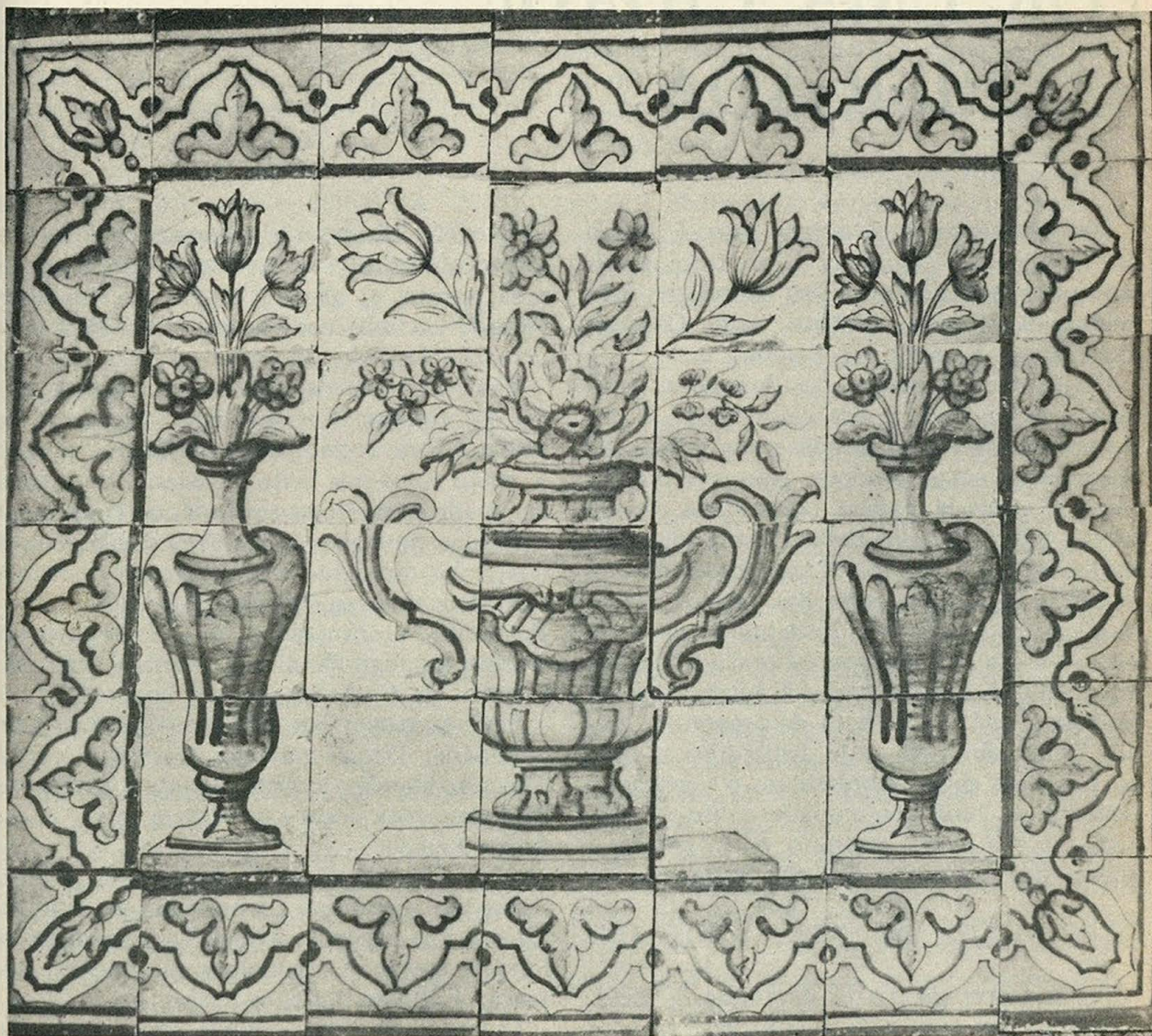
Potes de Farmácia, decoração  
a azul e branco muito empas-  
sada — período da decadên-  
cia. Pertence ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor  
Juiz Dr. Eduardo Corrêa  
Guedes.





Decoração a azul e branco  
— período de Sebastião Inácio  
de Almeida. Pertence ao anti-  
quário Manuel Henriques de  
Carvalho, Lda.

# ANTIQUARIUM





# desastres da guerra

## LAMENTO POR UMA CIDADE SACRIFICADA

Há precisamente dezasseis anos — Junho de 1944 — Civitella della Chiana foi assaltada pela barbárie nazi e deu entrada na lista imensa das cidades mártires, como Oradour em França, Kirockzi na Polónia, etc.

Da terrível provação dos humildes habitantes de Civitella pouca coisa ficou. A sua aventura não foi celebrada pelos poetas da Resistência, como Oradour. Não teve um Picasso a atestá-la para a posteridade ou um Goya. Não. Civitella della Chiana suportou «entre muros», na intimidade desamparada dos seus habitantes, uma das maiores tragédias da guerra. E foi o testemunho das próprias vítimas que chamou sobre ela a atenção do mundo — um punhado de relatos desprezíveis, escritos na hora da amargura, três dos quais são hoje aqui lembrados e que, ao fim e ao cabo, representam o verdadeiro lamento de uma comunidade contra a vingança organizada, contra o ódio, contra a guerra dos homens e dos não-homens.

### DEPOIMENTO DE ANNA CETOLONI

Ao anoitecer do dia 18 de Junho de 1944, estava eu em casa com o meu marido e os

meus dois filhos, vi aproximarem-se alguns soldados alemães. (...) Fiquei muito admirada porque os alemães nunca tinham atravessado Civitella com os seus camiões a uma hora tão tardia (...).

Vinte minutos depois ouvimos tiros e gritos de crianças. Em seguida, um grande silêncio. Tive receio de espreitar à janela. E então fomos deitar, bastante inquietos. De madrugada fomos acordados com umas pancadas na porta: era o meu cunhado que nos vinha dizer que os patriotas haviam matado dois alemães e ferido gravemente outro. Pensando, aterrorizados, nas consequências resolvemos fugir da aldeia. Muitos outros habitantes de Civitella fugiram connosco (...) e ficámos cinco dias nos bosques cheios de ansiedade. Depois ouvimos dizer que vários soldados alemães tinham dito que podíamos regressar sem receio a nossas casas (...). Assim fizemos.

(...) Na manhã de 29, festa de S. Pedro, havia um sol radioso, mas subia do vale do Chiana um nevoeiro artificial que os alemães haviam espalhado para lhes esconder a presença. E fomos todos à missa.

Quando me dirigia para a igreja vi várias



peças que corriam aterrorizadas. Perguntei-lhes o que se passava e disseram-me que os alemães se aproximavam. O meu marido tinha saído da aldeia com alguns colegas por motivos profissionais. E eu fechei-me em casa com os meus filhos, pedindo a Deus que não acontecesse qualquer desgraça. De súbito ouvi uma violenta fuzilaria e (depois) senti que a porta da minha casa era metida dentro, à coronhada. Os soldados entraram, vistoriaram a casa e mandaram-me sair com os meus filhos. Um espectáculo terrível surgiu a meus olhos: numerosos cadáveres de homens estavam estendidos nas ruas, banhadas em sangue; as casas ardiavam; mulheres e crianças seminuas corriam, à frente dos soldados.

Refugiámo-nos nos bosques com outras mulheres cujos maridos, pais e irmãos haviam sido fuzilados. Por mim, tinha ainda a esperança de que o meu marido, que saíra da aldeia, tivesse escapado. Do bosque víamos as chamas e o fumo que se erguiam de Civitella. Pelas mulheres que entretanto chegavam eu soube da morte dos meus tios, do meu irmão, e de muitos outros.

Pelas cinco horas resolvemos regressar à aldeia. Em que estado tinha ela ficado! Casas completamente incendiadas, rios de sangue, chapéus, gravatas, espalhados pelas ruas...

(...) No dia seguinte... eu, que vivera na esperança de que o meu marido tivesse escapado, soube que havia sido fuzilado ao mesmo tempo que dezoito homens, depois de ser obrigado a assistir à destruição da aldeia.

Pedi então a Deus que nos desse coragem a mim e aos meus filhos para suportarmos este luto e segui com outras viúvas para o local onde estavam os nossos homens.

Anna Cetoloni

#### DEPOIMENTO DE ULIANA HERINI

Em 18 de Junho de 1944, cerca das nove e meia da noite dois soldados alemães foram mortos pelos patriotas. E desse modo começou a minha desgraça e a desgraça de todos os habitantes de Civitella. Na madrugada de 19, antes de amanhecer, o meu marido, os meus filhos e eu, assim como várias outras pessoas, refugiámo-nos numa casa dos arredores. Procedíamos assim porque receávamos

as represálias alemãs, tanto mais que, numa aldeia próxima, eles haviam fuzilado muita gente por um caso semelhante. A 20, alguns alemães foram buscar em dois camiões os seus mortos (...). Eles quiseram saber quem os havia assassinado e ameaçaram-nos com terríveis represálias (...). No dia seguinte, ao meio-dia, vimos quatro camiões cheios de soldados. Alguns deles dispersaram-se pelos campos, os outros dirigiram-se para a aldeia. E as represálias começaram: entraram nas casas, roubaram o que lhes apeteceu e obrigaram as raras pessoas que encontraram na aldeia a sair para a rua. Mas nesse dia houve poucas vítimas. Poucos homens encontraram, havia sobretudo crianças e mulheres.

Os soldados consultaram-se com os olhares, libertaram as mulheres e as crianças, resmungaram não sei o quê e foram-se embora (...). O presidente da Câmara falou com um oficial alemão e garantiu-lhe que ninguém daquela região era responsável pela morte dos dois soldados. E assim, família após família, todos os habitantes regressaram às suas casas.

Na manhã de 29, festa dos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo... vi várias pessoas que se dirigiam para a igreja e que diziam, inquietas: «Vêm os soldados alemães!».

(...) Minutos depois começou o terror. Fuzilaria, crepitar das metralhadoras, gritos selvagens... E nós os três, ali, completamente aterrorizados, até que ouvimos que alguém subia as escadas... O meu marido disse: «Chegou a nossa vez. Sabe-se lá o que nos irão fazer!». Nesse momento entrou no nosso quarto um homem, ou um demónio — não saberei dizer — cheio de granadas, da cabeça aos pés e com uma espingarda nas mãos. Era terrível de ver! Disse ao meu marido que se levantasse. Eu aproximei-me dele e supliquei-lhe que deixasse o meu marido porque estava muito doente e não podia levantar-se. Perguntei-lhe se não tinha coração, se não tinha piedade de mim e do meu filho, a quem ele queria roubar o pai. Perguntei-lhe se ainda tinha mãe ou se ainda se recordava dela. Mas nem as minhas súplicas, nem as minhas lágrimas conseguiram comovê-lo. Ele começou a gritar: «Raus! Raus!» com gritos tão violentos e tão selvagens que ainda hoje os ouço nos meus ouvidos. Mas o meu marido disse-me: «Dá-me a minha roupa, não conseguirás convencê-lo!». Ele es-



tava tão emocionado, tão pálido que não conseguia vestir-se. O soldado continuava a gritar: «Raus! Raus!». E assim eu tive de ajudar o meu marido a vestir-se para a morte. Mas eu não acreditava ainda que eles matassem.

Eu supunha que o iam mandar para um campo de trabalho. De contrário teriam de matá-lo nos meus braços. Dez minutos depois de o levarem, voltaram. Eu continuava no mesmo sítio com o meu filho. «Rua! Rua!», disseram eles e expulsáram-nos de casa. Só então percebi qual era o nosso destino: as casas ardiam e não havia ninguém na aldeia. Os homens tinham sido fuzilados, as mulheres expulsas. Os únicos habitantes de Civitella eram os cadáveres e aqueles animais ferozes!

... ..

Uliana Herini

#### DEPOIMENTO DE LAURA GUASTI

Foi no dia 18 de Junho. (...) Com os meus filhos eu esperava as nove horas da noite para ouvir a B. B. C., quando o meu marido e um amigo entraram. «Os patriotas acabam de passar», disse o meu marido. «Reconheci-os porque ouvi gritar o nome de Renzino (Renzino era o nome do chefe regional da Resistência). Receio que esteja qualquer coisa para acontecer, porque vi uns alemães bêbados». Mal ele tinha pronunciado estas palavras, ouviu-se uma rajada de metralhadora. Olhámos uns para os outros, interditos; olhando através das persianas, pudemos ver uns homens que fugiam e gritavam. Uma mulher dizia: «Mataram três alemães!». (...) Era tarde e o meu marido pensou que o melhor era mandarmos os filhos para a cama. Quanto a ele instalou-se numa

cadeira esperando com ansiedade o que se ia passar. Cada novo ruído fazia-nos tremer, no receio de que fossem já os alemães a exercer represálias (como sabíamos que havia acontecido em Casentino).

(...) Foi então que uma mulher de Gebbia, aldeia vizinha, nos disse que não abandonássemos Civitella para evitar que os alemães pilhassem as nossas casas e fizessem uma batida ao bosques vizinhos para encontrar e castigar quem encontrassem.

Ela era intérprete na Kommandantur e prometeu ocupar-se do caso e explicar aos alemães que os culpados não eram de Civitella.

(...) Depois do almoço, pelas quinze horas, um camião trouxe uma quinzena de alemães armados até aos dentes (...) e os soldados mortos foram conduzidos ao cemitério, sendo a descida dos caixões à cova precedida de uma salva de tiros, salva essa de que a população havia sido avisada para não se assustar. Esta precaução convenceu-nos de que tudo correria pelo melhor. (...) Mas Luigi Lamioni foi avisado de que teria de dizer os nomes dos homens que haviam matado os soldados alemães, no prazo de 24 horas.

A isto sucederam-se umas horas de calma, mas pelo anoitecer novas salvas de tiros indicaram-nos que os alemães estavam de volta.

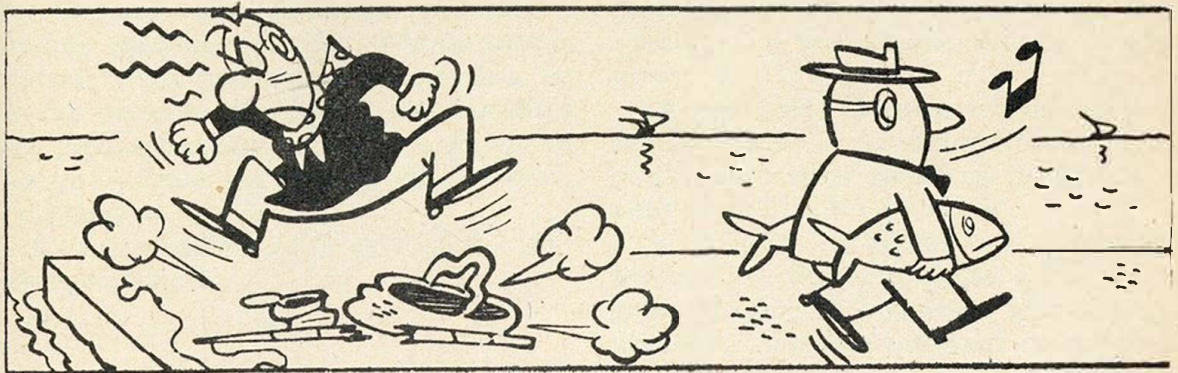
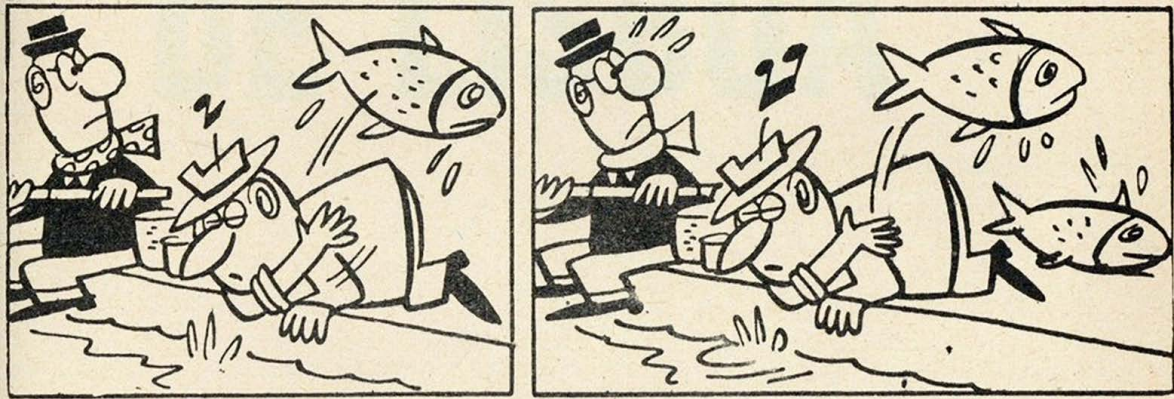
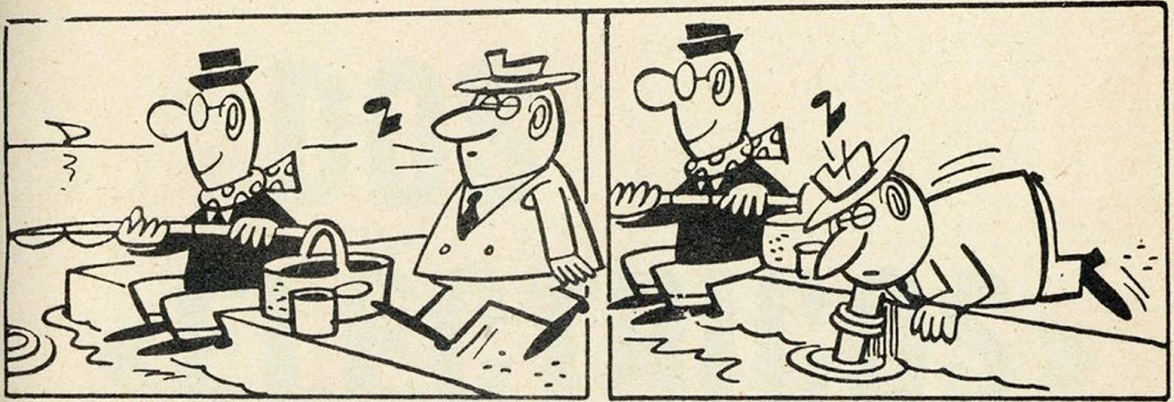
Fomos obrigados a sair de nossas casas e depois os soldados verificaram os nossos documentos de identificação. Posto isso, deixaram-nos. Sentíamo-nos felizes por pensar que estava tudo terminado, tanto mais que os aliados estavam próximos e os alemães batiam em retirada.

Mas, na manhã de 29 de Junho...

Laura Guasti











# EM LOUVOR DOS «ELÉCTRICOS» DE LISBOA

Imagino-me transportado até um tempo lisboeta em que os «eléctricos» serão apenas (se, por essa altura, comovidos e saudosos, sobrevivermos) uma esfumada, pitoresca e tilintante mancha amarela, definitivamente arrumada numa gaveta da nossa memória, ao lado dos passeios empedrados, das palmeiras e dos prédios forrados de azulejos. E, então, diremos: — Eram tão alegres, tão lisboetas, os «eléctricos»...

...Com um sentimento de invencível e irreparável melancolia.

★

Estou a ouvir, neste instante (mentalmente), a chiadeira que fazem quando entram numa curva e a descrevem. Este ruído de gume afiado e arrepiante podia servir de tema a uma composição de música concreta... Mas, seja como for, música.

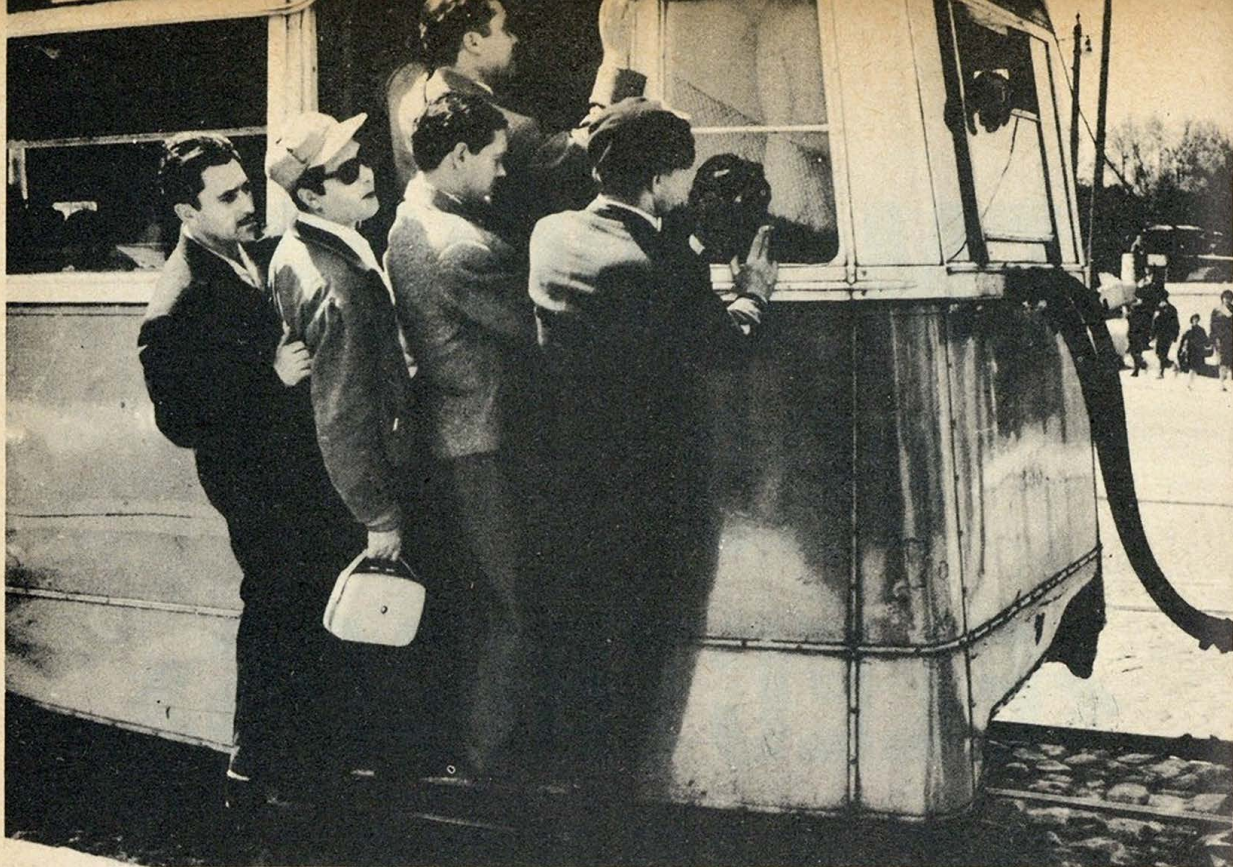
Um grande poeta de Lisboa confessou, um

dia, que escrevia versos nos «eléctricos» nas costas de bilhetes de «eléctrico»; e outro, (demonstrando o que se me afigura ser uma exacta presciência estética) deu mesmo a uma colectânea de poesias suas o título de «Eléctrico»:

«As poesias de **Eléctrico** — elucidada, no pórtico do caderno — foram improvisadas e compostas nos carros eléctricos de Lisboa nos anos de 1943, 1944 e 1945.»

Só de facto os poetas — e o povo — se servem hoje dos «eléctricos» e lhes têm alguma afeição. Os burgueses, apressados, indispostos, infelizes, preferem os transportes (e os solavancos) automóveis, próprios ou alheios. Quanto ao povo, é tal a sua predilecção (involuntária?...), por estes transportes colectivos, que os lugares se disputam quase à força. Quando o carro arranca de uma paragem, às vezes com relutante esforço, ao acometer uma subida íngreme, é ver que sem-





pre arrasta, em cacho, magotes de populares, agarrados com unhas e dentes aos varões, os pés fincados nos estribos...

A certas horas, em certas carreiras, os «eléctricos» cheios de gente empilhada, mais parecem vagões de gado a caminho de um stalag...

Para as crianças, que são por um lado poetas, enquanto lhes não destroem a singela espontaneidade e a alegria de viver, e por outro lado, povo, porque nascem com a secreta ciência da simplicidade — para as crianças é uma aventura e uma delícia viajarem nestes carros, com as cabecinhas coladas às janelas de grandes vidraças, através das quais (que espectáculo!) vêem, e vêem bem, não cortado ao meio por um varão metálico, o buliçoso e fascinante filme da rua.

E as aventuras surpreendentes que acontecem (mas só aos poetas...) nos «eléctricos»? Oçam só esta, num carro para Campolide. («Eléctrico», de José Gomes Ferreira):

*Uma mulher de carne azul,  
semeadora de luas e de transes  
atravessou o vidro  
e veio, voadora,  
sentar-se ao meu colo  
na nudez reclinada  
dum desdém de espelhos.*

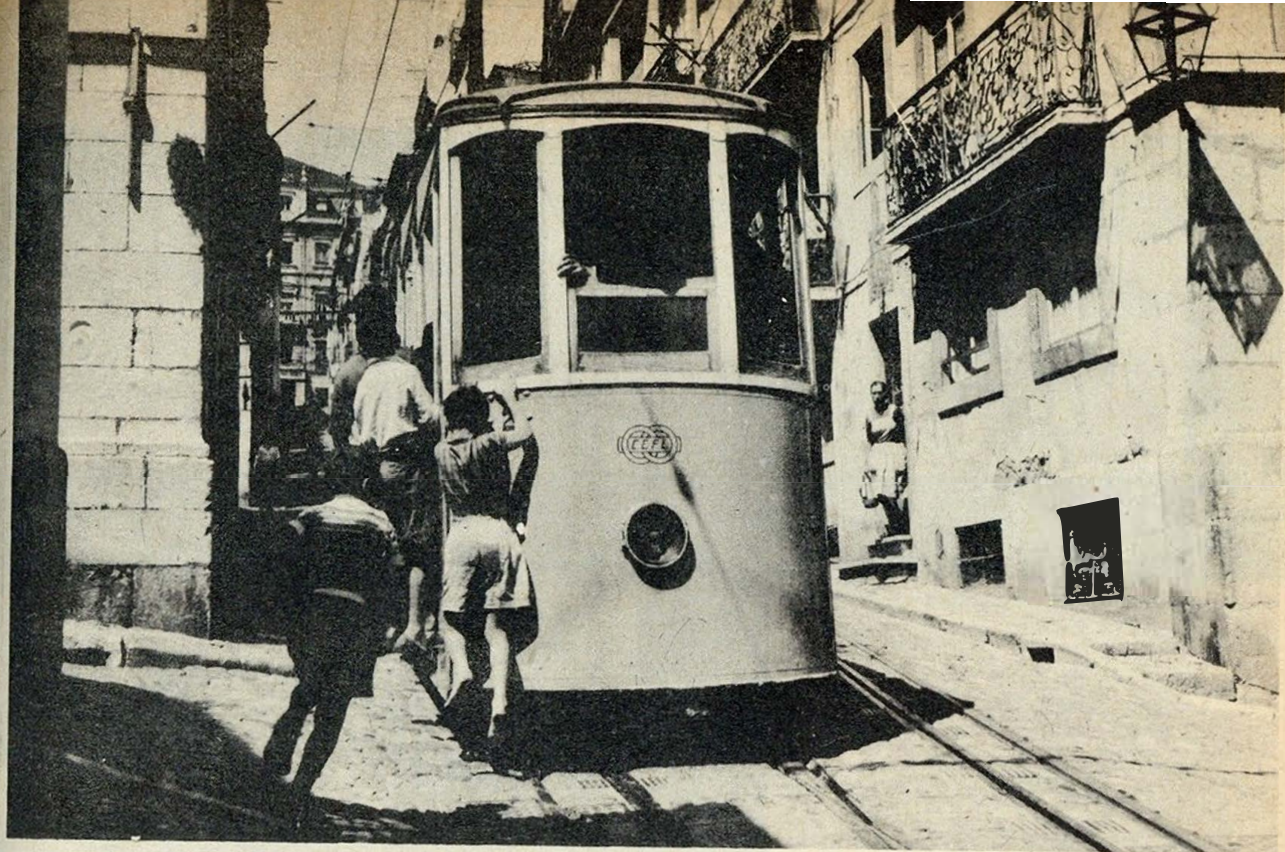
Não é difícil sentirmo-nos bem, nos «eléctricos». Os assentos, familiares e confortáveis, são de palhinha (e não de pergamóide, que é uma palavra viscosa e, por coincidência, uma coisa viscosa) e dão ao salão interior do carro uma qualidade convincente. E, depois, quem viaja nos «eléctricos» tem à vista o revestimento de autêntica madeira (coisa que já hoje vai sendo raro encontrar, pois cada vez há menos árvores), envernizada, de cor clara, repousante. Os carros mais antigos ao serviço ainda mostram, numa tocante reminiscência, frisos e ornatos florais do «1900». Campainhas autênticas tilintam, familiarmente: São verdadeiros sons, de percussão alegre e musical, bem diferentes dos modernos, insidiosos avisos sonoros de elaboração mecânica, que parecem emitidos por órgãos de fonação, muito ampliados, de monstruosos insectos selenitas...

★

Os «eléctricos» sugerem-me um parêntesis: os ascensores, que tenho pena não sejam (ou porque não caibam na competente definição técnica ou porque se lhes não chame assim) os funiculares de Lisboa.

Dos três, é o da Bica que decididamente





prefiro. Dos três, é o que faz a mais agradável viagem. Pequeno, sem o espaçoso ventre e a gravidade pesada dos seus irmãos da Glória e do Lavra, é mais um brinquedo do que outra coisa. E é um brinquedo, de facto, para a petizada da Bica, que com o à-vontade do hábito, salta, corre, brinca à volta dele, atravessando-se por vezes inesperadamente — tlim! tlim! — Ah, malvado rapaz, que te matas! — à sua frente...

(O perigo passou: a criança, pálida ainda, uma moleza na espinha, afasta-se com o vago receio de um castigo. Na soleira de uma porta, uma velha de rosto empergaminhado, assistiu à cena. Quantos casos como aquele não viu já? O grito começado, de aflição pelo desastre iminente que podia ser o do seu neto, morreu-lhe nos lábios. Quem sabe se lhe não desenhou mais uma ruga na face cansada ou embranqueceu mais um cabelo?).

Entre sustos, gritos, risos, correrias, o elevador da Bica sobe e desce, incansável, entre as duas filas de antigas casas que só têm de lavado a roupa cosida e remendada, mas branca, estendida ao sol.

No termo da viagem ascendente, vemos, do Calhariz, ao fundo, ao longe, uma nesga do Tejo, onde iluminado pelo sol em chapa,

cabe um barco. Talvez um paquete — mas, com certeza, um barco à vela.

★

Como são às vezes cruelmente destituídas de interesse e amor pelas coisas poéticas as Enciclopédias! Definem o «eléctrico» como «carro de transporte de passageiros, movido pela electricidade».

★

O «eléctrico» por este ou por aquele motivo, vai assumindo aos olhos dos lisboetas o carácter de objecto estético, e de modo cada vez mais evidente, à medida que vemos delinear-se a iminência de perdê-lo, a iminência de o ver roubado um dia ao nosso convívio quotidiano.

Um destes carros — inevitável destino dos objectos estéticos por definição — recolherá um dia ao museu que ainda não se fundou. Mas será, então, uma pobre máquina fria e sem vida, perdido o calor da electricidade que lhe percorria as veias. Por isso devemos hoje, enquanto é tempo, amar um pouco mais os «eléctricos». Ou, simplesmente, reparar neles.

BERNARDO GOMES





os grandes  
contistas

# FANTASIA

por Nathaniel Hawthorne

A percepção que temos de qualquer facto é sempre parcial, mesmo daqueles factos que realmente exercem influência no curso da nossa vida e do nosso destino. Existe um sem-número de outros factos — se assim se podem chamar — que roçam por nós e, contudo, passam adiante sem resultados concretos, ainda quando traem a sua passagem através do nosso espírito por um reflexo de luz ou sombra. Pudéssemos conhecer todas as vicissitudes do nosso destino — e a vida não nos concederia uma única hora de verdadeira serenidade, por demasiado cheia de esperança e medo, de regozijo e desapontamento. Este conceito pode ser demonstrado por uma página do segredo de David Swan.

Nada temos que ver com David até o momento em que vamos encontrá-lo, com vinte anos de idade, na estrada que, da sua terra natal, conduz à cidade de Boston, onde seu tio, um modesto negociante do ramo de mercearias, tenciona pô-lo ao balcão. Deve ainda acrescentar-se que David nasceu em New Hampshire, é filho de gente respeitável e recebeu uma razoável educação escolar, com o clássico remate de um ano na Academia Gilmanton. Era um dia de Verão e David

caminhara desde o nascer do Sol até perto do meio-dia; a fadiga e o calor crescente levaram-no a sentar-se na primeira sombra propícia e a esperar aí a passagem da mala-posta. Como que plantado mesmo de propósito, não tardou a aparecer um pequeno grupo de árvores, tendo no meio um agradável retiro e uma fonte tão fresca e borbulhante, que parecia nunca ter brilhado aos olhos de outro caminhante antes de David Swan. Fosse ou não virgem, ele beijou-a com os lábios sedentos e estirou-se à sua beira, ao comprido, recostando a cabeça nalgumas camisas e num par de calças, atadas com um lenço de algodão. Os raios de sol não o atingiam; a poeira não se levantara ainda da estrada, depois da chuvada da véspera; e o chão, relvado, consolava mais o rapaz que um leito de penugem. Preguiçosa, a nascente murmurava a seu lado; sonhadores, os ramos baloiçavam-se lá no alto sobre o céu azul; um sono profundo, porventura escondendo sonhos nas suas profundezas, caiu sobre David Swan. Mas estamos aqui para relatar factos que ele não sonhou.

Enquanto jazia adormecido à sombra, outras pessoas estavam bem acordadas e cru-

zavam, a pé, a cavalo, e em toda a sorte de veículos, a estrada soalhenta, sobranceira ao seu quarto. Umas, não olhavam nem para a esquerda nem para a direita e não sabiam que ele estava ali; outras, apenas relanceavam os olhos pelo sítio, sem contarem o dorminhoco entre as preocupações dos seus pensamentos; outras, riam-se, ao ver como dormia profundamente; e muitas, cujos corações transbordavam de desdém, vazavam o seu venenoso excedente sobre David Swan. Uma viúva de meia-idade, não vendo ninguém próximo, meteu a cabeça um pouco dentro do recesso e admirou como o jovem era encantador a dormir. Um pregador de temperança viu-o e incluiu o pobre David no texto do seu sermão daquela noite como um terrível exemplo da embriaguez, prostrado à beira do caminho. Porém, a censura, o louvor, o riso, o desdém, a indiferença, eram tudo a mesma coisa ou, melhor, nada representavam para David Swan.

Dormia apenas havia alguns minutos, quando uma carruagem castanha, puxada por uma bela parelha de cavalos, veio, num andamento certo, parar mesmo defronte do sítio onde repousava David. Caíra uma cavilha e

deixara saltar um das rodas. O dano era ligeiro e apenas ocasionara um momentâneo alarme no idoso comerciante e na sua esposa, que regressavam de Boston na carruagem. Enquanto o cocheiro e um criado colocavam a roda, o casal procurou abrigo debaixo das árvores e aí descobriu a nascente e David adormecido junto dela. Imbuído daquele respeito que toda a pessoa adormecida espalha à sua volta, até a de mais humilde condição, o comerciante avançou tão silenciosamente quanto a sua gota lhe permitia, e a esposa teve todo o cuidado em não rojar o vestido de seda, com receio de que David acordasse de súbito.

— Como dorme profundamente! — segredou o velho senhor. — Como a sua respiração é fácil e extensa! Um sono assim, dispensando qualquer droga, seria mais valioso para mim que a metade do meu rendimento, pois significaria saúde e espírito sereno.

— E acima de tudo, mocidade — disse a esposa. — A velhice saudável e sossegada não dorme assim. O nosso sono não se parece mais com o dele do que a nossa vigília.

Quanto mais observava David, mais o venerando casal se interessava pelo jovem



desconhecido, para quem a berma do caminho e a sombra das árvores eram como um quarto recatado, de ricos cortinados de damasco que sobre ele derramassem uma doce penumbra. Percebendo que um desgarrado raio de sol lhe batia na face, a dama procurou interceptá-lo, desviando um ramo para o lado. Feito este pequeno acto de bondade, começou a sentir-se como uma mãe para ele.

— Dir-se-ia ter sido a Providência quem o pôs aqui — segredou para o marido — e que nos trouxe a este sítio para que o encontrássemos, depois do desapontamento que tivemos com o filho do nosso primo. Parece-me ver neste rapaz uma grande semelhança com o nosso falecido Henry. E se o acorrdássemos?

— Para quê? — disse o mercador, hesitando. — Nada sabemos do carácter do rapaz.

— Este rosto franco... — replicou a esposa, na mesma voz baixa mas enérgica. — Este sono inocente...

Enquanto faziam estes comentários, o coração do adormecido não alterou as pulsações, a sua respiração não se tornou agitada nem as suas feições revelaram o menor sinal de interesse. E, contudo, era a Fortuna que sobre ele se debruçava, pronta a deixar cair um punhado de ouro. O velho mercador perdera o único filho e não tinha herdeiro para a sua riqueza, excepto um parente distante cuja conduta o desgostara. Em casos como estes, fazem-se às vezes coisas mais estranhas que as acções dum mágico, e acorda na abundância um mancebo que adormeceu na pobreza.

— Vamos despertá-lo — repetiu a senhora, persuasivamente.

— Senhor, a carruagem está pronta — disse o criado, atrás deles.

O velho casal estremeceu, corou e apressou-se a sair dali, ambos se admirando de que alguma vez tivessem sonhado fazer uma coisa tão ridícula. O mercador instalou-se na carruagem e ocupou o espírito em planear um asilo magnífico para homens de negócios desafortunados. Entretanto, David Swan gozava a sua sesta.

Não devia ir a carruagem a mais de uma ou duas milhas, quando surgiu uma bonita rapariga, num passo saltitante, mostrando precisamente como o seu coraçãozinho lhe dançava dentro do peito. Talvez fossem tais

alegres movimentos que fizeram — que mal há em dizê-lo? — com que o nó duma liga se desapertasse. Percebendo que o laço de seda, se de seda era, afrouxava a sua pressão, desviou-se para o abrigo oferecido pelas árvores e aí foi encontrar um rapaz adormecido à beira da fonte! Corando como a mais vermelha das rosas, por ter assim penetrado no quarto de um cavalheiro, dispôs-se imediatamente a efectuar uma retirada nos bicos dos pés. Mas corria perigo o dorminhoco. Uma abelha monstruosa vagueava-lhe por cima da cabeça — bzz, bzz, bzz, — agora pelo meio das folhas, depois chispando luz através dos radiosos fios de sol, logo perdida no escuro das sombras e, finalmente, parecendo ir pousar numa pálpebra de David Swan. A picada de uma abelha é, muitas vezes, mortal. Tão bondosa como inocente, a rapariga atacou a intrusa com o seu lenço, enxotou-a com força e afugentou-a da sombra do recesso. Que cena encantadora! Feita esta boa acção, respirando apressadamente, com as cores ainda mais vivas, ousou olhar furtivamente para o rapaz, em defesa do qual batalhara contra um dragão do ar.

— Como é simpático! — pensou, tornando-se ainda mais vermelha.

Como podia ser que nenhum sonho de bem-aventurança se tomasse forte dentro dele ao ponto de explodir com a sua própria força e de se fragmentar, fazendo-lhe perceber, entre os seus fantasmas, a presença da rapariga? Como era possível que nenhum sorriso, ao menos, lhe aflorasse ao rosto para a receber? Ela viera, a donzela cuja alma, de acordo com a velha e encantadora crença, se separara de si própria, a donzela que ele, em todos os vagos mas apaixonados anseios, sempre desejara encontrar. Só ele a poderia amar com perfeito amor, só ela o poderia receber no fundo do coração... Agora, a sua imagem reflectia-se tênueamente, ali, na fonte, ao lado dele; se ela se desvanecesse, o seu feliz resplendor nunca mais brilharia na existência de David.

— Como o seu sono é profundo! — murmurou a rapariga.

E partiu; porém, já não saltitava pela estrada fora com aqueles passitos tão leves com que viera. Devemos dizer agora que o pai desta rapariga era um abastado comerciante rural daquelas redondezas, acontecendo que,



nessa altura, andava justamente à procura de um rapaz como David Swan. Se David tivesse travado conhecimento com a filha, ali à beira da estrada, viria a ser empregado dele, e assim por diante, em sucessão natural. Mais uma vez, pois, a Fortuna — a melhor das Fortunas — deslizara tão junto de David Swan que as suas roupas lhe haviam roçado pelo corpo, sem que ele dissesse se apercebesse.

Já a rapariga se perdera de vista, quando dois homens penetraram na sombra daquele recanto. Tinham ambos feições sinistras e barretes de pano, puxados obliquamente sobre as sobranceiras. As suas roupas eram andrajosas, apesar de não excluírem uma certa elegância. Eram dois patifes, que viviam à custa do que o diabo lhes mandava e que, no intervalo de outras ocupações, iam jogar os lucros comuns da sua próxima patifaria numa partida de cartas, a ser decidida, ali, debaixo das árvores. Encontrando, porém, David adormecido junto à fonte, um dos malandrins segredou ao seu companheiro:

— Pst! Vês aquela trouxa debaixo da cabeça dele?

O outro patife afirmou que sim com a cabeça, piscou um olho e esfregou as mãos.

— Aposto contigo uma caneca de aguardente — disse o primeiro — em como o rapaz tem uma carteira com razoável porção de moedas escondida entre as camisas. E, se não estiver aí, havemos de a encontrar no bolso das calças.

— E se ele acordar? — disse o outro.

O companheiro abriu o colete, apontou para o cabo de um punhal e abanou significativamente a cabeça.

— Assim seja! — murmurou o segundo dos malandros.

Aproximaram-se do inconsciente David e, enquanto um lhe apontava o punhal ao coração, o outro começou a esquadriñar a trouxa debaixo da sua cabeça. Aquelas duas caras, medonhas, contraídas e pálidas da culpa e do medo, curvaram-se sobre a sua vítima, tão horríveis de aspecto, que se confundiriam com demónios, se ele acordasse de repente. Não! Ainda que os próprios vilões se mirassem na água da nascente, só com dificuldade reconheceriam as suas feições! Mas David jamais tivera um semblante tão tranquilo, mesmo no tempo em que adormecia ao peito de sua mãe.

— Tenho que lhe tirar a trouxa — segredou um.

— Se ele se mexer, mato-o — disse o outro.

Nesse momento, porém, um cão, farejando um rasto no terreno, surgiu no recesso e, depois de olhar com atenção para cada um dos meliantes e para o tranquilo David, dirigiu-se à fonte para beber.

— Ora esta! — disse um dos vilões. — Já não se pode fazer nada. O dono do cão deve andar por aí perto.

— Bebamos um golo e toca a mexer — disse o outro.

O que segurava o punhal guardou a arma e puxou de uma pistola de algibeira, mas não daquelas que matam com uma só descarga. Era um frasco de licor, com um copo de estanho atarrachado ao gargalo. Cada um deles bebeu uma confortável golada; depois, foram-se embora, gracejando e rindo tanto com aquela sua patifaria frustrada, que é de supor terem prosseguido o seu caminho no mesmo regozijo. Em poucas horas se esqueceram de tudo aquilo e nem uma única vez imaginaram que um anjo registara aquele crime de morte contra as suas próprias almas em letras tão duradouras como a eternidade. Quanto a David Swan, continuava a dormir sossegado, inconsciente quer da sombra de morte que sobre ele pairara, quer do clarão de vida nova que tinha brilhado, mal essa sombra se afastou.

Dormia ainda, mas já não tão tranquilamente como a princípio. Bastava uma hora de repouso para expulsar do seu corpo flexível a fadiga com que muitas horas de trabalho o tinham sobrecarregado. Eis que se mexeu... moveu os lábios, ainda sem falar... falou agora num tom íntimo aos espectros do meio-dia que lhe povoavam os sonhos. Mas um ruído de carruagem ressoou cada vez mais forte, estrada fora, até vir quebrar a neblina do sono de David. Aí estava a mala-posta! Levantou-se de um pulo com todos os pensamentos já bem definidos.

— Eh! cocheiro! Pode levar um viajante? — gritou ele.

— Lugar no tejadilho — respondeu-lhe o homem.

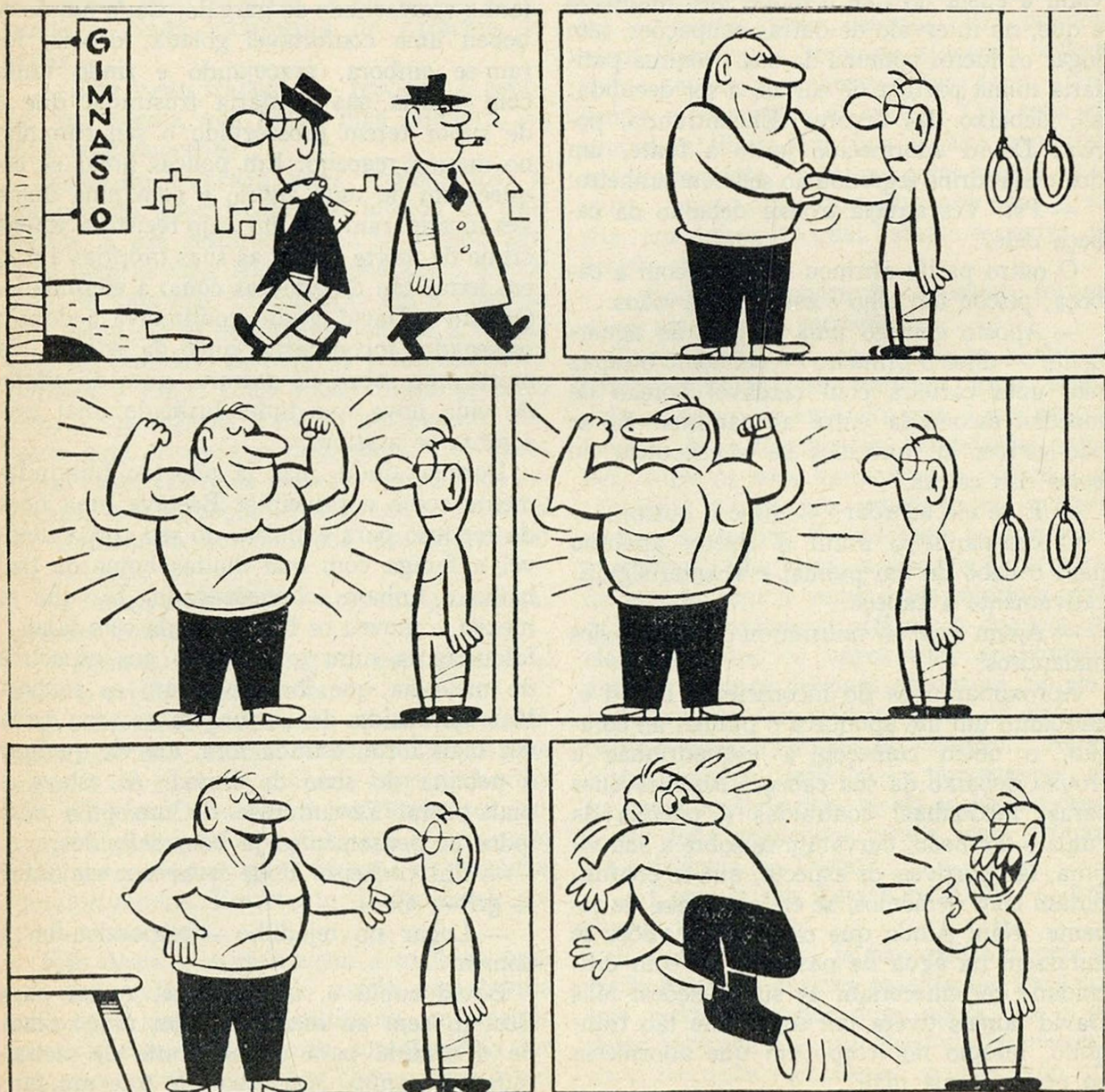
David subiu e, alegremente, rodou para Boston, sem ao menos ter um único olhar de despedida para aquela fonte de vicissitudes de sonho. Mal sabia ele que um fan-



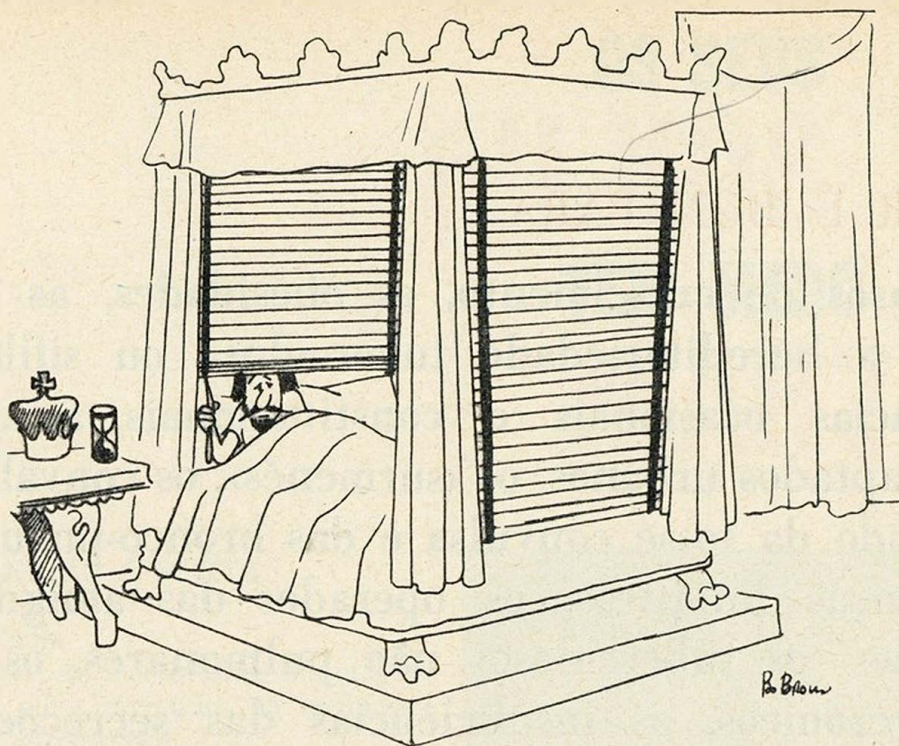
tasma da Riqueza lançara sobre aquelas águas um reflexo dourado, que um outro do Amor suspirara ternamente ao seu murmúrio, que ainda outro, da Morte, tinha ameaçado tingi-las de vermelho com o seu sangue — tudo na breve hora em que jazera a dormir. Adormecidos ou acordados, nós não ouvimos os passos etéreos das coisas estranhas

que estão quase a acontecer. Não nos prova isto que há uma Providência superior, a qual, não obstante os acontecimentos invisíveis e inesperados que continuamente se nos atravessam no caminho, dá ainda suficiente regularidade à vida dos mortais, de forma a tornar a previsão de tais acontecimentos só parcialmente benéfica?

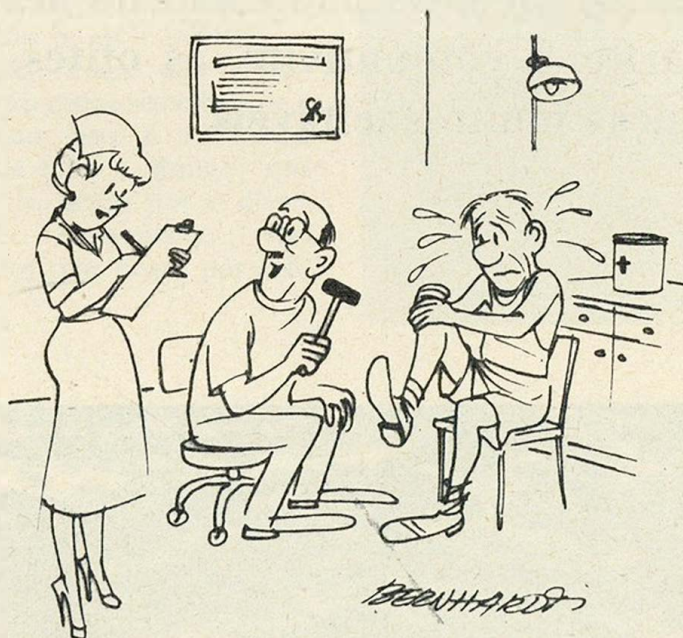
*fim*







Sem legenda



«Reflexos — bons. Joelho — fracturado»



## O MAR É BOM PARA...

Os atrasos de crescimento, as obesidades, as crianças débeis, a hereditariedade tuberculosa ou sífilítica, as deficiências ocasionais e constitucionais, as anemias, os inadaptados urbanos, os «surmenés», os convalescentes (sobretudo da tosse convulsa e das bronco-pneumonias), as crianças linfáticas, os operados das amígdalas, os raquíticos, os tuberculosos não pulmonares, os reumatismos crônicos, as insuficiências das secreções endócrinas, o bócio e até a esterilidade...

## ... É MAU PARA...

As dermatoses (os médicos não estão de acordo com este caso), a blefarite, a conjuntivite, as otites, as rinolarin-gites, as crianças muito excitáveis.

# OS SEUS FILHOS TÊM MEDO DO MAR?

AS FÉRIAS ESTÃO A PORTA...

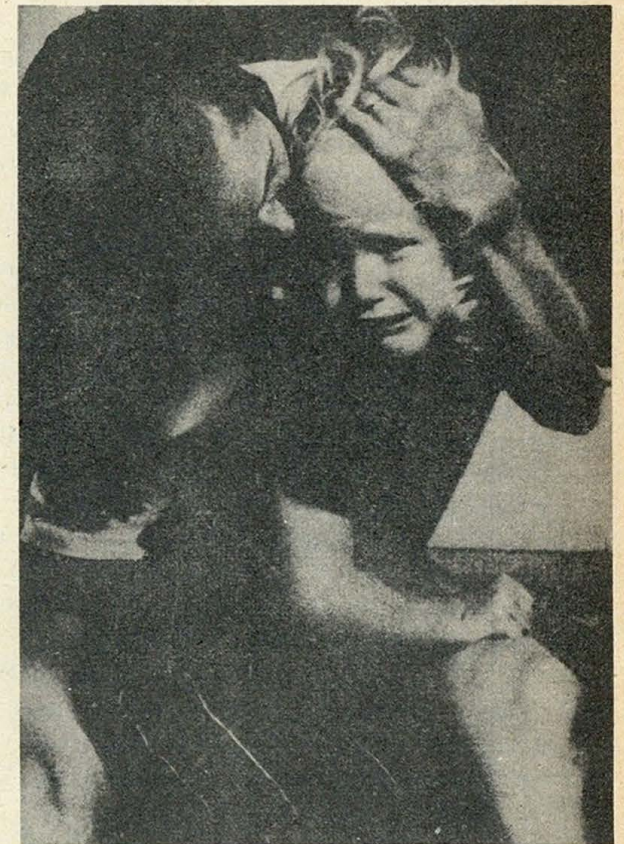
O Zèzinho chora...

Isso dura há pelo menos cinco minutos e uns pares de olhos divertidos ou incitados seguem os acontecimentos.

Que se passa? O Zèzinho entrou no mar até que a água lhe cobriu os tornozelos, mas recusa-se a avançar. A mãe segura-o sólida-mente pela mão, mas ele faz esforços para fugir. Ela insiste, procura acalmá-lo, diz-lhe que o mar não faz mal a ninguém. Nada feito! O Zèzinho chora cada vez mais, treme. Impaciente, o pai afasta-se para não ouvir o choro.

— Mergulha-o de uma vez, ele acaba por se habituar — diz, antes de se ir embora.

E talvez tenha razão. Todos nós presen-ciámos centenas de vezes cenas semelhantes... Geralmente elas acabam bem e o Zèzinho (os vários Zèzinhos de todo o Mundo) que tinha medo da água fria, acaba por se diver-tir depois de molhado... Geralmente...! Mas há sempre uns meninos que ficam por con-venir.





Mergulhá-los à força é, nesses casos, ter de antemão a certeza de que o medo do Zêzinho persistirá para além desse dia. Sabe-se que a grande maioria das crianças que continuam a ter um medo anormal do mar foram mergulhadas à força por pais «enérgicos». E assim, um reflexo de terror, nascido muitas vezes da recordação dessa violência, afasta as crianças das alegrias do banho de mar!

### O MEDO NÃO É NATURAL

Porque disso não há dúvidas — o medo não é natural nas crianças. Pelo contrário: todos os bebés adoram tomar banho e, por vontade deles, permaneceriam indefinidamente na banheira! Os brinquedos que preferem, na maior parte dos casos, são os barcos. E um regato ou uma fonte são, para eles, sempre um motivo de alegria e de brincadeira. O floc-floc-floc da torneira, exasperante para os adultos, diverte as crianças, fascina-as: é um mistério que lhes excita a curiosidade e lhes cativa a atenção. A cozinha e a casa de banho são para elas as divisões preferidas para as suas explorações infantis. E isso não é por acaso, mas muito simplesmente porque encontram lá a água, tão divertida, tão murmurante, tão ágil, tão dócil! Não é verdade que a água se presta às experiências mais prodigiosas?

O Joãozinho verifica que os seus cubos de madeira flutuam e que os automóveis de lata se afundam. Que estranha coisa! Mas ele aprende... E o pai que lhe diga o «porquê» das coisas... A Nucha entusiasma-se ao ver que a esponja absorve a água e que, apertada, a deita fora outra vez... Estranho, não é? Mas aprende... E a mamã que lhe explique o que se passou...

### AS CRIANÇAS E OS OBSTÁCULOS SÓLIDOS...

As crianças estão cercadas por móveis, por paredes, por obstáculos sólidos que lhes parecem monstruosos.

Mas a água deixa-se apanhar e presta-se a todas as fantasias da imaginação. Com ela, as crianças podem ser à vontade pintores ou almirantes!

Uma criança a quem os pais deixam muitas vezes brincar com água é quase sempre

mais calma, mais descontraída, mais equilibrada. Por isso mesmo têm razão os pais que procuram habituar os filhos a mergulhar nas ondas do mar ou na calma superfície das piscinas.

Mas então, como explicar os gritos e as lágrimas, o medo que se apossa de tantos Zêzinhos quando encaram a perspectiva de entrar na água? Por que razão são tantas as crianças que nas praias ficam aterrorizadas quando chega a hora do banho?

Um exemplo pode ilustrar as causas dum tal procedimento. E os remédios. Certa mamã que já estava atrasada para apanhar o autocarro, mergulhou o filho na banheira mais bruscamente do que de costume. O bebé chorou e era justo que chorasse: a água estava um bocadinho quente. Mas nos dias seguintes ele recusou-se a entrar na banheira, com altos gritos. E quanto mais a mãe insistia, maior era o choro da criança. Foi preciso recomeçar tudo desde o princípio: durante cerca de uma semana foi uma tia quem lhe deu o banho até que a recordação desagradável desapareceu e de novo a mãe pôde entrar em cena com visível satisfação do bebé...!

### OS MÉTODOS FORTES

Claro está: neste exemplo, a água estava quente. Noutras vezes, sucede precisamente o contrário, a água está muito fria. Entenda-se: não é que a água esteja demasiado fria para a saúde da criança. Basta estar fria para os hábitos do bebé, o que naturalmente lhe provoca uma surpresa desagradável. Acrescente-se a isto a sensação inquietante do espaço, a paisagem inabitual, o barulho das ondas e teremos explicado a reacção de defesa do Zêzinho quando se viu perto do mar! Nada mais natural!

Mas suponha-se que, de acordo com os conselhos do pai, que acredita nos métodos «fortes», a mãe procura dominar a reacção de defesa do filho atirando-o violentamente à água.

Nesse caso, eis a natural apreensão dum criança perante o mar transformado em medo; eis um grito reticente transformado em revolta. Da primeira vez, o Zêzinho dirá: «Não quero!». Da segunda chora com angústia e também por espírito de contradição...

Não se esqueça, por outro lado, que as



crianças têm um «faro» especial para adivinhar as hesitações dos pais. Elas percebem que os pais estão perturbados, que não têm a certeza de estar a proceder da melhor maneira e exploram a situação. A inquietação dos pais é contagiosa, afinal.

Por isso mesmo, é preciso evitar que as coisas cheguem a esse ponto. Os pais devem compreender que se os filhos gostam de brincar com a água ou na água, em casa, naturalmente também gostarão da praia e do banho de mar. O essencial é que a criança se habitue ao contacto da água fria.

### OS MÉTODOS INTELIGENTES

Um método a aconselhar é este: a mãe leva o filho para a borda de água e faz com ele castelos de areia. De vez em quando uma onda mais forte vem destruir os castelos e molhar os pés da criança. Isso é tão divertido! Quem pensa na água, no frio, nas ondas? Uma onda mais forte acabará por desequilibrar a criança que ficará completamente encharcada. É quase certo que no dia seguinte ela deixará de ter medo do mar...

Ali está a Nucha... Ela brinca com uma bola muito perto da água, diverte-se, dá grandes gargalhadas. A bola vai ter ao mar, o irmão mais velho com quem ela brinca entra na água para a ir buscar e a Nucha segue-o, sem receio! Tudo tão simples!

Saber evitar o drama, fugir às provas de força, eis o grande segredo... E agora que as férias estão à porta, agora que o mar espera por nós, não será inútil recordar estas noções.

### TÉCNICA DO BANHO DE MAR

E a propósito: será preciso dizer que o banho de mar, como todas as coisas, também tem uma técnica? E que essa técnica não é válida somente para as crianças, é válida para todos? Resumindo-a, poder-se-á afirmar:

- O banho é tanto mais benéfico quanto mais fresca (fresca não significa fria) está a água.
- Não ultrapassar os 15 minutos.
- Se a água está muito fria, cautela. Cautela, sobretudo, para os menores de 3 anos e os maiores de 60. Fazer um pouco de ginástica depois do banho.
- Os banhos de mar quando a água está quente são menos tónicos, mas muito mais sedativos.

Não esquecer também que os excessos de sol e de mar podem provocar insónias, perturbações digestivas e emagrecimento. Sobre tudo quando se trata de crianças, os pais, devem estar atentos à maneira como elas reagem. Deverão nos primeiros dias vigiar cuidadosamente o pulso, a temperatura, a digestão, o sono e o peso dos seus filhos.

Porque afinal — e isso, é evidente, e não nega a tese deste artigo — pode ser que o Zêzinho tenha razão. Pode ser que os banhos de mar não lhe convenham!

Em última análise, o médico é sempre o único juiz!







enxerto de órgãos



# nova etapa da medicina

No último mês de Janeiro a Medicina avançou um decidido passo.

No Centro Médico-Cirúrgico de Suresnes, o Dr. René Kuss e os seus colaboradores levaram a efeito um enxerto de rim entre dois seres humanos parentes mas não gémeos, o que abre novas e fecundas perspectivas à transplantação de órgãos.

Ultrapassou-se enfim o obstáculo que impedia até agora qualquer transplantação de um indivíduo a outro, quando não possuíssem a mesma identidade biológica de tipo gemelar. Este obstáculo era a intolerância tecidual, isto é, a misteriosa reacção pela qual o organismo produz anticorpos que atacam o enxerto estranho e o eliminam.

O caminho percorrido foi notavelmente curto: o primeiro enxerto de rim praticado com sucesso em gémeos verdadeiros (homozigóticos) data apenas de há quatro anos.

## UMA IRRADIAÇÃO COMPLETA

Foram estas as etapas:

1) Em Janeiro de 1956, dois anos depois do sacrifício inútil da mãe do jovem Marius Renard, a equipa do Dr. John P. Merrill, do Peter Bent Brigham Hospital de Boston, conseguiu pela primeira vez no mundo realizar esta operação transplantando o rim esquerdo de Ronald Herrick para a fossa ilíaca de seu irmão gémeo Richard, cujos dois rins estavam inutilizados. Mas o enxerto só pegou na medida em que se tratava de irmãos homozigóticos, isto é, nascidos do mesmo ovo, alimentados pela mesma placenta e apresen-

tando, portanto, as mesmas características genéticas. Um problema, todavia, ficara resolvido: o da técnica operatória.

2) A 24 de Janeiro de 1959, no mesmo hospital de Boston, o Dr. Merrill realiza com o mesmo sucesso o enxerto renal entre dois falsos gémeos (heterozigóticos), isto é, entre dois irmãos nascidos da fecundação simultânea de dois ovos diferentes.

Antes de receber o rim do seu irmão Andrew, John Ritoris tinha sido submetido a uma irradiação total, numa dose calculada de maneira a neutralizar, sem matar, os tecidos responsáveis pelas reacções imunológicas — isto é, produtores de anticorpos — essencialmente a medula óssea.

3) Foi uma operação semelhante que a 29 de Junho de 1959, o Prof. Hamburger, à frente de trinta técnicos (seis equipas, entre as quais a do Hospital Necker que não conseguira salvar Marius Renard) conseguiu levar a bom termo, transplantando o rim esquerdo de André Simeon para a fossa ilíaca direita de seu irmão George Simeon, moribundo em crise urémica.

## 21 DIAS E 21 NOITES

Como tinham sido suspensos os processos imunológicos de defesa? Três factos poderiam ter contado:

a) O estado debilitado das defesas naturais num organismo enfraquecido por uma afecção renal (fenómeno observado em todos os urémicos);

b) A irradiação total que, «siderando» a



medula óssea, impede a formação de anticorpos;

c) A generalidade relativa que permitiu as trocas sanguíneas antes do nascimento e reuniu excepcionalmente entre o doente e o dador, um número de características comuns suficientes, para equilibrar as reacções antigénicas.

Se o facto do enxerto ter pegado em John Ritoris e em George Simeon se deve às duas primeiras causas, estas condições poderão ser recriadas em indivíduos não gémeos. Se se deve apenas a uma muito pequena diferença urológica, o alcance da experiência fica limitado ao mundo dos gémeos, verdadeiros ou falsos.

É este ponto capital que o caso de Suresnes vem esclarecer.

A 16 de Janeiro de 1960, o Dr. René Kuss reuniu uma equipa importante no hospital Foch e tentou enxertar num doente de 40 anos, sofrendo uma afecção renal, fulgurante e mortal, um rim retirado a uma irmã mais nova. O doente fora primeiramente submetido à radiação penetrante da bomba de cobalto do Instituto Gustave-Roussy em Villejuif.

Durante semanas depois da irradiação, o doente foi objecto de precauções assépticas extraordinárias. Fechado num bloco de reanimação inteiramente esterilizado, com o auxílio de um dispositivo de ar condicionado, filtrado, distribuído sob pressão, depurado por lâmpadas de raios ultra-violetas, os médicos e as enfermeiras apenas se aproximavam dele com máscaras e botas esterilizadas.

Os alimentos eram passados por esterilizadores. As sete enfermeiras que o vigiaram durante 21 dias e 21 noites, não tiveram durante esse tempo nenhum contacto com outros doentes. Esta atmosfera de clausura foi tão difícil de suportar que todas no fim receberam férias para se poderem restabelecer.

Privado momentaneamente, pela irradiação maciça, dos seus glóbulos brancos e das suas reacções de defesa, o doente apresentava, com efeito uma vulnerabilidade particular às infecções. Tinha, deliberadamente, sido colocado na mesma situação em que se encontravam os técnicos atómicos jugoslavos depois da sua irradiação sentimental do Outono de 1958.

Porque foi o sensacional salvamento destes jugoslavos, realizado em 11 de Novembro de 1958 pelo Prof. Mathé e a sua equipa, na

Fundação Curie, que mostrou o caminho, que permitiu passar a primeira e a segunda etapas do domínio dos enxertos, particularmente do enxerto do rim.

O estágio atingido pelo Dr. Kuss e os seus colaboradores confirma a preponderância da acção das radiações sobre o factor genético, pois trata-se de uma transplantação de órgão de irmã a irmão, não gémeos.

Uma das razões do sucesso do Dr. Kuss parece ter sido a nova intervenção que praticou, alguns dias depois, para refazer as suturas vasculares.

Desde já o facto de se poder tentar com probabilidade de êxito a transplantação de órgão tão complexo, tão delicadamente vascularizado e enervado como o rim, põe em evidência as imensas possibilidades das técnicas actuais no domínio dos homoenxertos (de indivíduo a indivíduo da mesma espécie).

## O HOMEM E O CÃO

De agora em diante parecem estar reunidas todas as condições para encarar a troca de órgãos, como por exemplo, a substituição de um coração gasto ou atingido por má formação inalterável por um coração são recém-extraído de um cadáver.

1) Graças aos métodos de cultura de órgãos, inaugurados por Carrel e Lindbergh e recentemente aperfeiçoados pelo Prof. André Thomas, é possível manter vivos os grandes órgãos, separados do corpo, e mantê-los ao abrigo dos processos de envelhecimento e morte que afectam o todo orgânico.

O órgão é colocado num aparelho de perfusão que, com a ajuda de uma bomba automática, nele faz circular um líquido nutritivo e oxigenado.

O processo estabelecido pelo Prof. Thomas permite realizar a perfusão dos grandes órgãos em condições muito vizinhas das condições fisiológicas normais: a bomba comporta-se como coração artificial e a oxigenação do líquido nutritivo, que pode ser sangue verdadeiro, é assegurada pelo funcionamento de uma membrana de **nylon** cobrindo uma película de silicone e reproduzindo a actividade do pulmão.

2) Desde há um ano, a técnica cirúrgica de transplantação cardíaca experimenta-se com êxito num dos animais fisiologicamente



mais próximos do homem: o cão. Particularmente uma equipa de cirurgiões e engenheiros de Haward, do Hospital de Boston e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts enxertou o coração de um cão, sacrificado, noutra cão, depois de terem impregnado o órgão de glicerina e o terem submetido, numa câmara de vazio, à acção de temperaturas muito baixas.

O enxerto foi descongelado por reaquecimento no momento da sua implantação no pescoço do segundo cão, onde recomeçou a pulsar com ritmo próprio, independentemente do ritmo do coração natural do seu novo hospedeiro.

### SEIS MESES A $-196^{\circ}$ C

Estas experiências completam as tentativas de conservação pelo frio, efectuadas no laboratório pelo fisiologista francês Louis Rey. Depois de ter congelado a  $-196^{\circ}$  um coração embrionário de frango numa solução de glicerina, o Dr. Rey guardou este músculo, em estado cristalino, durante seis meses e restituiu-lhe vida e pulsações, degelando-o bruscamente em água morna. Se, durante todo o tempo que durou a congelação, o órgão não evoluiu, parece que a modificação de estrutura físico-química por acção de um frio suficientemente intenso acarretará uma perda de especificidade que o torna mais apto a ser enxertado.

3) Do ponto de vista operatório, é hoje possível suspender a circulação sanguínea du-

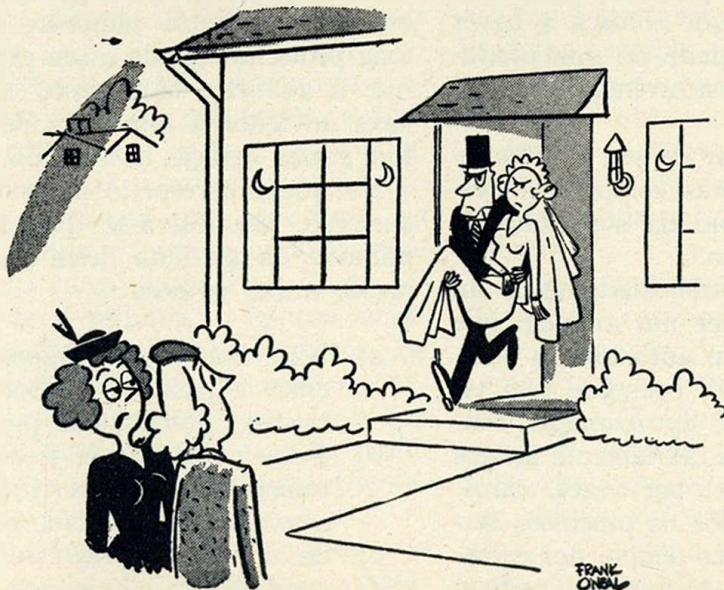
rante mais de duas horas — prazo suficiente para realizar a transplantação do coração — sem atingir a vida do organismo que recebe o enxerto, combinando o arrefecimento do paciente, para diminuir as suas necessidades de oxigénio com o coração pulmão artificial para pôr em curto-circuito o órgão operado.

O processo ultimado há alguns meses pelo Prof. Dubost, de Paris consiste em baixar a temperatura do sangue circulante no aparelho e em dosear o arrefecimento pela regulação do oxigenador. Uma vez obtida uma temperatura de  $14^{\circ}$ ,  $12^{\circ}$  ou mesmo  $10^{\circ}$ , pode suspender-se completamente a circulação extracorporal sem prejuízo para o organismo, e recomeçar quando a temperatura tenda a subir.

Mas a técnica operatória do Dr. Dubost necessita a presença de uma equipa de dezasete especialistas.

As façanhas de Necker e de Foch mobilizaram, cada uma, uma trintena de pessoas. A sua repetição, para não falar ainda da sua generalização, levanta enormes problemas práticos e financeiros, mesmo apenas pelos cuidados pós-operatórios.

O preço por que fica uma operação como a de 16 de Janeiro ultrapassa os cento e cinquenta contos. Na realidade, a era do enxerto humano que se abrirá à cirurgia quando a bioquímica tiver elucidado o problema da intolerância tecidual, não deixará de provocar, pondo vivamente as questões dos meios e do pessoal, uma alteração profunda das estruturas hospitalares e da vida médica.



— Eu sempre disse que este casamento não durava!



# automobilismo

*Alguns aspectos das competições automóveis são aproveitados pelas fábricas de óleos e pneus, por exemplo, para fins publicitários. Até que ponto será lícito fazê-lo? Este artigo fornece algumas surpreendentes respostas.*

## VERDADE E PUBLICIDADE NA INDÚSTRIA AUTOMÓVEL

A indústria serve-se de tudo para vender os seus produtos e, por intermédio da publicidade, não há processo a que não recorra para nos levar a gastar o nosso dinheiro neste ou naquele artigo. É claro que a culpa nem sempre pertence aos srs. industriais... pelo menos no que diz respeito aos processos publicitários. Muitas vezes os verdadeiros responsáveis são esses incríveis agentes de publicidade que por aí pululam, para mal dos nossos pecados. É que começa a haver mais agentes de publicidade do que produtos, de forma que a concorrência entre os agentes é terrível...

Como não podia deixar de ser, o automobilista é alvo de inúmeras campanhas destinadas a convencerem-no da superioridade deste ou daquele produto...

Para um agente de publicidade seria um autêntico triunfo conceber um anúncio que levasse um indivíduo sem automóvel a comprar 4 pneus... e, se não consegue esta vitória, tem, pelo menos, a aproximação, conseguindo que compremos diariamente artigos desnecessários, inúteis, e, por vezes, caros.

Como já se disse, todos os processos servem... Até há muito pouco tempo, por exemplo, os automóveis de fórmula 1 podiam

consumir qualquer combustível, isto é, não havia quaisquer restrições no que diz respeito a combustíveis para os carros de corrida. Como quase todos os construtores são subsidiados por grandes empresas de gasolina, os corredores das marcas eram obrigados a fazer publicidade dessas empresas. Acontecia, assim, que logo após uma corrida, as empresas apressavam-se a anunciar os seus triunfos clamando que Fangio ou Moss, ou qualquer outro campeão, tinham ganho uma prova utilizando o seu produto. É claro que o anúncio, hábilmente concebido, deixava ao leitor a impressão de que a prova fora ganha «graças ao referido produto».

No que diz respeito ao combustível, por exemplo, anunciava-se que o vencedor se utilizara da gasolina desta ou daquela empresa, muito embora:

- a) Não houvesse qualquer semelhança entre a gasolina da bomba e o combustível utilizado na prova...
- b) Fosse inteiramente impossível ao automobilista, leitor do anúncio, adquirir o combustível utilizado pelo campeão...
- c) Se o leitor conseguisse adquirir esse combustível e o deitasse no seu depó-





Este anúncio, do construtor americano E. J. Pennington, revela que as súcias da publicidade são já antigas

sito... é melhor não dizermos o que aconteceria.

Este tipo de publicidade, que induz o público em erro, faz-me lembrar um mecânico que conheci e que, na sua oficina, se dedicava à afinação de automóveis, com grande sucesso.

O seu sistema era infalível. Assim que chegava um cliente pedia-lhe que fossem experimentar o carro a uma rampa próxima e, alegando que o fazia para comparações futuras, pedia ao cliente que arrancasse do princípio da rampa e tomasse nota da velocidade a que o carro chegava ao cimo.

Mal o cliente se retirava, o famoso mecânico avançava-lhe o conta-quilómetros; de forma que, no dia seguinte, ao repetir a experiência, ficava demonstrado por  $a+b$  que o carro fora afinado e estava a andar muito mais... isto sem que o mecânico tivesse, sequer, olhado para o motor...

O leitor não hesitará em classificar este mecânico de pouco honesto mas, se vivesse

em Londres ou nos E. U. e conhecesse um dos magnatas das grandes empresas de gasolina, tirar-lhe-ia respeitosamente o chapéu sem pensar que esse senhor o tentava diariamente convencer a comprar um produto descrevendo-lhe os méritos dum outro...

Qual é, portanto, a diferença entre os dois?

Outro exemplo típico dos processos a que nos vimos referindo consiste no seguinte: em algumas provas a organização obriga os concorrentes a encherem os seus depósitos no «posto de abastecimento» oficial com gasolina fornecida por qualquer empresa para tal contratada.

Todos os concorrentes se utilizam, portanto, do mesmo combustível, o que não impede, porém, que no dia seguinte se anuncie no jornal que o «vencedor usou gasolina da marca X». É claro que a afirmação corresponde à verdade mas, como o público não sabe que todos os concorrentes se utilizaram da mesma gasolina (incluindo o último a cruzar a meta e, mesmo, os que ficaram pelo caminho empanados...) fica na convic-



ção de que estavam várias marcas representadas na prova e que a marca anunciada foi a que melhor provou...

Como se vê, o mecânico a que atrás nos referimos teve a desgraça de não ter herdado um bom quinhão numa grande empresa, pois que teria sido — se tal tivesse acontecido — um grande industrial!

Últimamente surgem nas revistas e nos jornais — principalmente estrangeiros — fotografias dos grandes campeões recomendando esta ou aquela marca de pneus e este ou aquele óleo ou gasolina.

Quem ler estes anúncios julgará que os campeões «escolheram» o produto anunciado e que concluíram pelas suas vantagens depois de o terem confrontado com outros.

Nada disto, porém, se passa assim.

Como já se disse, as escudarias e as fábricas de automóveis de competição são subsidiadas pelas grandes empresas petrolíferas e ficam obrigadas a fazer a publicidade das mesmas... O autor destas linhas conhece, até, um grande construtor que usa um óleo diferente daquele que anuncia...

O sorriso fotográfico com que os grandes campeões lhe recomendam hoje o óleo X é o mesmo sorriso com que amanhã lhe anunciarão o óleo Y se, para tal, lhes pagarem...

É claro que os leitores começarão, agora, a perguntar o motivo por que o autor destas linhas se tem referido apenas às empresas e não, também, aos campeões que, bem vistas as coisas, são cúmplices destas burlas publicitárias de que todos somos vítimas.

O autor não responde a esta pergunta. Limita-se a informar que, dentre todos, os menos culpados ainda são os campeões que afinal, não são mais burlões do que os restantes mortais... Haverá alguém que não tome parte, duma maneira ou doutra, nesta

burla gigantesca que é a vida contemporânea?

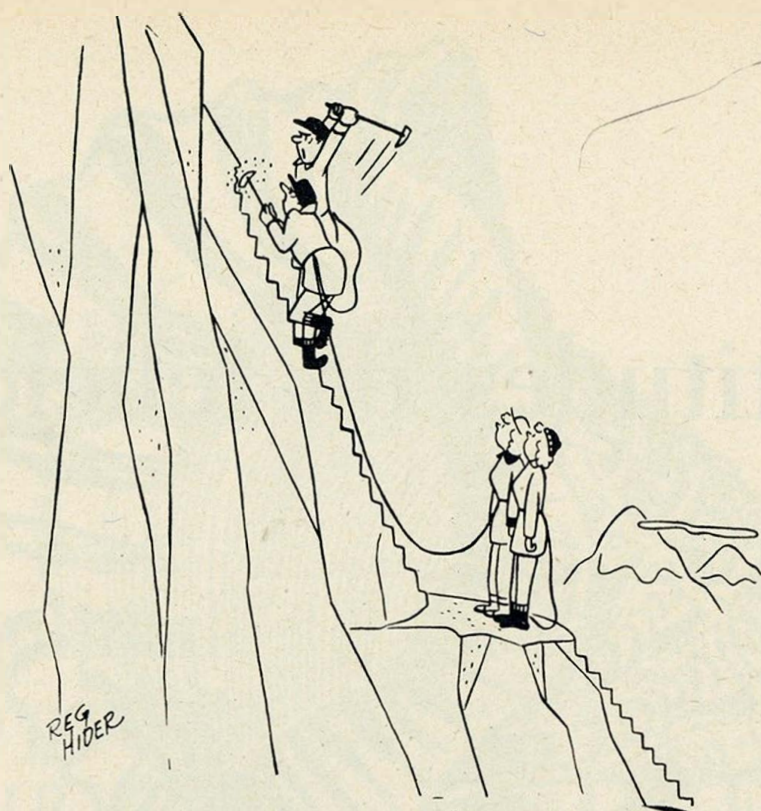
Outro exemplo: surgem, por vezes, anúncios de pneus em que se vê a fotografia dum carro de corrida e a clássica afirmação de que «o campeão X venceu a prova Y com os pneus da marca Z». O leitor, perante esta afirmação poderá ser tentado a equipar o seu «Volkswagen» ou o seu «600» com os pneus da referida marca por não saber que:

- a) Os pneus de competição nada têm que ver com os pneus comuns...
- b) Apenas 4 fábricas fazem pneus de competição... Uma das maiores fábricas que até 1958 fazia os referidos pneus abandonou a sua produção por esta ser economicamente pouco rendosa...
- c) Quem, em Portugal, quiser comprar pneus de competição, terá de os importar, porque, cá, nem os há nem são precisos...
- d) Se o caro leitor, apesar de tudo isto, insistisse em equipar o seu carro com pneus de competição, apenas obteria 3 resultados:
  - 1) Custar-lhe-iam uma fortuna;
  - 2) Gastar-se-iam mais depressa. (Muito, muito mais...);
  - 3) O carro não teria ficado mais seguro...

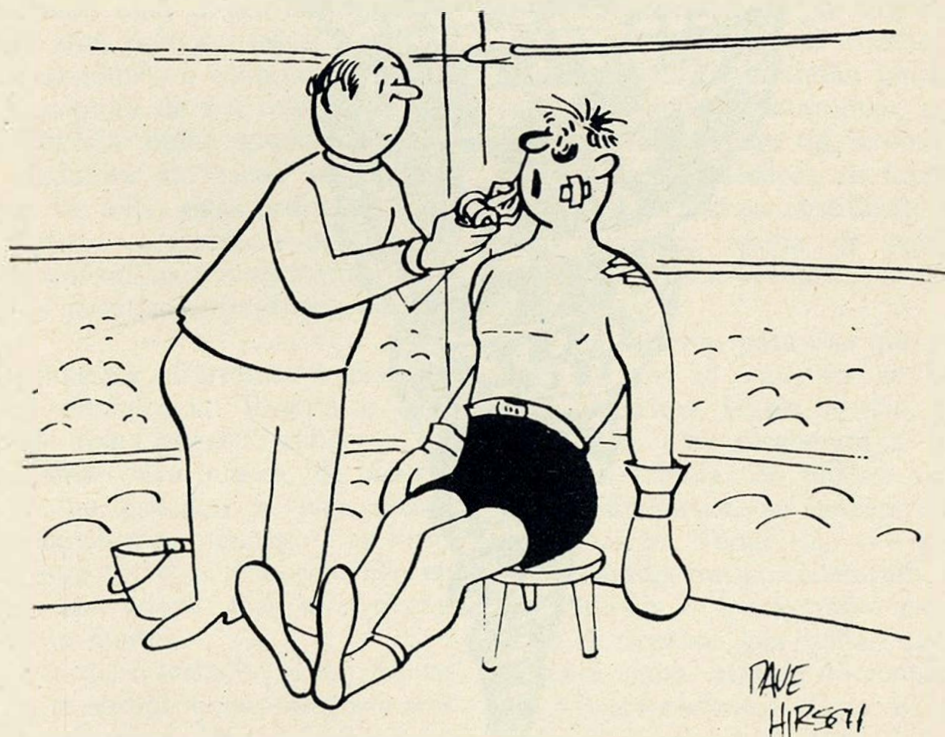
É que, caro leitor, muito embora o tentem convencer do contrário, o seu carro não tem nada de comum com um carro de corrida e os problemas que o leitor enfrenta a 100-120 km/h de Lisboa ao Porto, são completamente diferentes daqueles que enfrentam os campeões, em circuito, a 200-250 km/h.







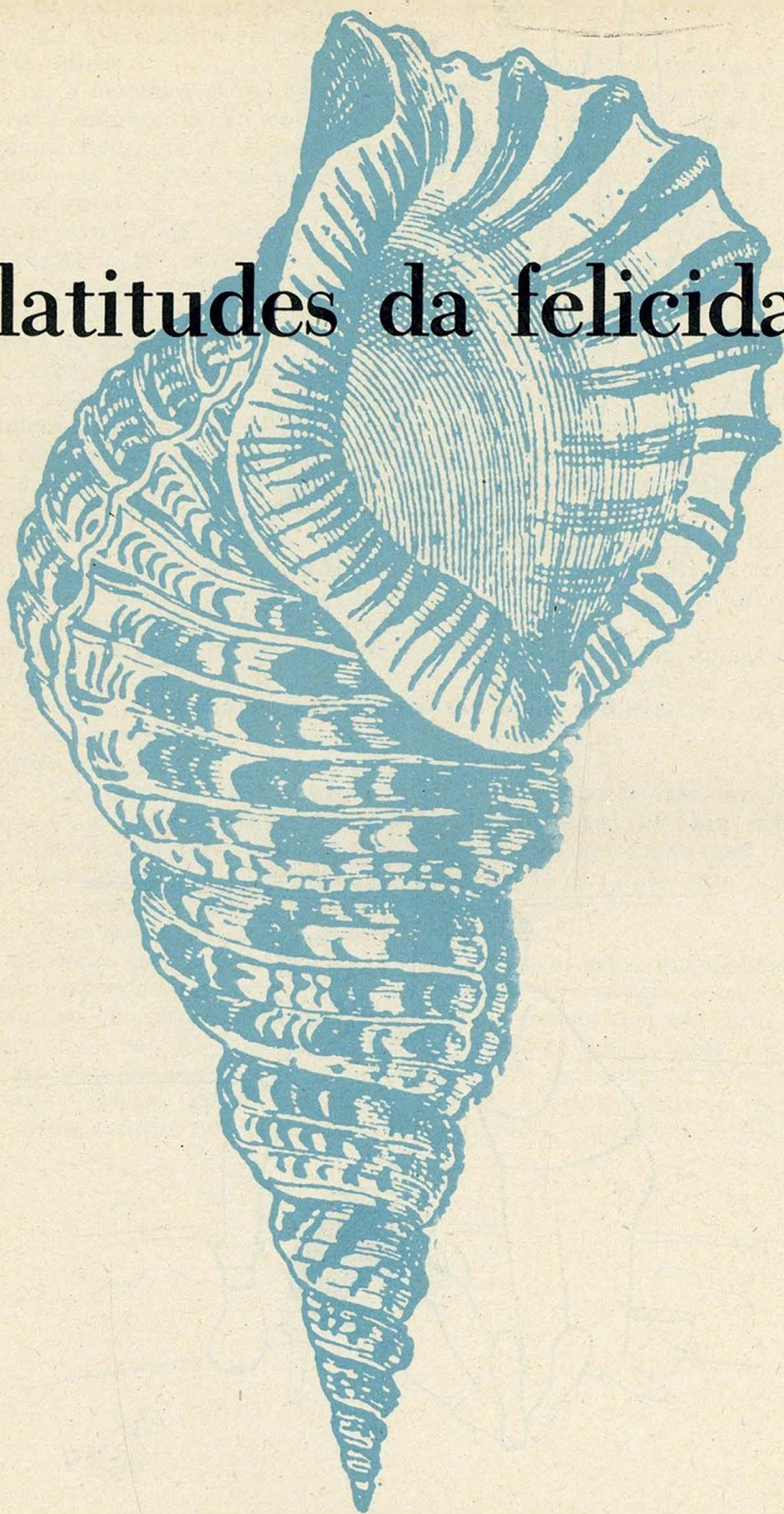
— É a última vez que trazemos as moças!



— «Descobri o segredo dele. É um maníaco homicida».



as latitudes da felicidade:





# PORTUGAL-2

## cartão de identidade da rapariga portuguesa

### O PASSADO E O PRESENTE

Maria Helena V., 22 anos de idade, sétimo ano de românicas num colégio interno, trabalha há três anos para conseguir a sua independência económica e conheceu já vários empregos: preceptora de um colégio de província, dactilógrafa numa grande empresa industrial, tradutora em casas distribuidoras de filmes. De todas estas ocupações mais ou menos gostou — o ambiente de trabalho não foi desagradável, as remunerações foram suficientes, as próprias actividades, interessantes.

Após as primeiras incertezas, a sua vida parece agora estabilizada: levanta-se às 8 da manhã, não toma pequeno almoço e, enquanto se arranja, ouve música, de rádio se os programas lhe agradam, se não, discos. Às nove e meia entra no emprego e ao meio-dia e meia hora sai para almoçar, não em casa que não tem criada, mas num restaurante, sempre o mesmo.

Quando, à tarde, o trabalho acaba, ou vai ao cinema ou se encontra com amigos e amigas — poucos, de resto. Mas, a maior parte das vezes vai para casa onde, se tem paciência e tempo cozinha o jantar, se não,

manda-o vir já feito. Ao serão, ou traduz ainda legendas de filmes e livros, ou lê e ouve música.

A vida corre assim 300 dias por ano — à parte os domingos e alguns feriados — pois Maria Helena prefere não gozar férias. Gostaria se pudesse, de ir ao estrangeiro — como o dinheiro não lhe dá para tanto fica trabalhando.

Será isto vida? Parece que é. De resto Maria Helena considera-se até certo ponto representativa de muita rapariga portuguesa empregada, dos nossos dias. Umas, por necessidade absoluta, outras, apenas por gosto da independência — é este o caso de Maria Helena — têm que ir procurando o seu sustento e cada vez mais se afastam da imagem tradicional da filha-família portuguesa, educada (?) para o matrimónio, ou, como segunda hipótese, para tia, à base de labores, de trabalhos domésticos, de literatura de ficção mais ou menos mistificadora e de toda essa complexa malha de relações, implicando famílias e costumes, a que se chama namoro.

E foi, todavia, para isso que foram educadas. Até aos 18 anos, em ambientes familiares variáveis, felizes ou não, prósperos ou não, todas elas receberam a tradição materna ou familiar da mulher votada à casa e, perpétuamente, ao homem que escolhera para marido. Todas elas — à parte as que, desde muito novas encararam uma profissão definida — foram assim exercitadas.

E, de repente, por voltas que a vida dá, vêem-se agora, através do contacto profissional — independentes. Com os mesmos direitos e os mesmos deveres dos seus colegas homens, os mesmos horários e os mesmos salários, os lugares nas bichas sem privilégio





A solidão é uma necessidade, um recurso e, por fim, um vício. Maria Helena, em sua casa, lê «Les Tricheurs».

Os espectáculos distraem aqueles cuja vida tem interesse reduzido pelas circunstâncias de trabalho.

especial, o banco do eléctrico ou do autocarro que já não é oferecido como antes. Compensações? Muitas, é certo. A primeira, não ter satisfações que dar a ninguém, no que diz respeito à vida privada. (Em contrapartida muitas satisfações a dar a muita gente no que diz respeito à vida não privada). Desta liberdade resultam muitos benefícios e, comparando a sua vida com a das amigas casadas tradicionalmente, a rapariga chamada independente acha que os seus horários não estão tão presos, que não tem que submeter os seus caprichos aos de um marido por vezes incómodo e egoísta, que pode sair com quem quiser, comer do que quiser, ver os filmes que quiser, ler os livros que quiser.

A outra face da moeda? Uma terrível solidão.

Maria Helena confessa-se solitária: tem poucas amigas, menos amigos ainda — os mesmos há anos, pouca gente entra já no seu círculo íntimo. Com eles está às vezes — vai dançar (não gosta muito, porém).

— De resto, hoje em dia, uma rapariga

pode aceitar o convite de um companheiro de trabalho, de um amigo, de um conhecimento eventual, para ir dançar a uma **boite**. Mas deve lembrar-se, que mesmo que não vá com segundos pensamentos... ele vai.

Não vai aos fados porque não gosta. As suas relações escassas, como dissemos, são constituídas principalmente por raparigas igualmente independentes, mas aquelas amigas de colégio que casaram e têm família e com quem continuou a dar-se, essas compreende-as bem — e é tolerante para com elas e os seus preconceitos.

Quais são os recursos de um solitário (ou de uma solitária?)

A música, os seus compositores preferidos: Beethoven, Albéniz e Gershwin. Mas o dinheiro não lhe dá para se inscrever como sócia de nenhuma das sociedades que promovem em Lisboa a apresentação dos bons executantes modernos.

A leitura: lê muito, em português, francês e inglês, tanto que lhe é difícil dizer qual o autor preferido. Não sabe ao certo. Dos



MAIORES DE 8 ANOS  
MAY 22 DE MAIO DE 1954  
R\$ 7,30 NORMAL LIGAS E TIGER DE 1954

GRANDIOSA  
CORRIDA  
DE TOIROS

**PEQUENO**

**8-TOIROS PUROS-8**  
Joado 2.ª e 3.ª secadaria de D. DUARTE ATALAYA  
e pela primeira vez em Portugal

**6-TOIROS ESPANHOIS**  
de acreditada ganadaria do  
Sr. EMILIO ARROYO



CAVALEIROS  
**MANUEL CONDE - DAVID TELLES**  
MATADORES  
**RIBERO**

**VICTORIANO VALENCIA**  
**JOSE TRINCHEIRA**

4-TOIROS EM PONTAS-4 a partir de 1954 em  
**Forcados Profissionais de Lisboa**  
Em espectáculo de 200 minutos







**Maria Helena no seu trabalho. Nem todas as empresas portuguesas oferecem às suas funcionárias tanta comodidade como aqui se aprecia.**



**Quanto mais se desenvolve o self-service pior se come. Ah a vida moderna...!**





estrangeiros, talvez Shaw; dos portugueses Manuel da Fonseca. O último livro que leu foi «O Seixo Branco» de Carlo Coccioli, e lê, como boa rapariga portuguesa, muita poesia.

O cinema: três filmes predilectos: «Pigmalião», «Pandora», «O Arco do triunfo». Actores preferidos: a Bergman, Giulietta Masina, Boyer e Gérard Phillipe.

As drogas para dormir: não toma. As depressões não lhe tiram o sono — antes pelo contrário.

O álcool: gosta de beber mas não exageradamente. Prefere o **whisky**.

O tabaco: fuma muito, tabaco americano, de preferência.

A uma rapariga empregada é natural que se ponham problemas económicos. Depois de pagas as despesas de base: casa, água, luz, telefone, vestuário, alimentação, Maria Helena fica com dinheiro suficiente para não considerar a existência angustiosa. Chega sempre ao fim do mês, porém, sem um centavo. Porquê? Os táxis.

## O FUTURO

Maria Helena não pensa em casar. O casamento intimidada-a: anos de hábitos de vida sôzinha, desconfiança dos homens e da sua

constância afectiva, desconfiança de sua própria instabilidade sentimental.

Nunca esteve apaixonada mas já namorou e pensa que o namoro poderia ser uma útil experiência pré-matrimonial mas que quase nunca é assim. Porquê? Porque as pessoas o podem frustrar — o frustram quase sempre. E, para uma mulher com hábitos de independência e um conhecimento da fragilidade das possibilidades concretas de um matrimónio resultar, há este natural receio de vir criar na vida preocupações e problemas suplementares. Não entende o amor como paixão nem como companhia. Talvez, afinal, nunca tenha amado.

O que Maria Helena deseja sobretudo é vir a atingir uma estabilidade económica e profissional maior que, pensa, lhe acarretará maior estabilidade psicológica. Sabe que a vida lhe reserva ainda, certamente, muitos aborrecimentos (quando eles surgem, de resto, apesar de ter mais amigas do que amigos, prefere recorrer a um homem do que a uma mulher).

— Tem assim tanta confiança nos homens?

— Para problemas concretos, sim. Ainda que o homem português é vaidoso e pueril muitas vezes na exibição do seu «machismo». Mas bom rapaz, no fundo.

— A coisa que mais detesta, no mundo?

— A maçonnerie das pessoas felizes.

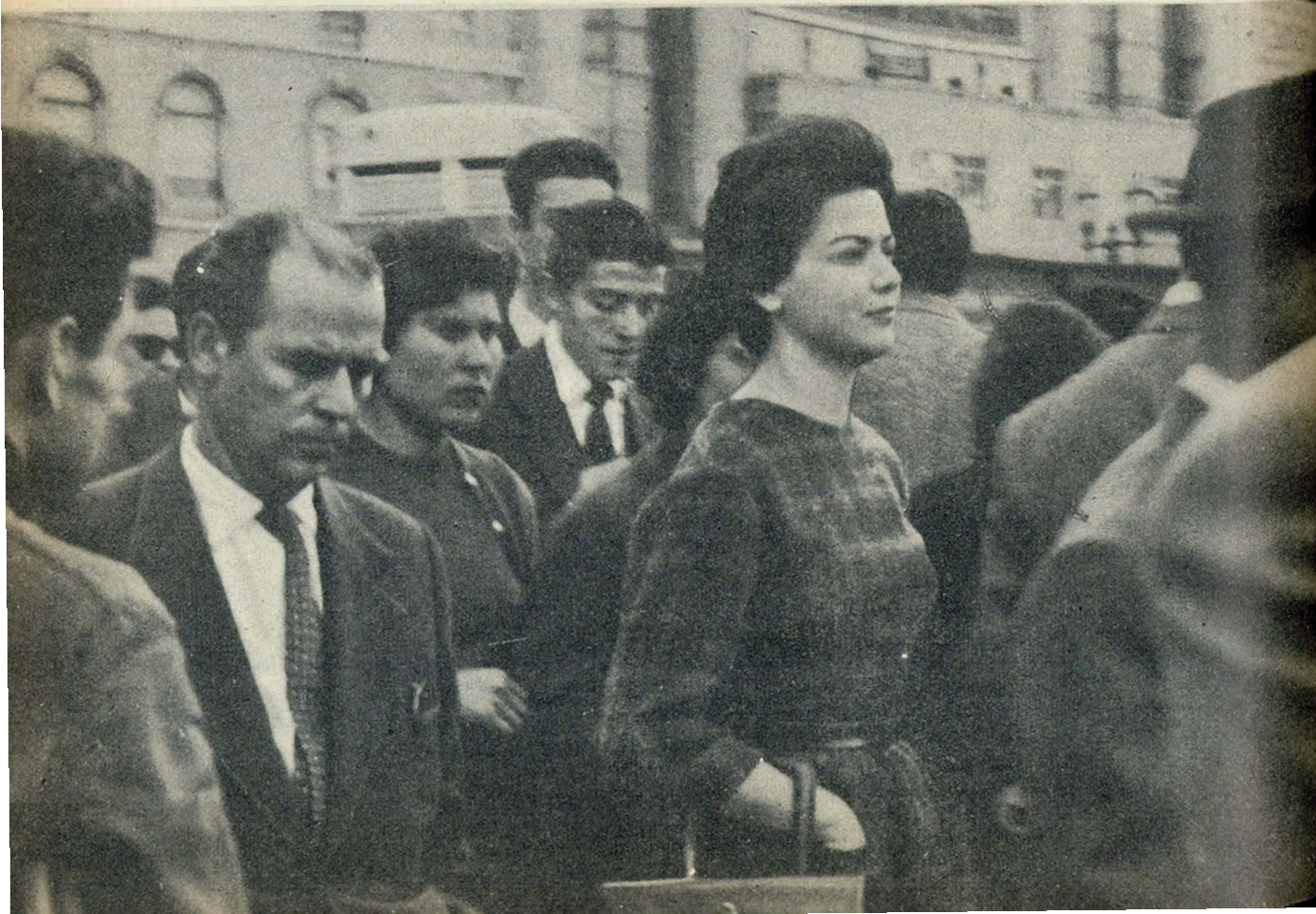




Um pouco de música. Romântica de preferência, que o bem-estar deles é mais acnosso feitoio.

No meio da claridade daquele tão triste dia, grande, grande, era a cidade. E ninguém me conhecia...

Pedro Homem de Mello







armazém  
das letras  
&  
diversos



# Confidencial

## o livro do mês

Enquanto a organização Todt construía ao longo da costa uma extensa muralha com a qual Hitler pensava poder rechaçar o ataque aliado, milhares de franceses arriscavam a vida para saber e transmitir para Londres segredos militares da mais alta importância. Afinal, a famosa muralha do Atlântico apontava os seus canhões para o exterior, mas era impotente para vencer os dez mil olhos que a vigiavam à retaguarda. E assim, homens de todas as profissões — pedreiros, pintores, médicos e electricistas, etc. — preparavam a invasão dos Aliados, observando minuciosamente todos os dispositivos militares alemães que se situavam entre Cherburgo e o Havre. À noite, quando se encontravam para beber, em vez de conversas vulgares trocavam mensagens de capital importância, recebiam instruções precisas dos agentes secretos e revelavam as descobertas feitas.

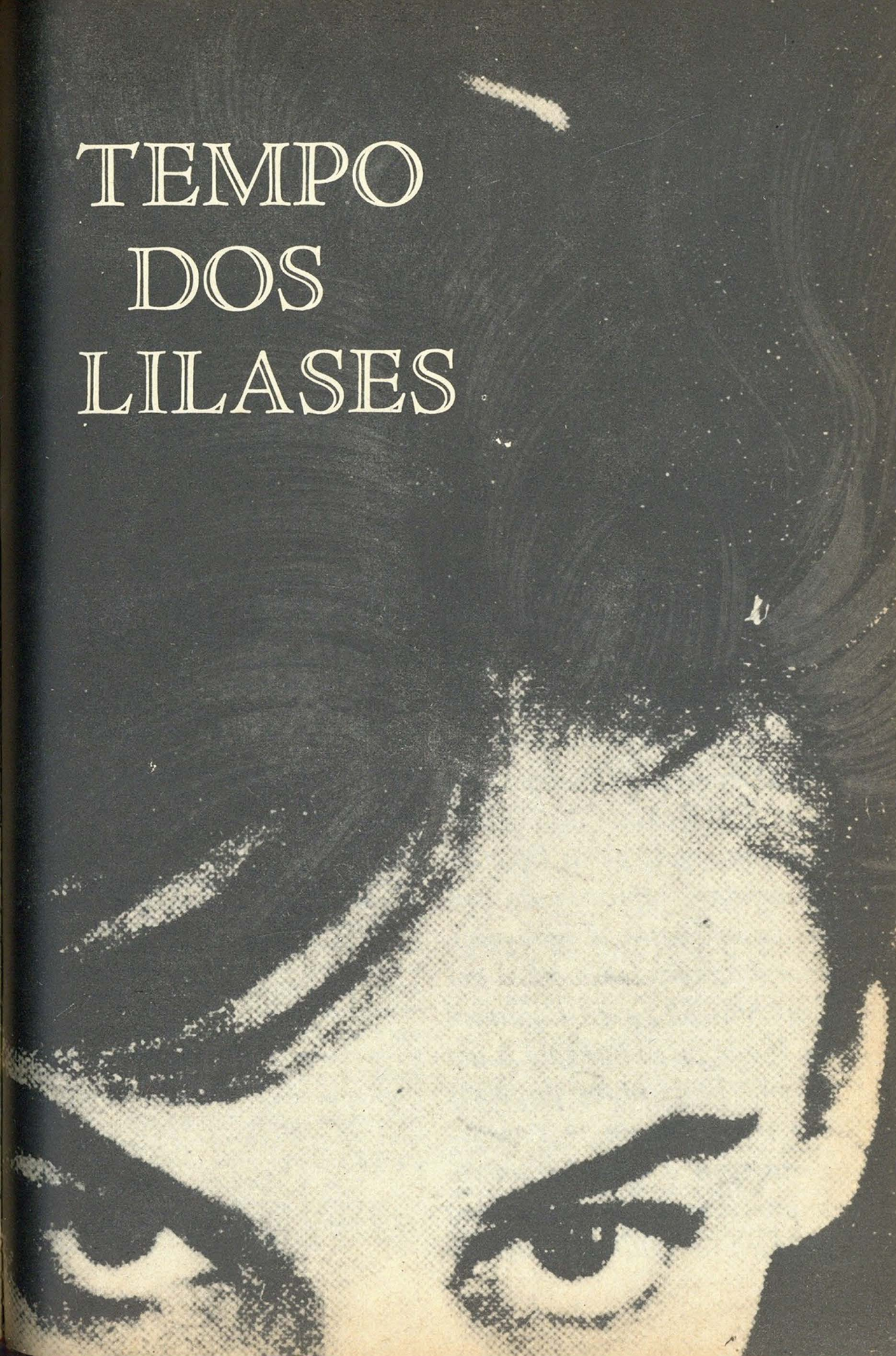
Quase tão difíceis como os esforços dos patriotas franceses foram os esforços de Richard Collier para recolher os elementos dessa aventura maravilhosa, cujo objectivo era abrir uma brecha na muralha que se opunha à invasão anglo-americana. Para tal, Richard Collier pôs-se em contacto com todos os sobreviventes desse combate, escrevendo depois este excitante livro de espionagem. Um livro verdadeiro, mais emocionante do que um livro de ficção!

*DOSSIER:  
RESISTÊNCIA*

*Richard Collier*



TEMPO  
DOS  
LILASES





## conto por Isabel da Nóbrega

*ISABEL DA NÓBREGA nasceu a 25 de Junho de 1925. Publicou «Os Anjos e os Homens», a que chamou narrativa, e a peça «O Filho Pródigo» ou «O Amor Difícil», representada no Teatro Nacional. Escreveu duas peças infantis, «Luzinha», representada em récita no Teatro Monumental, com bailados ensaiados por Ana Máscolo, e «A Cigarra e as Formigas» entregues a um editor. Tem contos dispersos em vários jornais e revistas, e começou a escrever um romance, «As Burguesas» e uma peça teatral «Julieta e Romeu».*

Angelina não tinha lido Proust. Por isso, quando se debruçou da janela do quarto e recebeu, de repente, o cheiro dos lilases contra a cara, foi logo transportada ao jardim da sua infância, desamparadamente transportada, sem meios para deter o voo imediato: estava-lhe definitivamente vedado o apoio daquelas considerações possíveis sobre o paralelo do gosto de «uma madalena embebida no chá» e o perfume sedoso dos lilases, com as naturais consequências de visões retrospectivas.

A noite, abafada e escura, parecia ter-se enroscado à volta da casa, e Angelina não via se o terreno se estendia para longe ou se acabava «logo ali», como o «outro». Percebia-se apenas a linha redonda e baixa dos buxos, quais estranhos animais enovelados, a imobilidade de vultos que só podiam ser árvores, a semiclaridade de um tapete de escamas que a Lua viria transformar em flores, e o bloco de cheiro que lhe embatera no rosto, como uma pancada. E aquele silêncio.

Árvore ou arbusto, escondia-se certamente perto da sua janela. Se acendesse a luz do quarto talvez a iluminasse. Não a acendeu, e assim ficou, de mãos pousadas no para-peito, mas a agarrarem aquele passado, aquele jardim, aquele dia...

Era manhã. Lina levantou-se, enfiou o vestido de tobalco e atravessou o quarto





com as sandálias na mão, para não acordar a avó. Na casa de jantar, Maria, que tinha o feitio de um oito, limpava o pó usando um pincel para escovar a talha das arcas. Lina gostava de sentar-se no chão, defronte das arcas, e, com o queixo apoiado nos joelhos, viajar por aqueles carreirinhos, que ora eram rios misteriosos, ora desenhavam pássaros encantados que se transformavam em princesas com os cabelos cheios de flores; Maria voltou a cabeça:

— Não ande descalça, menina! Quer estar doente quando chegarem os paizinhos? Que disparate.

Lina não respondeu. Sentou-se no tapete e afivelou as sandálias. Não valia a pena explicar a Maria que era essa a sua tenção. E, afinal, era só o que a Maria tinha para lhe dizer, em vez de exclamar, como ela esperava: «Então, quem é que faz hoje anos, quem é? Sim, senhora, muitos parabéns!».

Desapontada, passou pela cozinha. Ninguém. A Rita devia estar no tanque. Desceu as escadas para o jardim. Lá estava ela a lavar.

— Tão cedo? Então, quem é hoje um bebêzinho, quem é?

Lina, súbitamente envergonhada, pediu, como se não tivesse ouvido:

— Posso lavar alguma coisa?

— Vá lá, por ser hoje. Mas já sabe que a

mãe não gosta. Aí tem a selha. Pegue lá as suas peúgas.

Lina começou a esfregar. Costumava ser bom, lavar roupa. Era importante fazer um trabalho de gente crescida. E, no fim, as pontas dos dedos ficavam todas cheias de rugas branquinhas. Mas naquela manhã, afinal, não se sentia tão leve como na véspera ou no outro dia antes. Sentia uma impressão no peito, como se estivesse molhado por dentro, por debaixo da pele. Mas ela tinha a certeza que era bom fazer anos. Não percebia. Com as mãos encharcadas alisou a franja para o lado.

— Pronto, já não lavo mais.

— Isso, isso, vá brincar.

Lina foi inspeccionar os canteiros dos lírios. Gostava muito de usar as folhas dos lírios para fingirem de peixe-espada na sua canastra. Eram compridas, dobradas, fechadas, e, na ponta, podiam-se afastar para ver se «estava fresco», como a Rita fazia na cozinha. Tocou num lírio roxo, quase preto. Era tão macio e quente como o vestido de baile da mãe. E aquelas gotinhas a tremerem, que se chamavam orvalho, pareciam os brincos. A terra cheirava bem. Ainda bem que fazia anos no Verão. Só gostava do Verão. A avó achava o jardim pequeno, mas ainda assim podia-se lá andar de «trotinnette», tinha muitos canteiros, uma nespereira, uma pereira, de um lado havia o caramanchão, e



do outro, ao fundo, a árvore dos lilases, a sua árvore dos lilases.

As sandálias faziam que-rre-rre na areia dura dos pequenos caminhos. Como toda a gente dizia que ela tinha os olhos roxos — quando a chamavam à sala já conhecia o ritual das visitas à sua roda, com breves exclamações e olhares gulosos, como se se encontrassem diante de uma montra e ela, Lina, não estivesse ali, com o resto da sua cara e do seu corpo, esperando, paciente — como toda a gente dizia: roxos! violeta! lilases! e ela achava linda a árvore dos lilases, ficara com ela, achando que lhe pertencia mais do que às outras pessoas. Os cachos balouçavam docemente. Deviam ser assim as árvores do jardim de Aladino. Lina estendeu o braço e colheu vários cachos maiores. Da algibeira do vestido tirou um cordel branco e passou-o em redor dos minúsculos ramos, do tamanho das patas dos gafanhotos. Ia fazer uma coroa. Como a daquele senhor do quadro do escritório. Mas a desse era de uvas. Não valia a dela.

Sentou-se, como o senhor do quadro, encostada ao tronco da árvore e reclinada sobre um braço. Sacudiu a cabeça, e os cachos, que lhe cobriam os cabelos lisos e curtos, dançaram e roçaram-lhe na face. Riu. Devia parecer uma princesa dos contos de fadas. Se ficasse muito quieta talvez ouvisse a música que os cachos faziam, ao balouçar. No outro dia, ao passar pela árvore, parecia-lhe tê-los ouvido; voltou atrás, mas eles já se tinham calado. No chão, um carreiro de formigas, fê-la esquecer o mistério; de barriga para baixo, seguiu-lhes a formação de comboio. Eram tão leves que a sua respiração as abanava; e estúpidas. A avó dizia que eram inteligentes, mas ela não acreditava. Algumas delas sabiam andar em fila, era o mais que sabiam. E sem nenhum fim. Porque as que seguiam para lá, para o buraco do muro, levavam tantas coisas como as que saíam à procura de alimento, isto era... nada. Sempre a dar turras nas outras, como se fossem cegas, e faziam mil vezes o mesmo caminho, à roda, à roda. Mais à frente estava uma mosca morta, de pernas para o ar, e as formigas não davam com ela. Lina empurrou duas na direcção da mosca. De cabeça perdida, pareciam ter enlouquecido, cada vez corriam mais, sem lhe tocarem.

— Lina, que fazes tu aí por terra?

Lina ergueu a cabeça de repente e a coroa de lilases escorregou. Levantou-se, segurando-a. Era a avó Bernarda, a vizinha do lado esquerdo, que chegara à janela. Era amiga da sua, e avó de Juanito, que às vezes vinha brincar lá para casa. Os jardins eram divididos por um muro da altura dos seus braços estendidos, e por um portão enferrujado. A avó Bernarda vivia na companhia da mãe, uma senhora espanhola muito velha — a Abuélita — que usava sempre uma touca de cetim preto com um folho rente à cara, que mais parecia uma noz mirradinha. Quase nunca saía do quarto. Era raro vê-la. A avó Bernarda, essa, era muito alta, usava um xaile preto sobre um vestido preto, e tinha grandes olhos pretos, redondos, fixos, um pouco saídos, ardentes como carvões. Lina sentia-se atraída e ao mesmo tempo atemorizada por ela. Nunca sorria, nem para Juanito. Mas era boa. Explicava as histórias dos quadros pendurados na sala, e, numa voz que assobiava ligeiramente, contava outras, de Santos e do Evangelho.

— Lina, que tens tu aí?

— São lilases, que apanhei para brincar.

— Não devias tê-lo feito!

O Sol dava nos olhos roxos de Lina, que piscavam. Só via, lá em cima, uma cara muito pálida, quase amarela, com aquelas duas bolas pretas nos olhos.

— Mataste essas flores, sabes? Agora vão morrer depressa. Pertenciam à árvore que era a mãe delas. Era ela quem as alimentava. Era lá que estavam contentes e podiam viver. Foste uma má menina.

Lina, com o coração apertado — decididamente as coisas não corriam bem, naquela manhã — foi pôr as flores na árvore, segurando-as nas forquilhas dos ramos.

— Agora já não remedeias nada. Já não podem ser alimentadas pela mãe. Mataste-as. Olha, não me esqueci de que eram os teus anos, e apesar de não os festejares hoje, disse ao Juanito para vir brincar contigo. Gostas?

— Gosto.

Lina disse adeus e subiu pesadamente as estreitas escadas que levavam a casa. Que impressão, as flores! Pediu que a deixassem ir brincar para o parque das «meninas Lage», e a avó deixou. O parque ficava muito perto, e Lina ia para lá amiudadas vezes. As «meninas Lage» eram um grande rancho de ra-



parigas. Havia três que se aproximavam da idade de Lina. As mães visitavam-se.

Mas naquela manhã, quando Lina chegou, havia grande azáfama ao portão. Risadas, empurrões, cestos de verga com tampas que chiavam, mantas encarnadas e verdes eram atiradas para o fundo do automóvel e Lina, ao aproximar-se, ouviu Fernanda dizer-lhe:

— Olha, a Lina! Hoje não estamos cá. Vamos fazer um piquenique à Praia das Maças, com as primas. Mas o Rodrigo fica, porque não tem lugar. Entra e brinca na mesma. Vai com ele. Adeusinho.

Lina não pôde perceber que ao seu desapontamento se misturava um sentimento de humilhação, porque na voz da sua amiga tinha passado uma nota de orgulho — ela, Fernanda, ia ao piquenique, ia para uma aventura, e ela Lina, não ia.

Subiu a alameda. A gorda Maria ao lado, e, um pouco adiante, Rodrigo, o afilhado da mãe das «meninas Lage», avançava aos esticões, de cabeça baixa, dando pontapés a uma pedra. Andava no primeiro ano do liceu mas não era vaidoso. Lina gostava dele. Numa corrida pôs-se ao seu lado.

— Sabes, hoje faço sete anos!

Ele nem olhou para ela.

— Quero lá saber que faças sete anos. Podes fazer oito ou nove — e espetou o beijo longo, escuro e gretado.

Que aflicção, no peito de Lina! Julgou que ia vomitar. Tinha qualquer coisa a esmagar-lhe o coração, como se este fosse um grande morango e alguém quisesse espremê-lo. Mas fez-se valente. Voltou para junto de Maria, que parecia um besoiro a conversar com a caseira, e pediu:

— Gostava de ir ao balouço!...

— Vamos lá.

Foram todos. A caseira, Maria, Lina, e, um pouco afastado, Rodrigo.

O sol do meio-dia de Junho caía, agudo e pesado, sobre a clareira do balouço. Maria empurrava. Das outras vezes Lina pedia para ir cada vez mais alto, e pensava que era aquilo que sentiam os pássaros quando subiam pelo ar ou desciam para pousar nos canteiros. Naquela manhã, as sobrançelas de Rodrigo, uma muito levantada, a outra, muito baixa, continuavam a fazer-lhe impressão. Decidiu cbrigar as suas sobrançelas ao mesmo. Mas era preciso um grande esforço — tendiam a voltar à posição natu-

ral; aquela, era difícil. Agoniou-se. Pediu para parar. Queria voltar para casa. Alameda abaixo, ao passar pela casota do «Chau», parou, admirada. O «Chau» estava a ficar grande para a casota. Não devia poder dormir bem, nem espreguiçar-se. Coitado do «Chau»! Ninguém notara nada, nem ela própria, apesar de ter ali passado havia tão poucos dias. E, já perto do portão, um restolhar na base da palmeira, o sopro de uns «miaus» estridentes, chamaram a atenção de todos. Lá em cima, na cabeleira da árvore, um pássaro negro, cá em baixo, um gato bravo arremetia, subia até meia altura, caindo e recomeçando sempre.

— Ele vai comê-lo, vai comê-lo!

— Não vai, não. Chote, gato!

— Porque é que o passarinho não voa?

— Sei lá, filha. Está cansado e tem medo de cair, talvez.

— Fico aqui a ver, Maria.

— Ai, não fica não. Basta de fazer vontades. São horas de almoçar. Vamos.

Lina foi. Dentro do peito levava o cão que não cabia na casota, o pássaro cansadinho, as formigas tontas, e a dor dos lilases cortados.

À entrada do vestíbulo, no cadeirão de pregos reluzentes, encontrou, surpreendida, um monte de brinquedos. O cisne muito emperdigado era uma bóia de borracha branca; uma complicada máquina fotográfica — tinha de a mostrar às «meninas Lage» e ao Rodrigo — e vários livros de histórias, é claro. A avó explicou — ordem dos pais, e de França trariam outras surpresas.

À tarde levou os presentes para o jardim do lado, à espera de Juanito. Enquanto ele não chegava entreteve-se a procurar pedacinhos de porcelana misturados na terra dos canteiros. Ambos tinham já uma grande colecção. Havia-os com rosas, com flores azuis, com cestos amarelos, eram lindos. Foi até ao fundo espreitar a rua, na parte em que o muro baixava. Não se via chegar Juanito. Preparou-se para continuar a sua pesca preciosa, mas quando se voltou viu uma coisa muito esquisita. Deitada nas escadas, os pés a assentarem já na terra do jardim e os braços abertos em cruz, com as mãos metidas nos varões de ferro que seguravam o corrimão, estava Abuélita. Caíra daquela altura toda e ela, Lina, não tinha ouvido nada. Aproximou-se mesmo junto do corpo.



Agora é que podia ver bem a cara da Abuélita. A pele era toda cortada por riozinhos iguais aos da arca da sala. Os olhos só tinham uma fenda. E da boca — não se viam lábios — saía um barulho como o que fazia às vezes o «Chau» das «meninas Lage». Lina deu a volta e foi olhar do outro lado. Não se via cabelo nenhum. A touca preta tapava tudo. O folho fazia canudinhos. Nos pés, meio escondidos pelas pesadas saias, trazia botas apertadas por uma fieira de botões redondos como os olhos das lagostas.

Lina agora não sentia nada no peito. Devagar, abriu o portão ferrugento, passou para o seu jardim, subiu as escadas e chegada à cozinha disse à Maria:

— A Abuélita está deitada nas escadas da casa dela, a rosnar como o «Chau». Cada bota tem dez botõezinhos. Não está morta, pois não?

Maria largou o ferro eléctrico como se se tivesse queimado e correu pelo corredor fora a gritar:

— Ai, minha Nossa Senhora! Meu senhor S. José! Sr.<sup>a</sup> D. Virgínia, acuda!

Nessa noite Lina jantou sòzinha. Juanito, afinal, não veio. Parece que a avó Bernarda quando telefonou para casa da filha a chamá-la, disse para ele não vir. Lina até gostou mais. Ficou sòzinha no jardim a ler um livro novo e de vez em quando olhava para as janelas fechadas, mas não pensava na Abuélita. Pensava noutras coisas — que iria para a escola em Outubro, directamente para a terceira classe, havia dito a professora — e na sua colecção de porcelanas, escondida ao canto do muro numa caixa de charutos do pai, e em coisas assim. Na Abuélita é que não pensava. Porque havia de pensar na avó Bernarda ou na Abuélita?

A avó de Lina não apareceu ao jantar. Estava na casa do lado a acompanhar a sua

amiga, disse Maria. Maria tinha os olhos inchados e cor-de-rosa como se lhe fossem crescer terçolhos nas pálpebras. Disse que a Abuélita estava muito mal e Lina não respondeu nem perguntou nada. Comeu morangos por três vezes. Mas depois de a deitar, quando Maria voltou ao quarto a trazer o copo de água, encontrou-a num pranto soluçado entre lençóis, de que só se percebia a frase sem sentido:

— Eu que-ro os meus li-la-ses! Eu que-ro os meus li-la-ses!

Debruçou-se para Lina.

— Que é que a menina quer? Que lilases?

— Os li-la-ses que eu cor-tei e estão ao pé da árvore! Eu quero os meus li-la-ses! Já sei que vão mo-rrer.

A gorda Maria foi buscar as flores ao jardim. E a menina adormeceu a chorar, agarada aos lilases.

.....

Angelina sorveu mais uma vez o ar perfumado da noite, e com ele estancou a emoção que a apanhara desprevenida. Pousou a modesta mala numa mesa, acendeu a luz e compôs ao espelho a touca de enfermeira. Fazia vinte anos, naquele dia, que a cena se passara. Por isso viera tão rapidamente à memória.

.....

— Está bem instalada?

— Muito bem, minha senhora.

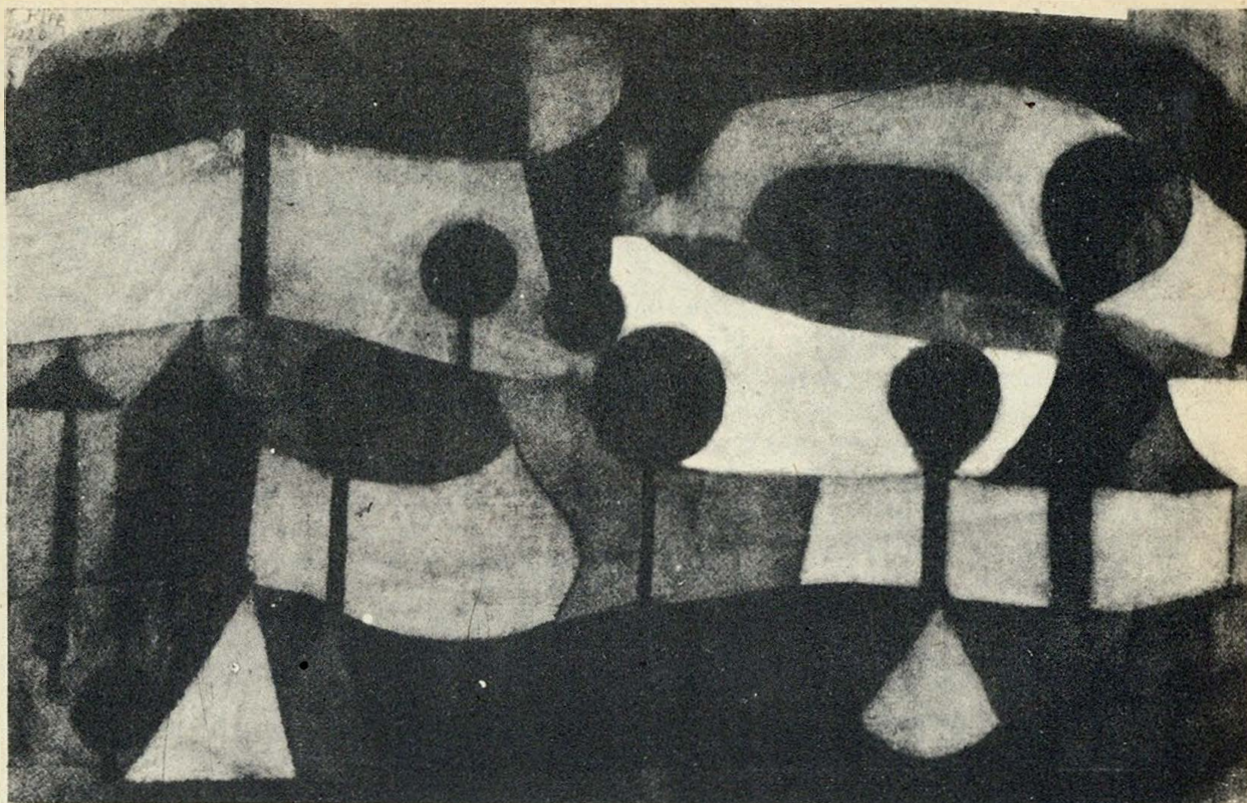
— Oh! Não tinha reparado quando entrou, na escuridão do vestíbulo. Os seus olhos são roxos! Lilases!

Lina sorriu.

— Pois são... Vamos então ver a nossa doentinha?

*fim*





## A ARTE MODERNA E OS CRÍTICOS

Um livro recente, publicado em França, descreve as reacções dos jornais da época contra o impressionismo e o simbolismo: Jacques Lathève — «Impressionnistes et symbolistes devant la presse», Paris, Armand Colin, 1959. Os factos relatados por Lathève são já conhecidos mas, dada a maneira orgânica como ele os expõe, nós tomamos melhor consciência da incapacidade da crítica para se orientar perante a renovação do gosto em 1860, renovação essa que levou à criação de autênticas obras-primas e que abriu as portas à Arte do nosso tempo.

Seria de esperar que a crítica fecundasse a interpretação e a compreensão das obras de arte em vez de as expor ao desprezo do público. Mas, já que essa actividade nega-

tiva dura há mais de um século, torna-se necessário reflectir sobre as suas causas.

É sempre difícil aos críticos, mesmo aos mais dotados, compreender as obras de génio quando estas se opõem nitidamente à tradição, quando implicam não apenas uma arte nova, mas um gosto novo. O pai da crítica e da história da Arte, Giorgio Vasari, tão atento, de resto, ao que havia de novo na Arte italiana e transalpina, enganou-se ao julgar Tiziano. Hoje, sabemos que em 1568 o estilo de Tiziano era a expressão mais alta do Renascimento final e representava uma tentativa demasiado nova para que se pudesse entender...

Vasari cometeu vários desses erros e a crítica aceitou essa herança de rejeitar sempre aqueles que trazem algo de novo e de ousado. O abismo surgido em Paris entre clássicos e românticos, por volta de 1824, é responsável por grande parte dos erros posteriores, porque de um modo geral os críticos se sentiram obrigados a preferir os clássicos, as regras, os princípios eternos, enquanto os melhores pintores do século concluíam que o romantismo correspondia melhor às necessidades do momento e à liberdade da fantasia criadora.



Em 1822 Delacroix expôs o seu primeiro quadro (**Dante e Virgílio no Inferno**) e o crítico Delécluze sentenciou que essa obra era pura e simplesmente uma «tortouillade». Em 1824 a **Gazette de France** fulminava o pintor romântico que «delira e combina cenas atrozes, plenas de sangue, com intestinos à mostra, e pinta o desespero e a agonia».

Inicia-se, assim, o hábito, que permanece ainda hoje, de insultar os pintores originais. Se um pintor insultasse um crítico, ninguém deixaria de se insurgir contra esse atentado à liberdade de opinião! Mas se um crítico insulta um pintor, ninguém protesta. Não se defende também a liberdade de pintar?

Quando os críticos se encontraram perante as obras de Manet e dos impressionistas, já tinham uma certa familiaridade com a tradição do insulto e empregaram-no largamente. Acerca da **Olympia**, que hoje pode ser admirada no Museu dos Impressionistas, disseram eles que não era uma virgem louca, mas uma virgem desonesta. As cores estavam mal colocadas, a forma era inadmissível... Tratava-se da obra dum pintor de tabuletas, não de um pintor de Arte...

Dos impressionistas em geral disse-se que eram puramente decorativos, incapazes de exprimir qualquer coisa. A palavra decoração tem, como se sabe, um duplo significado. Oposta a «ilustração» tem um valor positivo mas oposta a «expressão» significa superficialidade.

A acusação aos impressionistas de pintarem de um modo decorativo era absurda, porque os impressionistas usavam os valores decorativos para exaltar a qualidade expressiva.

Uma paisagem de Pissarro não era uma

paisagem — segundo os críticos — mas tinta pulverizada sobre uma tela suja.

As pinturas impressionistas pareciam aos críticos fantasias pessoais, irracionais, indiferentes à verdade!

É inútil repetir os disparates dos contemporâneos contra os impressionistas. Basta recordar que foram considerados como revolucionários, apontados como um perigo público ou comparados com as crianças...

Mas a verdade é que hoje também podemos ler disparates e insultos do mesmo tipo contra os melhores pintores actuais, que são tão jovens e tão ousados como o eram no seu tempo os impressionistas. Um famoso romancista escrevia, há dias, que a pintura abstracta era comparável aos desenhos feitos nos manicómios. Um outro conhecido homem de letras falava recentemente da poesia moderna (e chamava-lhe notável), mas quanto à pintura dizia ele que era obra de insensatos. Como nos velhos tempos, muitos dos grandes jornais fazem um silêncio absoluto sobre tudo que não seja pintura realista. E um crítico famoso recusou-se a falar dum quadro de Kandinsky, porque não era «figurativo»!

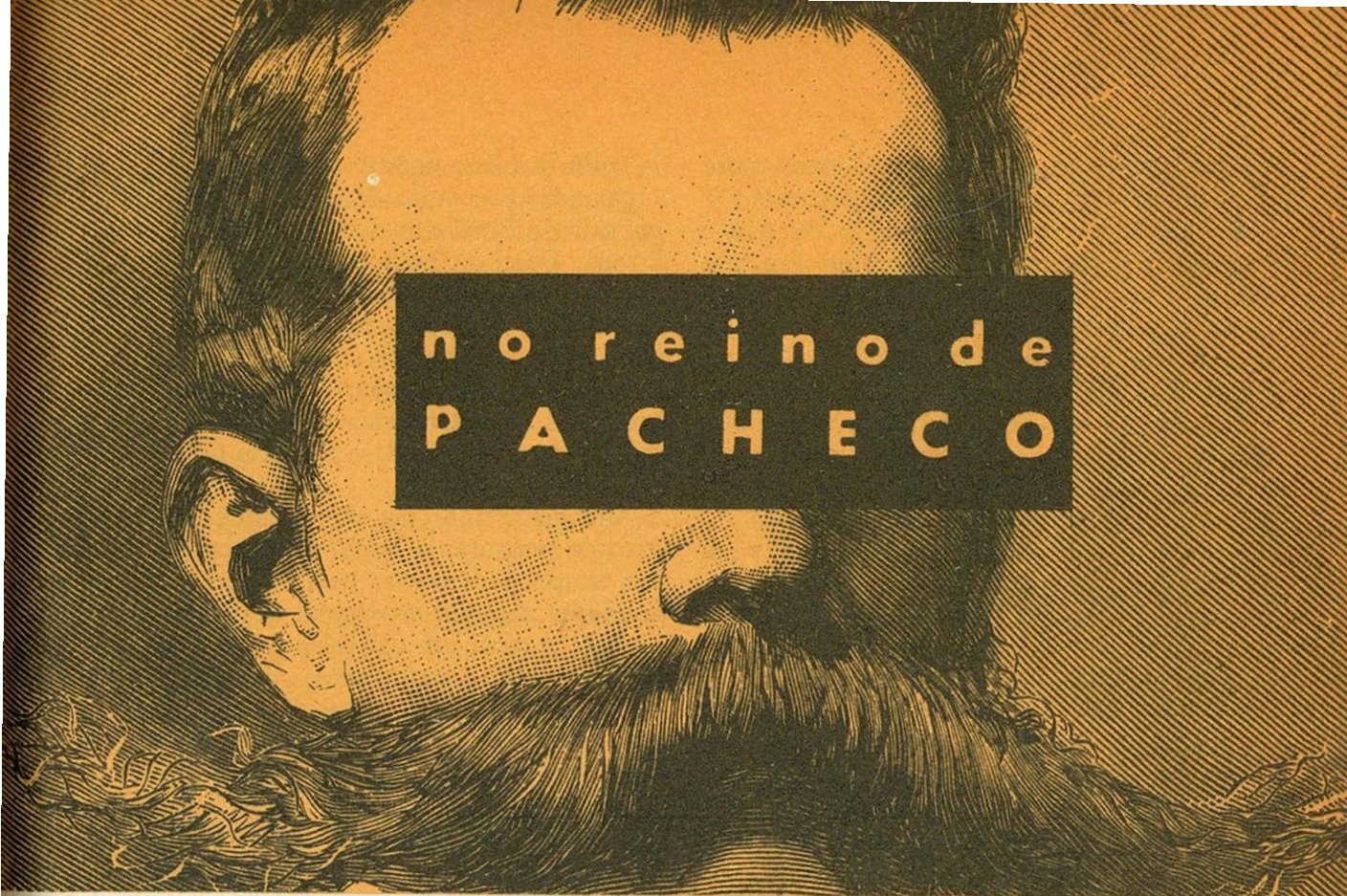
A Arte actual é diferente da Arte do impressionismo, como diferente é da civilização da bicicleta a civilização dos satélites artificiais. Tudo mudou de então para cá na vida intelectual e moral, mas a crítica da Arte permaneceu intransigente no seu ataque aos artistas novos. Não será tempo de mudar esta situação? Ao menos para que a crítica mostre um pouco mais de fantasia...

Eis uma esperança algo desesperada!

LIONELLO VENTURI







no reino de  
PACHECO

## CONFIDÊNCIAS DE UM HOMEM CULTO

por Manuel João Gonzaga da Silva

Não sei se haverá mais críticos do que poetas, ou, pelo contrário, mais poetas do que críticos. Devo, mesmo, dizer que este problema me preocupa. É claro que do equilíbrio numérico entre as duas classes indicadas resultam certos benefícios que ninguém pode negar.

Se não fossem os poetas, por exemplo, quem leria os críticos? (Isto, evidentemente, não contando com as suas esposas...).

Durante anos tive, entre outras, a pretensão de ser o indivíduo para quem os poetas escreviam os seus livros.

Fui, efectivamente, o leitor dos poetas. Durante anos comprei todos os livros que se publicaram e constatei que os poetas revelavam o mais profundo espanto ao tomarem conhecimento de que alguém os lia. Este espanto chegou, mesmo, a tomar proporções

que se revestiram, para mim, de grande interesse económico. Bastava-me dizer a um poeta que acabava de ler o seu último livro, para que este logo me agarrasse pelo braço e me pagasse um café na Brasileira. Julgo que cheguei a economizar diàriamente 6\$00 por este processo. Foi, aliás, devido a este hábito que me comecei a preocupar com o já mencionado problema de saber se haverá mais críticos do que poetas ou mais poetas do que críticos. Um dia, cheguei à Brasileira do Chiado, por volta do meio-dia, preparado para dizer ao primeiro poeta que encontrasse que acabava de ler o seu livro, quando constatei que não se encontrava nesse Café um único poeta.

Fiquei alarmado. Teria sucedido qualquer coisa?



Preocupadíssimo, sentei-me a uma mesa disposto a pagar, eu próprio, o meu café.

O hábito, porém, é mais forte do que o homem. Inconscientemente proferi em voz alta a frase com que costume levar os poetas a encomendarem-me uma «bica»:

— Pois é verdade! Li o seu livro ontem, meu amigo, de ponta a ponta.

Mal eu acabara de proferir a última palavra, quando cinco sorridentes indivíduos se sentaram à minha mesa. Não vale a pena contar como decorreu a conversa. Basta dizer que não paguei o café e que, por volta da uma hora da tarde, os cinco poetas partiram para o «Farta-Brutos» e eu fiquei sozinho à mesa. Não estive, porém, sozinho durante muito tempo. Um homem alto e magro que eu vira uma vez à porta duma loja de penhores, sentou-se à minha frente e disse-me que me esquecesse de tudo quanto ouvira aos cinco poetas com quem falara.

— A verdade, meu amigo, é que os cinco «soi-disant» poetas que aqui estiveram não conhecem, sequer, o significado da palavra poesia. O meu bom amigo tome Verlaine, por exemplo, e...

Interrompi-o para dizer que preferia tomar outro café mas o meu interlocutor não compreendeu a sugestão. Tentei levantar-me mas ele agarrou-me pelas bandas do casaco e não me permitiu.

Para encurtar razões: não tomei café mas tomei Verlaine durante 15 minutos.

Quando, finalmente, o crítico se levantou, fiquei muito quieto, com receio de que um gesto inadvertido o fizesse voltar a explicar-me os motivos psicológicos que tinham levado Verlaine a escrever os seus poemas em francês.

Não havia, porém, motivos para receio. Ainda o crítico não chegara à porta e já outro se sentara à minha frente.

— Meu caro amigo: você deve estar espantado com os disparates que ouviu àquele idiota que acaba de sair daqui. É que aquele «soi-disant» crítico não tem a menor ideia do que seja poesia. Tome o Mário de Sá-Carneiro, por exemplo, e...

Interrompi o crítico número 2 para insinuar que preferia tomar um café. Tomei Sá-Carneiro durante 15 minutos.

A mesma história repetiu-se mais três vezes. Tomei, sucessivamente, José Régio, Manuel Bandeira e David Mourão-Ferreira.

Tudo isto sem açúcar e em jejum.

Quando, por volta das duas horas, consegui sair da Brasileira, tinha a cabeça a andar à roda. Desci o Chiado num passo de corrida que aprendi na Escola Prática de Infantaria, quando fiz o serviço militar, e que reservo para os momentos de crise aguda. Um crítico gordo ainda tentou agarrar-me, mas creio que deve ter ficado dispensado do serviço militar, porque desistiu perto do «Último Figurino».

Almocei sozinho no «Piquenique». É o género de restaurante onde não entra quem tiver tempo para comer bem e, por isso, calculei que nenhum intelectual lá iria. Sentado ao balcão comi um daqueles pratos frios que se conservam durante meses nos frigoríficos e que continuam, erradamente a servir-se nos restaurantes embora tenham todo o direito a lugar nas montras das lojas de antiguidades.

Tentei pôr a cabeça em ordem mas não o consegui. Se encontrar a cultura frente a frente é sempre uma experiência cansativa, tal experiência chega a ser trágica para quem, como eu, nessa altura, vivia na convicção de que um poeta vale vinte críticos.

É que não se tem verificado no campo da cultura o progresso que se tem verificado no campo da medicina. Hoje é possível a qualquer cidadão tomar 1.000.000 de unidades de penicilina sem, sequer, sentir dores de cabeça. O mesmo não se pode dizer da cultura. Para um indivíduo inculto, um indivíduo desses que lê poetas e escritores mas que não lê críticos, o contacto com cinco críticos numa manhã pode ter consequências graves.

Foi o que me aconteceu. Fiquei morto, completamente arrasado.

Saí do restaurante cheio de dores de cabeça e de «mayonnaise» sintética. Quis um antídoto. Procurei em vão, no «Diário de Notícias» uma conferência para neutralizar o excesso de cultura que ingerira. Não havia nada.

Felizmente o artigo de fundo desse jornal era típico. Li-o e senti imediatas melhoras. Pouco a pouco fui ordenando as ideias.

Já lá vão muitos anos sobre tudo isto, mas lembro-me bem de ter compreendido nessa altura o motivo por que os poetas me pagavam cafés e os críticos não. É que os poetas já estavam habituados a ouvir-me dizer que os tinha lido e já sabiam, portanto, como deviam proceder. Para os críticos, porém, as



coisas eram diferentes. Nessa altura ainda eu os não começara a ler e, por isso mesmo, não tinham um único leitor. Não podiam saber como comportar-se.

Meditando nisto tudo encaminhei-me cautelosamente para o Terreiro do Paço. Sentei-me num banco de pedra a fim de extrair qualquer ensinamento de tudo que me acontecera.

Faltava-me qualquer coisa. Sentia perfeitamente que estava à beira duma grande descoberta capaz de revolucionar todas as minhas concepções, todos os meus pontos de vista.

Infelizmente, porém, quando a resposta parecia estar já próxima, um guarda da Polícia de Segurança Pública mandou-me levantar e seguir o meu caminho. Ou receou que eu me atirasse ao rio para pôr fim à vida, ou receou que eu me estivesse sentindo bem. Como ambas as coisas são proibidas em todos os países de sólida formação moral, o guarda cumpria o seu dever.

Dirigi-me lentamente para o Cais do Sodré mas, antes de lá chegar, compreendi inesperadamente o meu problema. A resposta que eu procurava em vão chegou subitamente. Faltava-me cultura literária! Apenas isto e mais nada.

Parei, sorrindo, em estado de êxtase: era assim mesmo, o que me faltava era cultura literária.

O meu êxtase foi de pouca duração. O guarda da P. S. P. que me mandara seguir o meu caminho tocou-me no ombro.

— Que está o sr. a fazer?

— Nada, sr. guarda, estou a sorrir...

— Precisamente. E de que está o sr. a sorrir?

— De nada sr. guarda, de nada, é uma questão de cultura.

Pela cara do guarda passou uma sombra de horror. Sem hesitações mandou-me segui-lo até à esquadra.

Compreendi que só uma habilidade me salvaria. É que do Cais do Sodré à esquadra que fica por trás da Câmara Municipal não há uma única Embaixada. Não há, sequer, um mísero Consulado.

Virei-me para o guarda e esclareci:

— O sr. guarda não deve ter compreendido bem o que eu disse... Sou médico e estava a pensar numa cultura de bacilos. O sr. guarda tem filhos?

— Tenho dois, mas isso não tem nada que ver consigo. Que é isso dos bacilos?

Expliquei que os bacilos eram uns animazinhos que era permitido estudar. Que do seu estudo resultariam benefícios para toda a humanidade. O guarda, porém, era um homem prático. A humanidade preocupava-o pouco.

— Esses bacilos de que o sr. estava a pensar de que cor são?

Parei, sem saber o que devia responder. Confesso que, à parte uma espreitadela por um microscópio quando era estudante do liceu, nunca vira um bacilo. Acresce que o microscópio do liceu, por falta de verba, estava estragado há anos e que, por isso, não era de confiança.

— Responda. Esses bacilos de que cor são? São do pró ou são do contra?

Suspirei de alívio.

— São do pró, sr. guarda. São muitíssimo do pró.

— Bem. Vá-se lá embora. Para a outra vez não se ria na rua. Provoca comentários e ainda o mete em sarilhos.

Subi a Rua do Alecrim no meu passo de corrida e só parei ao pé da estátua do Eça. Durante o caminho fui pensando na minha descoberta.

Não havia dúvida. Faltava-me cultura literária. É claro que tinha lido os escritores consagrados. No liceu lera duas ou três páginas de Fernão Lopes e uma parte do primeiro canto dos Lusíadas. Mais tarde, na Faculdade, lera uma versão resumida de Casanova e, de cama durante uns dias, por causa duma gripe, lera o livrinho da Sagan para não passar por parvo.

Dos poetas lera tudo. Isto não é exagero. Lera os poetas como quem come pastéis de bacalhau. Lera e chegara mesmo a decorar alguns versos. Fitei o Eça e recitei:

«Alma minha gentil que te partiste...»

«Baçus, mulher de Ali, pastora de camelas...»

«Eu hoje estou cruel, frenético, exigente...»

O que me faltava não era portanto aquela cultura literária comum a toda a gente, aquela cultura mesquinha e acessível aos cérebros menos inteligentes. Faltava-me cultura crítica e mais nada!

Se alguém me perguntasse, por exemplo, os nomes dos grandes críticos que decidiram



que Camões passaria à história, eu teria de confessar a minha ignorância.

A culpa não era minha. A verdade manda que se diga que a culpa coubera a um sistema de educação menos esclarecido e nitidamente antiquado.

Os meus professores, desde que eu entrara para a escola, tinham-me obrigado a ler os autores mais notáveis de cada período, mas nem sequer me tinham mencionado os nomes dos críticos mais notáveis dos mesmos períodos!

Fiquei colado ao chão, ali na Rua do Alecrim, abismado com a minha própria ignorância.

Que teria escrito Shakespeare sem o auxílio dos seus críticos?

Quem teria decidido que Gil Vicente era digno de entrar no Panteão da História?

Eu, Manuel João Gonzaga da Silva (O Gonzaga não é de família, foi posto por uma tia que era muito devota do santo) tinha de confessar que não passava dum ignorante, dum mesquinho e vulgar ignorante, desses que todos desprezam.

Voltei a fitar o Eça frente a frente, mas vesti a cara com uma expressão de dúvida que uma vez vira, na Brasileira, a um crítico.

Na verdade que garantia tinha eu de que o Eça tivesse sido um grande escritor e não apenas um jovem prometedor?

Pensando bem, que sabia eu de literatura?

O próprio Fernando Pessoa, que eu até aí tanto amara, podia perfeitamente não passar dum poeta de segunda classe. Tudo dependia do que tivessem dito dele os críticos seus contemporâneos.

Fiz parar um táxi e pedi ao motorista que me levasse à Bertrand. Corri todas as estantes na esperança de encontrar os críticos contemporâneos de Camões, de Gil Vicente, de Fernão Lopes, de todos, enfim, que eu lera na minha mocidade.

Não encontrei nada. A que estado as coisas chegaram em Portugal!

Meti-me em casa. Durante semanas devo-

rei as páginas literárias dos jornais. Li todos os críticos. Todos, todos, todos.

Lentamente fui-me cultivando.

Actualmente já não leio poetas nem prosadores. Leio apenas os críticos.

Entro na Brasileira de cabeça levantada: sou um homem culto.

Continua, porém, a preocupar-me o problema de saber se haverá mais críticos do que autores ou mais autores do que críticos.

É que sinto no ambiente em que vivo uma revolução em marcha. Sinto que está para surgir uma nova era literária, cuja grandeza encherá a história humana. Lentamente começa a modificar-se o ambiente. Os poucos autores que ainda existem já não escrevem para o público. Escrevem para os críticos. Isto deu origem ao renascimento da literatura portuguesa e, como não podia deixar de ser, ao aumento que se verifica na venda do livro.

As coisas não ficarão por aqui: um dia virá em que os autores não existam.

Os críticos passarão a criticar os críticos. Das tipografias apenas surgirão obras de crítica e as gerações futuras ficarão libertadas desses autores que os meninos decoram, como Camões, Antero, Pessoa, etc., autores que nunca teriam entrado na história literária se os seus contemporâneos tivessem ouvido os críticos mais esclarecidos da época.

Julgo, mesmo, que o movimento, aquilo a que chamo «esclarecimento em marcha», acabará por atrair a atenção dos outros campos da cultura. No campo das Belas-Artes, por exemplo, o que não há a fazer...

Um dia virá em que as gerações esclarecidas assaltarão o Louvre, o Prado, a Galeria Uffizi, a National Galerie e, até, o Museu das Janelas Verdes para substituir as telas dos pintores pelas páginas emolduradas dos jornais em que escreveram os seus críticos.

Esse dia aproxima-se.

Só peço a Deus que me dê saúde para estar na primeira linha dos que atacarem a Biblioteca Nacional.





A black and white photograph showing the back and shoulder of a person. In the upper left corner, a hand is holding a glass of water. The overall image has a grainy, halftone texture.

**SURPRISE - PARTY**



# aperitivo



# saiba envenenar-se com elegância

Estão em moda os **cocktails**, misturas inventadas em países onde nem há vinho, nem quem de ele entenda. É claro que um bom Madeira ou um bom Gerez são insubstituíveis como aperitivos mas como nos países onde não há vinho, se resolveu o problema através destas misturas inclassificáveis, nós, que temos ótimo vinho branco seco, Madeira e Carcavelos, não resistimos à tentação da «misturazinha americana».

Bebamos, pois, **cocktail**. Sempre dizem bem com os **snack bar** que resolvemos, também, copiar e que, diga-se de passagem, correspondem ao mesmo nível de gosto e de «civilização»...

Só há uma coisa, porém, pior do que um **cocktail**: um **cocktail** mal feito.

«Almanaque» gaba-se de fazer bem feito mesmo o que não vale a pena fazer de todo...

O quadro seguinte contém as receitas dos 24 **cocktails** favoritos de quem prefere estas misturas a um bom Gerez.

As receitas referem-se a cálices ou medidas. Um exemplo:

**Gimlet** = 1/3 dum cálice de sumo de lima e 2/3 dum cálice de **Gin**.

Sinais convencionais = **O** sumo de meio fruto; **G** umas gotas; **C** uma colher de chá.

Último aviso — Os ingleses, depois de passarem a vida a beber estas misturas, emigram para Portugal.

Querem os leitores, no fim da vida, emigrar para Inglaterra?

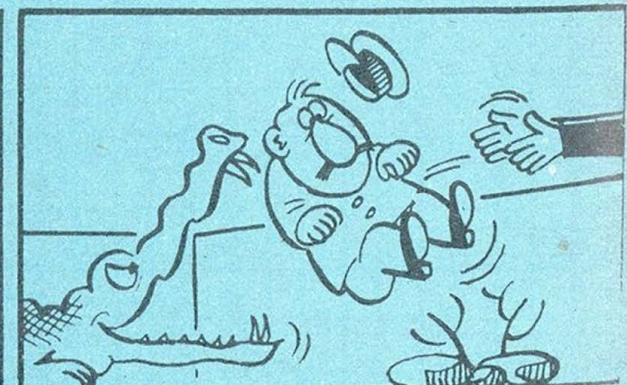
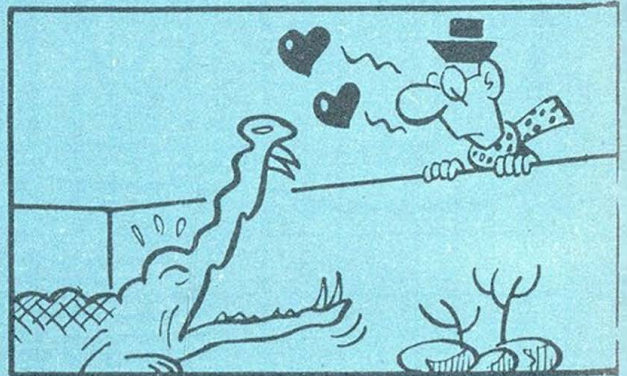
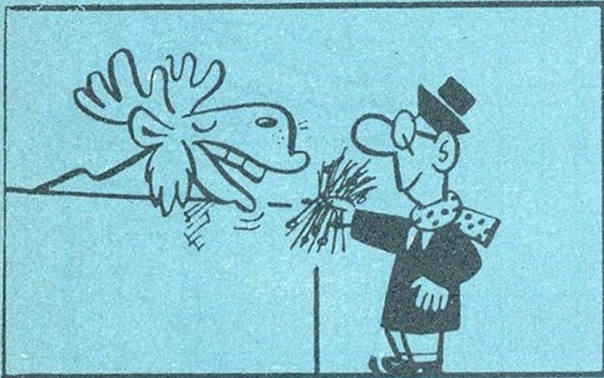
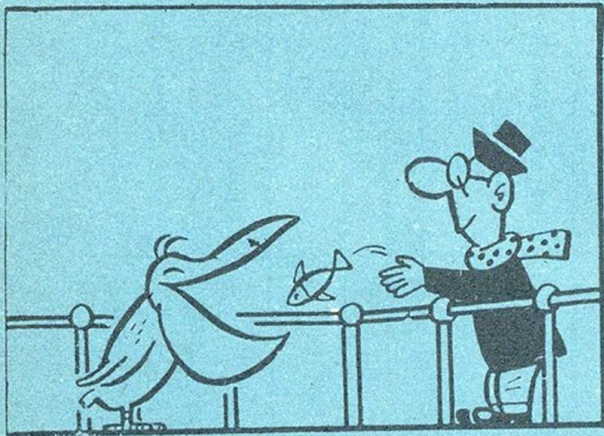
Apetece-nos dizer, como uma senhora das nossas relações a quem um amigo contava os nomes das sumidades que conhecera (ou não conhecera...) em Paris:

— Ai que fino!



	Sumo de limão	Sumo de lima	Sumo de laranja	Licor de alperce	Triple sec	Crene de cacau	Curaçao	Punch sueco	Brande	Gin	Whisky (Rye)	Whisky (escocês)	Rum (Dacquiri)	Bitter	Dubonnet	Vermute (francês)	Vermute (italiano)	Grenadine	Soda	Açúcar	Casca de limão	Rodela de laranja	Clara de ovo (batida)	Cereja (Marasquino)	Natas	Agite	Mexa	Passe por passador
ALEXANDER						1/4			1/2															1/4	X			
CLOVER CLUB	O									2/3																X		
NEW YORKER	1/6										2/3			G												X		
BACARDI	O																											
BRANDE							G		2																		X	
BRONX			1/6							1/2						1/6	1/6									X		
PRINCESS MARY						1/3				1/3														1/3	X		X	
G. L.							G				1/2												1			X		
DACQUIRI		1/4											1/4															
MARTINI (SECO)										2/3						1/3											X	
DOCTOR	1/3							2/3																		X		
DUBONNET										1/2					1/2												X	
GIMLET		1/3								2/3																X		
GIN SOUR	1/3									2/3													1			X		X
GIN FIZZ	G									2										X	X					X		X
MANHATTAN											2/3			X		1/3											X	X
ORANGE BLOSSOM			1/2																							X		
PARADISE			1/4	1/4						1/2																X		
PINK LADY																										X		
ROB BOY										2		1/2														X		
SIDE CAR	1/4								1/2																	X		
TOM COLLINS	1									2										X	X						X	
WHITE LADY	1/4				1/4					1/2																X		







# NOVA CARTA DE GUIA DE CASADOS

APRESENTADA EM QUADRO PARA MAIOR  
FACILIDADE DE CONSULTA NESTA ÉPOCA  
DE CULTURA SINÓPTICA

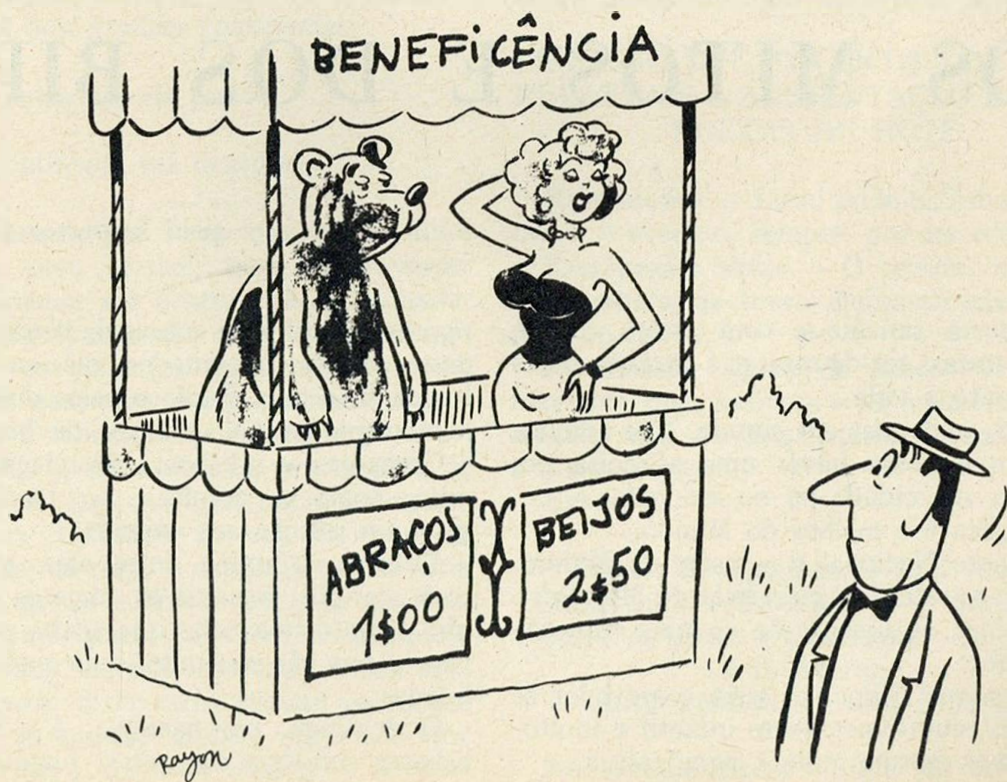
A mulher é o inimigo natural do homem. Esta verdade, provada de maneira antipática por Holofernas, Sansão e outras figuras históricas, é mais ou menos experimentada por todos nós. Mas — *helas!* — vivemos na época da coexistência pacífica. Coexistir; eis a ambição actual de todos os homens, de todas as mulheres. Fornecemos aqui aos nossos leitores um pequeno conjunto de regras que — juntas à sua argúcia natural e ao inestimável valor da experiência — o ajudarão, decerto, a defender-se da espionagem, dos propósitos intraplanetários e das armas termonucleares que a sua esposa ou a sua noiva, por detrás do sorriso de boa vizinhança, já têm, decerto, apetrechados contra si.

<b>1</b> Já não gostas de mim...	<b>1</b> Até logo, filha, até logo...	<b>1</b> Até logo, filha, até logo...	<b>1</b> Até logo, filha, até logo...
<b>2</b> Não me falaste quando entraste...	<b>2</b> Não?...	<b>2</b> Tu é que não deste por isso.	<b>2</b> Esqueci-me outra vez de lhe falar...
<b>3</b> Não deste por que mudei de penteado (de vestido, de sapatos, etc.).	<b>3</b> Por acaso, já tinha dado por isso	<b>3</b> Julguei que não querias que eu visse...	<b>3</b> Que Diabo fez ela aos cabelos (ao vestido, aos sapatos)?
<b>4</b> Comigo nunca falas, qualquer dia estou estúpida...	<b>4</b> Tu não me ouves...	<b>4</b> Tens razão filha, vou passar a falar...	<b>4</b> Qualquer dia?...
<b>5</b> Tens sorte de eu não ser como a Isabel...	<b>5</b> Mas eu não casei com a Isabel	<b>5</b> Felizmente para mim...	<b>5</b> Isto da Isabel deu-me uma ideia...
<b>6</b> Para o que te interessa há sempre dinheiro.	<b>6</b> Nem sempre, filha, nem sempre...	<b>6</b> Sabes muito bem que isso não é verdade	<b>6</b> Naturalmente querias que o gastasse no que não me interessa...
<b>7</b> Como tu mudaste...	<b>7</b> É dos teus olhos...	<b>7</b> Gosto mais de ti, agora...	<b>7</b> É dos teus olhos
<b>8</b> Lembra-te de que tens filhos	<b>8</b> Nunca me esqueço...	<b>8</b> Que temos filhos...	<b>8</b> Hum... Hum... Hum...
<b>9</b> Não sei, isso são coisas da tua família.	<b>9</b> Lá vens tu com a minha família...	<b>9</b> A minha família és tu...	<b>9</b> Saio ao meu pai
<b>10</b> Eu não sou tua mãe	<b>10</b> Com certeza...	<b>10</b> Ainda bem.	<b>10</b> Mas pareces...
<b>11</b> No dia em que deixares de gostar de mim — dizes-me...	<b>11</b> Nunca hei-de deixar de gostar de ti	<b>11</b> E tu também	<b>11</b> Tens a mania da História Antiga...
<b>12</b> Temos que ter uma conversa...	<b>12</b> Quando tu quiseres...	<b>12</b> Logo à noite...	<b>12</b> Tenho que evitar a conversa...
<b>13</b> Aonde vais esta noite?	<b>13</b> Jantar com o António	<b>13</b> Jantar com o António Santos (ou Joaquim Silva, ou Francisco Rodrigues ou outro nome completo. Dá mais verosimilhança)	<b>13</b> Dessa estão ambos livres...
<b>14</b> Onde estiveste ontem à noite até às 4 da manhã?	<b>14</b> No Café	<b>14</b> Morreu um rapaz lá da Junta.	<b>14</b> Estive mesmo no Café...
<b>15</b> Fui hoje seguida na rua por um homem...	<b>15</b> Sim?	<b>15</b> É natural, filha, és tão bonita...	<b>15</b> Há cada um...
<b>16</b> Fingindo tirar-lhe qualquer coisa do casaco: — De quem é este cabelo?	<b>16</b> Cabelo?	<b>16</b> Só pode ser teu, amor...	<b>16</b> ?



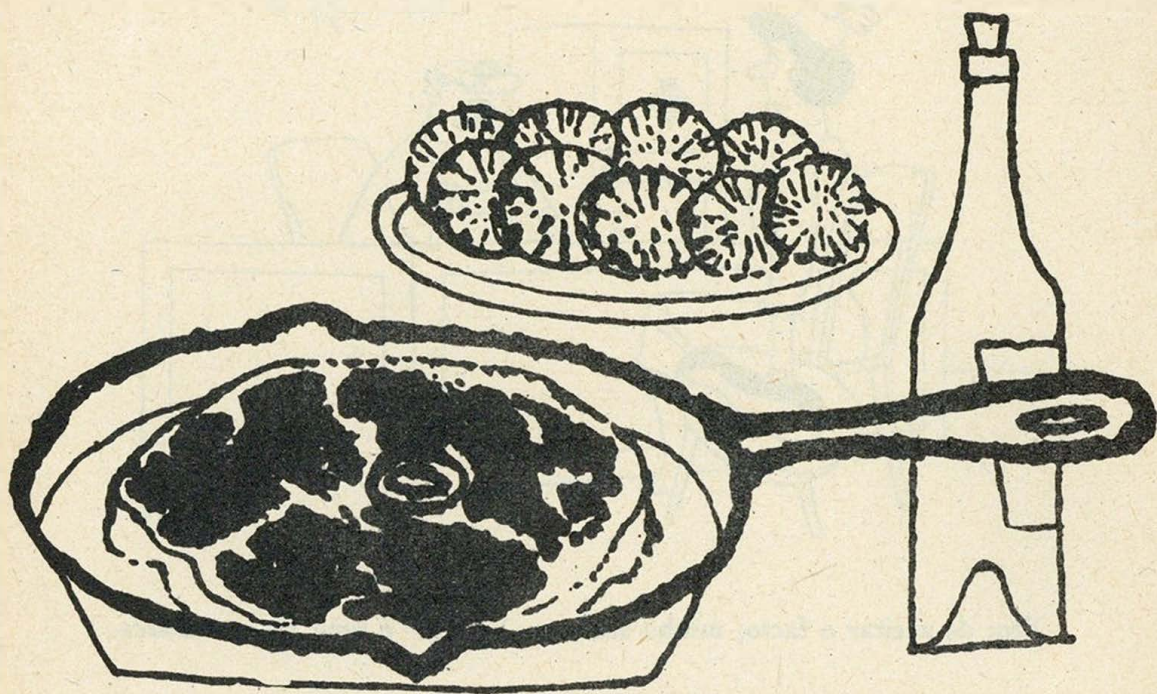


Tem de aceitar o facto, minha senhora. V. Ex.<sup>a</sup> é uma hipocondríaca.





# culinária



## DOS MITOS E DOS BIFES

pelo **Inspector Gourmet**

O lisboeta satisfaz-se com pouco. Nasce com cataratas cor-de-rosa e é através delas que espreita a vida.

Vê tudo mal, mas em grande. Não admite, sequer, que possa haver uma só coisa pequena na sua cidade ou no seu país.

O Benfica é o melhor do Mundo.

O Estádio Nacional é o maior do Mundo.

A auto-estrada é a mais bela do Mundo.

As colinas de Lisboa são as mais «típicas» do Mundo.

É claro que tudo isto seria comovedor se não fosse, simultaneamente infantil e muito, muito (mas mesmo muito) significativo...

É que o lisboeta, para viver (seria mais

rigoroso dizer: para conseguir viver) necessita destes mitos fomentados diariamente pela Imprensa e pela Rádio e pelos discursos dos homenageados nos jantares de homenagem.

Comporta-se o lisboeta em relação aos seus mitos como as crianças, no Jardim Zoológico, em relação aos animais.

Passeia a família entre eles, examina-os com atenção, acaricia-os, rega-os com carinho e tanto fala neles que acaba por se convencer que não são mitos mas autênticas realidades...

O domingo, por exemplo, é o dia que o lisboeta consagra aos mitos. Logo de manhã levanta-se, abre a janela e declara que o



tempo está magnífico mesmo que esteja a chover e faça um frio de rachar. É que Portugal é um país de clima ameno e o tempo é óptimo, por definição.

Como Portugal é o país onde melhor se come no Mundo, também por definição, o lisboeta ao almoço, come caldo verde e «cozido à portuguesa». Estes dois pratos satisfazem-no. Encosta-se para trás na cadeira e, movido por um profundo sentimento da tradicional caridade cristã dos portugueses, dedica uns momentos a ter pena dos franceses que não sabem «o que é o bom caldo verde e o bom cozidinho...».

À tarde, com a família, vai cultivar uns mitozinhos: sobe a auto-estrada (a mais bela do Mundo) vai pela «marginal» (não há no Mundo inteiro outra assim...), enfia até Sintra (onde o Lord Byron escreveu os seus MELHORES versos) compra umas queijadas (onde é que na Alemanha há queijadas assim?) e regressa a Lisboa com o seu patriotismo insuflado e a sua consciência de bom lisboeta tranquila.

À noite vai jantar a um restaurante típico. Come o caldo verde patriótico (desconhecido pelos franceses) e, talvez, uma carne de vaca estufada que, no seu entender, é superior à que se come «lá fora».

É que o bom lisboeta continua a dividir o mundo em dois grandes continentes:

- a) O continente «lá fora»;
- b) O continente «cá dentro».

No continente «lá fora» não há Estádios Nacionais, nem futebol, nem caldo verde.

No continente «cá dentro» não falta nada. Tudo é magnífico e tão superior ao estrangeiro que os produtos nacionais são, até, anunciados com esta frase elucidativa «tão bom como o fabricado no estrangeiro...».

O lisboeta é, na realidade, um criador de mitos feliz. É claro que estes mitos são necessários à sua felicidade. Se um dia opera as cataratas cor-de-rosa, é capaz de sofrer uma melancolia grave e lá vai tratar-se ao Hospital de Santa Maria (o maior do Mundo).

Do lisboeta, da sua felicidade e dos seus mitos se pode dizer como diziam os nossos avós; (e, no mundo inteiro, só nós é que tivemos avós...) que «ao menino e ao bor-racho põe Deus a mão por baixo...».

Ora, em matéria de alimentação, criou o lisboeta vários mitos curiosos que o satisfazem inteiramente. (Referimo-nos aos mitos e não à alimentação. Note-se que nem todos os lisboetas cultivam mitos. Há quem os não cultive: os «estrangeirados», uma classe de indivíduos, desprezíveis por natureza, que são os únicos responsáveis pelos poucos males que afectam a Nação).

É natural que, com o decorrer do tempo, o lisboeta vá substituindo os seus mitos actuais por outros que venham a surgir e é, mesmo, possível que os lisboetas do futuro não conheçam os mitos do presente.

Isso seria trágico, até porque a história, o seu estudo e a sua apologia, são os únicos prémios de consolação dos lisboetas que, através da grandeza crescente dos mitos do passado, se vingam da crescente mesquinhez dos mitos do presente...

O pequeno dicionário que apresentamos destina-se à posteridade. Com ele pretendemos colaborar nessa imensa campanha que, em prol da conservação dos valores, vem a desenvolver-se ultimamente.

Não se trata de obra erudita. Antes pelo contrário: trata-se dum pequeno estudo sem pretensões, caracterizado apenas por aquela modéstia que tão bem se coaduna com a nossa índole de filho dum país pobre.

#### PEQUENO DICCIONARIO DOS MITOS RELATIVOS À ALIMENTAÇÃO DOS LISBOETAS DE HOJE

**Restaurante** — Local onde os lisboetas vão comer e acabam, sempre, por ser «comidos».

**Restaurante típico** — O mesmo mas com uma cabeça de touro embalsamada na parede do fundo.

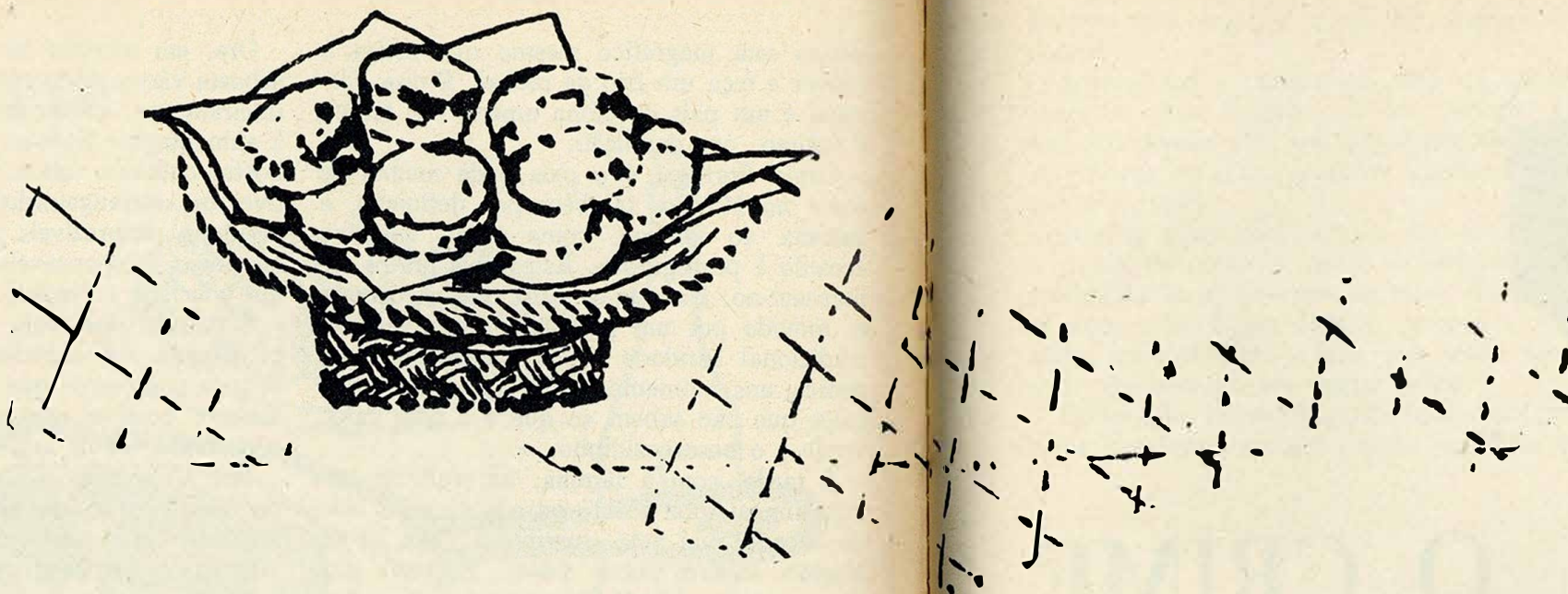
**Restaurante típico de luxo** — O mesmo mas com duas cabeças e as ementas escritas naquilo que os proprietários imaginam ser a língua inglesa.

Exemplos:

- Pastéis de bacalhau — Cod caques
- Carne dura — Beefsteak à lá portuguese
- Carne de porco à alentejana — Meat pig à lá Alentejo
- Carne guisada — Iristu à inglesa

**Restaurante típico — casa de fados** — O mesmo mas com os queixumes dos fregueses





abafados pelos queixumes duma pobre rapariga, que é discretamente aplaudida sempre que se cala.

**Nota** — Como os criados não servem à mesa durante os queixumes musicados, devem os fregueses fazer as suas encomendas durante os intervalos. Destes estabelecimentos se pode dizer que, como restaurantes, são mais casas de fado e que, como casas de fado, são mais restaurantes.

**Restaurante modeno** — Estabelecimento onde a comida é pior do que nos outros. Distinguem-se dos anteriores porque a mostarda é apresentada em pequenas gaiolas plásticas munidas dum botão em que se faz pressão para se obter o resultado desejado.

**Restaurante «snack-bar»** — Instituição com características metálicas onde tudo o que é susceptível de ser cromado o é.

Nestes restaurantes, as salsichas de lata são servidas dentro de pães e acompanhadas duma pomada amarela a que chamam, por optimismo, mostarda. A julgar pelo gosto e pelo cheiro, este produto compra-se nas farmácias.

Na Europa, os **snack-bars** são frequentados por quem tem pressa e mau gosto. Em Portugal, quem tiver pressa fará melhor ir almoçar ao Gingal, na Outra Banda. Quem

tiver mau gosto... (É melhor não dizer mais nada).

**Restaurante de luxo** — Estabelecimento onde o «maitre» de hotel fala francês e o chefe de cozinha fala galego.

Preços franceses e qualidade portuguesa.  
**Bacalhau com todos** — Bacalhau cozido com batatas e grelos. As batatas são cozidas e descascadas à faca.

**Bife à portuguesa** — Pedaco de carne dura e frita. Apresenta-se normalmente numa frigideira e tem, em cima, um dente de alho. Muito apreciado.

**Caldo verde** — Água fervida com batatas e couve cortada aos bocadinhos. O lisboeta aprecia muito esta sopa, que oferece sempre aos estrangeiros a quem pergunta ansiosamente:

— Good soup? Very good soup? You no have green soup in London? You like?

**Serviço** — Prato obrigatório que custa 20%.

**Turismo** — Prato regional típico de certas zonas. Incolor, inodoro e insípido.

**Ementa** — Papel que os proprietários dos restaurantes costumam preencher com os seguintes dizeres:

Ovos estrelados  
Ovos mexidos  
Ovos cozidos

Pescada em filetes  
Pescada frita  
Pescada cozida  
Pescada grelhada  
Bifes à portuguesa  
Bifes na grelha

A isto se chama uma ementa perfeita.

**Pudim de flan** — Objecto adocicado e amarelo de que há duas variedades:

- Com uma ginja em cima;
- Sem uma ginja em cima.

O pudim, tal como o presunto de Chaves, é uma especialidade portuguesa.

**Conta** — Vem no fim e, normalmente, presume que o freguês gostou do que comeu.

**Nota importante** — No passado dia 24 do corrente, teve lugar num restaurante desta cidade um almoço destinado a comemorar a fundação, em Portugal, da filial duma sociedade cultural estrangeira. Tomaram parte nesse almoço, presidido por uma alta individualidade do Corpo Diplomático, 60 pessoas que, para tal, pagaram 150\$00 cada uma.

A empresa que forneceu o almoço com-

prometera-se a fornecer uma ementa tipicamente inglesa:

Cocktail de camarão  
Consomé  
Rosbeefe com batatas assadas,  
couves de Bruxelas,  
Yorckshire pudding  
e Horseradish sauce  
Doce  
Gelado  
Café

O cocktail de camarão estava incomível...  
As couves de Bruxelas transformaram-se em couve-flor...

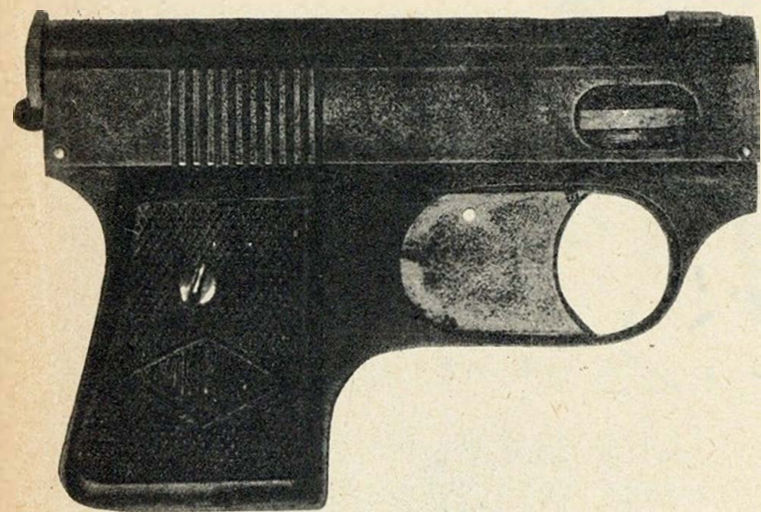
O **Yorckshire pudding** dava (e deu...) vontade de rir a quem soubesse do que se tratava...

O **horseradish sauce** fora feito com queijo!!  
Os criados, no final do almoço, tiveram uma interessante discussão particular que tornou impossível aos presentes ouvirem o discurso dum diplomata importante.

Tudo isto foi, como se vê, muito interessante e bem revelou o que vimos dizendo: na nossa terra come-se à moda da Malveira e paga-se à moda de Paris.

Acrescentamos que o almoço foi fornecido por uma reputada (e civilizada...) pastelaria do Chiado.





# O CRIME ao alcance de todos

## A MORTE DE HAWKINS

Estava eu a conversar com Cal Laymon, quando recebemos um telefonema pedindo-nos que seguissemos imediatamente para uma quinta onde, na cozinha, se nos deparou o corpo de Zeb Hawkins estendido no chão com a cara deitada sobre o pavimento e uma ferida ensanguentada no ombro. A seu lado, no solo, estava uma faca igualmente ensanguentada.

Era evidente que Zeb Hawkins preparava o pequeno almoço no momento de morrer, porque havia várias fatias de toucinho numa sertiã, e quatro ovos partidos. Ao abrir um dos fornos do fogão, descobri vários papéis e pedaços de madeira recém-cortada.

Um ruído fora da cozinha chamou-nos a atenção. Vimos um homem alto e magro, de barba por fazer, que avançava pelo corredor.

— Quem é o senhor? — perguntei-lhe.

— Chamo-me Jim Padgett. Trabalho aqui. Acabo de chegar. É já um pouco tarde. Quem são os senhores? — Era evidente que o homem cultivava as frases curtas.

— Não importa quem somos — respondeu Laymond. — Sabe alguma coisa acerca da morte de Zeb Hawkins?

— Zeb morreu? Como pôde isso acontecer?

Eu e Laymond seguimos o homem ao longo do corredor até chegarmos à cozinha. Diante do cadáver de Zeb, Padgett parou.

— Sim — disse ele. — Estava a preparar o almoço. Zeb era um homem duro. Trabalhei com ele muitas vezes, mas não fui eu quem o matou. Os senhores viram-me chegar.

— É certo — disse eu. — Vimo-lo chegar, mas creio que era a segunda vez que você chegava... Suspeito que foi você quem assassinou o seu patrão.

Porque suspeitava eu de Jim Padgett?

## SOLUÇÃO

As minhas suspeitas tiveram a sua origem numa frase de Padgett: «Não fui eu quem o matou». Como sabia ele que Hawkins fora assassinado?

## O CASO DO HOTEL MIDTOWN

No momento exacto em que eu cumprimentava o porteiro do Hotel Midtown, gritos angustiados, soando na rua, atraíram-me a atenção. E vi horrorizado o corpo dum



homem que caía de uma das janelas do hotel.

Apressei-me e cheguei ao sítio da queda antes de mais ninguém. E uma fracção de segundo depois, caía um pequeno cofre que, ao embater no chão, se abriu, libertando numerosos papéis.

Quando olhei para cima a ver qual seria a janela de onde ele caíra, o porteiro, que entretanto se aproximara de mim, disse-me: «Parece o Sr. Roger Falson, embora a cara esteja irreconhecível... Mas, por acaso, fixei a cor do fato que ele vestira hoje».

Entretanto, foram chegando numerosos polícias que formaram um cordão em volta do

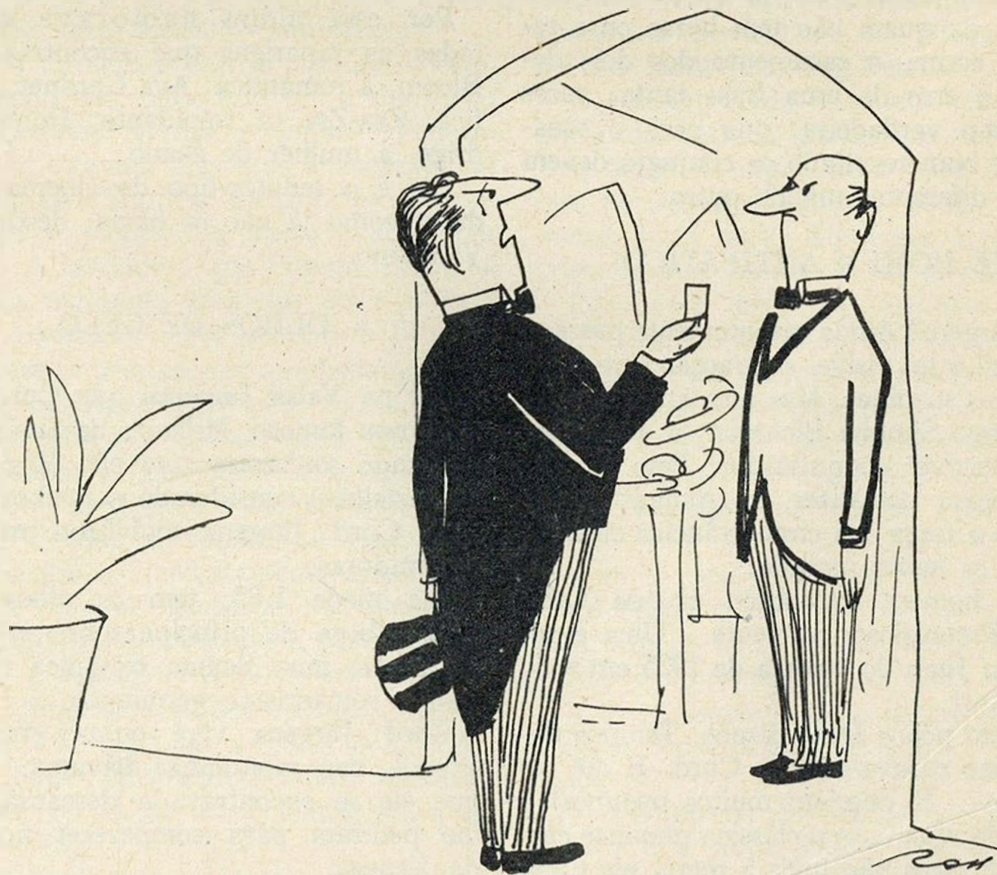
corpo, para manter afastada a curiosidade dos mirones. Aventava-se a hipótese dum suicídio.

Mas eu digo com os meus botões: «Não acredito num suicídio. Este homem foi assassinado».

Que razões tive eu para pensar assim?

### SOLUÇÃO

O homem atingiu o solo antes do cofre, que é estranho, pois devia ter chegado ao mesmo tempo. De resto, um homem que se suicida não leva consigo o cofre! Ele deve ter sido empurrado e o cofre atirado a seguir.



Antigo amigo da noiva, actual inimigo do noivo.



## Jürgens e Simone

### RENOVA-SE O MITO DE TRISTÃO E ISOLDA

Com o à-vontade de quem não tem grandes responsabilidades, dizia uma vez Eva Bartok que a característica fundamental do **Don Juan** era desagradar aos homens.

Uma característica não menos importante — a de agradar às mulheres — levava a dita Eva Bartok a apaixonar-se por Curd Jürgens. Uma dificuldade, porém. Este **Don Juan**, um tudo-nada calvo, tem gostos burgueses: aprecia o remanso do lar, o conchego da família. Eva Bartok, pelo contrário, preferia os apartamentos dos grandes hotéis de luxo, a vida trepidante de quem não tem uma casa, de quem não tem horas para recolher. E assim, o casamento dos dois demonstrou o erro de uma frase tantas vezes citada como verdadeira: que para o casamento dar bom resultado os cônjuges devem ser muito diferentes um do outro.

### QUE HOMEM ANTIPÁTICO!

Curd Jürgens! Ainda recentemente passeou pelo Estoril e foi visível a atracção que exerceu sobre as meninas. Mas essa atracção não a sentiu logo Simone Bicheron, a actual esposa do terrível conquistador. Pelo contrário. Começara por dizer, na romântica Veneza onde a força das circunstâncias cinematográficas os havia juntado:

— Que homem antipático é esse Curd Jürgens! Pretensioso, insolente... Uma espécie de **Don Juan** do cinema de 1925 em todo o seu horror!

O homem põe e Deus dispõe. Tempos depois Simone casava-se com Curd. E até foram felizes... E desejam muitos meninos!

No fundo repetia-se o clássico romance cor-de-rosa. E para não fugir à regra, ele tinha mais vinte anos do que ela (aliás 21; Jürgens nasceu em 1915 e Simone em 36).

A mãe de Curd era explicadora de Francês numa família alemã muito rica.

Quanto à mãe de Simone, era costureira. Uma costureira que à força de muito talento, de muita determinação, conseguiu abrir uma casa de modas em Roma. Em 1957, a filha era o modelo N.º 1 e seguia para Veneza a fim de apresentar as últimas criações da moda romana na Bienal do Cinema. Curd Jürgens estava lá, como tantos outros, com o seu olhar, uma vez de veludo, outras vezes de aço.

Ao fim duma vida sentimental movimentada, este **Don Juan**, desiludido e infeliz, acabava precisamente de se separar de Eva Bartok. Aborrecido com a ex-esposa, ele dizia constantemente:

— As mulheres devem ser submissas perante os maridos. Submissas e fúteis. Só assim o amor será perfeito. As mulheres intelectuais são impossíveis e não pensam melhor do que as outras.

As ideias sobre o amor e as mulheres de Curd Jürgens foram publicadas num opúsculo hoje esgotado — e ultrapassado, diz ele — publicado na Alemanha em 1950.

Por essa altura namorava ele quase todas as raparigas que encontrava: Claire Bloom, a romântica; Ava Gardner, a magnífica; Zsa-Zsa, a trepidante; Dorothy Dandridge, a mulher de ébano.

Ele é o sedutor-tipo do cinema. Um sedutor como já não os havia, desde Rodolfo Valentino.

### OLHOS DE GELO...

Foi na **Valsa Imperial** que Curd Jürgens se tornou famoso. Milhares de Sissis em todo o mundo sonharam com ele. Mas em 1955 foi o delírio: considerado o melhor actor do ano, Curd Jürgens mobilizou milhões de admiradoras.

Ele mede 1,85, tem os olhos gelados, uma cabeça de príncipe sobre uns ombros de atleta, uma fleuma britânica temperada com o romantismo germânico.

Curd Jürgens vive numa grande casa situada nas montanhas bávaras. E era aí que ele se encontrava a descansar quando lhe pediram para comparecer no Festival de Veneza.

Encontrou então Simone. Ele tinha quarenta e dois anos e um ar fatigado: ambicionava desempenhar os velhos papéis de Stroheim e escapar à sua fama de super-



-sedutor. De resto, Curd Jürgens tem a inteligência suficiente para saber que um sedutor de cabelo grisalho tem de mudar de ofício antes de se tornar definitivamente calvo.

E tudo isso o a'borrece.

Por outro lado, a insistência dos fotógrafos: mas Curd Jürgens é suficientemente bem educado para se curvar às exigências deles. De certa vez um repórter pediu-lhe que o acompanhasse às fábricas de vidro de Murano. E Jürgens submeteu-se, para não lhe ser desagradável.

## AVENTURA EM VENEZA

Mas não bastava aos jornalistas a presença do actor. Para que as fotografias tivesse mais classe, Curd Jürgens tinha de ficar ao lado duma bonita rapariga.

— Quem? — perguntou.

Durante a Bienal de Veneza as raparigas bonitas não faltam naquela cidade. Mas Curd Jürgens não queria fotografias com actrizes.

— Estou farto delas! — confessava.

Um dos jornalistas entrou no **Lião d'Oiro**, um pequeno bar, onde estavam a descansar dois manequins, Marisa e Simone. Perguntou-lhes se estavam dispostas a acompanhar a «caravana» a Murano. De princípio recusaram, mas o passeio de barco acabou por tentá-las. A verdade é que Simone Bicheron não tinha nenhuma simpatia pelos actores célebres e especialmente por Curd Jürgens.

Em Murano pediram-lhe que bebesse umas gotas de **lacryma-christi** pelo mesmo copo por onde bebera o famoso actor. Os sortilégios modernos não ficam atrás dos antigos? O mito de Tristão e Isolda renovou-se? Talvez... Porque a verdade é esta; Curd Jürgens sentiu-se imediatamente apaixonado pela bela Simone Bicheron. E como ela fosse apresentar um vestido a Munique, ele seguiu-a. E seguiu-a de novo até Roma.

Curd Jürgens era um sedutor experimentado... E fazia-lhe a corte com todos os matadores: telegramas, ramos de rosas vermelhas, cartas de amor mandadas a todas as horas...

— Depois de alguns meses deste regime, tinha sucedido o inevitável — confessa Simone. — Eu amava-o!

Mas Curd Jürgens hesitou ainda durante muito tempo. As suas experiências amorosas não haviam sido completamente felizes. E muito menos feliz era a sua experiência matrimonial com Eva Bartok. Deveria correr outro risco?

Como as rapariguinhas dos romances de Françoise Sagan, Simone escondia o seu grande amor sob uma aparente ligeireza e desenvoltura. Isso durou quatro meses. E na festa de passagem do ano de 1957, Curd Jürgens disse finalmente ao ouvido de Simone.

— Gosto de ti, Simone. Queres casar comigo?

## UM ANO PARA DIZER SIM

É assim que termina a carreira de todos os grandes sedutores: com as palavras de toda a gente... E nem por isso Curd Jürgens sofreu menos do que qualquer outro vulgar mortal. Simone levou cerca dum ano para dizer o definitivo **Ja**.

Desde então não mais se deixaram, quer vivam na Baviera ou em Viena, na Suíça ou em Saint-Jean-Cap-Ferrat.

E residam onde residirem têm sempre à porta da entrada numerosos cães de raça. Um único os segue para toda a parte e é um permanente viajante como eles. **Allumette**. Para mais, **Allumette** atravessa uma crise: entrou na idade do amor.

Por causa dele, mas também porque os dois Jürgens detestam os grandes hotéis, instalaram-se, durante a rodagem do filme **Katia**, numa pequena pousada dos arredores de Paris. Ele desempenha pela primeira vez o papel dum czar: Nicolau II que se apaixonou por uma colegial (Romy Schneider).

Com o seu uniforme cheio de galões, Curd Jürgens fica extremamente sedutor. Mas Simone não o deixa pôr o pé em ramo verde, acompanha-o para toda a parte.

À noite, Simone faz o jantar. E enquanto comem, ouvem música: Bach, Mozart, Vivaldi.

— Porque não? — diz Curd Jürgens. — O céu e a terra podem encontrar-se... Só uma francesa seria capaz de compreender isso... Eis uma das razões por que sou feliz com Simone....



## *Luis Mariano*

### **Nos seus armários guardam-se «Pull-overs» tricotados com amor por mãos anónimas**

Luis Mariano pertence a essa raça misteriosa de cantores que surgem aqui e ali, ao longo das idades, para estimularem os sonhos dos adolescentes e consolarem as amorosas desiludidas.

A sua carreira extremamente brilhante, as suas operetas, os seus filmes musicais, o entusiasmo com que ele costuma ser acolhido em todo o Mundo, conferem-lhe uma espécie de auréola que atrai as almas ingénuas.

Luis Mariano é decerto o cantor mais amado por um certo público feminino. Esse êxito deve-o ele não só à sua voz magnífica, muito bem timbrada, mas também ao seu bom humor e à sua gentileza natural.

Grande vedeta internacional da canção, ele é amado no México, em Belgrado, em Madrid, em Nova Iorque, em Quebeque, em Londres, em Paris.

### **REFORÇOS DA POLÍCIA**

Em todo o Mundo, contam-se por milhares os «marianistas». Autênticos clubes, cujas filiais mais recentes acabam de abrir as portas em Bucareste e em Chicago!

Quando Luis Mariano chega a uma cidade, a Polícia tem de formar imediatamente cordões que contenham a multidão e defendam o cançonetista do fervor popular. Na cidade do México, o hotel em que ele se acolhera esteve bloqueado pelo povo várias horas. Foram necessários reforços da Polícia para abrir caminho por entre a multidão, quando chegou a hora de Luis Mariano se dirigir ao Teatro!

Não é fácil calcular quantas cartas de amor recebe ele por dia. Luis Mariano é muito discreto em questões de mulheres e nunca trai

as suas gentis correspondentes. Mas, disso não pode haver dúvidas, o seu correio é muito mais volumoso que o de um ministro. E muito mais divertido...

As suas fiéis admiradoras cumulam-no de presentes. Nos seus armários, Mariano guarda numerosos «pull-overs» tricotados com amor por mãos anónimas, camisas de seda, gravatas multicolores, peúgas, botões de punho...

Mariano não deita nada fora. Guarda tudo com ternura. Não deixa carta nenhuma sem resposta, porque compreende perfeitamente que um artista deve tudo o que é ao seu público.

### **FARÓIS DE AUTOMÓVEL PARA SUBSTITUIR AS LUZES DA RIBALTA**

Luis Mariano Eusébio Gonzalez nasceu em Irun, muito perto portanto da fronteira francesa, na noite de 12 (ou 14) de Agosto de 1920. O pai, proprietário duma oficina, era motorista de carros de aluguer.

Aos cinco anos, Luis Mariano entrou pela primeira vez num filme rodado em Irun.

— Recordo-me ainda desses dias — nota ele. — Nada esqueci, nem a nossa casa, nem os perfumes da montanha, nem o primeiro cigarro que fumei escondido num barco! Maria Luísa, a minha irmã, era também a minha confidente. Ela sabia que eu sonhava com o Teatro. Quando a noite chegava acendíamos os faróis do automóvel do papá e íamos para a frente deles, completamente cegos: nós pensávamos que esse seria um modo de nos habituarmos às luzes da ribalta. Ah! — continua Mariano — como tudo isso está longe! Quando tinha catorze anos esqueci completamente essa loucura e passei a ir para os bosques com os contrabandistas! Isso não me impedia de ir todas as semanas ao cinema, mas o desejo de ser actor morrera. Eu preferia desenhar.



## DUAS GUERRAS

Frequentou um colégio católico em San Sebastian e aí revelou a sua habilidade para a pintura. Mas, em 1936 rebentou a guerra de Espanha. A casa dos Gonzalez foi destruída por um bombardeamento e os pais de Luís Mariano refugiaram-se em Hendaia, na casa de uns primos. Desejando, então, tornar-se arquitecto decorador, Luís Mariano matriculou-se na Escola de Belas-Artes de Bordéus.

Entretanto, eclodia a guerra com a Alemanha e Luís, como todos os estudantes, era requisitado para os trabalhos agrícolas: assim, ele participou nas vindimas da região bordaleza. E foi aí que se decidiu o seu destino.

Enquanto trabalhava, o jovem espanhol cantava para divertir os seus companheiros. O patrão ouviu-o e levou-o ao Conservatório de Bordéus. Quatro anos mais tarde, no tumulto feliz que se sucedeu à Libertação de Paris, ele revelou-se ao grande público e iniciou a sua prodigiosa e fulminante carreira.

## NENHUMA CIGANA ADIVINHOU

De princípio usou o nome de Mariano Gonzalez. Mas uma canção em voga, de Andrex, em que se fazia menção de um Gonzalez pouco recomendável, levou Luís a escolher outro rótulo... E quando a fama o visitou, ele chamava-se Luís Mariano.

Vive presentemente com a mãe e a irmã numa vivenda maravilhosa, mobilada à espanhola, rodeada dum jardim, enriquecida por uma piscina. Tem três cães, oriundos de países diferentes: Akela nasceu em Berlim; Chiquitin, em Espanha; Johnny, em Nova Iorque. Além dos cães possui também dois galos da Índia e uma dezena de aves. Muitas vezes os seus primos espanhóis vêm-no visitar.

A família de Luís conta que aos doze meses já ele tinha uma voz sonora. Mas nenhuma cigana soube adivinhar a glória que essa voz lhe destinava. E o pai não parava de dizer: «Este rapaz não tem habilidade para nada!». Seria mais exacto dizer: «Não tem habilidade para mecânica...» porque, sendo essa a profissão do pai, para ele tudo que não fosse saber arranjar automóveis era «nada»!...

## UM «MOIRO DE TRABALHO»

Luís Mariano é um homem alegre, amabilíssimo não apenas com as pessoas de família e os amigos, mas também com os desconhecidos. Além do mais é um trabalhador infatigável: um «moiro de trabalho», como dizem os colegas.

Ele submete-se a todas as obrigações do ofício com uma disciplina rigorosa. Aguenta dez horas de filmagens num estúdio sem dar quaisquer sinais de cansaço, sempre com um sorriso nos lábios. É um artista em toda a acepção da palavra. Foi ele quem desenhou os cenários de *La Belle de Cadix*, a opereta que lhe deu a fama.

Foi ele também quem decorou a sua vivenda, desde o quarto de dormir até à cozinha. É provável que Luís Mariano fosse também um notável pintor, caso tivesse tempo. Mas quem sabe? Talvez um dia se realize em Paris uma exposição com as obras de Mariano Gonzalez.

Mariano é um apaixonado pelas coisas de cinema. Possui uma cópia de todos os filmes em que entrou. Mas, além disso, ele é um cineasta amador que colecciona toda a espécie de material cinematográfico. Na cave da sua casa existe um autêntico laboratório e é ele próprio quem sonoriza os seus filmes de 16 mm.

## UMA GIGANTESCA CAIXA DE MÚSICA

Como é natural, Luís Mariano é um apaixonado da música. «A minha vivenda é uma gigantesca caixa de música: no salão, um electrofone dissimulado num móvel chinês, com os seus altifalantes; um, no terraço; o outro no quarto de banho. Outro eletrofone no meu quarto e outro, na cave...

«Por outro lado sou um apaixonado das novidades, sejam elas quais forem. Quando Yma Sumac veio a Paris comprei todos os discos dela. Posso todas as gravações de Louis Jovet, as *Cartas do Meu Moínho* lidas por Fernandel. Gosto de Gershwin e de Wagner. Embora nascido em Irun, raramente ouço a música espanhola, mas, por outro lado, aprecio muito as canções mexicanas. E nunca me posso esquecer da admiração que causei aos meus convidados, quando, no dia em que se festejavam os meus dez anos de cantor, lhes ofereci, através dos altifalantes, as canções de Tino Rossi e de Georges Guétary!»



## Ludmilla Tcherina e o martírio de S. Sebastião

O escândalo mais estrondoso dos últimos tempos, em Nápoles, foi sem dúvida o provocado pelas circunstâncias que envolveram a apresentação, nesta cidade, da ópera com libreto de Gabriele D'Annunzio e música de Claude Debussy, posta em cena e interpretada por Ludmilla Tcherina, com actores da **Comédie Française**.

Alguns dias antes da anunciada representação, o jornal «La Croce» atacou a peça devido a certos aspectos particulares do libreto ofensivos dos sentimentos do povo de Nápoles. A polémica estalou e o episcopado interveio com uma nota em que acrescentava aos argumentos já aduzidos o facto de não parecer necessária a substituição do santo centunês por uma mulher, para cúmulo uma bailarina cujas pernas eram tão largamente descritas nos jornais diários.

O assunto começou a tornar-se sério e a direcção do teatro reuniu-se de urgência. Esta direcção tem responsabilidades perante a cidade e perante a História. No S. Carlos de Nápoles foram em tempos levadas a efeito estreias que ficaram célebres — e além do mais os jornais italianos e franceses começaram a fazer à volta do caso o barulho suficiente para dar aos administradores do teatro uma certa noção da sua responsabilidade.

Três alternativas se punham:

- 1) Ignorar as objecções morais levantadas e fazer representar a Ópera na íntegra;
- 2) Transformar a Ópera numa oratória, suprimindo certas passagens, particularmente as que apresentavam o corpo de baile;
- 3) Substituir a Ópera por um concerto.

Após uma reunião tumultuosa, o presidente da administração do teatro, que é simultaneamente presidente da Câmara de Nápoles, optou pela segunda solução. Um membro do conselho demitiu-se. E a oratória foi levada

à cena perante uma plateia praticamente deserta.

À hora exacta de começar o espectáculo, Tcherina apresentou-se acompanhada por um advogado e um notário.

A direcção, perturbada, invocou um caso de força maior. Ludmilla replicou que casos de força maior eram, por exemplo, enfartes de miocárdio, incêndios, explosões, tremores de terra, trombas de água e, como nenhuma ocorrência deste tipo se verificara, ia processar o teatro. E assim fez, partindo a seguir para Roma.

Os jornais não deixaram de falar no assunto, tomando posição pró e contra a decisão final, invocando a autonomia do Estado em matéria religiosa e as tradições da Itália.

Mas o assunto ainda não terminou. Chegada a Roma, Ludmilla Tcherina pediu a S.S. o Papa João XXIII uma audiência particular para lhe expor o caso.

O antigo Núncio em Paris conhecera nessa época a bailarina, então ainda criança.

O que desta entrevista resultará não podemos prever.

## Simone Signoret e o Oscar

O «Óscar» da Academia para a melhor interpretação feminina foi concedido em 1959 a Simone Signoret, pela sua actuação no filme «Room at the top» (Um lugar na Alta-roda).

Como se passa o «Óscar»? Em Janeiro intervém o voto de um primeiro júri composto por 25.000 pessoas pertencendo à profissão. Actores, realizadores, ajudantes de cena, costureiros, «maquilleurs», etc.

Apuram-se os resultados e, para cada categoria, são indicados cinco nomes. É a «nomeação».

Segue-se nova votação apenas por 25.000 editores. Um funcionário fechado durante dois dias numa sala apura o resultado final, que só é transmitido na sessão solene da distribuição dos prémios.



Simone Signoret foi assim designada com mais quatro nomes para o «Óscar» da melhor interpretação feminina principal.

Na noite marcada, pelo braço de Yves Montand, seu marido, Simone chegou ao **Pantage RKO Theatre**.

Os projectores cruzaram o espaço por cima dos eleitos que iam conhecer a glória. A um jornalista que disse: «O Óscar vai para si», Simone respondeu: «Quem o teve há três anos?». O jornalista não soube que responder e Simone concluiu que ganhar ou não o prémio não tinha assim tanta importância e era, portanto, absurdo sentir-se tão nervosa e não valia a pena preocupar-se com o que não passava de uma pequena vaidade. A multidão gritava à passagem dos actores.

E damos agora a palavra a Simone:

«Estamos realmente em Hollywood. Toda a lenda dourada se abatia sobre as nossas cabeças. Tudo quanto tinha lido nas revistas se transformava, de repente num sonho verdadeiro. Sentia-me uma criança, pendurada no braço de meu marido. E a brincadeira começa, dirigida como um «suspense» à Hitchcock. «Óscar» do guarda-roupa, «Óscar» dos efeitos especiais... De repente, «Óscar» da curta metragem para **Poisson Rouge!** Aplaudi loucamente. Era a França! E senti-me aliviada... «Óscar» do melhor filme estrangeiro para **Orfeu Negro!** Outra vez a França! Gordive, o produtor que na véspera cruzara a cidade em todos os sentidos num carro onde flutuavam bandeiras francesas, — avança.

Aplaudi ainda. A angústia aumentava... Não podia mais. Yves, apresentado por Fred Astaire, canta e arranca um triunfo. Bem, disse para comigo, ao menos um salva a honra da família. A um quarto de hora do fim, Rock Hudson entra em cena com um sobrescrito na mão. Rasga-o, tira o papel e diz: «Simone Signoret». Nesse momento oiço um rugido que se transforma na ovação mais terrível que jamais ouvi. Recebo nas costas uma pancada de deitar um boi ao chão. Levanto-me. Corro. Choro. Corro, corro como uma louca. Adeus, sangue-frio, «contrôle»... Os nervos estalam. Os clamores cortam-me as pernas. Descortino, entre os vapores, o tio Montand que soluça como se tivesse enterrado os seus doze melhores amigos. E tenho nos braços o «Óscar» dourado.

E fico muda. **Voilà**. A seguir foi a loucura... Todas as televisões do Mundo, as vagas de jornalistas, a Rádio Guatemala, a Rádio Vaticano. Enfim... Quase. **Voilà...**

★

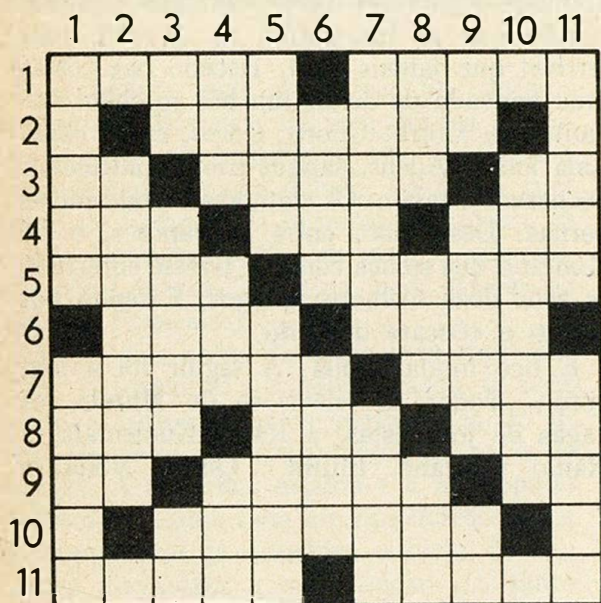
À sua partida para Londres, para rodar «Um lugar na Alta-roda», Simone **não valia três francos**. Já não entrava em filmes. Dizia-se que fazia mal em recusar as propostas que lhe eram feitas, em sacrificar-se por **Montand**.

Fatigara os produtores. Depois foi «Room at the top», o sucesso, o «Óscar», **et Voilà!**





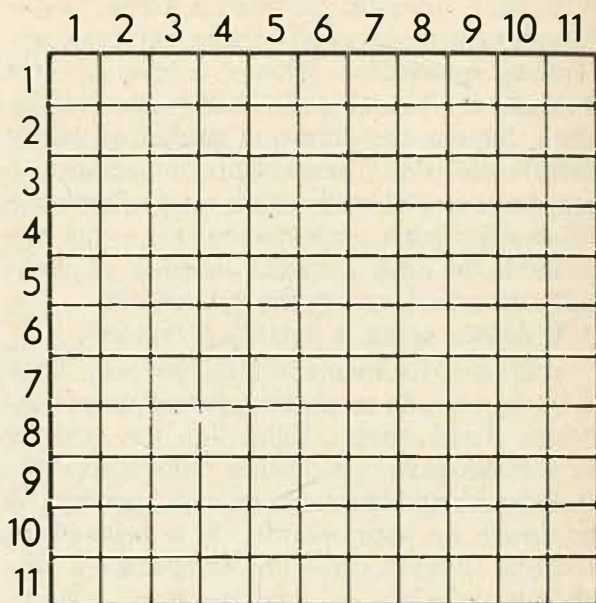
# passatempos



## PALAVRAS CRUZADAS

**HORIZONTALIS:** 1 — Assustei-me; cantores ambulantes. 2 — Brejeiro. 3 — Grande quantidade; ponderada; símb. quím. do gálio. 4 — Outra vez; debaixo; atribuir. 5 — Pref. desig. ouvido (pl.); baba. 6 — Idade; vasto. 7 — Precaver; barco de recreio. 8 — Reboque; azedume; conheço. 9 — Réis (abrev.); unis; senhor (abrev.). 10 — Dança alegre e viva. 11 — Flagele; estrelas.

**VERTICAIS:** 1 — Leito de casados; horrendo. 2 — Numeral ordinal (pl.). 3 — Conj. latina que se traduz por *e*; nome próp. fem.; frei. 4 — Mulos; pedido de socorro; brilho. 5 — Nome próp. fem.; pedra preciosa azul. 6 — Anéis; verdadeiro. 7 — Nome de um general cartaginês que foi derrotado em Zama; sedimentos. 8 — Letra grega; pequeno poema medieval; iniciais por que é conhecido um nosso estabelecimento informativo. 9 — Pespegue; sorte (pl.); pref. de negação. 10 — Antiga dança francesa que se vulgarizou em Portugal (pl.). 11 — Dissera-se; terreiras.



## PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

**HORIZONTALIS:** 1 — Cobre; enruga. 2 — Rio da Suíça; fúria. 3 — Muito bom (abrev.); fura-vidas; letra grega. 4 — Entonteça; nome do 1.º rei de Israel. 5 — Mortifique; pron. poss.; confia. 6 — Província portuguesa na Índia; soror. 7 — Sapo do Amazonas; norma; agora. 8 — Lusitana; marido de Rebeca, pai de Jacob e de Isaú. 9 — Interj. de ameaça; adejava; único. 10 — Saudáveis; letra grega. 11 — Esmola; recomece.

**VERTICAIS:** 1 — Rio da Guiné; sulco. 2 — Prego de pau; plebe. 3 — Prep. e art.; guisados; apenas. 4 — Bebida muito usada em Portugal e Brasil; fiança. 5 — Espécie de sapo; graça; suf. desig. cheio de. 6 — Acusado; nome próp. masc. 7 — Trâmite; empunhei; examinar. 8 — Eiró; barco de recreio. 9 — Em a; africanos; rio da França. 10 — Nome próp. masc.; arrás. 11 — Afia; socorre.



a cre	vã	ar	nhã ++	ou +	a ar	sem	za
no	ma	nça	ro	ach	te	se	que
til	su	al	do	som	je	de	ge
a	mun	mo	ma	tris	que	te,	ja a
da	nu	mun	ma,	co	bra	fo	Ho
do	nem	is	i	do	mo a	dor	sor
sã,	je	Hon	mã,	se	a des	je	co
tem	ir	ou	po	sem	é	já a	que

## SALTO DE CAVALO

Partindo da casa + e terminando na casa ++, compor-se-ão as duas quadras de um soneto de Fernando Caldeira.



— Pela escada de serviço se faz favor.



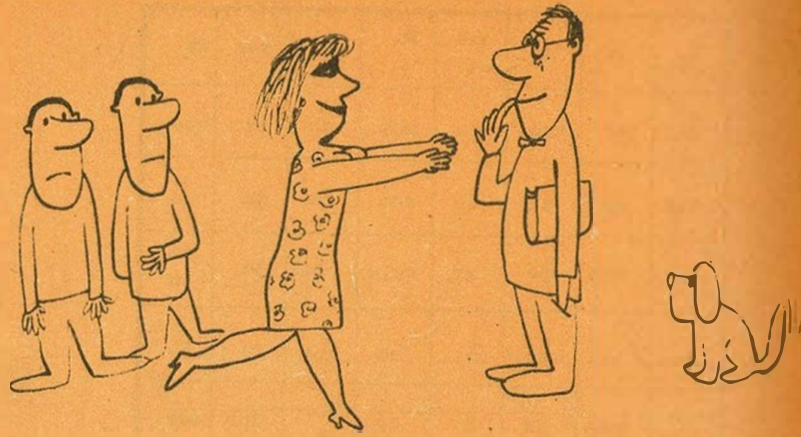
— Touché!



# AS MULHERES E O AMOR

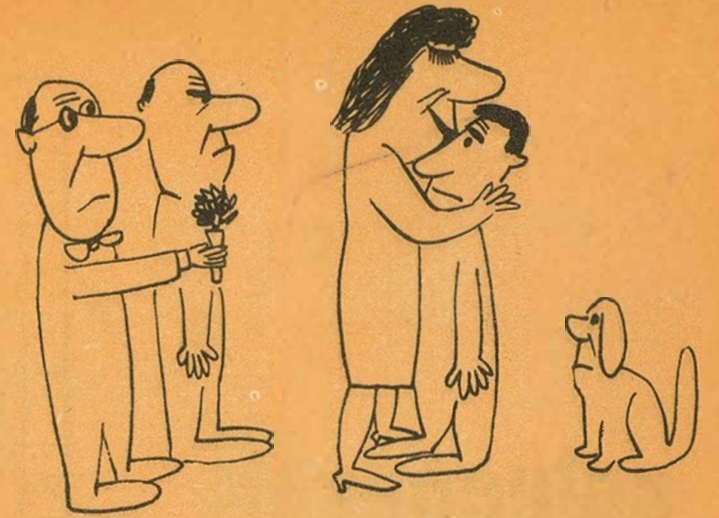
## 1

Se são cortejadas por galãs casam com intelectuais, como Marilyn Monroe...



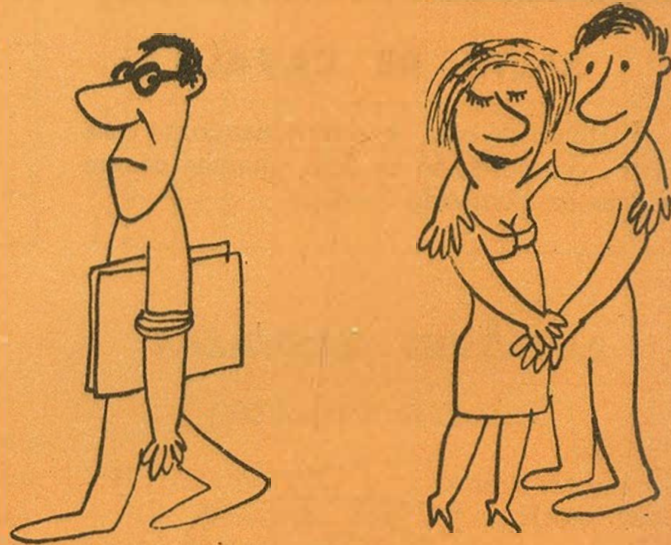
## 4

Se são admiradas por cinquentões, preferem jovens, como Marlene Dietrich...



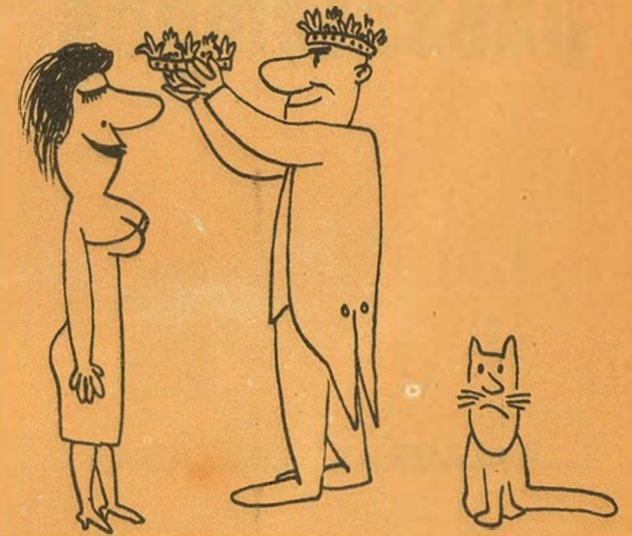
## 2

Se estão casadas com intelectuais divorciam-se e casam com galãs, como B. B. ...



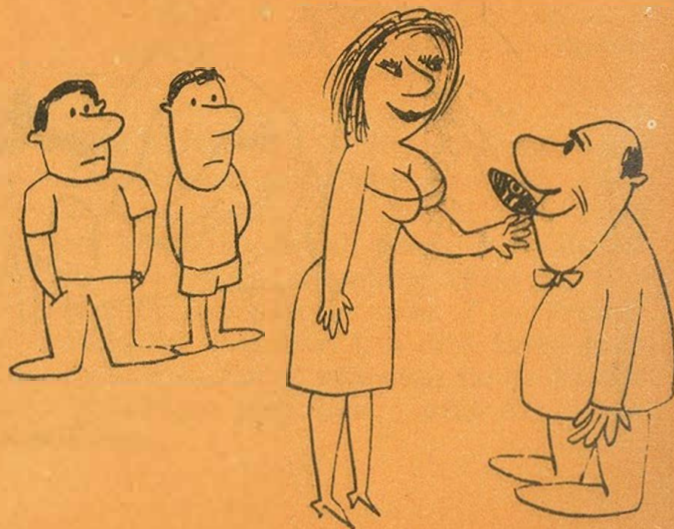
## 5

Se são plebeias querem príncipes, como Grace Kelly, Farha Diba, etc. ...



## 3

Se são admiradas por jovens casam com cinquentões, como Sophia Loren...



## 6

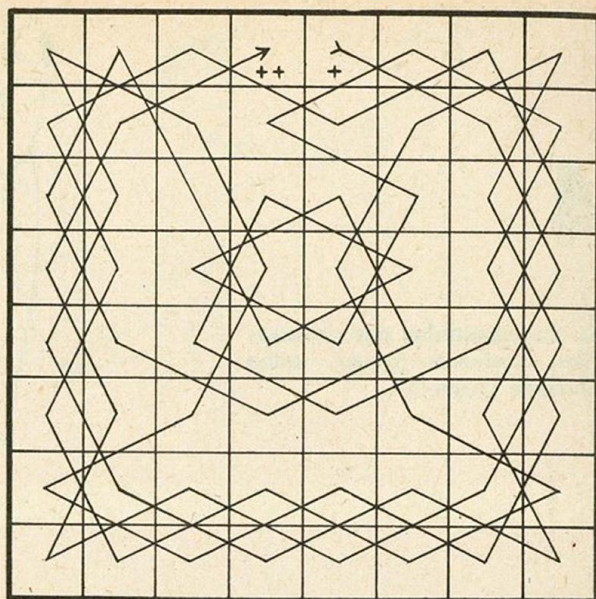
Se são princesas querem plebeus, como Margarida de Inglaterra, e Margarida da Suécia, etc.

### COMO ENTENDÊ-LAS?





# soluções dos passatempos



## SALTO DE CAVALO

*Ou seja a dor que a despoje  
Da sua crença mais sã,  
Ou seja a sorte que a arroje  
Como sombra inútil, vã,*

*Alma, que do Mundo fuge  
Sem achar no Mundo irmã,  
É como a tristeza de Hoje  
Sem Hontem nem Amanhã.*

## PALAVRAS CRUZADAS

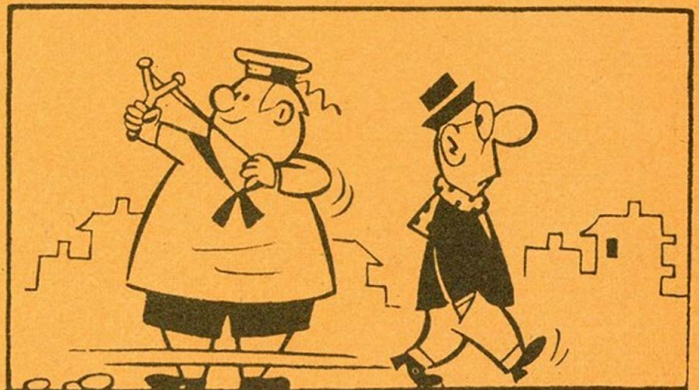
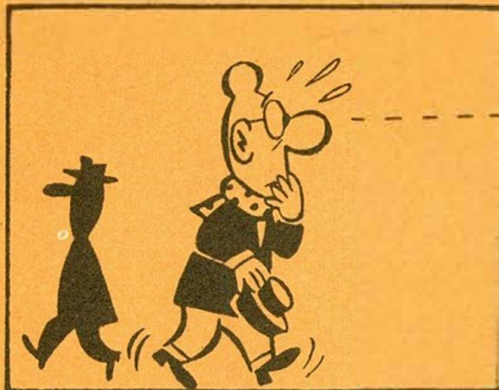
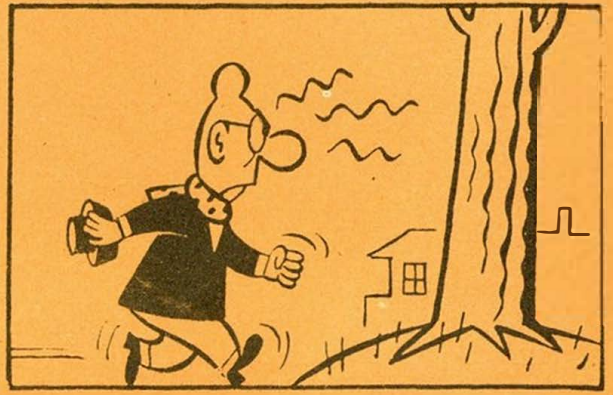
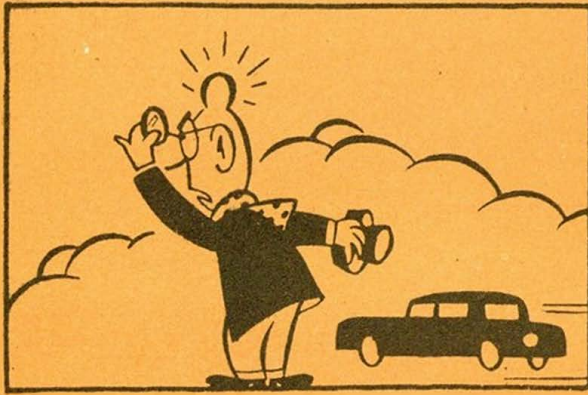
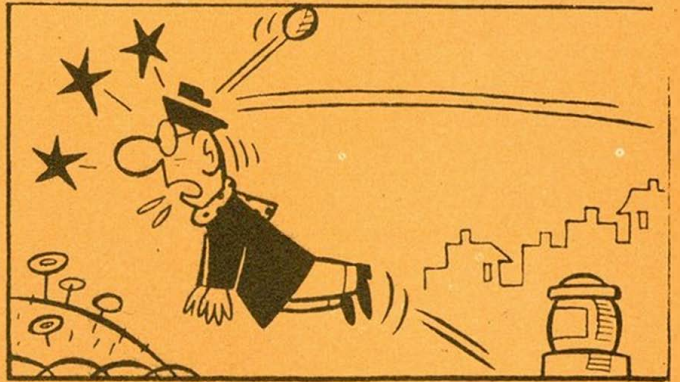
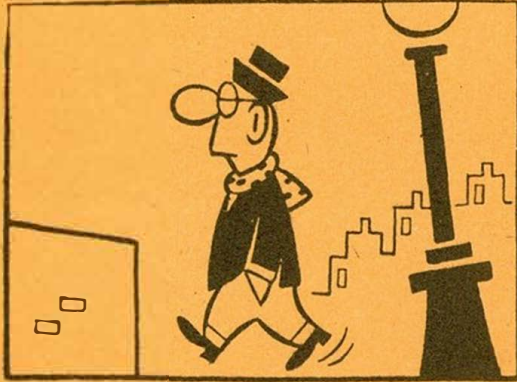
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	T	R	E	M	I		A	E	D	O	S
2	A		T	U	N	A	N	T	E		O
3	M	O		S	E	R	I	A		G	A
4	B	I	S		S	O	B		D	A	R
5	O	T	O	S		S	A	L	I	V	A
6		A	N	O	S		L	A	T	O	
7	A	V	I	S	A	R		I	A	T	E
8	T	O	A		F	E	L		S	E	I
9	R	S		L	I	A	I	S		S	R
10	O		F	U	R	L	A	N	A		A
11	Z	U	R	Z	A		S	I	N	A	S

## PALAVRAS CRUZADAS

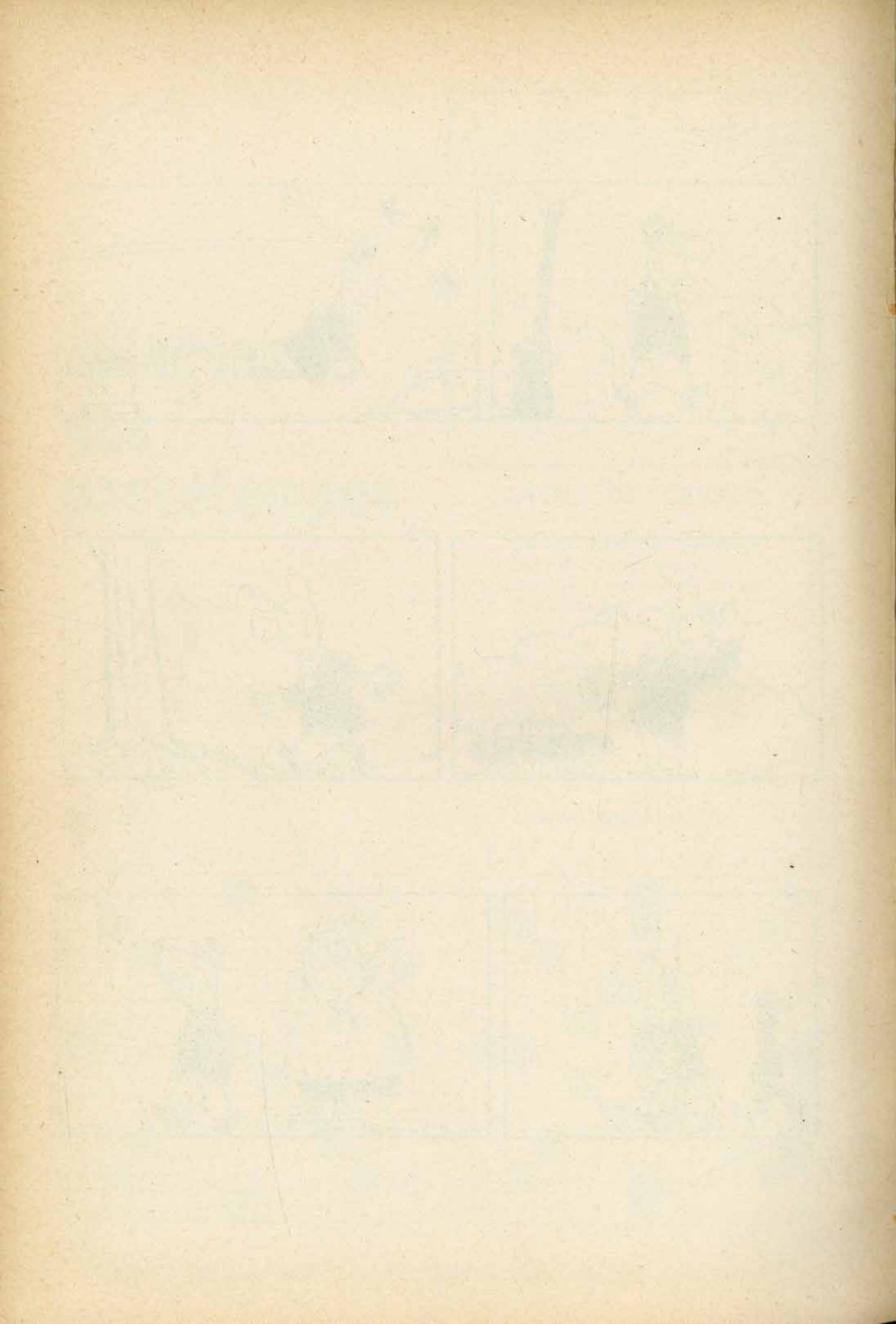
(NOVA MODALIDADE)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	J	U	N	C	A		V	I	N	C	A
2	A		A	A	R		I	R	A		M
3	M	B		F	U	R	A	O		R	O
4	O	I	R	E		E		S	A	U	L
5	R	O	A		S	U	A		F	I	A
6			G	O	A		S	O	R		
7	A	R	U		L	E	I		O	R	A
8	L	U	S	A		Ç		I	S	A	C
9	V	A		V	O	A	V	A		S	O
10	E		S	A	S		E	T	A		D
11	O	B	O	L	O		R	E	A	T	E











RICHARD LLEWELLYN

O VALE ERA VERDE

ALMANAQUE



TITULO ORIGINAL  
HOW GREEN WAS MY VALLEY

*Copyright 1960 by*  
RICHARD LLEWELLYN

1960

GRUPO DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
LISBOA



Foi nessa noite que compreendi a razão por que Gwilym nunca ia para a cama ao mesmo tempo que eu e entrava sempre muito tarde, logo a seguir a Davy, e também não entrava pela porta, mas pela janela.

Mas eu nunca falara disso a meu pai: conhecia o feitio exaltado de Gwilym e sabia que o pai não era para brincadeiras, sobretudo se soubesse que os filhos entravam em casa a altas horas pela janela. Naquela noite despedi-me. Subi com a vela na mão e deitei-me completamente vestido.

—Huw, já estás deitado? — perguntou lá de baixo minha mãe, passado um bocado.

— Já sim, mãezinha — respondi.

— Então apaga a vela e dorme — disse-me ela.

Apaguei-a e fiquei de olhos abertos na escuridão.

O meu coração batia de tal modo que parecia querer saltar-me do peito.

Quando me levantei, a velha cama estalou de tal modo que fiquei irritado. Mas, com todas as precauções, lá consegui atingir o chão. Agora eram os meus pés. Cada tábuas rangia e parecia querer descobrir-me. Quando me dirigi à janela fiquei aterrorizado. Aquilo era trabalho para horas e mesmo assim tinha a certeza de fazer demasiado ruído e acordar toda a gente. Eu tremia todo, de ouvido alerta, com receio.

Pouco a pouco a janela foi-se abrindo, e à medida que ela se abria mais fria era a corrente de ar e mais eu tremia.

De tanto me ter preocupado com os ruídos que se ouviriam lá em baixo, os rangidos de janela, os rumores ou passos de alguém que andasse lá por fora, estava de tal modo arrasado que se levasse uma forte tarefa nem sequer sentiria as correadas. E tenho a certeza de que ficaria aliviado.

A janela estava finalmente aberta. Primeiro fiz sair uma perna para o exterior, descansando-a no peitoril gelado; dei um impulso, mas então era o problema de passar os joelhos e o queixo. Houve uma fracção de segundo em que imaginei estar irremediavelmente perdido: já me antevia a ter de passar toda a noite com metade do corpo fora e metade dentro de casa. Mas lá saltei.

Foi a cadeira que estava à porta, onde o pai costumava sentar-se, que me forçou a tomar uma atitude: caí em cima dela, houve um barulho que nunca mais acabava mas eu corri a bom correr.

Sentia-me tão orgulhoso da minha façanha que, enquanto corria para casa de Dai Ellis ia a pensar que afinal eu não era o covarde que antes recebera ser.

Sentia-me tão afoito que estava pronto a desafiar fosse o que fosse.

Cheguei à estrebaria onde Dai estava a cuidar de *Bess*, a égua preta sua preferida. Ao vê-lo, os meus pés fincaram-se no chão e não consegui movê-los. Era de desesperar!

A minha sorte foi Dai estar distraído a fechar a porta. Seria horrível ele chegar à conclusão de que eu andava ali nas redondezas para me encontrar com o filho. Dai estava escondido mais adiante. Saltámos o muro e seguimos. Cheguei à conclusão de que também ele estava nervoso.

Na noite escura, a mais pequena sombra ou claridade assustava-nos. Ambos, sem o confessar, estávamos a pensar em bruxas e coisas do outro mundo.

Ao mesmo tempo, antegozávamos o prazer que sentiríamos se nos fosse possível termos sido apreciados pelos nossos colegas e sobretudo as colegas.

De vez em quando eu olhava para Dai e via-o muito interessado a mirar em redor prescrutando tudo o que nos rodeava, mas ao sentir-se observado, disfarçava.

Sáímos, entretanto, do arvoredado e entrámos na planície. Aí a luz da Lua fazia brilhar tudo o que era branco e coloria levemente de azulado todo o resto. No entanto, eu preferia a escuridão. Aquelas manchas claras e cinzentas assustavam-me mais do que a escuridão profunda.



Já nem sabíamos o que nos levara a fazer aquela excursão nocturna, tal era o medo. Quando vimos ao longe a luz das lanternas dos homens é que tivemos consciência do que fazíamos àquela hora na montanha.

Agarrei o braço de Mervyn e baixámo-nos. Escutámos, contendo a respiração, vozes que de repente pareciam ter-se posto de acordo a respeito de qualquer coisa.

Levantámo-nos e escalámos a subida. Olhámos por cima de uma sebe. Eu ia caindo para trás, tal a surpresa que de mim se apoderou.

Estava ali um grupo de homens, bastante denso. Alguns formavam uma fila, outros mantinham-se mais afastados mas atentos, evidentemente.

Era motivo de orgulho para mim ver mais de uma centena de homens, muitos pais e até avós, ali, suspensos das palavras de Davy.

Este estava de pé sobre um rochedo um pouco elevado. Eu, de longe, não conseguia distinguir o que dizia mas, pelo movimento das mãos, adivinhava o tom em que certamente falava.

Pulei e disse a Mervyn:

— Vou-me embora imediatamente.

— Ainda não, palerma — respondeu-me ele —, quero primeiro ouvir os planos deles.

— Fica tu então. Eu vou-me embora e já.

E assim fiz. Desatei a correr sem me preocupar se era ou não seguido. Mas Mervyn alcançou-me aos gritos. Descemos rapidamente a montanha e chegámos a casa dele. Eu continuei, sem pensar nas dificuldades que teria de enfrentar para atingir aquela maldita janela. Quando reparei que tinha mais de um metro e tanto a saltar fiquei completamente desanimado.

Lembrei-me então do tonel de água. Era muito maior que eu e costumava estar ao pé da porta da cozinha.

Comecei a rolá-lo lentamente. Nunca imaginei que um tonel, por mais velho que fosse, produzisse tanto barulho! Primeiro arrastou as velhas aduelas pelas pedras, depois lembrou-se de borrifar-me a cara. E, não contente, fugiu das minhas mãos. Como era bastante pesado, deu um estrondo pavoroso, semelhante a um tambor e... voltei a levar mais borrifos.

Nunca na minha vida tinha feito tantas caretas. Como se o racto de as fazer invalidasse o barulho que cortava a quietude habitual...

E, baixinho, pedia-lhe que tivesse vergonha e se calasse. Não lhe chamei nomes feios porque na verdade não os sabia.

Quando o consegui pôr a jeito, subi, mas com tão pouca sorte que escorreguei nos limos e acabei por cair dentro da água com tamanho barulho que as estúpidas galinhas acordaram e desataram numa gritaria medonha.

Fiquei ali, metido no velho barril, com água até aos ossos, e além disso desfrutando do agradável cheiro do lodo e da água estagnada. — Quando compreendi não ter sido descoberto ainda daquela vez, saltei cá para fora, já completamente esperto e vivo.

Finalmente, sem saber como, encontrei-me agarrado ao peitoril. Primeiro atingi a janela e sacudi o corpo para que a água escorresse. Lentamente, fui entrando: num primeiro impulso as pernas, depois o resto do corpo. Nesse momento o meu pai acendeu a vela.

— Por onde tens andado?

Eu estava completamente gelado, mas de medo, não da água ou da humidade.

A minha língua parecia feita de qualquer metal. Deixara de ser controlada pelo cérebro. Estava hirta e eu não podia falar.

Limitei-me a olhar meu pai. Era de altura média. No entanto, havia nele qualquer coisa de imponente e simultaneamente airoso. Devia ser a cabeça: uma fronte larga e alta dava-lhe um ar de senhor feudal, autoritário e ao mesmo tempo bondoso.



Os olhos eram normalmente cinzentos, mas às vezes, quando ria, tornavam-se quase azuis; tinha um nariz curto, que um desabamento de carvão tinha marcado com uma larga cicatriz, uma boca magnífica e uns bigodes compridos, quase da cor do cabelo, que fora negro e era agora grisalho. Mas, sobretudo no conjunto, salientavam-se as sobrancelhas, negras de azeviche, que contrastavam com os bigodes grisalhos e o rosto pálido.

À luz da vela os olhos dele pareciam brancos, e tão severos que, ao vê-los, quase desejei morrer.

— Onde estiveste? — perguntou ele novamente. Estava sentado na minha cama, ainda completamente vestido.

— Lá em cima, na montanha, paizinho. — E ainda hoje é para mim um mistério como consegui responder.

— Não te disse que tratasses da tua vida e não interferisses na dos outros?

— Sim, paizinho.

— E agora? Estás à espera que a tua mãe suba e te venha limpar, não é?

— Não, paizinho.

— Então desça, limpe-se e nada de demoras.

Saí logo do quarto a correr, molhando tudo. Estava à espera de levar uma bofetada que me deixaria sem sentidos. Mas nada disso aconteceu.

Na cozinha a lareira ficava toda a noite acesa de modo que me foi fácil secar a roupa. O pior foram as botas. Durante minutos estive ali, nu, defronte do fogo, a esfregá-las com quanta força tinha, lembrando-me de que se Gwilym chegasse entretanto me era completamente impossível preveni-lo por um sinal de que não entrasse.

Quando tudo estava seco, subi e mostrei peça por peça ao meu pai, e ainda as botas. Olhou atentamente para tudo e depois apontou para as pegadas do soalho:

— Repara bem a porcaria que tua mãe terá de limpar amanhã! — Vai buscar um pano.

Desci e trouxe um pano. Limpei o chão esforçando-me por fazê-lo o melhor possível. Sabia que os olhos do meu pai estavam fitos em mim e demorei-me de tal maneira, que o senti quase impaciente.

É estranho: quando temos uma falta a pesar na consciência executamos sempre qualquer tarefa muito mais cuidadosamente. Tal como uma penitência.

— Huw, vem cá — disse o meu pai finalmente.

Larguei o pano e, de cabeça baixa, esperei de pé, diante dele.

— Por que subiste à montanha depois de te dizer que não fosses lá? — Para minha surpresa completa, verifiquei que o tom usado era o normal, Talvez apenas mais suave ainda.

— Queria ajudar Davy, paizinho.

— Ajudar Davy? E por que não a tua mãe? Já pensaste no que lhe teria acontecido, se hoje, por acaso, sofresses algum acidente? Já pensaste nisto?

— Não, paizinho.

— Pensa então. Agora vai para a cama e dorme. E, toma nota, nada de imaginar tolices a respeito de Davy.

— Sim, paizinho.

Levantou-me, deitou-me e cobriu-me.

Enquanto me dava umas palmadinhas amistosas na cabeça foi dizendo:

— Estás quase um homem, filho; descansa, em breve te verás a braços com as complicações a que aspiras agora. E, talvez me engane, mas receio que sejam muito superiores às de hoje. Assim, até lá, faz por ser um bom rapaz e lembra-te de tua mãe, combinado? Boas-noites, filho.

— Boas-noites, paizinho.



Estava tão alegre! Tudo se passara no melhor dos mundos, e sobretudo Gwilym escapara!

Agora, recordando aquela conversa, ouço novamente a voz de meu pai, tão triste e tão doce, como se adivinhasse tudo o que iria passar-se depois.

5

A minha mãe era, por natureza, calma. No entanto, no dia seguinte, quando cheguei da escola, notei que estava silenciosa e preocupada. Gwilym contou-me que de manhã meu pai repreendera Davy e que este deixara a casa e fora viver para a colina, para casa da Sr.<sup>a</sup> Beynon, que já tinha quatro pensionistas, todos eles amigos de Davy.

Minha mãe nunca tocou no assunto. No sábado seguinte, quando Davy entrou em casa para colocar o seu dinheiro na latinha e jantar, nada disse, mas chorava. Não ruidosamente. As lágrimas corriam-lhe pelas faces e ela nada fazia para as estancar.

Davy e o pai procederam como se nada tivesse acontecido e conversavam sossegadamente. Foi Owen o causador da disputa.

Owen era um rapaz silencioso e sossegado. Era raro dirigir a palavra fosse a quem fosse e assim passava por palerma. Ficava horas inteiras a ler, ou então, lá fora, no barracão das ferramentas, a soldar ferro. Quem mais o incomodava era eu; às vezes era apanhado a desarrumar-lhe os livros ou a roubar-lhe qualquer ferramenta: dava-me um puxão de orelhas e resmungava.

A voz dele era profunda, tal como a de minha mãe. Era um prazer ouvi-lo ler na capela, num tom grave e comovente. Meu pai desejava fazer dele um pregador mas por enquanto ainda ele era demasiado novo e, a falar verdade, parecia ter mais vocação para manejar ferramentas do que para estudar.

Não me lembro de qual o assunto da conversa entre meu pai e Davy. Julgo que era a respeito do carvão, agora mais bem cotado, e do caminho que o filho tomava vale abaixo.

— São todos uns idiotas — disse Owen.

Davy ficou de tal modo surpreendido que largou a faca e o garfo.

— Cala a boca, Owen — disse minha mãe.

Olhou significativamente para o meu pai. Era um facto indiscutível ter ele ultrapassado as regras: nenhum de vós tinha licença de falar, a não ser que primeiro o pai nos tivesse dirigido a palavra.

Meu pai mastigou o que tinha na boca, como se ninguém tivesse falado. Mas logo que engoliu virou-se para Owen, como se nunca antes o tivesse visto.

— E que sabes tu a respeito desse assunto? — perguntou ele.

— Sinto muito ter sido rude, paizinho — disse Owen, sem temor nenhum no olhar ou na voz. — Mas a verdade é que o processo actualmente usado para arrancar o carvão é não só estúpido mas sobretudo criminoso.

— É facto que tens razão, Owen — disse meu pai. — Mas quem te autorizou a falar? E onde adquiriste esses conhecimentos?

— Falei sem pensar, paizinho — respondeu Owen. — Estava a sonhar ou distraído, não sei. Quem me contou foi Dai Griffilhs.

— Está bem — disse o pai. — Ninguém sabe melhor disso do que Dai. Mas, por favor, tem maneiras. Fala se te interrogarem e nunca antes.

— Falarei sempre que souber que alguma coisa não está certa — disse Owen.

— Não nesta casa — respondeu-lhe meu pai. — E não se fala mais no assunto.



— Nesta casa ou fora dela — afirmou Owen —, se qualquer coisa estiver errada terei de me manifestar.

— Sai da mesa — disse meu pai.

— Sairei de casa — retorquiu Owen.

— Gwilym — pediu minha mãe, estendendo a mão para meu pai —, Owen — e voltou-se para ele —, pede desculpa ao teu pai.

— Nada tenho de que pedir desculpa — disse Owen. — Só lamento o meu jantar. Passo a viver com Davy.

— Também eu — disse Gwilym, largando a faca e o garfo e empurrando a cadeira dele para trás.

— Se vocês dois saem desta casa — disse meu pai — nunca mais cá porão os pés.

— Está bem — e Gwilym estava quase a chorar.

— Oh! Gwilym — implorou minha mãe, fitando, ansiosa, o pai.

— Estamos unidos, Gwil — disse Owen.

— Davy — insistiu minha mãe —, dize-lhes que peçam desculpa ao pai. Eles estão apenas a seguir o teu exemplo.

— Sim, mãezinha. — E Davy levantou-se. — Mas eles são homens e trabalham para viver. Não os posso deter.

— Vou dar a vocês dois — disse meu pai olhando para Owen e para Gwilym — a última oportunidade. Portem-se bem e ponto final no assunto.

— Nada fizemos — respondeu Owen — e se as boas maneiras à mesa nos proibem de dizer a verdade, prefiro ser malcriado.

— Também eu — disse Gwilym.

— Rapazes — aconselhou Davy —, não exagerem. Isso não é preciso.

— É sim, Davy — disse Owen, com os olhos brancos de cólera. — Quer tu concordes quer não, eu saio.

— Eu também — disse Gwilym.

— Peguem nas vossas coisas e rua — disse meu pai, que principiou novamente a comer.

— Oh! Gwilym — disse minha mãe num murmúrio. O meu pai não respondeu. Continuava a comer, embora tivesse os olhos húmidos e as mãos lhe tremessem um pouco.

Durante um bocado ninguém fez o mínimo movimento. Depois Dany curvou-se e beijou a minha mãe, no alto da cabeça, aqui neste pano azul.

— Adeus, mãezinha — disse ele e saiu da sala.

— Adeus, mãezinha — repetiu Owen, esperando por Gwilym.

— Adeus, mãezinha — disse ainda Gwilym. E saiu com Owen.

Fez-se um silêncio absoluto. A minha mãe ficou a olhar para o pai, fixamente, como se a cada segundo esperasse vê-lo chamar os filhos.

Ele continuava a comer o jantar calmamente, parecendo muito interessado na limitada paisagem observada através da janela da cozinha.

Eu estava nervoso, embora tentasse dominar-me. Em determinada altura a minha colher arranhou o prato, o que produziu um ruído arrepiante.

O meu pai pareceu despertar e olhou para mim.

— Sim, meu filho, eu sei que estás aí. Agora vou ficar apenas com dois filhos: tu e Ivor.

— Gwilym — perguntou a mãe no tom normal da sua voz —, quanto tempo vão ficar aqueles rapazes fora de casa?

— Os únicos filhos que tenho — respondeu ele — são Ivor e Huw, além de Isanto, que está fora. Não tenho outros e, a menos que eu permita, nenhuma pessoa pode intitular-se meu filho.



— Oh, Gwilym! — E minha mãe começou a soluçar. Nunca a tinha visto chorar e, como todas as crianças, julgava que os adultos o não faziam.

Desejaria que isso nunca tivesse acontecido.

Supomos, às vezes, haver nobreza nas lágrimas das mães. Mas uma criança não tem a compreensão suficiente. Suspiros entrecortados, sons roucos vindos da garganta, gritos exagerados não condizem com a ideia que habitualmente temos dum desgosto sincero.

Uma criança fica surpreendida ao verificar que os adultos também choram, tal como eles. E, enquanto os observam, fazem-no friamente, sem se deterem a investigar as causas desse acontecimento inédito.

Aquela pobre mulher de mãos a tremer, faces lambuzadas, cabelos despenteados e olhos inchados é a sua mãe, que tantas vezes lhe limpava as lágrimas e tão bem o convencera da inutilidade destas.

E o garoto fica desiludido, embora passados minutos também ele comece a chorar visto que a mãe ainda chora e portanto sofre.

Custa-me dizê-lo, mas a partir desse dia comecei a olhar a minha mãe dum modo completamente diverso do anterior.

Via-a constantemente de lenço molhado a tentar limpar os olhos. Claro, cresci e isso mudou, mas durante uns anos as coisas passaram-se assim.

Posso agora analisar a atitude aparentemente insólita de meu pai.

Quanto à minha mãe, ele compreendia que deixá-la chorar à vontade seria a única solução que a aliviaria do estado de tensão em que estava.

Ele, tal como eu, sabia quanto a minha mãe sofria, visto que, adorando os filhos, necessitava absolutamente da sua presença. Rejentinamente ficar a casa vazia era para ela um facto com o qual se não podia conformar.

As minhas irmãs choravam ambas. Ceridwen, mais calma, esperava que a água aquecesse para lavar a louça. Angharad tinha quase dez anos e Ceridwen mais cinco. Angharad parecia uma gata pronta a saltar.

Era já tão alta como minha mãe e tinha uns olhos cinzentos e brilhantes tão límpidos como eu nunca vi na minha vida.

— Mãezinha — disse Angharad, num tom claro e decidido —, vou para junto dos meus irmãos como o fez comigo.

A minha mãe parou de chorar e voltou-se tão precipitadamente que o pai deu um pulo.

— Angharad — e o tom de voz de minha mãe gelou-me —, cala-te imediatamente.

— Mãe — repetiu minha irmã —, vou viver com eles.

— Vais imediatamente acabar o teu serviço. Nem mais uma palavra. Se voltas a abrir a boca fecho-ta com uma bofetada que nunca esquecerás.

O meu pai arrastou a cadeira onde estava sentado e olhou para mim.

— Vem cá, meu filho — disse-me. — Vamos subir a montanha para encontrar tranquilidade. Precisamos de paz. Bethy — e dirigiu-se à minha mãe —, Angharad fica ao teu cuidado. Espero que não seja necessário incomodares-te. Ainda ali tenho a correia. Vamos, meu filho.

Corri e fui buscar o meu boné e a bengala do meu pai. Para mim era uma grande alegria e uma honra ter sido convidado. Sei hoje que muitas das nossas complicações familiares teriam sido evitadas se meu pai se tivesse aproximado dos meus irmãos, como fez comigo.

Se a minha convivência com ele fosse limitada às relações habituais mantidas em casa com todos nós, certamente as minhas reacções teriam sido idênticas às dos meus irmãos. Assim, como ele nunca me tratou como se eu fosse uma criança, sempre lhe falei como o maior respeito e amor.

Nos nossos passeios discutíamos amigavelmente e ele tentava sempre compreen-



der-me. Em seguida corrigia os meus erros. Isto é, tratava-me como se eu fosse um homem. Talvez fosse por isso que Bron me chamava o «grande homem».

Foi assistindo pouco a pouco ao desabrochar da minha personalidade, o que não aconteceu com os meus irmãos.

A ele devo tudo quanto em criança aprendi, e nunca coisa alguma me pareceu errada ou sem valor. Mas aquilo que ele considerava bom e recto talvez o não fosse para a nossa época ou, se o era, talvez ele usasse uma linguagem demasiadamente directa e sem evasivas. E nem sempre os homens gostam da verdade dita sem rodeios.

Naquela tarde, primeiro passeámos ao longo do rio e depois subimos a montanha.

Como era bela a montanha, e principalmente a nossa aldeia! Tão verde, tão fresca e tão limpa, bafejada pelos ventos e refrescada pelo orvalho!

O rio não era muito largo, teria, mais ou menos, seis metros. Mas a sua água era tão clara que podíamos perfeitamente, através dela, enxergar, lá no fundo, tanto, tanto peixe que ninguém se lembrava de usar a cana de pesca.

Meu pai ensinou-me um dia, perto da casa da Sr.<sup>a</sup> Tom Jenkins, como atrair trutas.

Ficávamos ali durante horas a tentar afastar as pequenas e a fazer planos magníficos logo que víamos uma das grandes subir.

Para as apanhar usávamos o seguinte processo:

Arregaçávamos as mangas até onde pudéssemos e metíamos o braço direito na água conservando a mão aberta e pronta.

Evidentemente, acontecia por vezes a água estar tão fria que causava dores, mas, claro, uma truta das boas merecia todos os sacrifícios.

Então, o grande peixe, muito mansamente, com ar desconfiado, aproximava-se. A mão tinha de estar quieta pois ele observava-a detidamente. Como toda a gente sabe, uma truta sensata põe-se à distância se nota o mais pequeno movimento; portanto, quem está de braço estendido, gelado ou não, nem sequer deve piscar os olhos. Se o faz, lá fogem elas. E eu vi muitas que o fizeram.

Pois bem, se a truta era tola continuava a aproximar-se para ver os dedos e cheirá-los, deslizando por eles. Era o momento. De mansinho, a mão fechava-se. Claro, havia sempre muitas que fugiam. Caso contrário, os dedos corriam-lhe pelo corpo, até que o polegar se introduzia na guelra. Era o bastante.

Retirava-se o braço e ei-la a bater de encontro ao rochedo.

Desta maneira, lá em casa havia às vezes trutas com fartura, da melhor qualidade e muito frescas.

A minha mãe costumava colocá-las numa pedra quente, em cima do fogão, enroladas em miolo de pão, manteiga, salsa e casca de limão.

Quanto a mim, é este o melhor prato do mundo. Eu nem no Céu supunha possível comer-se um manjar superior a este que a minha mãe cozinhava lá em casa.

Mas voltemos ao assunto.

O suave murmúrio do rio, as pedras lavadas e brilhantes, a verdura que cercava tudo, as árvores a quererem engolir a sua própria sombra, e a montanha tão alta, a subir, cada vez mais, forte e atraente, constituíam um belo espectáculo.

Na época de os pássaros fazerem os ninhos costumávamos sair e procurá-los. Sómente nos interessava apreciar os ovos e a sua morada. Nunca tirei nenhum, nem os outros rapazes do vale tinham esse hábito detestável. Por isso, naquela época o vale estava repleto de pássaros.

É engraçado só darmos pela ausência dos pássaros e nunca pela sua existência.

Naquela tarde apanhámos duas trutas. Coloquei-as em duas folhas no meu boné. O vento trazia-nos às narinas o perfume de todas as flores silvestres e da relva odorante que por ali se criavam. O meu pai parava, de vez em quando, para inspirar fortemente o ar saudável e deliciar-se com o agradável cheiro. Costumava dizer-me



que Deus nos dá a água para que lavemos os corpos e o ar fresco para lavar os pensamentos. E era muito bom tudo aquilo. Alegrávamo-nos com uma pequena moita que nascera desde a nossa última excursão, ou admirávamos o crescimento de qualquer arbusto por nós anteriormente fixado.

Já tínhamos subido um bocado da montanha quando, súbitamente, me senti gelar: inconscientemente íamos na direcção do local onde eu tinha visto Davy discursar aos operários. Como era sábado, todos estavam livres e seria lógico que aparescessem por ali.

— Paizinho — disse eu —, podíamos ir até ao outro vale?

— Não, não, filho — respondeu ele. — Vamos só até ao cimo. Ainda preciso de escrever umas coisas para a capela. E, afinal, que interesse súbito é esse?

— Visitar Ivor e Bron. Uma surpresa agradável, paizinho, para eles e para nós.

— Está bem. Se eu estiver livre, iremos lá à tarde. Agora subimos e voltamos para casa.

Eu dava tratos à imaginação para conseguir um meio de afastar o meu pai daquelas paragens.

Cheguei mesmo a pensar em atirar-me da montanha abaixo, mas as sebes suster-me iam na queda e seria ridículo.

Fomos subindo e quando chegámos à sebe do campo de Meredith, o lojista, avisámos, mais acima, uma grande multidão. O vento soprava forte e pudemos distinguir vozes em discussão.

O meu pai deteve-se imediatamente.

— Foi ali que estiveste? — perguntou-me.

— Sim, paizinho.

— O! — disse ele, olhando-me com ar inquiridor. — Por isso é que querias ir para o outro vale, não? Já não posso ter confiança em ti, Huw.

Os que estavam de atalaia deviam ter reconhecido o meu pai porque um deles, Mog, correu para junto de nós e saltou a sebe como se esta tivesse apenas um metro de altura.

— Sr. Morgan — gritou ele. — Davy pede-lhe o favor de ir lá acima.

— Que quer Davy de mim? — perguntou o meu pai, em resposta.

— Estão lá em cima trabalhadores de todos os vales — disse Mog. — Discutem coisas importantíssimas.

— De facto serão coisas importantíssimas — respondeu meu pai —, mas vazias como tambores, aliás como as cabeças deles. Onde está Davy?

— Lá em cima, Sr. Morgan. Dentro dum minuto vai falar.

— Tem sorte esse comício — troçou meu pai. — Está bem, eu vou. Tome conta de Huw, por favor.

Pareceu-me conveniente não dizer coisa alguma, e, assim, fiquei junto de Mog, enquanto o meu pai se afastava, mas logo que o perdi de vista, pedi-lhe que me deixasse esperar mais abaixo; Mog respondeu-me que saltasse uma pilha de pedras, atrás dumas moitas de amoras silvestres, mas que me não esquecesse de vir ter com ele, a não ser que preferisse vê-lo ficar sem orelhas.

Logo que me encontrei só, corri na direcção dos homens reunidos, abrindo caminho cautelosamente. Quando consegui divisar o meu pai, parei.

Os trabalhadores cochichavam à minha volta com ar sério, como se tivessem tomado uma resolução importante. Davy estava mesmo na minha frente, embora afastado, e de pé. Dai Griffiths e uma quantidade de homens que eu nunca vira falavam com meu pai, que de braços cruzados e olhos semicerrados, fingia dar atenção; percebi perfeitamente que a conversa lhe entrava por um ouvido e saía por outro. Um a um procuravam convencê-lo, e um a um eram obrigados a desistir.

Finalmente, Dai adiantou-se até à extremidade do rochedo e ergueu as mãos. Fez-se um silêncio absoluto. Apenas se ouvia o vento.



— Rapazes — gritou Dai —, antes de tomarmos uma resolução, é lógico que Gwilym Morgan emita a sua opinião. Atenção!

Começou a ouvir-se pouco a pouco um vago murmúrio, o qual se transformou numa entusiástica ovação logo que meu pai se pôs de pé para falar.

Vi que ele estava a rezar e os demais também o deviam ter notado porque tiraram os bonés e curvaram as cabeças.

— Rapazes — disse meu pai. — Se vocês tivessem plena consciência de estarem a agir lealmente, em vez de se refugiarem aqui, teriam, certamente, ficado na aldeia e falariam abertamente. Esperem. Estou aqui por um feliz acaso, a que poderei chamar a vontade de Deus. Nunca me passou pela cabeça vir aqui, mas, uma vez que cá estou, vou dizer-lhes as conclusões a que cheguei.

«Aprovo em absoluto os fins que se propõem, no entanto, não posso de modo algum concordar com os meios de que se servem.

A força só poderá resultar após se ter experimentado a razão. E a razão requer paciência. E, se a paciência exigir um cinto mais apertado, então apertar-se-á o cinto. Vocês não podem pedir auxílio a Deus com o coração cheio de ódio, e sem esse auxílio nada poderão alcançar. De nada serve planejar uma União se depois não tiverem a mínima ideia do que irão fazer. Obter melhores salários? Talvez venham a obter bons salários, ou tão bons quanto possível. Nem todos os proprietários são egoístas, mas não vos darão o que lhes pedem justamente porque vocês são muitíssimos e, além disso, proferem ameaças. Se usarem a razão e se comportarem como gente civilizada, serão essas as vossas melhores armas. E se a vossa causa for justa e procederem de consciência limpa, Deus estará do vosso lado. E nenhum homem poderá progredir sem o seu auxílio.

Os homens começaram a manifestar tensão. Murmúrios, aqui e acolá, começaram a ouvir-se. Meu pai tentou prosseguir, mas nesse momento um homem que estava atrás de mim agarrou-me pelos ombros e fez-me dar uma volta.

— Tu não és o Huw Morgan — disse ele, curvando-se para mim —, o mais novo lá de casa? Podes ouvir o que o teu velho está a dizer?

— Meu pai não é um velho — respondi eu — e se ele o ouvir, o senhor terá com certeza muita razão para se arrepender do que diz.

— Oh! — respondeu o outro a rir-se — o velho tem um bom defensor. É um Morgan, não há dúvida.

Antes que eu pudesse afastar-me, levantou-me, conservando-me acima da sua cabeça.

— Morgan — gritou ele — aqui está um que ficará sem nada quando apertares o cinturão. E eu tenho mais cinco.

Um berro cortou a voz do meu pai. Todos principiaram a gritar antes que me largassem e eu pudesse fugir. Logo que isso me foi possível, à custa de pancada e empurrões, infiltrei-me através da multidão até alcançar o sítio onde me tinham deixado.

Meu pai falava com Dai Griffiths no alto do rochedo, e Davy procurava acalmar a multidão. Vi meu pai agitar a cabeça e começar a descer. Corri então à procura de Mog.

— Diabo — disse ele —, pensei que tivesses ido para casa. Ai vem o teu pai.

Um olhar para meu pai foi o suficiente, e Mog, que ia a dizer qualquer coisa, parou e começou a assobiar baixinho.

Vinha tão branco que se notavam manchas azuis nas suas olheiras e o branco dos olhos mostrava-se avermelhado, de modo que a sua expressão assustava.

Apesar disso, sorria.

— Vamos, filho. Obrigado, Mog.

— Não por isso, senhor — respondeu Mog, tirando o boné.

Durante um momento, enquanto subíamos o resto da montanha, esperei que ele



falasse. Mas não. Cuidadosamente, escalámos as pontas dos rochedos, roçando pelos espinheiros e urzes. Eu, continuava a olhá-lo esperando a cada momento vê-lo abrir a boca. No entanto, continuava a fazê-lo disfarçadamente, pois receava que ele notasse.

Quando chegámos ao cimo da montanha, o meu pai sentou-se em cima de uma rocha e olhou para o outro vale, apoiando-se num cotovelo.

— Senta-te aqui, meu filho — disse-me.

Eu tinha-me afastado um pouco para o deixar à vontade.

— Não estás zangado com o teu pai, pois não?

— Não, paizinho. Mas pensei que queria meditar.

— Já acabei de meditar, Huw. Neste momento sinto a cabeça vazia. É, realmente, espantoso.

Ficámos ali os dois a olhar para o vale, lá em baixo. O vento soprava um pouco mais forte e a aragem fazia-me sentir mais leve.

Lembro-me de que a paisagem lá em baixo tinha um aspecto bastante curioso. Parecia uma vasta manta de retalhos. As herdades eram tão pequenas que mais pareciam caixas de fósforos e os carneiros eram semelhantes a pequenos gatos. E, quando quietos, tinham a aparência de rochedos em miniatura.

No nosso vale havia apenas uma mina de carvão semelhante a dedos, que se estendia por entre o verde-claro da erva. Ali em cima tudo era paz e sossego. Até o vento parecia feliz. Ao passar por nós, beijava-nos a face e corria lá abaixo para fazer cócegas nas crinas dos cavaios que pastavam ao sol.

— É muito triste, Huw — disse meu pai passado muito tempo. — É triste de verdade. Aqui tudo é belo, nada se vê fora do devido lugar, tudo está em sossego. Pelo contrário, no meio dos homens não há senão tristeza, ódio e loucura.

— Como é isso, então, paizinho?

— Falta de confiança em Deus e ganância, Huw. Tudo desejar e nada dar em troca. Não era essa a ideia de Deus ao criar o mundo. Alcançarás tudo se trilhares o caminho da verdade. De contrário, nada terás. Todos aqueles pobres homens, que viste lá em baixo, tentam obter uma coisa que não alcançarão nunca. E porque pretendem empregar uma forma de pedir absolutamente errada. Todas as coisas vêm de Deus. Todas as coisas são dadas por Deus, e para Ele devemos voltar-nos quando precisamos de qualquer coisa. Para isso deu-nos a compreensão e a paciência. São elas a nossa varinha de condão e o nosso apoio. Não te deixes influenciar pelos outros, filho, olha para Deus sempre que tiveres problemas. Receio bastante que o ocorrido presentemente lá em baixo seja causa de enormes desgraças, para ti, de futuro.

Ele falava com os olhos fitos no céu. Alegrei-me quando compreendi que acalmara bastante. Tinha um génio terrível se acontecia irritar-se. No entanto, era raríssimo exaltar-se. Esta foi a única ocasião em que perdeu completamente o domínio de si.

— Vamos para casa — disse ele. — Não digas à mãe coisa alguma, a não ser que ela pergunte. Já sofreu hoje bastante. Basta bem o que se não pode evitar.

Descemos entretanto mas não na direcção em que os homens ainda se encontravam. Talvez por ter estado durante muito tempo a contemplar o outro vale, ao ver o nosso, senti um choque enorme.

As margens do rio apresentavam-se escuras e feias devido às escórias de carvão e as construções, completamente negras e muito rasteiras, eram horríveis de ver. As duas filas de casinhas, parecendo um par de serpentes rastejantes, davam a impressão de que, de um momento para o outro, se iam erguer e vomitar rochas cinzentas, como elas próprias. A ninguém passaria pela ideia que ali dentro houvesse fogos acolhedores e boa comida, tão sem vida e desgraçadas pareciam.

O nosso vale tornava-se dia a dia mais escuro, e o montão de escória avolumara-se tanto que já estava a meio caminho da nossa casa. Embora garotito, eu sabia que aquilo não estava como devia ser e disse-o a meu pai.



— Sim Huw — disse ele, e parou a olhar. — Há muitos anos já, disse-lhes que começassem pela base, mas ninguém me deu ouvidos. Agora têm coisas muito mais importantes em que pensar. Isto vai ser tarefa tua para quando cresceres. Muita coisa haverá que te preocupe, garanto-te.

Quando atravessámos a aldeia, quase todas as mulheres estavam fora de casa à espera dos homens, comentando a reunião lá de cima. O meu pai tirou o boné, logo ao princípio, para cumprimentar a Sr.<sup>a</sup> Rlys, e até chegar a casa ficou com ele na mão, porque durante o percurso todos o cumprimentavam.

A minha mãe estava sentada, sòzinha. Parecia ter-se dominado, mas a casa estava silenciosa, naquela espécie de tranquilidade que deixa antever tempestade, como o gato aparentemente calmo quando aguarda a ocasião de dar um pulo, de dorso arqueado.

O pai olhou para ela e nada disse, pois conhecia-a perfeitamente.

Limitou-se a fazer-me sinal para que me mantivesse calado, enquanto descalçava as botas. Saí, fui buscar a minha pedra, e quando acabei de a limpar, reapareceu ele.

A minha mãe moveu-se naquele momento e o pai encarou-a.

— Gwilym — disse ela —, Angaharad abandonou-nos.

— Oh! — disse o pai. — Para onde?

— Para casa dos Beynons, julgo eu.

— Espera aí. Vou falar com ela.

Quando ele saiu, minha mãe pediu-me que pusesse água ao lume e espertasse este com duas pázadas de carvão. Quando concluí o serviço, chamou-me.

— Huw, estou a pensar no que farás quando cresceres.

— Ora, seja como for, nunca trocarei esta casa por outra, a não ser que a mãe me ponha fora.

— Espero que seja como dizes, Huw — respondeu ela, olhando-me fixamente. — Se mais algum dos meus filhos me deixar, arrependei-me-ei de ter dado filhos ao mundo.

— Mãezinha, por que os deu?

— Valha-me Deus, filho — riu minha mãe. — Sai agora daqui.

Porquê, também digo. Talvez para ficar toda a vida com as mãos metidas na água e a cara em frente do fogão.

Esta conversa deu origem a uma série de perguntas minhas a respeito de crianças. Ninguém parecia saber responder-me, ou então, com muitos rodeios, faziam-lhe sentir que, por enquanto, eu ainda não era digno de penetrar nesse muido inacessível.

Que alegria a da minha mãe quando Angaharad voltou com o pai, tão feliz e tão gentil, despindo-lhe o casaco e sentando-a na cadeira do canto! Angaharad estava calma e pensativa. Eu sentia que ela tinha raciocinado e que viera para casa de boa vontade. O pai foi tomar banho e, quando voltou, fechou-se no quarto vizinho a escrever. Eu estava a torrar as fatias de pão que a mãe me ia dando.

Que coisa maravilhosa é, à noite, barrar torradas ali na lareira. Pão de crosta dourada com sabor a trigo maduro, e boa geleia gotejante, escondendo-se às vezes nos buraquinhos do pão, para se mostrar em seguida, brilhando à luz, pronta a escorrer logo que os dentes dêem com ela. Também gosto muito de pão com manteiga, mas nesse caso prefiro pão simples, em fatias compridas, quando a manteiga for aplicada uma hora depois de ter sido tirada da desnatadeira.

— Angaharad — perguntou a mãe —, que te disse o pai?

— Disse que lhe custava muito se ele tivesse feito alguma coisa errada, mãezinha, e que lhe explicasse por que queria deixá-lo.

— Ah! — exclamou a minha mãe, muito surpreendida.

— Respondi ter sido para tratar dos rapazes, porque a dona da casa é uma desmazelada e gosta muito de beber.



— Angaharad — disse minha mãe levantando as mãos. — E depois?

— Isto é verdade, mãezinha — começou ela já com as lágrimas prontas a saltar, e os olhos muito brilhantes. — Reparou no buraco que Davy trazia na meia?

— Vi, sim, minha filha. E Gwilym vem cá trazer-mas todas esta noite para as coser.

— Já as trouxe comigo, e também duas camisas. Se precisar de esfregões, repare depois nos lençóis da cama de Davy.

A minha mãe estava silenciosa e muito quieta, o prato nos joelhos e os olhos muito abertos, olhando o fogo.

— Oh! meu Deus! — exclamou ela. — Ou ainda terei hoje aqui os meus filhos, ou eu própria abandonarei esta casa.

Levantou-se, arrumou o prato e dirigiu-se para o quarto ao lado.

Antes de entrar, disse a Angaharad que se não esquecesse de me dar o chá. Depois abriu a porta e entrou.

Como nada bulia na cozinha, era-nos possível ouvir as vozes dos nossos pais mas não percebíamos as suas palavras.

— Estiveste lá em cima, na reunião? — perguntou-me Angaharad.

— Sim, estive; o pai esforçou-se por convencer os homens, mas não lhe foi possível.

— Os rapazes também lá estavam?

— Sim, muitos, mas toda a gente estava em desacordo com o pai.

— Ainda bem!

— Também és contra o pai?

— Sim, não contra ele propriamente, mas contra as suas opiniões.

— Explica o que queres dizer.

— Bem... se tens interesse em saber... — disse Angaharad impaciente. — Ele pretende que os homens façam os seus pedidos com bons modos e não com imposições baseadas no número e na violência.

— E parece-te que o pai não tem razão?

— Deixa-te de conversas e come a torrada. Fazes tanto barulho a mastigá-la que estou com receio de que atires com a casa a terra.

— Mas diz lá por que achas que o pai não tem razão.

— Porque nunca vi alguém conseguir qualquer coisa com orações. Toma a Sr.<sup>a</sup> Mostyn por exemplo: todos rezam por ela e, no entanto, o seu filho continua no mesmo estado.

A mãe chegou naquele momento e começou a preparar o chá para o pai.

— Angaharad — recomendou ela ao mesmo tempo que levava a xícara de chá para o quarto —, vai a casa da Sr.<sup>a</sup> Beynon e traz tudo que pertence aos teus irmãos. Não te esqueças de lhe dizer que eu, na segunda-feira de manhã, irei lá pagar o que se lhe deve.

— Sim, minha mãe — respondeu Angaharad, e correu alegremente para a porta das traseiras.

Quando voltou, minha mãe disse-me, ao mesmo tempo que apontava para a cama fixada à parede:

— De futuro dormirás ali. Os teus irmãos ficarão no quarto das traseiras. És muito pequeno ainda para ficares com eles, que já são homens.

E desde então até hoje foi o único lugar onde dormi, exceptuando o tempo em que estive em casa de Bron.

Nessa noite, quando os meus irmãos regressaram, estava eu deitado com a cortina corrida. Embora estivesse com muito sono ouvi tudo quanto disseram.

Como se tivessem acanhamento de chegar isoladamente, entraram em grupo. Tem o seu quê de curioso e engraçado estar na obscuridade a ouvir as falas e os ruídos



habituais das **pessoas** que conhecemos; estamos no escuro, e no entanto o que passa pela nossa **cabeça** é tão claro que nos provoca o riso. É caso para pensar de que nos serve ver **as pessoas**, pois que nos bastam as suas falas e os meros ruídos.

Podia ouvir Davy a sacudir a cabeça, porque a cadeira onde ele estava sentado rangia e o seu cabelo fazia um ruído característico. Distinguia Gwilym por causa do barulho da sua garganta quando engolia. Owen, ao coçar a testa e ao puxar a orelha, não produzia qualquer ruído mas o que é facto é que eu percebia quando ele o fazia.

Meu pai estava também presente; dele nada ouvia e no entanto tinha no cérebro a sensação de todos os ruídos que ele produzia. De resto, mesmo que Davy e Owen nenhum ruído fizessem, eu saberia que eles também lá estavam. Podemos sentir uma espécie de silêncio tépido **apesar** de não ser silêncio e de o calor existir, mas estamos na **expectativa** e então sentimos de facto calor ao pensar nisso. Meu pai e os meus irmãos produziam-me sempre essa sensação.

Era essa mesma sensação que me fazia suar deitado na minha cama-beliche; o suor **corria-me pela cara** e inundava-me o corpo.

Suponho que se preparavam para cear e estava convencido de que iria ouvir tudo o que se dissesse mesmo em murmúrio, mas entretanto adormeci.

Foi meu pai quem me despertou, embora estivesse a falar em voz baixa, dando-me a impressão de que minha mãe tinha feito um gesto, indicando-lhe a cama onde eu dormia, para que me não acordasse.

Ele tinha maneiras diferentes de afinar a garganta: para cantar, para falar na capela, para ler a Bíblia, para ler qualquer outro livro, e que não era igual à que usava para certos livros de histórias. Todas eu conhecia.

Mas ainda tinha outra maneira, essa muito especial, quando se tratava de qualquer assunto sério.

Foi essa maneira especial que me acordou.

— Davy — expressou-se ele —, dirijo-me a ti porque és o mais velho que está em casa.

— Sim, meu pai — respondeu Davy, e eu senti que ele fixava o pai.

— Ordenei-te que abandonasses a casa porque julguei ser essa a resolução mais razoável — disse meu pai. — Pensei que eras um mau exemplo para os outros. Compreendi depois que eles eram tão bons como tu, e mesmo o mais pequeno, o Huw, se escapulia à noite. Como não é dessa forma que se pode manter a harmonia num lar, assim me expressei. Como pai de todos vocês tenho essa autoridade.

— Nunca lhe pus limitações — retorquiu Davy.

— Bem — continuou meu pai. — Custou-me ter de usar dela. Orgulho-me da minha família e da sua preparação para se sacrificar por aquilo que julga ser justo. Está bem que se sofra para melhorar as condições em que se vive, mas convém ter cautela em procurar-se fazer tudo por inteiro e não por metade. A minha opinião é contrária ao que vocês estão a fazer. Se o vosso procedimento estivesse de acordo com a razão, vocês não teriam efectuado aquela vergonhosa reunião de hoje. Outro espírito a devia ter orientado. Mas não é isto o que pretendia dizer. Eu não lhes teria pedido que viessem novamente para casa se a vossa mãe não tivesse insistido; e se o fiz foi porque ela me informou que vocês viviam como animais num curral. Gostaria de os ver sacrificarem-se por qualquer ideia. Só lhes ficaria bem. Mas ninguém pode ser bom para si ou para os outros a viver em condições de higiene deploráveis e estranho como um filho meu possa admitir isso.

— Não tivemos tempo nem oportunidade — disse Davy arrastando um pouco a cadeira — para arranjar coisa melhor.

— Quando o tempo é pouco não é muita a utilidade — retorquiu meu pai. — Não falemos nisso agora. Irei entender-me com a Sr.<sup>a</sup> Beynon. Quanto ao que nos diz respeito, eu disse a vossa mãe que vocês voltariam para casa com uma condição.



Por breves momentos um silêncio morno apoderou-se de mim e aumentou de tal maneira que dir-se-ia que eu estava prestes a rebentar.

— A que condição se refere, meu pai? — perguntou Davy.

— É a de sermos todos pensionistas nesta casa — respondeu meu pai.

Pelos ruídos dei-me conta de que estavam todos sentados a olhar fixamente para meu pai e sentia a tensão do ambiente.

— Mas, pai, pensionista o senhor, porquê? — admirou-se Davy.

— Porque não se é pai sem autoridade. Como não ma reconhecem, ficarei aqui como qualquer outro, pagando o meu sustento. Serei um pensionista como vocês e a vossa mãe atender-vos-á em igualdade de circunstâncias. E acabou-se; o caso está encerrado.

— Meu pai — começou Davy. — Lamento. Desejaria ser-me possível fazer com que o pai me compreendesse.

— Hoje já é muito tarde, mesmo que o quisesse. Amanhã, domingo, tenho de me levantar cedo para ir à capela. Boas-noites a todos.

— Boas-noites, meu pai — correspondeu Davy. Os outros rapazes imitaram-no mas num tom muito baixo como se a surpresa os impedisse de se expressarem num tom normal.

— Estão cientes, não é verdade? — disse a mãe depois de o pai sair.

— Sim, minha mãe, tomámos conhecimento.

— Está bem. Agora, quando subirem, atirem para baixo as vossas camisas para eu tratar delas.

— Sim, minha mãe — responderam os rapazes.

— E nada de comentários quando estiverem sentados à mesa. Se sou eu quem está à frente dos destinos da pensão saberei manter o respeito dentro dela.

— Oh, mãe — disse Davy, e fiquei com a convicção de que a beijou. — Irei também cedo à capela. Boas-noites, mãe.

— Boas-noites — respondeu a mãe. — Mais um dia com essas peúgas e mostrarias as pernas às pessoas. Não tens vergonha?

— As de Owen ainda estão piores, minha mãe — comentou Gwilym. — Mais uns passos e a mãe nem sequer as veria.

— Não digas asneiras — disse Owen.

Como fiquei contente ao verificar a satisfação com que a mãe se foi deitar!

**C**ONQUANTO demasiadamente pequeno para atingir tudo quanto se passava à minha volta, compreendi que a paz reinou em nossa casa durante algum tempo. Dava-me somente conta do que via e ouvia e por vezes desejava ir muito além.

Agora juntávamo-nos à mesa para comer, mas o ambiente era diferente do que o de outro tempo. Até mesmo quando estava perante Bronwen. Parecia que todos receavam manifestar-se, talvez com medo de que as suas palavras dessem origem a qualquer complicação. Por isso, em lugar dos risos e das graças do ambiente anterior, dir-se-ia que estava presente algum pregador impedindo-nos a nossa antiga expansão.

Davy continuava a ir à montanha acompanhado dos irmãos; voltavam em grupo, agora à vontade, e não entravam pela janela, mas pela porta.

Davy falava agora nos comícios para os homens dos outros vales a fim de conseguir uma solidariedade tal que qualquer razão de queixa de um grupo de uma mina fosse considerada como sua pelos restantes mineiros, de forma que todos paralisassem a extracção ao mesmo tempo.





**Qualidade - e o que está por detrás dela**



024 AI


### **Construção perfeita**

Para cada novo modelo Mercedes-Benz, os engenheiros estabelecem novos padrões em concepção técnica, em qualidade e em estilo. Estes excepcionais padrões de superior qualidade são confirmados em todo o Mundo pelo sempre crescente número de automobilistas que preferem a segurança, o conforto e a beleza de um Mercedes-Benz.



# **M E R C E D E S - B E N Z**





o Seixo Branco  
a publicar  
pela editora Ulisseia  
é a continuação  
de o Céu e a Terra,  
o celebrado  
romance  
e fonte de discussões  
apaixonantes  
que consagrou  
definitiva  
e universalmente  
o nome de  
Carlo Coccioli  
e vem prolongar  
a controvérsia sobre  
o tema  
audacioso da obra  
que melhor exprime  
o drama  
do Mundo Cristão  
de hoje.